


INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA
1995-1997

Pesquisa de Modalidades de
Expressão da Imagem de Corpo
e da Representação de Si
na Prova Projectiva de ZULLIGER
e contribuições à definição de valores normativos

DM
HORT/J. 1

	ISPA Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Centro de Documentação	
Registo:	14436
Data:	27/10/2003
Tel.: 21 831 17 50 • bibispa@ispa.pt	

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aluno nº 191
José Mário Marques dos Santos Horta

Orientador
Prof. Doutor Eurico de Figueiredo

Nota de Agradecimentos

Gostaria antes de mais de agradecer a todos aqueles que, com maior ou menor voluntarismo, se dispuseram à realização da prova, que pode revestir-se de significativa violência no que tem de intrusivo e, eventualmente, gratuito, num processo de significativa importância para a vida de cada um.

Quero manifestar a minha gratidão aos Senhores Presidente e Secretário-Geral da Prevenção Rodoviária Portuguesa, Engenheiros Pedro Vidal Pinheiro e José Miguel Trigo, pelas facilidades concedidas, pela compreensão manifestada e pelo apoio incondicional, sem os quais não chegaria ao termo deste trabalho em tempo útil.

Não posso também deixar de manifestar o meu profundo reconhecimento e apreço pelo Prof. Doutor Eurico de Figueiredo pelos sucessivos encorajamentos que me deu, por um lado, e liberdade que me concedeu na escolha e tratamento do tema que apresento.

Gostaria de deixar uma palavra ao I.S.P.A. na pessoa do Dr. João Paulo Amaro, pelo cuidado e cortesia que teve no acompanhamento da última fase do meu Mestrado.

Finalmente, uma palavra de agradecimento para duas pessoas que me auxiliaram ao nível do trabalho propriamente dito: M.M.P. pela colaboração na cotação de parte significativa dos protocolos e D.C. pela disponibilidade e ajuda na inserção e tratamento dos dados estatísticos.

Lisboa, 7 de Maio de 1999

**"Expressões da imagem de corpo e da representação de si
na prova projectiva de Zulliger
e contribuições à definição de valores normativos"**

ERRATA

- p. 56, 1º parágrafo: onde se lê "... vide pág. 17..." deverá ler-se "...vide pág. 60...";
- p. 67, 3º parágrafo: onde se lê "...a fórmula $F+\%$ ($F+ + F\pm/n^\circ$ total de respostas F)..." deverá ler-se "...a fórmula $F+\%$ ($F+ + \frac{1}{2}F\pm/n^\circ$ total de respostas)...";
- p. 96, Quadro 34: onde se lê "Coluna (DV)" deverá ler-se "Coluna (*Db*)";
- p. 98, nas duas últimas linhas, a frase "Para além disto, os conteúdos "29.12" e "29.07" são quase exclusivamente dados pelo sexo M" está deslocada, referindo-se a "Cartão II", na mesma página;
- p. 121, 3º parágrafo, linha 9, onde se lê "... análise que não deixar de procurar..." deverá ler-se "... análise que não *pôde* deixar de procurar...";

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aluno nº 191
José Mário Marques dos Santos Horta

Orientador
Prof. Doutor Eurico de Figueiredo

PESQUISA DE MODALIDADES DE EXPRESSÃO DA
IMAGEM DE CORPO E DA REPRESENTAÇÃO DE SI
NA PROVA PROJECTIVA DE ZULLIGER
e contribuições à definição de valores normativos

Índice

Introdução	7
------------	---

1ª Parte: Os MÉTODOS PROJECTIVOS E A PROVA "Z" 9

1. Caracterização Geral	11
Introdução	11
Provas, Testes ou Técnicas?	11
Categorias	12
Um método próprio? Definição e Princípios Gerais ou Especificidade das Técnicas Projectivas	12
Relação com Modelos Teóricos	13
Métodos Projectivos e Psicanálise	15
O Rorschach consensual	16
2. A Prova "Z"	21
2.1. Origem e Finalidade	21
O autor	21
A Prova	21
2.2. Aplicação	22
2.2.1. Aplicação individual	22
Consigne	22
2.2.2. Aplicação colectiva	23
Instruções	23
2.3. Material	23
Dimensões Estrutural, Sensorial e Simbólica	23
Os cartões	24
Sequência	25
Interpretações e reacções comuns	25
2.4. Respostas Vulgares (Banalidades)	26
2.5. Sensibilidade, Fidelidade e Validade	29
Estudos comparativos	32
Outros estudos	36
2.6. Resumo	37

2ª Parte: IMAGEM DE CORPO NAS PROVAS PROJECTIVAS ESTRUTURAIS 39

1. Conceitos	41
Introdução	41
Esquema corporal, imagem de corpo e representação de si	41

2. Rorschach e Imagem de Corpo

Introdução	43
O teste da imagem de corpo	44
Grelha de Representação de Si	47

3ª Parte: INVESTIGAÇÃO

1. Discussão e definição do problema

1.1 Contextualização	53
1.2 Levantamento de hipóteses de trabalho	54
1.2.1 Dinâmica Sequencial da Prova	54
Cartão I: "Entrada em cena"	54
Cartão II: "De surpresa em surpresa"	54
Cartão III: "Condensação"	55
Inquérito: "Resolução?"	55
1.2.2 Discussão	56

2. Objectivos

57

3. Recolha dos dados e Caracterização da Amostra

3.1 Contexto e dinâmica de aplicação da prova	58
Consigne utilizada	59
Alterações/Modificações na técnica	60
3.2 Caracterização da população	61
3.2.1 Acções de selecção e habilitações literárias e profissionais	61
3.2.2 Sexo	62
3.2.3 Idades	64

4. Instrumentos de Avaliação

4.1 Sistema de cotação	65
4.1.1 Especificidade da cotação na prova "Z"	66
4.1.2 Modificações na cotação	68
4.2 Grelha de Representação de Si	69
4.2.1 Critérios de cotação	71
4.3 Pesquisa de valores normativos	71
4.3.1 Pesquisa de banalidades	71
4.3.2 Factores	71

5. Resultados

5.1 Factores	74
5.1.1 Produtividade	74
5.1.2 Modos de apreensão	79
5.2 Pesquisa de banalidades	87
5.2.1 Cartão I	87
5.2.2 Cartão II	89
5.2.3 Cartão III	93
5.2.4 Síntese	96
5.3 Expressões da imagem de corpo e da representação de si	97
5.3.1 Traços salientes	98
5.3.2 Características específicas da cada cartão	99
5.3.3 Análise das características específicas da cada cartão	100

6. Discussão dos Resultados	107
6.1 Factores	107
6.1.1 Produtividade Cartão a Cartão	108
6.2 Pesquisa de banalidades	111
6.3 Expressões da imagem de corpo e da representação de si	112
6.3.1 Cartão I	112
6.3.2 Cartão II	114
6.3.3 Cartão III	117
7. Síntese e Conclusão	121
Bibliografia	123
Anexo I	127
Anexo II	133
Anexo III	261
Anexo IV	267

A prova projectiva de Zulliger, por comparação com a de Rorschach, e para o técnico treinado em ambas as provas, apresenta com esta uma dupla relação curiosa, e que o estimula: ela é simultaneamente profundamente semelhante e profundamente diferente.

As semelhanças encontram-se, desde logo, a um nível estrutural: ambas as provas são caracterizadas pela ambiguidade do estímulo, organizado à volta de um eixo central vertical e de carácter espalhado, e com *consignes*¹ análogas. A diferença essencial reside, evidentemente, nas próprias imagens (e no seu número). Se bem que organizadas de um modo em tudo semelhante à prova Rorschach, elas são diferentes. A bibliografia consultada aplica ao “Z” métodos de cotação e interpretação em tudo semelhantes ao Rorschach, seja a denominada escola francesa seja a de Exner. Embora existam poucos estudos de validação² da prova “Z”, as indicações são claras no sentido de que, por um lado, a prova pode fazer o despiste de traços patológicos e de personalidade e, por outro, não é equivalente à sua prova de referência, o Rorschach. Ou seja, possui a sua especificidade própria. Não encontramos no entanto estudos que, como para o Rorschach, procurem relacionar cada cartão nas suas dimensões estrutural, sensorial e simbólica com as produções dos sujeitos, *démarche* que consideramos indispensável para ultrapassar uma eventual relação demasiado directa (ou linear), e eventualmente abusiva, entre os mecanismos de “resolução” da prova exibidos pelos sujeitos e as respectivas conclusões finais.

Não existem também, que saibamos, valores normativos para a população portuguesa adulta, em termos de produtividade global, produtividade por cartão e registo de eventuais banalidades (ou vulgaridades). Outros indicadores, como sejam a percentagem de respostas determinadas pela forma e o peso da “boa forma” nesta fórmula, ou pela cor, ou ainda pela grande kinestesia (K) e sua “admissibilidade” ou valor (criativo, adaptativo, defensivo) estão por esclarecer na medida em que a especificidade da prova deverá, em nossa opinião, impedir qualquer comparação com o Rorschach.

A nossa experiência tem-nos levado a constatar e interpretar determinadas respostas, “padrões” ou sequências, ao mesmo tempo que nos tem deixado intrigados perante outras. A interpretação qualitativa das respostas à prova Rorschach, numa perspectiva psicanalítica, não se pode fazer sem referência às dimensões atrás citadas; as análises dos mecanismos de defesa (e angustias subjacentes), da problemática subjacente, da imagem de corpo e mais geralmente das modalidades de representação de si não se fazem, entre outros factores, sem uma referência constante às solicitações simbólicas latentes em cada cartão, solicitações essas determinadas pelos seus aspectos formais e sensoriais.

Mas não podemos atender a todas as variáveis em jogo: propomo-nos, tendo em conta que a prova se encontra pouco estudada mas que é no entanto frequentemente utilizada, pela sua economia, no despiste de traços psicopatológicos no âmbito de processos de selecção, “pegar” apenas num destes campos de estudo; privilegiaremos aquele que, numa análise qualitativa, mais directamente reflecte as características objectivas das prova (e que lhe dá a sua especificidade): a projecção de uma imagem de corpo.

¹ Expressão que adoptaremos neste trabalho e que julgamos mais abrangente que “instrução”.

² A validação deste tipo de provas é, aliás, discutível, assunto que abordaremos.

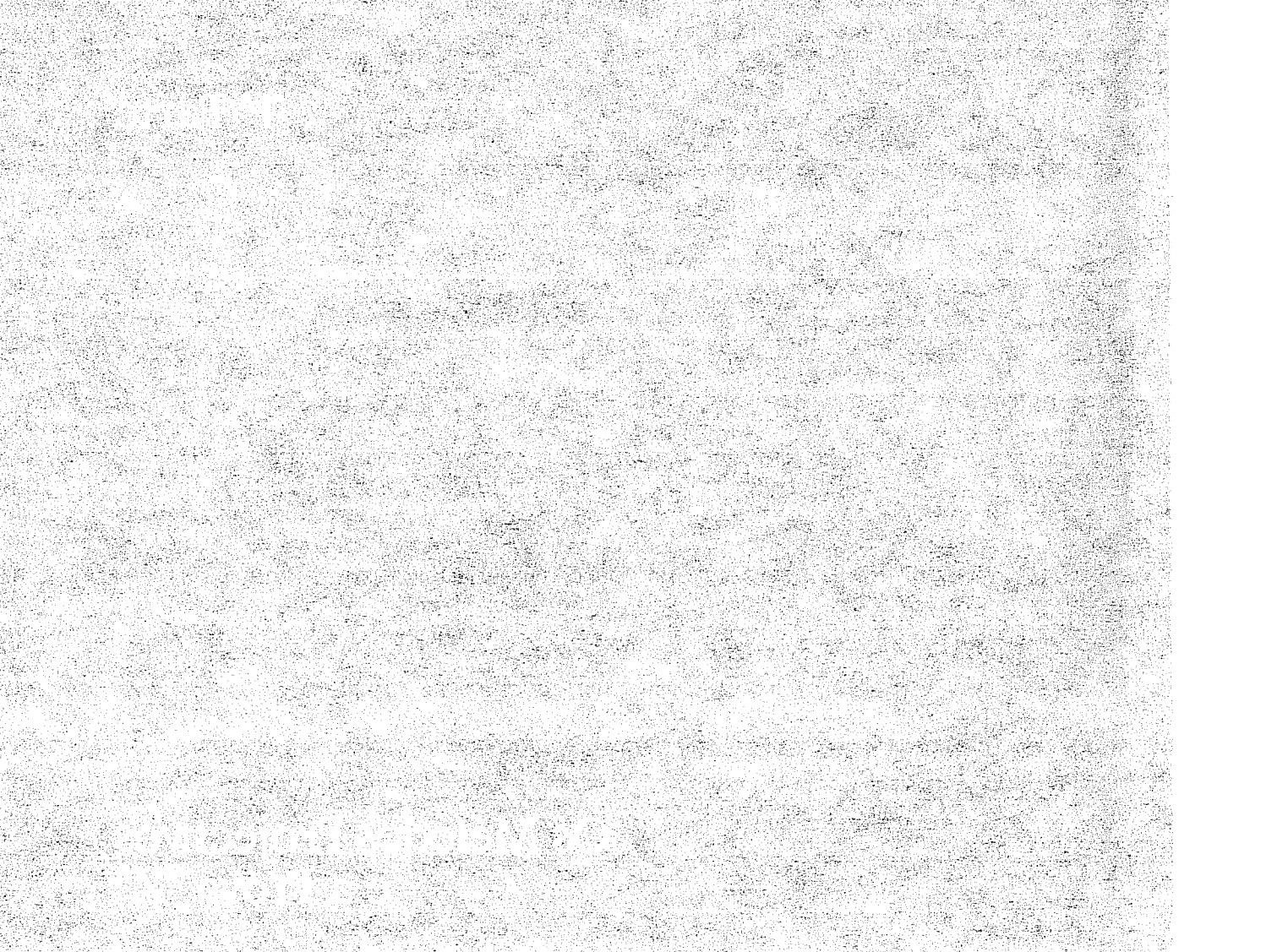
Assim pretende-se:

Numa *análise quantitativa*, e com base numa amostra de 119 protocolos recolhidos em oito processos de selecção, e utilizando análises essencialmente descritivas, propor valores normativos, nomeadamente estabelecendo uma tabela de produtividade (global e cartão a cartão), uma lista de banalidades e outros dados significativos, tendo em conta que se estabelece através de critérios bem definidos e explicitados uma cotação *standart*. O objectivo desta análise é então poder obter valores de referência credíveis e fiáveis, tarefa possível graças à obtenção dos protocolos nas mesmas condições gerais e numa população relativamente homogénea que possam ser amplamente utilizados por nós próprios e por outros profissionais. Evidentemente, o grau de fidelidade e validade dos valores encontrados terá de ser discutido e relativizado, tendo em conta tanto as características da referida população como a especificidade da prova.

Numa *análise qualitativa*, e sabendo que esta prova se assemelha, nas suas características estruturais, à prova de Rorschach, analisar para cada cartão, para cada um dos seus estímulos salientes (localização) e para sequências ou conjuntos de estímulos, as modalidades típicas de expressão da imagem de corpo e mais geralmente da representação de si.

1ª Parte

Os Métodos Projectivos
e a Prova "Z"



Introdução

Para Didier Anzieu (1965) foi L. K. Frank que, com a publicação, em 1939, de um artigo no *Journal of Psychology* americano com o título "Os métodos projectivos para o estudo da personalidade" pela primeira vez sistematiza sob esta designação o parentesco de um certo tipo de provas psicológicas: no caso, o teste de associação de palavras de Jung, de 1904, o teste de Rorschach, um teste de manchas de tinta inventado por um psicólogo suíço com esse nome em 1920, e o Thematic Apperception Test (T.A.T.) de Murray, criado em 1935. "Frank mostrava que estas técnicas constituem o protótipo de uma investigação dinâmica e holística da personalidade (ou seja, em que esta é vista como uma totalidade em evolução cujos elementos constitutivos estão em interacção)" (p.1, trad. livre).

Foi principalmente Hermann Rorschach (1893-1965) que, com a ideia de que a interpretação de manchas de tinta constituía não uma prova de imaginação (como certos autores propunham) mas de personalidade, inspirou inúmeros investigadores que foram quer confirmando a sensibilidade, fidelidade e validade dessa prova, quer concebendo e aperfeiçoando novas técnicas.

As provas projectivas globalmente consideradas, a sua aplicação e interpretação, representam um dos domínios específicos do psicólogo.

Provas, Testes ou Técnicas?

Poderemos falar de "testes" ou de "técnicas" a propósito destas provas?

Segundo Françoise Brelet (1986) Daniel Lagache, um psicanalista francês, "foi o primeiro a promover para a exploração da personalidade a utilização clínica de testes ou o recurso a testes de personalidade que são na realidade mais provas clínicas que testes na acepção psicométrica do termo" (p.1, trad. livre).

Vários autores, ao introduzir os seus trabalhos, detêm-se neste ponto:

Victor Moita (1983), chama a atenção para os problemas de standardização e aferição dos termos projectivos pondo em dúvida a adequação deste termo quando aplicado a técnicas de natureza essencialmente clínica. Anzieu (1965) afirma ser discutível se o termo de teste, no sentido rigorosamente psicométrico se aplica bem a tais provas, cuja standardização deixa por vezes a desejar, e cuja sensibilidade, fidelidade e validade são difíceis de estimar.

Rausch de Trautenberg (1977), referindo-se ao Rorschach, afirma este (já) não ser considerado como um teste mas como um técnica clínica e daí ser usado num primeiro tempo em investigação clínica e apenas num segundo tempo se referir a noções de diagnóstico.

E para Shentoub e al. (1990) a palavra "teste" é frequentemente associada à ideia de método objectivo e de resultados objectiváveis (modelo das ciências exactas) quando a complexidade do funcionamento humano impõe a consideração de um número considerável de factores interdependentes que só toma sentido se se tiver em conta a sua dinâmica e valor económico no

seio de uma dada organização de personalidade. E mais que testes ditos projectivos, os autores sublinham que lhes poderíamos chamar “provas de personalidade” na medida em que ultrapassam o quadro da projecção, mesmo no sentido lato do termo, expressão que privilegiaremos neste trabalho.

Na realidade, o esforço de ordenar o material [Rorschach] – codificando as respostas segundo três critérios – [técnica psicométrica] “é um plano e não um fim em si” (Rausch de Traubenberg, 1983, p.20). E “propor uma simbolização tripartida das respostas é reduzir a uma só fórmula *o espaço, a maneira de o viver e de situar o lugar do desejo*, é reconhecer essa exigência, inerente ao ser humano, de dar um sentido a todo o espaço demasiado vazio ou demasiado preenchido” (id.).

E para Weiner (1995) o Rorschach não é um teste, é um método para gerar informação³, que pode ser interpretada de diferentes maneiras (vide pag. 14 para fundamentação).

Categorias

Actualmente podemos falar em duas grandes categorias de provas, as *estruturais*, de que o Rorschach é o grande representante, e as *temáticas*, que pedem ao sujeito para contar uma história a partir de fotografias ou desenhos com cenas figurativas reenviando a situações específicas, nomeadamente o T.A.T. (para adultos), ou o Children’s Apperception Test (C.A.T.) de Bellack, de 1949 e 1965 (reformulado), para crianças.

Um método próprio? Definição e Princípios Gerais ou Especificidade das Técnicas Projectivas

Para Anzieu (1965) “é inegável que estas provas têm um método próprio, diferente do que funda os testes psicométricos, e trazendo, na prática efectiva do conhecimento do outro, uma eficácia e uma fecundidade que compensam a insuficiência do rigor estatístico” (p.2, trad. livre).

Em que consiste? Segundo ele “O método projectivo consiste em apresentar ao sujeito um material o menos estruturado possível pedindo-lhe para o estruturar a seu modo, o que não pode fazer senão revelando, “projectando”, a estrutura da sua própria personalidade (...). A análise, pelo sujeito testado, de um material ambíguo e a exploração, tanto livre como sistemática, de todas as possibilidades de interpretação oferecidas por este material constituem um modo de aproximação finalmente preciso dos processos de personalidade” (pp. 2-3, ib.).

“As suas características decorrem da ambiguidade do material: as *consignes* devem comportar uma parte vaga; as respostas do sujeito e muitas vezes a duração das provas são livres; a cotação supõe um sistema de personalidade implicitamente adoptado (...); a interpretação das respostas é tanto quantitativa como qualitativa” (p.3, ib.).

Para Chabert e Rausch de Traubenberg (1982) a característica essencial das provas projectivas é que elas implicam uma dupla solicitação tanto perceptiva como projectiva, dado que por um lado apelam a mecanismos de adaptação à realidade objectiva que permitirão pôr em evidência a utilização adequada das percepções numa integração socializante dos dados do mundo real e por

³“... the Rorschach is not a test. Instead, the Rorschach is a *method of generating data*.” (pag .29)

outro estão intrincados de mecanismos projectivos que abrem o campo a uma expressão subjectiva da individualidade, ou originalidade, do sujeito.

Bellack, citado por Montagna (1989) introduz o termo *apercepção* ("apperception") para realçar a ideia de que a percepção é nestes casos dinamicamente significativa: a actividade estruturante ou interpretativa da realidade da prova é feita de acordo com as características individuais do sujeito, havendo uma interpenetração dinâmica entre os objectos do mundo externo e do mundo interno da pessoa.

A propósito do Rorschach, Chabert (1983) especifica que "*Enquanto objecto real* o estímulo vai permitir a emergência de uma palavra que dará conta de imagens articuladas a partir de uma realidade material. O apelo à percepção permite assim uma ancoragem ao real que constitui o fundamento da inscrição no mundo (...). *Enquanto objecto potencial, imaginado*, o Rorschach vai permitir uma elaboração da percepção em função das preocupações essenciais do sujeito, de modos de gestão da sua relação aos objectos, dos fantasmas e dos afectos suportados pelas palavras-imagens que nos vai dar todo um campo aberto às suas associações pela indução da projecção tornada possível graças às características fluidas do material (...). *As interferências perceptivas e projectivas constituem a articulação essencial das provas projectivas e do Rorschach em particular*" (pp. 12-13, trad. livre, sublinhados da autora).

E do Rorschach em particular porque, enquanto as provas temáticas, nomeadamente o T.A.T., fazem fundamentalmente apelo a uma problemática da relação interpessoal e diferenciação dos sexos, o Rorschach, pelas características sucintamente enunciadas e que desenvolveremos, reenvia mais expressamente à organização do esquema corporal, à distinção Eu-não Eu, interior-exterior e, portanto, a um estado menos evoluído do Eu.

Torna-se evidente que a partir deste ponto de discussão e caracterização deste tipo de provas não nos é possível progredir sem evocarmos um corpo teórico homogéneo, caso em que prosseguiríamos:

De facto, e na perspectiva da escola francesa protagonizada por Shentoub, no T.A.T. trata-se de avaliar, através da história que o sujeito conta, a autonomia e a força do Eu face às duas instâncias do Id e do Super-Eu. Mais concretamente, se o Eu gozar de relativa independência, será susceptível de se alimentar da fantasmática inconsciente elaborando-a através de processos secundários de lógica e coerência. Caso contrário, a compulsão à repetição tomará conta das histórias, tanto no aspecto temático como no dos mecanismos de defesa.

Este percurso impõe-nos portanto a clarificação de um quadro teórico de referência e a sua articulação com os dados obtidos nas provas que suportam este trabalho.

Relação com Modelos Teóricos

Roy Schafer, no prefácio da sua obra "Psychoanalytic Interpretation in Rorschach Testing" (1954), assume que "Independentemente da maior ou menor utilidade de um instrumento clínico, um teste psicológico não pode pensar por si próprio. O que ele consegue, realiza, depende do pensamento que guia a sua aplicação. Este pensamento-guia é teoria psicológica, quer explícita e sistematizada, quer implícita e não sistematizada". O mesmo autor, em "Projective Testing and Psychoanalysis" (1967), uma compilação de

⁴ "No matter how helpful a clinical tool may be, a psychological test cannot do its own thinking. What it accomplishes depends upon the thinking that guides its application. This guiding thought is psychological theory, whether explicit and systematized or implicit and unsystematized".

diferentes artigos, reafirma a ideia: não pensa na prova Rorschach como contendo o seu próprio sistema de psicologia, mas, pelo contrário, como dando-nos uma amostra do comportamento do sujeito acerca da qual podemos colocar as questões que quisermos e nos níveis de abstracção que quisermos; a teoria não está na prova, está na espírito de quem interpreta, para o melhor e para o pior (p. 8).

Também no que respeita ao Rorschach encontramos em Weiner (1995) uma tentativa de clarificação do problema: para este autor as preocupações com a formulação de uma teoria compreensiva do Rorschach são tão velhas quanto a monografia original de Hermann Rorschach. O título do seu artigo "Searching for Rorschach Theory: A Wild Goose Chase" indica claramente que, para ele, procura-se qualquer coisa que não existe. Avança como explicação que a prova é uma medida de estruturação cognitiva ("*cognitive structuring*") e uma medida da imagética temática ("*thematic imagery*") – a primeira porque envolve processos de atenção, percepção, memória, tomada de decisão, e a segunda porque envolve processos de associação, projecção e simbolização –, e ambas dão informações acerca do funcionamento da personalidade porque, por um lado, as pessoas estruturam a situação Rorschach do mesmo modo que estruturam outras situações de vida que apelam aos citados mecanismos cognitivos e, por outro lado, as características que os sujeitos atribuem aos perceptos são projecções das suas próprias atitudes, sentimentos, necessidades e preocupações. Para o autor temos então duas boas e bem estabelecidas teorias – cognitiva e psicanalítica – que trabalham sobre um e outro aspecto das respostas Rorschach. E interroga-se: Como pode ser isso? Se temos um teste não deveríamos ter uma teoria? E responde: o Rorschach não é um teste, é um método que gera informação e que pode, conseqüentemente, ser interpretado de diferentes perspectivas teóricas, e que a teoria não é necessária para explicar a utilidade do Rorschach. Só precisamos de saber porque é que funciona. E fá-lo porque cria uma situação de resolução de problema ("*problem solving*") e uma situação associativa, sendo que a explicação não é teórica mas meramente descritiva. Mais concretamente, é um método, não um teste, porque não testa nada; não medimos se a pessoa tem ou não uma personalidade ou que quantidade de personalidade tem. A prova não reflecte então qualquer teoria em particular, a sua mais importante característica é de que transcende qualquer teoria, não precisa de qualquer teoria: fala por si ⁵.

Para diversos outros autores estas provas, mesmo estabelecendo que possuem um método próprio baseado na projecção facilitada pela ambiguidade do estímulo e induzida pela *consigne*, não reivindicam um modelo teórico exclusivo. Ainda segundo Shentoub e al. (1990), podem ser interpretados em termos psicológicos, psiquiátricos, sociológicos e segundo Chabert (1983) a teorização da prova Rorschach socorreu-se da psiquiatria, da fenomenologia germânica e da psicologia académica tendo a morte prematura de Hermann Rorschach impedido-o de aperfeiçoar a sua grelha interpretativa e o seu aparelho teórico, conquanto os seus sucessores tenham procurado completar a tarefa embora cada autor com tendência a elaborar uma sistematização pessoal.

Marques (1991), a propósito das manifestações adaptativas/defensivas nos Rorschach adolescentes posiciona-se face a esta prova como "um espaço onde não são contidas, deliberadamente, as possibilidades e as virtualidades diagnósticas" (p.203) e chama a atenção de que "ao pretender revelar factos psicológicos através de teorias (...) a riqueza das coisas pode rapidamente transformar-se em pobreza das palavras" (p.205). Chabert (1983) especifica que é na definição da questão principal do Rorschach como uma interrogação que devemos fazer sobre as operações mentais que o sujeito realiza durante a prova (cuja hipótese se põe que traduzem o modo de funcionamento psíquico do

⁵ "The most important characteristic of the Rorschach is that it transcends theory (...). The Rorschach needs no theory; it speaks for itself". (pp 30-31).

sujeito), que intervêm as influências teóricas que permitem analisar os dados segundo o modelo escolhido. Ou seja, a prova não contém intrinsecamente os conceitos que suportam a sua exploração: os protocolos podem ser interpretados segundo moldes teóricos diferentes desde que, acrescentamos nós, bem clarificados.

As provas projectivas tratam-se assim de instrumentos que não adquirem significado particular senão por referência a uma determinada teoria que dê coerência aos dados recolhidos.

Métodos Projectivos e Psicanálise

No entanto, é inegável a contribuição da psicanálise na origem destas provas. Por um lado, Hermann Rorschach foi um dos fundadores, juntamente com Zulliger, Behn-Eschenberg e Biswanger, entre outros, da Sociedade de Psicanálise de Zurique, da qual foi o primeiro vice-presidente. Mas foi Freud que introduziu, em dois momentos distintos e em duas diferentes perspectivas, o termo *projectão* de que se socorre o método projectivo tal como definido por Anzieu. E entre as várias sistematizações a que se inspira nas teorias psicanalíticas, na qual nós nos inscrevemos claramente, é hoje a mais fecunda.

Assim, “Quando se quer compreender a personalidade de um sujeito (...) liberta-se o sujeito dos constrangimentos com os quais vive quotidianamente e permite-se-lhe exprimir-se sem entraves. Para isso, convida-se o sujeito a dizer muito livremente o que pensa e o que sente. Mas sabemos que os pensamentos e os sentimentos conscientes têm muito menos importância que os pensamentos e os sentimentos inconscientes. Precisamos “curto-circuitar” o consciente a fim de obter que o inconsciente se manifeste, liberto dos entraves que o impedem normalmente de se exprimir. Utiliza-se para isso o mecanismo de projecção com o fundamento de que as pulsões do inconsciente aspiram a escapar ao recalçamento e aproveitam todas as ocasiões que lhe são oferecidas para “se projectar” no exterior” (Louis Corman, 1975, p.122, trad. livre).

O trecho citado ilustra, mais uma vez, a função de charneira que o mecanismo da projecção desempenha nas técnicas projectivas. Mas o termo, que a psicologia reivindicou para si desde que Freud o conceptualizou (e que o “senso comum” muitas vezes aplica quotidianamente) encontra-se aqui rodeado, ou complementado, de um conjunto de outros conceitos (explícitos e implícitos) que lhe dão maior amplitude e profundidade. Pulsão, recalçamento, inconsciente, Eu, Super-Eu, resistência, são termos que o enquadram numa determinada perspectiva que ambiciona conceptualizar não só o dinamismo interno do ser⁹ mas das suas relações com o outro e com o mundo – a teoria psicanalítica.

Nesta perspectiva, a projecção não pode ser encarada como mero mecanismo de acção, como motor que permite (ou não?) ao sujeito resolver o problema que lhe é proposto. Ela contém então, também, não (só) o *conteúdo* imagético e/ou ideativo e/ou afectivo de uma dada representação mas *as linhas de força* de que se reveste o *compromisso* entre o objecto visual (o real absoluto), o objecto percebido (o real percebido) e o objecto verbalizado (o real representado, associado, simbolizado ou subjectivado). A projecção torna então operante este compromisso mas não é importante senão na medida do que veicula, mesmo que por omissão.

Nestes termos, conciliamos as duas perspectivas que Weiner (op. cit., p. 14) sistematiza – nas suas palavras, “estruturação cognitiva” e “temática imagética” – onde a segunda utiliza de alguma forma os recursos da primeira.

⁹Ou do *self*, nesta linguagem.

Já Schafer, na introdução ao conjunto de artigos seus reunidos sob o título “Projective Testing and Psychoanalysis” (1967), e embora alertando para que a psicanálise vinha sendo objecto de vários abusos, acreditava que era possível aplicar as ideias psicanalíticas de modo consistente e controlado na investigação em psicodiagnóstico, sempre tendo em atenção uma permanente atenção às regras, limites e benefícios desta integração (p. 1). Mais longe (p.9), e a propósito da análise dos conteúdos na prova, acreditava também que era necessário uma redefinição dos conceitos relativos ao Rorschach que estivesse de acordo com o melhor do pensamento psicodinâmico e que essa redefinição era necessária nos termos da psicanálise Freudiana com o então crescente interesse na clarificação dos problemas relativos ao Eu.

Mais recentemente Rausch de Trautenberg (1983) conceptualiza o problema da seguinte forma: colocando a hipótese de que o Rorschach é um espaço de interações entre a actividade perceptiva e a actividade fantasmática, entre a realidade externa do objecto conhecido e a realidade interna do objecto vivenciado em que a dupla referência aos perceptos e aos fantasmas permite definir um nível de funcionamento psíquico, postula que as actividades perceptivas e fantasmáticas não têm, inicialmente, uma realidade distinta no processo de resposta, “antes *estão conjuntamente comprometidas no jogo que forja as respostas dadas ao teste*” (p.18). E acrescenta (p.19) “que percepto e fantasma correspondem à oposição de duas “faculdades” ou de duas funções. Podemos caracterizá-las como sendo dois objectos de investigações, específicos da psicologia genética, por um lado, e da psicanálise, por outro. Podemos prosseguir precisando que o objecto da psicanálise é o fantasma, e que o da psicologia é a conduta, *ainda que, face ao Rorschach, seja impossível manter esta separação, de resto muito artificial*”. E é “a interacção das duas actividades que é decisiva quanto à significação do processo da resposta Rorschach, da sua significação em termos psicopatológicos” (id.).

Mais simplesmente, para Chabert (1983), a questão que devia ordenar todo o trabalho sobre a prova Rorschach resume-se à interrogação sobre as operações mentais mobilizadas pelo sujeito no decurso da aplicação, cuja hipótese se põe que traduzem o funcionamento psíquico do sujeito, sendo aqui que intervêm as influências teóricas que permitem analisar os dados segundo o modelo científico escolhido. A autora opta claramente pelo modelo psicanalítico embora alerte para a questão de como o utilizar com rigor.

O Rorschach consensual

Alguns trabalhos dão-nos conta de uma utilização da prova Rorschach de um modo bastante diferente daquele que viemos até agora a descrever. A técnica visa caracterizar e/ou medir o modo como duas ou mais pessoas chegam a consenso no que respeita ao significado de cada cartão Rorschach e, normalmente, implica uma administração individual do Rorschach seguida de uma administração em grupo. A *consigne*: que o grupo tenha como objectivo o consenso.

Segundo Santos (1988) o Rorschach consensual surgiu inicialmente através de uma ideia de Blanchard, intrigado acerca das interações activas entre os membros de um grupo enquanto argumentavam entre si para chegarem a acordo nas suas respostas. Este modo de aplicação foi

⁷ O sublinhado é nosso.

especialmente usado como uma importante técnica de ajuda para o estudo da família, nomeadamente para estudar processos de comunicação intra-familiar, mas foi também usada para investigar transacções ("*transactions*") em famílias normais e entre paciente e terapeuta e tornou-se conhecida principalmente nos Estados Unidos da América nos anos 60. Apresentamos seguidamente, a título exemplificativo, duas investigações:

Loveland, citado por Lerner (1975), utiliza o Rorschach consensual para obter uma medida da capacidade de uma família ou grupo manter um dado quadro e partilhar um foco específico de atenção. A técnica, denominada "*Relation Rorschach*", visava caracterizar e medir o modo como duas ou mais pessoas chegam a consenso no que respeita ao significado de cada cartão. A principal fonte de informação foi a transcrição das gravações das situações individuais e de grupo, depois dividida em unidades de cotação ("*scoring units*"), sendo uma unidade descrita como a tentativa de uma pessoa exprimir uma ideia completa. Cada unidade de cotação é pesada pelo seu conteúdo comunicativo, de três pontos de vista: *Exposição*, que se refere à clareza da exposição verbal, *Percepção de sentimentos*, que se refere à capacidade do participante compreender o que outros discutiram e *Relação*, ou quadro afectivo em que o que fala adopta em relação aos outros participantes e à tarefa. Para cotar cada unidade, ele utilizou uma escala de quatro pontos: (1) Excelente, facilita a comunicação; (2) adequado/normal; (3) comunicação deteriorada e (4) comunicação que rompe com a tarefa. Outra unidade de medida é usada para cotar tipos de comportamentos que facilitam ou impedem a interacção, para distinguir inferências baseadas nas respostas Rorschach das inferências baseadas na discussão na família ou grupo e dar conta do modo como os participantes modificam as suas interacções. Na validação inicial do estudo, Loveland encontra que uma contagem da frequência de um item (baseado no qui-quadrado) para cada uma das três unidades de cotação diferencia significativamente pais de esquizofrénicos, de neuróticos e pais de voluntários doentes médicos ou normais, para um nível de confiança superior a .01. No entanto, estes dados devem ser temperados com os resultados da fidelidade da escala; aqui, três juizes independentes cotaram independentemente três Rorschach e usando a classificação de formas de pensamento de Wynne e Singer⁹, seleccionaram grupos de pais com filhos esquizofrénicos, de pais de neuróticos e de pais com filhos com problemas médicos graves: entre os três juizes encontrou-se um coeficiente de confiança bastante fraco: .38.

Em Portugal, Santos (id) utiliza o Rorschach consensual na medida em que, segundo ela, a prova dá-nos conta de uma série de aspectos relacionais do grupo familiar, sensibilizando-nos para as interacções que favorecem o desenvolvimento do problema, para o grau de diferenciação existente no seio do grupo familiar e também para os recursos disponíveis para superar o conflito. Ela examina uma família de quatro membros com um jovem toxicodependente (mãe de 42 anos, pai de 53, filho de 20 e filha de 16, embora a participação desta tenha sido desprezada para a investigação dada a sua participação reduzida relativamente às sessões de terapia familiar). A abordagem da família enquanto entidade observável permite abordar aspectos relacionados com o funcionamento psicológico dos indivíduos e suas implicações ao nível da dinâmica interaccional: nesta investigação trata-se de ver como o tipo de procedimento dado no Rorschach se altera na presença da família, e em função do tipo de interacção típico de cada grupo familiar. Para isso, aplica a prova em três momentos diferentes: individual a cada membro da família no fim da primeira sessão, aplicação em situação familiar na segunda sessão e reaplicação após oito semanas. Como *consigne*, pede à família que em conjunto proceda à elaboração da prova (que já conhecia da aplicação individual) e que tente tanto quanto possível chegar a uma resposta consensual sobre cada cartão.

⁹ Autores que se debruçaram sobre a comunicação em famílias com filhos esquizofrénicos utilizando, entre outros instrumentos, o Rorschach individual (vide Lerner, 1975).

O estudo reúne dois modelos conceptuais: Psicanálise e Teoria Sistémica. A utilidade desta reunião reside, segundo a autora, no acesso a áreas importantes das realidades internas e externas do grupo familiar, *permitindo alargar o campo de aplicação das técnicas projectivas à terapia familiar*. Para a autora Psicanálise e Teoria Sistémica são ambos "sistémicos" no sentido de que são ambos circulares, mas dirigindo-se a diferentes níveis de sistema: intra-psíquico e fantasmático, num caso, e comportamental e comunicacional, no outro. Poder-se-á encontrar analogias entre um e outro nível. Para a autora, psicanálise e teoria sistémica dividem entre si um objecto de estudo aparentemente idêntico: a família. E, sendo assim, esta heterogeneidade salienta o carácter ambíguo, intermediário e transaccional desse objecto, umas vezes aberto para o futuro e a individuação, outras fechado sobre o passado e a indiferenciação.

Neste estudo a autora coloca as seguintes hipóteses: *Hip. 1*: O padrão típico de transações familiares tal como é observado na situação de aplicação familiar da técnica projectiva de Rorschach é motivado parcialmente pela subjacente necessidade do sistema familiar manter o equilíbrio. Isto motiva os elementos da família a mudar a estratégia das suas respostas (determinantes associados) nos dois contextos (individual e familiar); *Hip. 2*: O sistema familiar tende a agir em função de um modelo repetitivo de interações específicas, que se mantém através de cadeias de comportamentos interacionais relacionados entre si, formando modelos particulares a cada díade (sendo provável que cada díade apresente essencialmente um tipo de interacção, expressão do seu sistema homeostático particular).

Ela elabora então uma grelha de análise constituída por duas secções: *conteúdo* e *interacção*, respectivamente relativas a produtividade, texto (discurso dos sujeitos) e parâmetros de cotação da prova Rorschach, por um lado, e categorias de interacção⁹, por outro. A partir desta organização, vai analisar os dados a dois níveis:

- a) *Nível audio-linguístico*: fornece informação sobre o que é dito, o que para além do discurso fornece uma informação de como se poderá interpretar os dados que daí decorrem. Tratou-se da análise dos traços salientes dos psicogramas analisados graficamente de acordo com as percentagens dos valores normativos; análise qualitativa clássica dos protocolos nos dois contextos e análise qualitativa das respostas consensuais;
- b) *Nível contextual*: a interacção no seu conjunto, tendo como ponto de referência o conjunto das categorias definidas na grelha de análise, na secção referente à interacção. Trata-se da definição de díades¹⁰ – partindo do postulado de que a interacção entre duas pessoas é o sistema interpessoal mais simples para ser submetido a análise –, da recolha dos dados da grelha e da *definição, em termos de simetria e complementaridade, das relações entre categorias consideradas significativamente importantes ao nível da interacção*, baseadas no postulado de que mesmo numa interacção breve podemos encontrar indicadores precisos para que seja possível inferir modelos duráveis de comunicação, relacionando-os por sua vez com as díades referidas e analisadas da primeira para a segunda situação familiar.

Apresenta como principais resultados, ao *nível audio-linguístico*: a comparação entre as respostas de cada elemento na situação individual e as respostas individuais dadas nas situações familiares demonstrou, segundo ela, que as transações familiares na situação não resultaram de uma elaboração construtiva e imaginativa, sugerindo que a necessidade subjacente da família em manter o equilíbrio

⁹ Exemplos: *Adesão (A)*, que se refere ao facto de qualquer um dos elementos do sistema familiar aderir voluntariamente ao que é proposto por outro(s); *Oposição (O)*, referindo-se à não adesão, expressa verbalmente, por qualquer elemento do sistema familiar à(s) resposta(s) proposta(s) por outro(s), referentes ao mesmo cartão e ao mesmo percepto; *Indecisão (I)*; *Abstenção (Abst.)*, etc.

¹⁰ Neste caso, de seis díades: Mãe-Pai, Mãe-Filho, Pai-Mãe, Pai-Filho, Filho-Mãe e Filho-Pai.

homeostático a levou a conservar o seu padrão típico de transações e a alterar a estratégia das suas respostas, conforme a primeira hipótese da autora. Ao *nível contextual* conclui que o tipo de interações entre os elementos do sistema familiar obedece a uma lógica inerente às díades do sistema em estudo, apresentando cada uma um tipo de interação específico, o que converge para o enunciado da sua segunda hipótese.

Não poderemos aqui fazer uma análise exaustivas das implicações que se relacionam com propor a um grupo ou família um tarefa que seria, por definição, ao mesmo tempo perceptiva e projectiva. De um ponto de vista perceptivo a prova Rorschach apela a mecanismos de adaptação à realidade objectiva que, numa aplicação individual, permitem pôr em evidência a utilização adequada das percepções numa integração socializante dos dados (ambíguos) do mundo real. Esta ideia é facilmente generalizada para a situação grupal dado que esta "integração socializante" dos dados é reforçada pela necessidade da mobilização de mecanismos ou competências de socialização *agidos*, pelos elementos do grupo, na resolução da tarefa (têm de chegar a consenso). Mas a questão que aqui se levanta é saber se as conclusões de Santos de que o equilíbrio do sistema familiar mantém-se temporariamente e a solução consensual conseguida torna-se aceitável *devido ao acordo tácito entre os elementos do sistema de não manifestarem as suas tensões e conflitos individuais* – não resulta apenas das solicitações atrás referidas. Não terão as solicitações projectivas, obrigatoriamente, de passar para segundo plano? Não vemos que haja alternativa: pois se um conjunto de indivíduos *não conseguisse resolver a prova nos moldes solicitados (consenso) não constituiria um grupo, não ultrapassaria a soma das individualidades, não "responderia" à concepção sistémica*. O panorama alterar-se-ia se se desse ao grupo a mesma *consigne* que se dá na aplicação individual: "O que é que isto poderia ser". Aproximamo-nos então da linha da Terapia Familiar Psicanalítica, incompatível com o modelo sistémico. Impunha-se então, talvez, um estudo comparativo entre famílias com diferentes perfis, ou diferentes grupos, para afastarmos a hipótese de que a prova, nos moldes em que foi aplicada, não resulta sempre no equilíbrio e "esvaziamento" das tensões em prol da resolução da tarefa. Seria necessário provar a capacidade de grupos poderem realizar actividades criativas e exprimir, "consensualmente", os seus conflitos, as suas tensões, as suas fantasias. Caso contrário, estaremos então apenas numa situação de "*problem solving*" e não de "*thematic imagery*" (Weiner, op. cit., p. 14) onde a prova deixaria de ser chamada "projectiva" pois, por princípio (*consigne*), não abre campo a uma expressão subjectiva da individualidade, ou originalidade, do sujeito. Não queremos então compreender a personalidade de um sujeito libertando-o dos constrangimentos com os quais vive quotidianamente e permitindo-lhe exprimir-se sem entraves; não o convidamos a dizer muito livremente o que ele pensa e o que ele sente. Pelo contrário, limitamo-lo. Estamos então convictos de que, neste campo de estudo, e concretamente no desenho desta investigação, o Rorschach fica como que amputado das suas potencialidades: poder-se-ia eventualmente conceber uma outra tarefa que obtivesse o mesmo efeito. Neste caso, a comparação entre as produções individuais de cada um dos elementos da família com as produções da família como um todo não pode senão realçar o "empobrecimento" das produções no campo da fantasmática subjacente. Poderíamos no entanto conceber outro nível de análise que talvez pudesse conjugar as duas abordagens: se procurássemos comparar o conteúdo latente de cada cartão com as produções da família – acordo e consenso em alguns, abstenções noutros, discordância noutros, recusas noutros – e examinar o significado de cada um destes comportamentos (transacções e interações) face a essa temática chegaríamos, eventualmente, mais do que a uma leitura associativa clássica grupo-analítica, a uma "Sistémica do Inconsciente" ou, pelo menos, a uma "articulação" de inconscientes... Mas aqui teríamos de alterar a sequência de aplicação da prova: primeiro em situação familiar e só depois em situação individual.

No entanto, ainda segundo Santos, a técnica não encontrou muitos seguidores porque:

- o procedimento e metodologia de análise não atingiu um grau de estandardização aceitável por todos os investigadores;
- relativamente à complexidade e procedimento de análise, os resultados pareceram ser pouco significativos, uma vez que a informação obtida tinha a ver com factos que poderiam ser vistos claramente na própria situação de teste;
- os investigadores interessados na análise da comunicação davam cada vez menos atenção aos cartões Rorschach à medida que progrediam no estudo da família.

2.1. Origem e Finalidade

O autor

A prova projectiva “Z” de Zulliger foi originalmente criada por Hans Zulliger (1893-1965), um professor de escola que posteriormente se torna psicanalista e que publicou cerca de vinte livros e cem artigos sobre a análise de crianças e a aplicabilidade, em geral, da psicanálise a problemas educativos. Segundo Mahmood (1990), é o seu encontro com Hermann Rorschach, na Sociedade Psicanalítica Suíça, que muda a direcção e ênfase do seu trabalho. Ainda segundo este autor, data de 1932 a sua primeira publicação sobre um teste de manchas de tinta: “Rorschach Test Experiment in Educational Counselling” e em 1941 publica “An Introduction to the Behn-Rorschach Test”.¹¹

A Prova¹²

É em 1942 que cria, para o serviço de psicologia do exército Suíço, a sua própria prova com a finalidade ser passível de aplicação colectiva. Inicialmente o serviço pretendeu usar testes já existentes, como o de Rorschach, mas como uma aplicação individual requeria demasiado tempo foi discutida a hipótese da sua projecção num écran bem como um método que permitisse ao sujeito testado registar as suas próprias respostas. No entanto, o projecto acabou por ser abandonado dado, por um lado, a dificuldade de registo inerente a cada cartão¹³ e, por outro, a objecção entretanto surgida de que o método prescrito pelo seu autor não poderia ser alterado sem levar a desvios sérios. Havia então a necessidade de um novo teste que pudesse ser aplicado colectivamente a grupos de trinta a sessenta sujeitos. Com este propósito Hans Zulliger preparou e estudou uma série de seiscentas manchas tendo inicialmente utilizado uma série de quatro. Como se mostrassem pouco fiáveis, preparou mais quatrocentas das quais seleccionou mais duas para utilizar seis, limitando finalmente o número a três, tendo comparado as várias séries com as de Rorschach e de Behn aplicadas aos mesmos sujeitos. A série, ainda hoje usada, evidenciava, segundo o autor, as mesmas características fundamentais que as outras provas, onde se inspira, tendo sido estandarizada com uma larga amostra (oitocentos sujeitos) e mostrando-se fidedigna.

Ele publica então, em 1948, “The Zulliger Group Test”.

Inicialmente Zulliger não pensou que as três imagens se pudessem transformar numa prova individual útil e o seu objectivo inicial “*não era outro do que fazer realçar num grupo, destacar, filtrar, os indivíduos adaptados ou inadaptados*” (Zulliger, citado por Xavier, 1991, p.6), mas seguindo uma recomendação do *Institute for Psychology and Characterology* da Universidade de Freiburg elas acabaram por ser publicadas sob a forma de cartões (imagens impressas). Assim, o teste individual acabou por derivar do colectivo.

¹¹ O Behn-Rorschach é uma série paralela à de Rorschach criada por um psiquiatra Suíço, Behn-Eschenburg, em colaboração com o próprio H. Rorschach. Segundo Mahmood, mais útil com crianças que o Rorschach.

¹² Este ponto é baseado em “The Zulliger Individual and Group Test”, Hans Zulliger, Edit. Fritz Solomon, 1969.

¹³ Optámos por utilizar a palavra “cartão” (em Inglês “card”) em vez de “prancha”, também vulgarmente utilizada (“planche”, em Francês).

"The Zulliger Individual Test" aparece em 1954. Zulliger não deixou de alertar para o facto de que o modo de percepção é diferente consoante a imagem é projectada ou apresentada directamente: os sujeitos produzem diferentes interpretações.

2.2. Aplicação¹⁴

2.2.1. Aplicação individual

Segundo Zulliger o sujeito não deve ser "atacado" com o teste, devendo-se sempre obter a concordância do sujeito antes da aplicação. Mas o autor coloca a questão de se dever ou não dar a impressão de se "querer ajudar", a que responde afirmativamente no caso de crianças, especialmente se enviadas pelo tribunal ou por pais "furiosos". No caso de selecção de pessoal torna-se evidentemente difícil a recusa por parte do sujeito. Na nossa experiência concreta de trabalho, todos os sujeitos concordam, compreensivelmente, em fazer a prova (vide 3ª parte, "Contexto e dinâmica da aplicação da prova", pag. 58).

Consigne

Zulliger (1969) apresenta duas formas diferentes¹⁵:

- a) Com crianças e adolescentes: *"Vou-te mostrar três imagens. Elas estão nestes cartões (colocados de tal maneira que as imagens não podem ser vistas). Elas não têm nenhum significado particular. Gostaria que me dissesses o que podem querer dizer, o que é que te fazem lembrar, o que é que são ou com que é que se parecem. Diz-me tudo o que o que consegues ver. É muito simples: tudo o que o que me disseres está bem. Aqui não é como na escola, onde há apenas uma resposta certa. Todas as tuas respostas serão correctas e irei escrevê-las nesta folha de papel. Estou interessado em saber tudo o que possas ver. Podes usar tanto a imagem inteira como partes dela. Estás completamente à vontade para fazer o que quiseres. Vou-te dar o cartão e poderás até virá-lo (demonstrando). Queres perguntar alguma coisa?"*

- b) Com adultos a *consigne* é mais simples partindo do principio de que os sujeitos se apresentam sabendo virem a ser testados: *"Tenho aqui três cartões com algumas imagens. Elas não têm significado particular. Por favor diga-me o que pensa possam ser!"*. Depois entrega-se o primeiro cartão. Se o sujeito produz uma resposta global e entrega o cartão: *"Também pode interpretar partes da imagem"*.

Tudo o que o sujeito, e por vezes também o técnico, digam, é registado.

Certos autores, depois de um primeiro registo das respostas aos três cartões, entregam-nos novamente um a um dizendo *"Por vezes, certas pessoas vêem mais coisas quando olham uma segunda vez"*.

¹⁴ Optámos por esta expressão equivalente a "passação", também muito comum.

¹⁵ O texto entre aspas em a) e b) é uma tradução livre (respectivamente pp. 22-23 e 25-26).

2.2.2. Aplicação colectiva

A aplicação colectiva destina-se, como o nome indica, a ser aplicada a um elevado número de sujeitos simultaneamente. Para isso utiliza-se a projecção das imagens através de diapositivos. Segundo Morali-Daninos e Canivet (1970) deverá fazer-se numa sala com capacidade para cerca de trinta pessoas, todas com as mesmas condições de visibilidade. Os sujeitos não deverão estar mais próximos que 2,5 m do écran nem mais longe que 15 m. Cada sujeito recebe uma folha em que na margem superior existe um espaço reservado a dados pessoais estando o resto da folha dividida verticalmente: a parte esquerda reservada às respostas dos sujeitos e a direita à cotação posterior. Cada diapositivo estará exposto 15 segundos numa obscuridade total continuando a exposição com uma claridade atenuada para que possam escrever. Após ensaios os autores fixaram este espaço de tempo em cinco minutos.

Instrucções¹⁶

Ainda segundo estes autores:

"Sobre este écran vão ver, sucessivamente, três imagens. Estas imagens foram feitas ao acaso e sem qualquer ideia preconcebida. Devem responder por escrito à seguinte pergunta: Que poderia representar esta imagem? Em que vos faz pensar? Podem considerar a imagem inteira ou partes dela, pela ordem que preferirem. A imagem não representa nada de preciso e todas as respostas são boas, desde que sinceras e espontâneas. Se não interpretam mais que uma parte da imagem, devem mencionar que parte ocuparia na esfera de um relógio: por exemplo uma parte na parte superior assinalar-se-á "12", na parte inferior "6", na direita "3", etc. No centro assinalam com "C" (...) Cada imagem permanecerá exposta 15 segundos ficando depois mais 5 minutos para que possam escrever as vossas respostas" (p. 10, trad. livre).

2.3. Material

Dimensões Estrutural, Sensorial e Simbólica

A prova é composta por três cartões que, reportando-nos à classificação avançada por Chabert (1983) para a prova de Rorschach, comportam, objectivamente, duas dimensões: a dimensão *estrutural* designa a construção formal das imagens, caracterizando-as, por um lado, segundo o seu carácter unitário e maciço ou bilateral, embora em qualquer dos casos sempre ordenadas à volta de um eixo vertical mais ou menos evidente e manifesto e, por outro, segundo o seu carácter fechado ou aberto. A dimensão *sensorial* assinala a presença de cores.

Segundo a mesma autora, ainda referindo-se ao Rorschach, as dimensões estrutural e sensorial servem de base ao método de análise dos protocolos dado que a apreensão da construção formal é considerada numa perspectiva perceptiva e cognitiva dita "intelectual", e que a sensibilidade às cores é empiricamente associada à expressão de afectos. É assim que cartões com imagens

¹⁶ Optamos, aqui, por este termo, dado que inclui não só a *consigne* propriamente dita como outro tipo de recomendações, nomeadamente o método de registo das respostas.

unitárias de mediana manifesta podem reenviar à imagem de corpo humano organizado simetricamente em volta de um eixo enquanto as de configuração bilateral podem reenviar a representação de relações.

Por outro lado, a partir do seu carácter aberto ou fechado poderemos também inferir as determinações perceptivas de uma simbólica que se desenvolva respectivamente a partir do aberto, cavado – referência feminina, maternal – e do mais fechado, compacto, associado a apêndices que se destaquem – referência fálica.

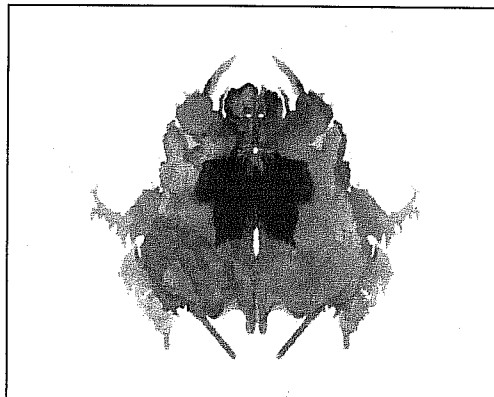
Os cartões

Sucintamente, descreveríamos os cartões do seguinte modo¹⁷:

Cartão I

Mancha compacta e fechada, feita em tonalidades de cinzento, branco e preto, e com os bordos relativamente pouco recortados. No centro da mancha destaca-se uma outra, mais escura e relativamente bem definida. Observam-se ainda duas projecções laterais médias e duas laterais inferiores, menos destacadas, bem como outras duas no topo e na base. Observam-se ainda quatro detalhes brancos; um deles, o maior, situado na base da mancha central mais escura e os restantes três dispostos em triângulo invertido no terço superior e ao centro da imagem.

Imagem 1 - reprodução do Cartão I da Prova "Z"

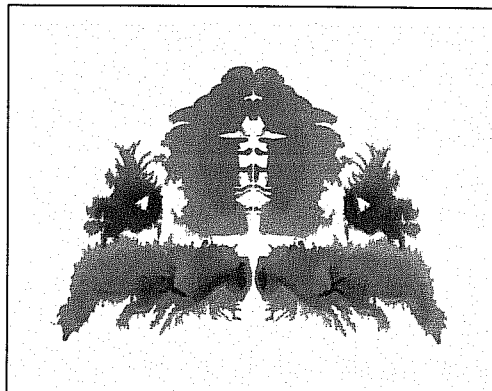


Cartão II

Colorido, está claramente dividido em três "áreas perceptivas", separadas, embora duas delas tenham objectivamente pequenos pontos de contacto. Numa metade superior observa-se, ao centro, uma mancha de tons vermelho-rosa com um detalhe branco central "forte" e duas manchas verdes laterais com um pequeno detalhe branco interior; numa metade inferior apresentam-se duas manchas em tons castanhos alaranjados claros e escuros.

De referir que embora possa ser classificada como bilateral, o elemento central (incluindo o detalhe branco), tomado isoladamente, pode em certos casos evocar figuras compactas, pelo que colocamos desde já a hipótese de que o cartão pode reunir, neste ponto, ambas as características estruturais com implicações que posteriormente abordaremos.

Imagem 2 - reprodução do Cartão II da Prova "Z"

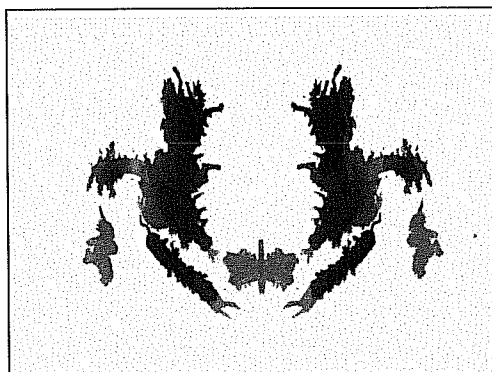


¹⁷ Apresentamos em anexo cópias dos três cartões em tamanho natural.

Cartão III

Claramente bilateral, apresenta dois conjuntos (formados por dois elementos sem ligação mas muito próximos) de manchas em preto e tons de preto e cinzento escuro, e separadas por um grande espaço branco. No terço inferior, e ao centro, destaca-se uma mancha vermelha com um pequeno ponto de contacto com cada uma das outras. Lateralmente, próximas do terço inferior, aparecem ainda mais duas manchas, isoladas, também vermelhas. Este cartão pode ser classificado como aberto.

Imagem 3 - reprodução do Cartão III da Prova "Z"



Sequência

Na prova Rorschach os cartões coloridos não aparecem senão no fim. Segundo Zulliger (1969), há evidentes vantagens diagnósticas na ordem de apresentação dos cartões. Entre elas, há o objectivo de descobrir se o sujeito produz ou não um choque cor e, depois de proceder a ensaios, verificou que na sua prova este é muito menos aparente se apresentado o cartão cor em último lugar. Apresentada em segundo lugar, o choque cor torna-se aparente. Uma outra razão prende-se com a intenção de escolher uma figura onde a apreensão global seja difícil, embora não impossível: as diferentes manchas são simétricas mas claramente separadas, ao mesmo tempo que têm pontos de união. Relativamente ao primeiro cartão, ele foi seleccionado como mais útil pois permite, segundo Hans Zulliger, muitas interpretações possíveis.

Interpretações e reacções comuns

Cartão I

A grande maioria dos sujeitos apreende globalmente a imagem (G) , pelo menos numa primeira resposta. Uma resposta em grande detalhe (D) localizada no centro da mancha é também extremamente vulgar, mas raramente como primeira resposta. As reacções associadas são normalmente o espelho das diferentes tonalidades claro-escuro. O choque ao negro, ou tendência choque ("escuro", "sinistro") não é incomum. Certas interpretações têm um conteúdo disfórico. É o cartão mais frequentemente rejeitado.

Cartão II

Normalmente apreendido em grande(s) detalhe(s). Não é fácil que os sujeitos o façam globalmente, caso em que ou são respostas bem organizadas ou mesmo criativas, ou denotam um esforço evidente de ligação dos vários elementos (más formas, conteúdos inadequados). A cor joga frequentemente um papel importante, senão mesmo determinante, sobretudo na apreensão global bem organizada e nos dois grandes detalhes superiores (vermelho e verdes). Procuraremos esclarecer o papel da cor nas diferentes abordagens a este cartão. O(s) detalhe(s) inferiores castanho alaranjados são com alguma frequência kinestésias animais (kan) revelando interacções agressivas. O choque cor, segundo Zulliger, manifesta-se pelo evitamento inicial de resposta ao detalhe vermelho: neste caso, o sujeito interpreta o detalhe branco central (Dbl) ou evita o problema interpretando o verde e o castanho, não dando a resposta ao vermelho-rosa senão no final ou não o dando de todo.

Independentemente da existência ou não de choque, o detalhe vermelho ou conjunto vermelho e branco (DDbl) impõe uma abordagem. Outros autores (Hernandez, 1974) descrevem também a possibilidade de ocorrência de choque ao verde¹⁸. A existência de choque claro-escuro no primeiro cartão pode condicionar a abordagem deste cartão. É o cartão mais frequentemente escolhido.

Cartão III

Respostas kinestésicas humanas (K H) vulgaríssimas, possibilitando a expressão de diversas interações. Por analogia com o cartão III do teste de Rorschach respostas deste tipo são cotadas G (Globais) do mesmo modo que qualquer conteúdo humano dá lugar à cotação K¹⁹. O detalhe vermelho central também é vulgarmente interpretado, isoladamente ou como componente de uma cena, tal como os detalhes vermelhos laterais. O choque, ou equivalente choque, pode ocorrer. Em certos casos o espaço branco central é “preenchido”, por vezes com inversão do cartão, dando origem a respostas de partes do corpo humano ou animais (também normalmente cotadas G ou Gb). Hipóteses explicativas deste comportamento serão fornecidas. Abstracções não são invulgares (“movimento”, “liberdade”). O choque cor, caso aconteça no cartão anterior, pode condicionar a abordagem a este cartão.

2.4. Respostas Vulgares (Banalidades)

Respostas vulgares, ou banalidades (notadas “Ban”), são respostas que se encontrem com uma determinada frequência, elevada, num dado conjunto de protocolos. Hermann Rorschach referiu-se-lhes como sendo as que ocorreriam pelo menos uma vez em cada três protocolos, ao mesmo tempo que chamava a atenção para a sua importância no que respeita à percepção “convencional”. A sua importância situa-se, segundo diferentes autores, ao nível de uma expressão da adaptação do pensamento do sujeito ao pensamento colectivo, de conformismo social, de universalidade ou de consensualidade.

Como explicação para este facto encontramos em Rausch de Traubenberg (1977) a observação de que, considerando a diversidade de conteúdos, o aparecimento de determinados temas e as solicitações simbólicas referentes a cada um dos cartões [Rorschach], eles provocam reacções distintas nos sujeitos e não fazem apelo a um solicitação simbólica unívoca. “Mas, por outro lado, se um número considerável de sujeitos dá as mesmas respostas num determinado cartão é mais ou menos conducente a uma organização perceptiva específica, a um conteúdo associativo específico e a uma representação simbólica específica. Ora, a frequência relativamente elevada com que uma resposta específica é dada, está implícita nos critérios de discriminação da qualidade da forma. Assim se explica a quase universalidade de algumas respostas”.

As banalidades têm uma importância grande na prova Rorschach, qualquer que seja o sistema utilizado. Há no entanto uma grande variação nas listas de respostas consideradas Ban. Estas variações são devidas não só aos critérios utilizados (e nem sempre esclarecidos) como, em parte, às amostras utilizadas ou às diferenças inter-culturais.

No que respeita à prova “Z” encontramos as seguintes definições:

¹⁸ Vide p. 37 para pequeno desenvolvimento das propostas do autor.

¹⁹ Com algumas excepções, que esclareceremos na 3ª parte.

a) a edição de Fritz Salomon do "The Zulliger Individual and Group Test" (1969) apresenta (Cap. 6) uma lista de respostas e respectivas cotações de que extraímos as seguintes cinco respostas banais definidas como "as que aparecem pelo menos 33 vezes por 100 pessoas" (p. 42):

Quadro 1
Respostas Banais extraídas de "The Zulliger Individual and Group Test" (1969)

Cartão I	Cartão II	Cartão III
Escaravelho ou caranguejo (G)	Dois animais lutando (D inferior)	Duas pessoas (G)
		Duas crianças dançando (Ds laterais)
		Borboleta (D central)

Não é claro para nós se, como refere Hans Zulliger, essa lista foi obtida a partir de protocolos de cerca de 8000 sujeitos, de nacionalidade Suíça, de ambos os sexos e várias faixas etárias (e incluindo tanto sujeitos normais como sofrendo de perturbações neuróticas e psicóticas). Em nota de rodapé (p. 49), Solomon diz-nos que a lista foi entretanto grandemente aumentada, *contendo agora*²⁰ um número de respostas baseada em aproximadamente 5000 testes administrados a franceses em Paris e 1000 nos Estados Unidos da América. De qualquer modo, nessa mesma nota é também afirmado que os *scores* obtidos nos países citados não diferiam muito dos obtidos na Suíça e que até as respostas vulgares eram as mesmas²¹, não tendo sido possível, apesar de uma extensa investigação estatística, obter novas respostas vulgares.

Também não é claro se as respostas foram obtidas através de aplicação individual ou colectiva, ou ambas.

Relativamente à sua frequência de aparecimento, Zulliger afirma que 25 a 30% de respostas são esperadas ser banalidades. Por outro lado, alerta também para o facto de que ainda antes de quaisquer interpretações ou conclusões relativas a elas, a sua relação com o número total de respostas deve ser estudado.

b) Por seu lado, Morali-Daninos e Canivet (1970) (aplicação colectiva) também não são suficientemente claros na sua definição do critério de Banalidade. A tradução autorizada a que tivemos acesso define banalidade como a que se obtém pelo menos uma vez em cada quatro (págs. 8 e 11) para, na descrição do cartão I (p. 9), dizer que esta evoca três respostas vulgares que são as que são percebidas por 33 em cada 100 sujeitos. Finalmente, os autores esclarecem-nos quanto ao seu procedimento: eles adoptam inicialmente o critério de Zulliger, mas os seus resultados estatísticos levaram-nos a várias modificações; se tivessem adoptado o critério de 1 : 3 não teriam encontrado banalidades no cartão I. Mantêm no entanto o critério nos cartões II e III:

²⁰ O sublinhado é nosso.

²¹ "(...) It appeared quite clear that the scores obtained in the above-mentioned countries did not differ from those obtained in Switzerland. Even the popular responses proved to be the same".

Quadro 2
Respostas Banais segundo Morali-Daninos e Canivet (1970)

Cartão I	Cartão II	Cartão III
Insecto (aranha, etc.) (G) (313 em 1000 ou 1 : 3,21)	Dois animais lutando (D inferior) (376 em 1000 ou 1 : 2,7)	Duas pessoas (G) (649 em 1000 ou 1 : 1,5)
Caranguejo ou crustáceo (G) (228 em 1000 ou 1 : 4,4)		Pequenas personagens (Ds laterais) (528 em 1000 ou 1 : 1,9)
Folha de árvore (D central) (310 em 1000 ou 1 : 3,23)		Borboleta (D central) (871 em 1000 ou 1 : 1,14)

Não encontram nenhuma outra interpretação suficientemente repetida para ser considerada como vulgar.

c) Mahmood (1982), estuda três grupos de sujeitos (aplicação individual), utiliza o critério de 1 : 3 para a resposta Banal e define ainda uma resposta “comum” como aquela que aparece pelo menos uma vez em cada dez. Encontra, numa população “normal” de 100 sujeitos (vide 3.5. Sensibilidade, Fidelidade e Validade, *Estudos comparativos*, pag. 33, para descrição mais detalhada da investigação):

Quadro 3
Respostas Banais e Comuns segundo Mahmood (1982)

Cartão I	Cartão II	Cartão III
	Banal	
Caranguejo, aranha, mosca ou outros insectos de aspecto ou forma semelhantes (G) (70%)	Insecto (D inferior) (50%)	Duas pessoas que fazem qualquer coisa (G) (60%)
Folha (D Central) (50%)		Borboleta (D Central) (60%)
		Crianças, palhaços (Ds laterais) (45%)

Comum		
Tulipa, Íris, flor (G) (20%)	Caixa torácica, espinha dorsal (Dsup) (30%)	Pássaro a voar, cão ou leão correndo (Ds laterais) (30%)
Borboleta ou casaco (D Central) (10%)	Olhos (Ds laterais verdes) (25%)	Porco, rato (Dinf) (30%)
Cabeça de animal (Dsup) (10%)	Mundo submarino (G) (10%)	Caracol, pinças de caranguejo (Dinf) (20%)
Antenas de insecto ou pernas (Dd sup e inf) (10%)		

- d) Mattlar, Sandhal, Lindberg, Lehtinen, Carlsson, Vesala e Mahmood (1990) consideram, a propósito de um estudo comparativo com o Rorschach, como critério de banalidade 1: 3 mas o artigo respectivo artigo não as discrimina.
- e) Relativamente a valores para Portugal, Oliveira (1989), utilizando dois grupos de crianças entre os seis e os oito anos de origens culturais diferentes (Portugueses e Chineses), compara vários sub-grupos em função da cultura, sexo e idade encontrando:
- diferenças significativas, nos grupos e sub-grupos, entre as frequências de conteúdos Ban identificados para os cartões I e II, mais significativos neste último e
 - consensualidade no cartão III.

Apresentaremos, no capítulo "Resultados" (3ª parte, p. 96) uma lista de respostas vulgares que extraímos da nossa amostra constituída por cento e dezanove protocolos, por nós recolhidos e que constituem a base deste trabalho, com critérios que aí definiremos. No capítulo reservado à discussão dos resultados efectuaremos as considerações pertinentes face aos resultados das investigações atrás citadas e aos obtidos por nós.

2.5. Sensibilidade, Fidelidade e Validade

Referimos já (Caracterização geral dos métodos projectivos - *Provas, Testes ou Técnicas?*) os problemas de estandarização e aferição típicos destas provas, mais técnicas clínicas que testes na acepção psicométrica do termo, e de sensibilidade, fidelidade e validade.

Encontramos na bibliografia revista um número interessante de trabalhos que, explícita ou implicitamente, se pronunciam sobre o problema. Para já, apresentamos aqueles que o fazem de modo mais directo e objectivo; depois, em *Estudos comparativos*, referenciamos trabalhos que procuram comparar o "Z" com outras provas, nomeadamente o Rorschach, visem ou não contribuir directamente para o esclarecimento do problema. Finalmente apresentamos *Outros estudos* que nos mereceram interesse e que contribuem para um melhor conhecimento da prova e da sua dinâmica.

Optámos também, nesta fase, e dado que a nossa principal preocupação é a prova propriamente dita, por não organizar ou seleccionar esta revisão segundo os grupos estudados, a metodologia utilizada ou o tipo de aplicação (individual ou colectiva). Na 3ª parte do trabalho utilizaremos então os dados destas investigações que julgamos mais pertinentes para fins comparativos com o nosso próprios resultados. Aí daremos conta mais detalhada de certos procedimentos e dos nossos critérios.

Assim:

- a)** Segundo Zulliger (1969) “A experiência com a prova individual provou que, no seu âmbito, os seus resultados são frequentemente inteiramente comparáveis aos produzidos pelo Rorschach (Ro) e Behn-Rorschach (Bero). Por vezes, produ-los até numa forma mais concentrada. Os três cartões contêm todos os elementos essenciais do Ro e do Bero”. (p. 10, trad. livre)²². Mas a prova pode por vezes mostrar-se “improdutiva”, casos em que o autor sugere que se aplique o Rorschach ou o Behn, embora note que também estas provas o possam por vezes ser.
- b)** Mas para Morali-Daninos e Canivet (1970), o teste “Z” (colectivo) é demasiado curto e de construção especificamente estruturada para se prestar a uma descrição completa da personalidade ainda que esta brevidade possa ser muito interessante para detectar elementos neuróticos. Eles sustentam que, se o Rorschach oferece uma descrição da personalidade que o “Z” não dá, esta prova permite não obstante descobrir os traços tipicamente patológicos tal como aparecem no Rorschach.

Diversos outros estudos concluem pela utilidade desta prova no diagnóstico da organização de personalidade:

- c)** Mahmood (1982)²³ afirma que a prova é uma técnica viável que é pequena, económica e fácil de aplicar e que “há poucas dúvidas de que, dada uma uniformidade das condições de aplicação, o treino do utilizador e um sistema de cotação utilizado, o Zulliger pode ser visto como uma técnica com fidelidade e consistente (...) e embora a sua validade clínica, ou seja, a sua capacidade de discriminar entre diferentes grupos clínicos tenha sido demonstrada [neste estudo] tem de ser ainda completamente estabelecida”. (p. 17, trad. livre).
- d)** Mattlar, Sandhal, Lindberg, Lehtinen, Carlsson, Vesala e Mahmood (1990)²⁴ consideram que a aplicação da prova é adequada como despiste (“screening”), e que para sujeitos com um número de respostas acima ou igual a quatorze ela permite mesmo uma análise individual válida.
- e)** Marques e Valente (1992), no âmbito das selecções que regularmente efectuam no Centro Psicotécnico da Força Aérea portuguesa, procuraram averiguar da utilidade do teste “Z” como meio de aprofundar a análise sobre o desenvolvimento psicológico dos candidatos e, por essa via, “prognosticar quais os mais susceptíveis de incorrer em processos de dissociação ou descompensação quando confrontados com o envolvimento extremamente difícil da situação de aprendizagem aeronáutica” (p.325). Utilizado numa base essencialmente temática através da utilização de quatro descritores (nível de regressão da libido, nível de regressão do ego, mecanismos de defesa e relação de objecto) concluem que ele se mostra “uma técnica válida nos

²² “Experience with the Zulliger Individual Test has proven that, in their scope, its results are frequently entirely in keeping with those produced by the Rorschach (Ro) and the Behn-Rorschach (Bero) Tests. From time to time, it even produces them in a much more concentrated form. The three cards contain all the essential elements of the Ro and the Bero”.

²³ Vide próximo tópico (*Estudos comparativos*) para descrição detalhada desta investigação.

²⁴ Idem

indicadores “regressão da libido” e “regressão do ego” no processo de selecção de pilotos (...) pois pareceu consistente na discriminação e prognóstico da adaptabilidade dos sujeitos” (p.328). A prova poderia assim “ser encarada como uma espécie de “simulador” de como o sujeito eventualmente se organizaria e comportaria em situações ansiogénicas e destruturantes próprias do contexto da aprendizagem do voo (...) e pode ser um preditor da vivência interna dos sujeitos em situações de tensão e do comportamento inerente a essas vivências” (id.).

Outras investigações aceitam explícita ou implicitamente a capacidade da prova em discriminar, senão traços patológicos, pelo menos traços de personalidade:

- f)** Boris Semeonoff (1990) dá conta da utilização sistemática da prova em processos de selecção de estagiários em aconselhamento profissional, preferida ao Rorschach por critérios de economia de tempo. Baseado na aplicação a 246 candidatos (entre 1962 e 1976) a investigação compara o julgamento da equipa de selecção (composta por cinco elementos e que classificava os candidatos numa escala de cinco pontos que ia de “aceite” a “rejeitado”) com os valores obtidos numa selecção de treze factores do “Z”. Dois dos factores produzem resultados inequívocos e consistentes: os candidatos aceites têm valores elevados na categoria H (respostas humanas) e os rejeitados na categoria CF (cor-forma), isto para todos os grupos considerados. De realçar que estas categorias não interferiram no julgamento dos candidatos dado que as cotações só foram feitas *a posteriori*. O “Z” era, durante os processos, analisado apenas qualitativamente.
- g)** Uhinki, Mattlar, Sandhal, Vesala e Carlsson (1990) apresentam uma investigação interessante a propósito dos traços de personalidade adolescentes tal como revelados pelo “Z” colectivo. Na Finlândia, e nos anos 50 e 60, o “Z” era o método preferencial de exame da personalidade. Até 1964 a prova era aplicada a quase todos os jovens de diferentes níveis de ensino, no âmbito de uma acção de orientação vocacional. E muito embora o interesse nas técnicas projectivas tivesse decaído nesse país desde então, um em cada cinquenta arquivos não foi destruído para fins de investigação. Partindo de uma caracterização dos principais traços específicos da adolescência, usaram parte deste material (seleccionaram protocolos de 25 rapazes e 25 raparigas dos 15 aos 17 anos) para aí pesquisar as suas eventuais expressões. E concluem que a estrutura de personalidade dos adolescentes tal como revelada pelo “Z” corresponde claramente às características desta fase de desenvolvimento.
- h)** Ruth, Obergi, Mattlar, Sandhal, Oist, Carlsson e Vesala (1990) tendo como objectivo a caracterização da estrutura de personalidade da terceira idade, particularmente os temas da sociabilidade e solidão, aplicaram individualmente o “Z” a dois grupos de idosos (dos setenta aos oitenta e quatro anos), uns considerados “sociáveis” (n = 15) e outros “solitários” (n = 17) utilizando ainda um grupo de “adultos aleatórios” (n = 36) para fins comparativos. A análise dos vários factores considerados (“Comprehensive System”, de Exner) revela tanto a falta de recursos energéticos e de motivação para a realização como a incapacidade e/ou reserva face a actividades cognitivas diferenciadas. Mas os dois grupos parecem estar discriminados: os “solitários” tendem a ser “económicos”, a “fugir” de actividades que envolvam esforço enquanto os “sociáveis” revelam tendência para a independência e até hostilidade em situações em que a sua autonomia esteja ameaçada.

Estudos comparativos

A natureza da prova "Z" impede uma análise comparativa inteiramente adequada quando baseada numa análise descritiva psicométrica. Trata-se de uma prova de natureza clínica sujeitando-se mal ao enfoque epistemológico psicométrico. Mas quando ensaiada depara-se com algumas dificuldades de outra ordem:

- O sistema de cotação de Hans Zulliger, embora baseado no Rorschach, apresenta várias alterações que tornam a comparação com o Rorschach difícil. Muita da informação que apresenta baseia-se na aplicação colectiva e, como ele próprio afirma, as respostas podem variar em função do sujeito se ver como "individual" ou como membro de um grupo;
- Diferentes autores utilizam diferentes sistemas de cotação;
- O diferente número de cartões entre as provas, os diferentes métodos de aplicação e a ausência de inquérito na aplicação colectiva contribuem para invalidar uma comparação psicométrica entre as provas.

No entanto, como vimos, Zulliger afirma que a sua prova pode ser mais produtiva que o Rorschach. Analisemos, para além do problema das Banalidades, já discutido, alguns ensaios comparativos:

a) Mattlar, Sandhal, Lindberg, Lehtinen, Carlsson, Vesala e Mahmood (1990) aplicaram o sistema concebido por Exner em 1986 ("Comprehensive System") ao Zulliger com o objectivo de explicito de comparar os seus resultados com os do Rorschach. Examinaram quatro grupos de sujeitos,

A: adultos aleatórios (Finlândia, n = 36)

B: adultos activos (Suécia, n = 22)

C: idosos (Finlândia, n = 32) e

D: adolescentes (Finlândia, n = 50)

num total de 140 protocolos. Apresentam como resultados que os cartões "Z" são semelhantes a certos cartões Rorschach, especificamente que:

Cartão I do "Z" semelhante a I e IV do Rorschach;

Cartão II do "Z" semelhante a VIII, IX e X do Rorschach ;

Cartão III do "Z" semelhante a III do Rorschach.

Tendo em conta estas semelhanças, o número de áreas grande detalhe e detalhe branco encontrados no "Z" eram comparáveis ao número encontrado por Exner para o Rorschach, enquanto o número de pequenos detalhes era marcadamente menor para o "Z". Tendo em conta o número de cartões, o número total de respostas era ligeiramente maior no "Z", mas o número médio de respostas ($10,5 \pm 6,2$) indicava claramente, segundo os autores, dificuldades em fazer análises individuais. A proporção de respostas movimento e cor eram também menores no "Z" que no Rorschach. Contrariamente, a proporção de respostas claro-escuro (*estompagem* ou E) e cor branca ou preta (C) era maior no "Z", facto que os autores acham que provavelmente se deveu ao número de adolescentes da amostra e que normalmente experienciam vários tipos de tensões internas e ansiedade. Relativamente aos conteúdos humano e animal, a proporção era igual à de Exner e a proporção de banalidades (critério 1 : 3) era bastante inferior no "Z" ($1,9 \pm 1,4$ contra $6,9 \pm 2,2$).

Em conclusão, os autores consideraram que, tendo a prova sido concebida como de despiste ("screening"), o número médio de respostas mostra claramente que a sua aplicação é adequada e que, para cerca de um terço dos sujeitos – com um número de respostas acima ou igual a quatorze – ela permite mesmo uma análise individual válida.

Alguns problemas metodológicos relativos a esta investigação devem ser aqui discutidos. Por um lado, aos grupos B e C foi feita uma aplicação individual enquanto aos outros dois foi feita uma aplicação colectiva, o que envieza os resultados numa medida não determinada²⁵. Por outro lado, para certas respostas grande detalhe (D) foi usado um determinante diferente da forma quando esse fosse o caso "normal" na resposta em questão e quando existia verbalização escassa ou falta de inquérito (aplicação colectiva)²⁶. Os autores referem ainda a inexperiência de vários dos aplicadores o que acarretava serem os seus inquéritos um pouco incompletos. Mas a maior objecção que se pode levantar ao estudo prende-se com a aparente ausência de definição dos critérios que lhes permitiram afirmar da semelhança entre cada um dos cartões "Z" e certos cartões Rorschach. Sem dúvida que ambas provas podem ser caracterizadas segundo as mesmas dimensões estrutural, sensorial e simbólica, mas a comparação que decorre dessas semelhanças é de interesse e aplicabilidade discutíveis, tanto para o estabelecimento de valores normativos como para a pretensão, implícita, de validar o "Z". Finalmente, a hipótese de que a população adolescente seria responsável pela elevada proporção de "E" ou "C" não pode, na nossa opinião, ser aceite, pois a hipótese de que seria a própria prova a "promover" essas respostas não foi invalidada. Assim, pensamos que os resultados desta investigação devem ser utilizados com precaução na medida das suas limitações indicando-nos, por um lado, prudência na interpretação dos resultados e expondo, por outro, as limitações do nosso próprio estudo.

b) Mahmood (1990) apresenta um revisão da literatura sobre o assunto e cita:

- Semeonoff (1963) que afirma que o "Z" é um substituto válido do Rorschach e que descobre (1968) que certos factores têm percentagens quase idênticas em ambas as técnicas e que outras diferenciam com sucesso e com diferentes graus de probabilidade candidatos aceites e rejeitados para treino como conselheiros matrimoniais²⁷;
- Eble e al. (1963) que numa revisão sobre o assunto da comparabilidade de dados quantitativos entre as provas apresentam dados que sugerem que elas têm um alto grau de correspondência, que o "Z" tem a vantagem da brevidade e que é quase tão útil como o Rorschach numa utilização com pacientes psiquiátricos;
- Lefkowitz (1968) que compara certas escalas do MMPI com scores do "Z" – nomeadamente respostas M - movimento (ou K, na nossa notação) em população masculina delinquente e encontra relação significativa no que respeita a comportamento destrutivo;

c) Mahmood (1982) desenvolve um estudo piloto com os objectivos de obter dados normalizados para aplicação individual da prova e observar até que ponto ela pode ser vista como uma técnica de diagnóstico válida para uso clínico, particularmente no diagnóstico diferencial da esquizofrenia. É um estudo essencialmente descritivo, facto que se deve, segundo o autor, às considerações de que o sistema de cotação é fundamentalmente arbitrário (embora seja usado um sistema – de Klopfer – a sua aplicação ao "Z" pode ser considerada um pouco individualista) e que o número de sujeitos é relativamente reduzido. Ele aplica individualmente o "Z" a três grupos:

A: "Normais" (estudantes; n = 100)

B: "Neuróticos" (doentes de consulta externa que se queixavam de sintomas vários como fobias, problemas psicossomáticos, estados ansiosos, depressão, etc.; n = 50)

C: "Esquizofrénicos" (n = 50)

²⁵ Julgamos que, para além dos aspectos "meramente" perceptivos a fenomenologia da aplicação individual é inteiramente diferente da colectiva.

²⁶ Procedimento semelhante foi por nós utilizado em certas circunstâncias com critérios definidos em *Alterações/Modificações na técnica* (3ª parte, 3.1., p. 60).

²⁷ Semeonoff (1990) desenvolve o assunto e é por nós citado (p. 31).

e apresenta, entre outros, os seguintes resultados:

Relativamente às médias e desvios padrão das respostas observa um franco decréscimo do número médio de respostas no grupo "esquizofrénicos":

Quadro 4
Médias e Desvios Padrão, Mahmood (1982)

	Tot. Respostas		R. cartão I		R. cartão II		R. cartão III	
	Média	D.P.	Média	D.P.	Média	D.P.	Média	D.P.
Normais	10,05	3,47	3,26	2,10	3,56	2,15	4,27	2,06
Neuróticos	9,90	5,51	3,17	1,70	3,26	1,71	3,50	1,10
Esquizofrénicos	6,86	3,42	2,46	1,36	1,95	1,05	1,95	1,25

Relativamente às recusas observa no mesmo grupo 10% aos cartões II e III:

Quadro 5
Recusas, Mahmood (1982)

	Cartão I	Cartão II	Cartão III
Normais	0	0	0
Neuróticos	0	5%	0
Esquizofrénicos	0	10%	10%

Relativamente à proporção de respostas nas várias localizações e categorias de determinantes encontra uma distribuição geral de respostas muito semelhante à que se espera no Rorschach, mas percentagens de G (respostas globais) e de Dd (pequeno detalhe) superiores nos "esquizofrénicos" e decréscimo nas respostas D (grande detalhe) no mesmo grupo. O padrão dos determinantes pareceu também ser muito similar ao que se esperaria no Rorschach.

Relativamente à percentagem de conteúdos observa maior diversidade no grupo "normais" e, em menor grau, no grupo "neuróticos". Mas o grupo "esquizofrénicos" apresentava uma grande homogeneidade que se traduz em 83% de respostas H e A.

Relativamente às banalidades e às respostas comuns (vide 2.4 "Respostas Vulgares", pag. 28, para os critérios aplicados neste estudo) verificou uma frequência menor destas respostas nos "esquizofrénicos". O número médio de banalidades e respostas comuns era, para os "normais", de quatro e seis, respectivamente. O grupo "neuróticos" tinha frequências semelhantes e o grupo "esquizofrénicos" produzia, em média, duas banalidades e quatro respostas comuns.

O autor conclui que a prova discrimina entre esquizofrénicos e não-esquizofrénicos com considerável grau de certeza: as três características principais da esquizofrenia – perturbação da percepção (F-),

distorção do pensamento (confabulação e contaminação) e desinibição das emoções (C puro) – estavam presentes apenas nesta população. No entanto, a prova não descriminava claramente “normais” e “neuróticos”. O único traço distintivo do grupo “neuróticos” era a preponderância de CF. E avança que o valor do estímulo “Z” possa ser responsável por esta semelhança dado que parece ser mais estruturado que o Rorschach.

d) Pestana (1992) procura verificar a sensibilidade da prova “Z” na exploração dinâmica intrapsíquica do adolescente na sua diferenciação masculino/feminino utilizando uma amostra de 32 raparigas e 23 rapazes, entre os 16 e os 18 anos com “ausência de significativos problemas de comportamento e de relação” e, “a posteriori, pelos resultados do teste, ausência de sinais evidentes de qualquer patologia” (p.19). Para isso, procura definir valores normativos para a sua população construindo uma matriz de resultados para todos os diferentes factores com que trabalhou. Com base nessa matriz, estabelece tabelas percentílicas para o grupo todo e para os dois sub-grupos – masculino e feminino – pois, segundo V. Moita, que cita²⁸, “O tratamento percentílico parece-nos o mais adequado tendo em vista uma descrição estatística dos resultados. A adequação deste tratamento resulta do facto de que um valor percentílico qualquer depende apenas da posição de ordem no conjunto dos valores assumidos pela variável em questão (...). De facto, a maior parte dos factores do Rorschach não se prestam a um tratamento estatístico em termos simplesmente somativos, não são uma distribuição normal e as suas definições operacionais são frequentemente de natureza categorial assumindo assim valores discretos” (p.34, trad. livre). Encontra assim um valor médio para cada factor (Percentil 50) e define, na linha de V. Moita, como limites para “valores adequados” os definidos pelos Percentis 25 e 75. Apresentamos seguidamente um quadro com a súmula dos principais resultados do procedimento:

Quadro 6
Resultados do Estudo de Normalização, Pestana (1992)

	Valores médios			Valores adequados					
	(P50)			(P25)			(P75)		
	Tot	M	F	Tot	M	F	Tot	M	F
R	10	9	10	7	7	8	12	11	13
G%	33	44	31	21	25	20	45	50	43
D%	58	56	59	50	50	52	67	67	67
Dd%	0	0	0	0	0	0	7	0	9
Dbl%	0	0	0	0	0	0	10	6	10
F%	64	64	64	50	50	50	73	75	73
F+%	86	72	89	69	67	72	100	100	100
K	2	1	2	1	1	1	2	2	3
k	0	0	1	0	0	0	1	1	1
Σ C	1,5	1,5	1,5	0,5	0,5	1	2	2	2
Σ E	0,5	0,5	0	0	0	0	0,5	0,5	1
A%	42	44	39	30	29	31	56	57	56
H%	19	18	20	13	11	13	30	33	30
Ad	0	0	0	0	0	0	1	1	1
Hd	0	0	0	0	0	0	1	1	1
Anat	0	0	0	0	0	0	1	1	1
Ban	3	3	3	2	2	2	4	4	4

²⁸ Moita, V. (1982). *Thèse pour le doctorat de 3ème Cycle*. Université Paris V, René Descartes, pp. 76-77.

De um ponto de vista formal as diferenças são quase inexistentes. Apenas ao nível de G% e da fórmula $FC > C + CF$ existem diferenças significativas. O autor conclui que a diferença entre os dois grupos se situa mais ao nível das estratégias perceptivo/intelectuais do que nos aspectos emocionais. As raparigas fazem uma abordagem das imagens mais ligada aos detalhes, aos aspectos objectivos. Mas apesar dessa maior ligação ao concreto da imagem, evidenciam uma maior dinâmica interna ao nível da actividade criadora, da fantasia ou mesmo do narcisismo.

- e) Lis, Magro e Rossi (1990) apresentam parte de uma investigação que tem o objectivo de validar e estandarizar a prova "Z" aplicada individualmente a crianças em idade escolar e pré-escolar. Os investigadores procuravam uma prova projectiva que satisfizesse três condições: que fosse desenhada para revelar aspectos estruturais da personalidade, que fosse fácil de aplicar a crianças e que não fosse demasiado perturbadora ("*distressing*"), do ponto de vista emocional, para os sujeitos. O Rorschach satisfaria a primeira destas condições, mas não as outras. O seu principal interesse era então chegar a uma utilização do "Z" (individual) como um instrumento de diagnóstico de personalidade e não apenas de despiste. Para isso, procuraram estudar aspectos específicos de validade concorrente e discriminante, concretamente a influência na prova dos factores sexo e idade e sua comparação com o Rorschach. Os seus resultados, preliminares, apontam para a existência de diferenças claras entre as duas provas.
- f) Na mesma linha de procedimento Sandhal, Mattlar, Carlsson, Vesala e Rosenqvist (1990) argumentando que a validade prognóstica do "Z" (e outras provas projectivas) só pode ser avaliada se se obtiver um quadro empírico do tipo de respostas que se deva esperar das diferentes populações, examinaram dois grupos de adultos (Suecos):

- A - que procuravam emprego (aplicação colectiva, n = 22) e
- B - aleatório (aplicação individual, n = 36)

e compararam-nos com dados de Exner para o Rorschach de adultos não-doentes (Norte Americanos, n = 700). As diferenças encontradas poderão indicar diferenças culturais entre os grupos mas, alertam os autores, só seriam válidas *assumindo uma compatibilidade estrutural entre as duas provas*, o que não está provado. E mais uma vez observamos a comparação entre aplicações individual e colectiva, procedimento discutível.

Outros estudos

- a) A propósito do valor do estímulo, Xavier (1991), procurando estudar a influência das características objectivas dos estímulos no processo de respostas dadas por crianças entre os 5 e os 7 anos, escolhe a prova "Z" individual "porque é um instrumento de avaliação da dinâmica afectiva da personalidade que disponibiliza informação científica sobre as modalidades de funcionamento psicológico e possibilita a observação clínica mediadora da relação, sendo aplicável e interpretável mais rapidamente que o Rorschach (...) [e] esclarecendo sobre a necessidade de aplicar outras provas de manchas, surge como instrumento de grande utilidade" (p. 1) Embora saindo um pouco fora do âmbito deste tópico, a originalidade da investigação e os seus resultados merecem ser sucintamente apresentados tanto mais que produz uma análise acerca do estímulo em si, objectivo que também temos neste trabalho. Utilizando um grupo de dez crianças como grupo de controle (variável memória), ele compara então em quinze crianças "normais" respostas dadas no "Z" com

respostas dadas a partir das mesmas manchas mas parcialmente transformadas e postula que em virtude dessas alterações registar-se-ão diferenças significativas nas frequências de certos factores numa e noutra forma da prova:

- *Para o cartão I* coloca a hipótese de que as respostas com conteúdos A e H (muito frequentes nessa população) seriam facilitadas pela semelhança da configuração [triangular] dos pontos brancos na área superior da mancha com uma face [olhos, boca], pelo que os elimina;
- *No cartão II* altera a cor no grande detalhe lateral verde (para azul) no pressuposto que estaria relacionado com a grande frequência de respostas Bot (Botânica), elimina a variação cromática no grande detalhe inferior castanho (colocando uma cor uniforme) crendo que se relacionaria com a grande frequência de respostas A e elimina o grande detalhe branco central (preenchendo com a cor que o envolve originalmente, o vermelho escuro) crendo que essa estrutura se relaciona com a reactividade face ao vermelho;
- *No cartão III* arredonda os grandes detalhes negros, eliminando parte do recorte do contorno desta área da mancha dado que crê influir na expressão fantasmática veiculada através dos conteúdos das respostas.

Nenhuma das hipóteses formuladas para cada um dos três cartões e que fundamentaram a construção de uma série paralela foi confirmada. No entanto o autor adianta, por um lado, que “as transformações objectivas operadas nos estímulos do teste “Z” permitiram, principalmente, realçar as características gerais de reactividade específicas a estas crianças, já salientadas por vários investigadores, para o Rorschach” (p.86) e que muitos dos factores dos protocolos destas crianças se mantiveram constantes na aplicação posterior da prova transformada, o que “parece ser concordante com os estudos sobre a consistência temporal (teste-reteste) do Rorschach” (p.87).

b) Através de uma análise da literatura, Hernandez (1974) procurou reconhecer propriedades e simbolismos atribuídos ao verde, que resultou numa equação da relação fundamental verde = água e da temática maternal que esta veicula. É dada a frequência com que o detalhe verde do cartão II do “Z” é interpretado, é raro que o sujeito tenha dificuldades para encontrar uma resposta. Para este autor o choque ao verde é então perfeitamente visível dado que as manchas estão perfeitamente delimitadas. Descreve então o fenómeno de “choque específico ao verde”, raro, que se manifestaria no “Z” de várias formas, desde “não vejo mais nada” ou “este verde... não sei” a “o verde não o saberia interpretar”, apesar de uma eventual insistência do examinador, e confere-lhe um valor de inibição neurótica que traduziria, em geral, dificuldades particulares de integração do elemento feminino e maternal da personalidade. Na mulher, seria sinal inequívoco de recusa inconsciente da sua feminilidade; no homem expressaria a sua luta neurótica com a mulher no seu interior.

2.6. Resumo

O teste projectivo de Zulliger é frequentemente usado, tanto em selecção de pessoal como em investigação clínica. A sua utilização deriva essencialmente da sua facilidade de utilização, ou seja, da sua rapidez e economia face ao teste de Rorschach. Este, muito estudado, terá uma fiabilidade maior, tanto pela quantidade de trabalhos sobre ele publicados, como pelo número de cartões, que permite que várias hipóteses diagnósticas possam ser confrontadas intra-teste pela comparação de respostas a cartões estrutural e/ou tematicamente semelhantes. Talvez pelas semelhanças estruturais entre as provas alguns investigadores procuraram compará-las. Os resultados do teste “Z” não podem ser considerados como um Rorschach em ponto pequeno, ou um Rorschach incompleto. O “Z” tem uma especificidade própria.

2ª Parte

Imagem de Corpo nas
Provas Projectivas Estruturais



Introdução

Segundo Anne Sanglade (1983) a noção de imagem de corpo recobre várias ordens de realidade (psíquica) que se encontram confundidas num mesmo vocábulo, pelo que diferentes autores utilizam a mesma expressão para designar coisas diferentes. Procuraremos, num primeiro tempo, clarificar estas diferentes “ordens de realidade”, para depois definirmos aquilo em que nos baseamos no nosso trabalho.

Esquema corporal, imagem de corpo e representação de si

Em conjunto e separadamente reenviam ao que a autora designa pela permanência de si no espaço, *o esquema corporal*; no tempo, *a imagem de corpo*; na relação ao mundo, *a representação de si*. É o sentimento vital de ser inteiro (não fragmentado), de ser o mesmo (não dissociado), de ser o próprio (com uma espessura e delimitação corporal e psíquica) diferenciado dos objectos.

A noção está também intimamente ligada à de self²⁹ cujo sentimento de permanência parece ser uma condição *sine qua non* do ser (...). Esta, não se reduz a uma das três noções mencionadas, nem é equivalente à sua combinação. Se o self não pode ser senão “ressentido” e conhecido que pela introspecção, já a imagem de corpo, de que é parte constitutiva, pode ser estudada à luz de diferentes métodos na medida em que não é um “estado” mas uma “representação”, produto de um trabalho do aparelho psíquico. Ainda para ela, depois de citar vários autores que sobre este assunto se debruçaram, afirma que não podemos dissociar esquema corporal de imagem de corpo e que esta por sua vez desemboca na representação de si. Mas afirma a utilidade de diferenciar estas três noções, cada uma com a sua especificidade conceptual, considerando-as como diferentes momentos, consecutivos ou simultâneos, de edificação do self.

O esquema corporal

Substrato neurológico da imagem de corpo, não é propriamente uma imagem, não provém de um trabalho psíquico, é um dado da experiência motora, esquema postural que dá conta da aquisição de uma estrutura interna estável, organizadora de uma relação ao mundo. Referencial fundamental implícito, contém esquemas de acção, de préformas motoras essenciais, que se constitui cedo na infância e assegura a integridade do corpo no espaço.

A imagem de corpo

Representação mental, inconsciente, de si no seu contorno, sua espessura, sua solidez ou fragilidade. O corpo é aí designado como princípio unificador, contentor, delimitando os mundos externo e interno, corpo membrana que tanto separa como põe em contacto, fundando a unidade de si ao mesmo

²⁹ Optamos por manter esta expressão, vulgarmente utilizada (“Soi”, no original), mas que poderíamos traduzir por “si” ou “próprio”.

tempo que instaurando a diferença com o outro, factor de isolamento e de comunicação, podendo assegurar a diferença de potencial como a osmose. Assim concebida, reenvia para a noção de Eu-pele de Anzieu (1974).

Do mesmo modo que o esquema corporal sela a nossa ligação ao espaço, a imagem de corpo fá-lo em relação ao tempo: "o Eu adquire o sentimento da sua continuidade temporal na medida em que o Eu-pele se constitui (...) (Anzieu, 1981). O sentimento de continuidade corporal, sendo uma condição do ser são, contém também os germes de diversas patologias mentais. De facto, de cada vez que acontecem importantes modificações corporais a imagem de corpo deve também transformar-se. A resistência à mudança, a necessidade de manter a permanência da imagem, a incapacidade de elaborar uma nova imagem de si levam a uma inadequação entre o self imaginado e o self real" (...) (p. 106).

A representação de si

Trata-se aqui do corpo "objectalizado", corpo que damos a ver, que mediatiza e age a relação ao outro. São as qualidades que atribuímos inconscientemente ao nosso Eu-corpo, resultado tanto do nosso vivido corporal como do nosso self fantasmático e que vão condicionar as nossas relações aos outros. A representação de si é estreitamente tributária da rede de relações que constituímos e nas quais estamos presos; ela pode a cada instante modificar-se, sentindo-se sólida ou destruída, desejada ou rejeitada. A noção de representação de si encontra-se assim no cruzamento do vivido narcísico e da vida relacional.

2. Rorschach e Imagem de Corpo

Introdução

Ainda segundo Sanglade (1983), os métodos projectivos são instrumentos privilegiados de investigação da imagem de corpo. As provas projectivas, provas onde o sujeito projecta o seu self, vão-nos fornecer uma imagem de corpo do sujeito nas suas diferentes dimensões. Mas serão-no em graus diferentes consoante o tipo de prova (teste do desenho de uma pessoa de Machover, teste da árvore de Koch, teste da vila). O T.A.T. apelará mais à representação de si. O Rorschach será mais complexo pois inscrevem-se em conjunto esquema corporal, imagem de corpo e representação de si.

Com efeito, *o esquema corporal* é directamente solicitado pela configuração mesma dos cartões, as manchas sendo ao mesmo tempo não estruturadas e organizadas à volta de um eixo. As características espaciais das manchas induzem o sujeito a tomar o seu corpo como referência: ao alto, em baixo, à direita, à esquerda, ao centro, o meio sendo constituído de um eixo vertical sugerindo o eixo do corpo e solicitando a projecção. O sujeito vai então tomar posição no espaço e dar corpo à sua resposta. Um sujeito com problemas no esquema corporal será incapaz de estruturar o percepto de forma coerente e unitária.

A imagem de corpo seria mais solicitada pela ambiguidade da delimitação formal das manchas ou de partes das manchas, ambiguidade que o sujeito vai tentar reduzir ou se na qual se vai diluir. Com efeito, uma das ideias-força significadas pelo estímulo comporta a noção de limite: ausência de delimitação nítida, confusão dos contornos, interpenetração das formas, ou pelo contrário separação inequívoca, precisão dos limites, fragmentação dos elementos. O único e o duplo são constantemente sugeridos, o ligado e o separado, o bem delimitado e o confuso.

“As características essenciais do estímulo Rorschach forçam o sujeito a criar o seu campo espacial e a delimitar os seus perceptos” (p. 107). A imagem de corpo vai-se reflectir na qualidade formal das respostas e nas suas propriedades formais. Poderia dizer-se que o corpo da resposta do sujeito vai ter a marca do que há de mais corporal no aparelho psíquico, ou seja o Eu. A autora cita vários estudos que demonstram que o grau de diferenciação perceptiva, a precisão da delimitação formal das manchas estavam directamente ligadas ao desenvolvimento das funções do Eu.

A representação de si é de leitura complexa porque é uma síntese das diferentes componentes da personalidade e reflecte a relação aos objectos na sua dimensão narcísica e libidinal. Uma análise sobre o tipo de conteúdo e sobre os modos de expressão que traduzem a relação do sujeito ao mundo é exemplarmente proposta por Rausch de Traubenberg (1983) numa “Grelha de Representação de Si”, que utilizamos na nossa investigação e que desenvolveremos nesta parte num tópico próprio (“Grelha de Representação de Si”, p.47) e na 3ª parte (Instrumentos de Avaliação, Grelha de Representação de Si, p.69).

Por outro lado, este conceito é tanto mais complexo a delimitar quanto se encontra a meio caminho entre a representação inconsciente de si e a “presentação” consciente. É na escolha das imagens (conteúdos) que se pode exercer a actividade consciente do sujeito, e como Rausch de Traubenberg (1970) e Exner (1978) mostraram, os sujeitos vão geralmente julgar ou pelo menos

estimar o seu carácter aceitável, provocador ou neutro o que os leva a censurar certos conteúdos e privilegiar outros. A interpretação dos conteúdos deve-se fazer sempre em relação com a solicitação simbólica das manchas e ter em conta a sua frequência de aparecimento no protocolo, e as suas características formais.

O teste da imagem de corpo

Para Rausch de Traubenberg e Boizou (1984) o Rorschach testa a presença de uma imagem de corpo integrado, tenha ou não respostas sobre o corpo. Esta hipótese de trabalho é, actualmente, completamente aceite. Ela deduz-se, até, do texto de H. Rorschach publicado a título póstumo, mesmo se não explicitado nestes termos (p. 99).

A resposta tem o seu ponto de partida no ritmo espacial do estímulo organizado à volta de um eixo mediano vertical e repartido de tal modo que promove a delimitação do dentro e do fora, do exterior e do interior. É também para esta escolha que se orienta a consigne induzindo uma interacção entre o perceptivo e o imaginário.

Esta organização permite uma interpretação a dois níveis:

- um primeiro nível, do ponto de vista da evolução, reflecte a incapacidade de estabelecer um limite entre si/o outro, de distinguir dentro/fora, interior/exterior, ou seja o estabelecimento ou não restabelecimento da identidade e, por este facto, a instauração ou não de relações objectais;
- um segundo nível dá conta de uma capacidade de relação ao outro mais evoluída onde as coisas não se discutem em termos de limites mas em termos de relações entre eu e o outro, sem confusão possível.

A capacidade de estabelecer limites entre interior e exterior dá conta da aquisição de um nível de desenvolvimento libidinal onde as relações objectais estariam instauradas. O processo de respostas está estribado nesta capacidade de diferenciação entre si e o outro. Alcançamos a noção de identidade, ou seja, a possibilidade de reconhecimento dos seus limites, de se conceber como uma unidade em correspondência com o ambiente e portanto outro.

“Não há portanto no Rorschach projecção de corpo próprio conhecido, objecto da actividade cognitiva, mas de corpo vivido, objecto e sujeito da actividade afectiva. É nesta óptica que escolhemos o termo representação de si traduzindo o modo de estar no mundo face a outrem, na criança e no adulto; a representação de si encontra-se associada ao tipo de relação de objecto.” (p. 271, trad. livre).

Para clareza da exposição as autoras particularizam os factores que constituem as referências da projecção do esquema corporal, tanto nas imagens do corpo humano como noutras e só num segundo tempo abordam o seu significado e as representações de si que implicam:

- Relativamente à projecção do esquema corporal: todo o conteúdo descritivo ou toda a imagem não humana pode ter um valor de diferenciação positivo na condição de ter limites estáveis e adequados. Uma projecção conseguida em respostas não humanas revela-se em três aspectos: um quadro perceptivo, que deve ser isolado e bem delimitado; um modo de

expressão onde a preocupação de delimitação importa mais que o seu rigor objectivo e um conteúdo que, centrado na mediana, revele uma projecção de uma posição vertical estável no espaço. A transcrição directa do esquema corporal deve obedecer, no caso de respostas humanas, e para ter valor positivo, aos mesmos critérios de diferenciação perceptiva e delimitação conceptual.

- Representação de si face ao ambiente: a imagem de corpo projectada não é uma instância. Ela está carregada de significações diversas, ela concentra tanto o investimento narcísico como do outro, em suma, a necessidade de auto-representação no sentido lato do termo (p. 101). A representação de si e o seu nível de expressão são função das condições de desenvolvimento libidinal, do nível de relação ao objecto, das necessidades, dos medos e do modo como as imagens parentais são vividas. Para a criança, estando a sua maneira de estar no mundo face a outrem muito dependente das relações estabelecidas com as imagens parentais, o discurso que tente elaborar sobre si próprio implica necessariamente uma referência a essas imagens tais como as fantasmiza³⁰.

Rausch de Traubenberg, porque se dedica à criança, procura dar-nos um panorama da progressão que se pode observar no Rorschach na elaboração da representação de si e imagens parentais, representação de si e relação de objecto instaurada:

- Acesso à identidade: Nos casos, raros, onde os limites entre si e o ambiente não existem (imagens com limites fluidos, abordagem perceptiva contaminada ou muito fragmentária) não se dá o caso de observação de imagens parentais diferenciadas. O modo de relação não existe senão pela ligação demasiado estreita com uma imagem maternal muito arcaica numa quase confusão entre sujeito e objecto. Mas projecções desta ordem podem coexistir com tentativas de estruturação que se apoiam no eixo mediano, linha de força da posição corporal, elemento que centra e diferencia. A qualidade formal pode não ser boa, é antes a busca da edificação ("*mise-en-place*") de um esquema corporal que deve ser valorizado. Este objectivo pode ser atingido por diversos meios na condição de que o sujeito tenha em conta a mediana integrando-a na resposta ou que a inclua implicitamente na percepção ("*saisie*") do espaço.
- A procura da identificação: A etapa seguinte já não diz respeito ao problema do acesso à identidade. Uma vez adquirida, o objectivo perseguido é a projecção de uma imagem de si diferenciada, mas ainda dependente do outro, em busca de autonomia (temáticas). Os limites do corpo percebido não estão em causa, é a extensão ("*l'étendue*") do espaço no qual se situa que é ainda problemática, a sua margem de liberdade, de acção. Aqui a reciprocidade das relações torna-se dominante, o eixo médio é então a linha de força de esta interacção. Neste nível de representação de si pode-se viver tanto carenciado como protegido, agressor ou agredido, rapariga ou rapaz à procura de uma identificação não ainda assumida. Quanto mais próximo do acesso à identificação, mais representadas as imagens parentais, que se exprimem na sensibilidade nítida às temáticas dos cartões I, IV, VI e VII do Rorschach. Quando o conflito está ultrapassado e a identificação sexuada bem assumida (8 anos de idade nos normativos), as K diminuem de número, os conteúdos H são mais socializados, por vezes têm papéis sociais. A necessidade de representação das imagens parentais diminui e é a representação de si, a procura de afirmação das suas capacidades e interesses, a projecção da sua imagem no futuro como ser inteiro e sexuada que prevalece sobre as anteriores

³⁰ Melhor que fantasia, que não dá a noção da influência dessa imagem no seu comportamento, como "sombra".

tentativas de *dégagement* para aceder a uma autonomia real. Nos cartões IV e VII transparece então o resultado de uma interiorização conseguida.

As diferentes etapas descritas para as crianças podem ser observadas – em termos diferentes – nos adultos colocando em evidência movimentos regressivos ou pontos de fixação mais ou menos patológicos:

- *A um nível mais evoluído*, que corresponderia a um funcionamento normativo, a representação de si manifesta-se através de identificações estáveis, em respostas humanas inteiras, vivas e sexuadas. A kinestesia traduz o duplo movimento de projecção e de identificação a imagens masculinas ou femininas bem diferenciadas e a capacidade de alternar entre posições activas e passivas, com uma polaridade definida pelo sexo do sujeito. Isto pressupõe uma diferenciação dos papéis masculino e feminino que passa pelo reconhecimento da simbólica sexual específica de certos cartões: reconhecimento da representação de poder fálico (IV e VI) e da simbólica feminina (II e VII). A capacidade de integração e da abertura ao mundo constitui muitas vezes o corolário destas características no sentido de que a identificação conseguida implica uma economia harmoniosa na vida pulsional e afectiva. Encontrar-se-á neste tipo de protocolos uma grande sensibilidade ao ambiente – respostas CF – muitas vezes acompanhada de ressonância ao outro – conteúdos, K – e a possibilidade de trocas tanto positivas como agressivas – integração e interpretação do vermelho (II e III). As noções de distância em relação ao estímulo e de quantidade de afectos são aqui pertinentes na medida em que o sujeito “normativo” é capaz de se implicar mantendo um controle mínimo e de manter os afectos com nuances e variados – E, C, e C’ – em ligação ao estímulo, sem se deixar transbordar (“*déborder*”).
- *O registo muda* quando os protocolos evocam nitidamente dificuldades patentes nas identificações. As representações humanas são inteiras mas a sua identidade sexual é evitada, fluida ou mal delimitada. A alternância torna-se hesitação dolorosa entre as posições que deixam de ser complementares para serem contraditórias e sempre conflituosas. As kinestesias são mal diferenciadas sexualmente e marcam uma dificuldade similar nos movimentos projectados ou nas funções atribuídas. Assiste-se a uma multiplicação das respostas K e H, manifestando uma procura ansiosa de representação de si seja através de imagens modelos por vezes excessivas e caricaturais – hiper-actividade/hiper-virilidade; hiper-passividade/hiper-feminilidade – seja a uma representação kinestésica testemunhando então uma inibição e/ou um evitamento dessa representação. Neste contexto acontece que as representações animais vêm substituir as outras e que as problemáticas se exprimem nas projecções agressivas ou libidinais deslocadas. No Rorschach podem aparecer facilmente elementos permitindo emitir hipóteses justificando dificuldades de identificação. Pode aparecer: a) que uma identificação masculina estava travada por dificuldades importantes no manuseamento da agressividade: toda a “actividade” torna então o sentido de agressividade; b) a identificação feminina pode não ser possível pela projecção de uma agressividade muito violenta sobre as imagens masculinas que se tornam ameaçadoras e perigosas. Nestes contextos os modos de relação aparecem muito conflituosos. A sensibilidade ao ambiente é ou combatida fortemente (F) ou atirada para a frente (C). Não há boa distância: o sujeito está muito próximo ou muito longe, as representações parecem muito impregnadas de fantasmas agressivos ou infantis, ou então desvitalizadas, caricaturadas, afastadas. Estas características podem estar agravadas em protocolos que denunciem grande fragilidade narcísica. Sem que a imagem de corpo esteja atingida na sua integridade, a representação faz aparecer falhas

importantes em particular nas repostas disfóricas, ou mesmo francamente depressivas. Parece haver uma procura constante de gratificação. Revela-se temáticas de tipo abandonico – rochas, vestimentas rasgadas, animais em mau estado, respostas em espelho, regressão importante nos cartões pastel. Paralelamente o investimento das capacidades parece medíocre e as realizações são pobres ou precárias. É preciso diferenciar bem estes protocolos daqueles que revelam perturbações profundas na auto-imagem. Aqui trata-se não de escolha identificatória mas de perda de identidade – incapacidade de identificação a uma representação humana inteira (conteúdos duplos, “morte psíquica”), incapacidade de representação de imagem de corpo inteira (a imagem não pode ser percebida como íntegra ou inteira). A angústia pode ser intensa ou totalmente negada. Afectos massivos ou inexistentes. O sujeito não se percebe mais como tal.

Grelha de Representação de Si

Para Rausch de Traubenberg (1983), o conceito de representação de si afigura-se-lhe adequado “para nos darmos conta deste conjunto de referências [factores que não têm o mesmo significado na criança e no adulto] tal como elas são reveladas no Rorschach pelo seu equilíbrio dinâmico e original. Este conceito é para nós um princípio unificador que permite juntar os diferentes momentos da análise quantitativa e qualitativa, reportando-os ao próprio indivíduo” (p.31). A análise pluridimensional dos conteúdos deve, segundo a autora, “permitir esclarecer as posições fundamentais do indivíduo tal como *ele se vivencia no seu corpo* e no seu universo relacional (...). A representação de si, noção inconsciente, engloba tanto a imagem de corpo como as relações que gravitam à sua volta, as relações que são suscitadas por essa mesma imagem, estruturando-a por sua vez. As respostas concentram em si quer o investimento narcísico quer o investimento do outro e são disso reveladoras. Analisá-las em todas as suas componentes permite situar o estágio atingido pelo indivíduo na procura de si próprio, através das etapas que conduzem à identificação.” (p. 32). Assim, Rausch de Taubenberg procura, através da análise dos conteúdos, que são o corpo da resposta representando como que “o corpo do sujeito”, perceber os seus diferentes momentos constituintes, anotando a categoria à qual pertence (eixo simbólico), a diferenciação entre o todo e as partes (eixo formal) e o tipo de acção, o aspecto dinâmico do conteúdo. Ela elabora assim uma grelha com o objectivo de permitir perceber, com uma cotação particular, “a forma de contacto, ou de acção, ou de interacção, inscrita nos conteúdos referenciais” (p.32). A grelha é constituída por quatro colunas em que os dados se referem à expressão:

- da dimensão corporal – unitária ou não;
- do tipo de relação investida e sua intensidade;
- da identidade sexual e da sua maior ou menor estabilidade real;
- da integração da experiência da identidade própria e da alteridade.

Eis a reprodução da grelha (Rausch de Traubenberg, 1983, adaptação):

1ª coluna	2ª coluna	3ª coluna	4ª coluna
01 H - inteiro	1 Interação recíproca positiva	M	D cont. deteriorado
02 H inf. - criança	2 Interação recíproca agressiva	F	U Unilateral
03 X -H definido pela função	3 Acção bilateral caracter neutro	MF - um e outro	Ge Gémeos/siameses
04 (H) - H irreal	4 Interação act/pass não agressiva	/ não explicito	Ce Cenas
05 H/A - Humano tornado animal ou inversamente	5 Interação act/pass agressiva	O ambiv., bissex. ou instável	Sx Resposta sexual
06 HA - mistura reinos	6 Interação act/pass de depend.		Y Imagem parental paterna
07 Hd - parte do corpo que não a cabeça	7 Acção simples e postura (K, kan)		X Imagem parental materna
08 Hdc cabeça humana ou parte dela	8 Acção com caracter agressivo		Sm Sombra, marca, traços
09 (Hd) Hd irreal	80 Caracter agressivo ou ameaçador sem acção		
00 At Anat human	9 Acção incongruente ou bizarra		
11 A inteiro	10 Acção sofrida		
12 A bebé	11 Imagem em espelho		
13 A pré-história	12 Denomin. simples (não K, kan)		
14 (A) irrealis + omnipotência	13 Desenho, caricatura		
15 A antropomorf.	14 Estátua, múmia		
16 A Walt-Disney	15 Ser H ou A morto		
17 Ad excepto...	16 Imagem incompleta		
18 Ad boca, dentes, chifres, pinças			
19 Ad			
100 Anat A	17 esq. inteiro		
	18 anat óssea		
	19 anat visceras		
	20 sg, art, veias associados a 00 ou 100		
20 Obj. humanos			
21 Obj. c/ valor de cont. maternal			
22 Elementos primitivos Terra, mar, gruta, vale, mundo submarino, céu.			
23 Planta			
24 Linhas, traços, riscos, pontos			
25 buracos			
26 vest, coroas, obj valor narcísico			
27 Outros objectos inteiros			
28 Fragmento de objecto			
29 representação fálica e/ou pulsional			
12 estático			
07 em acção			
30 Alimentação			
40 Abstracção			

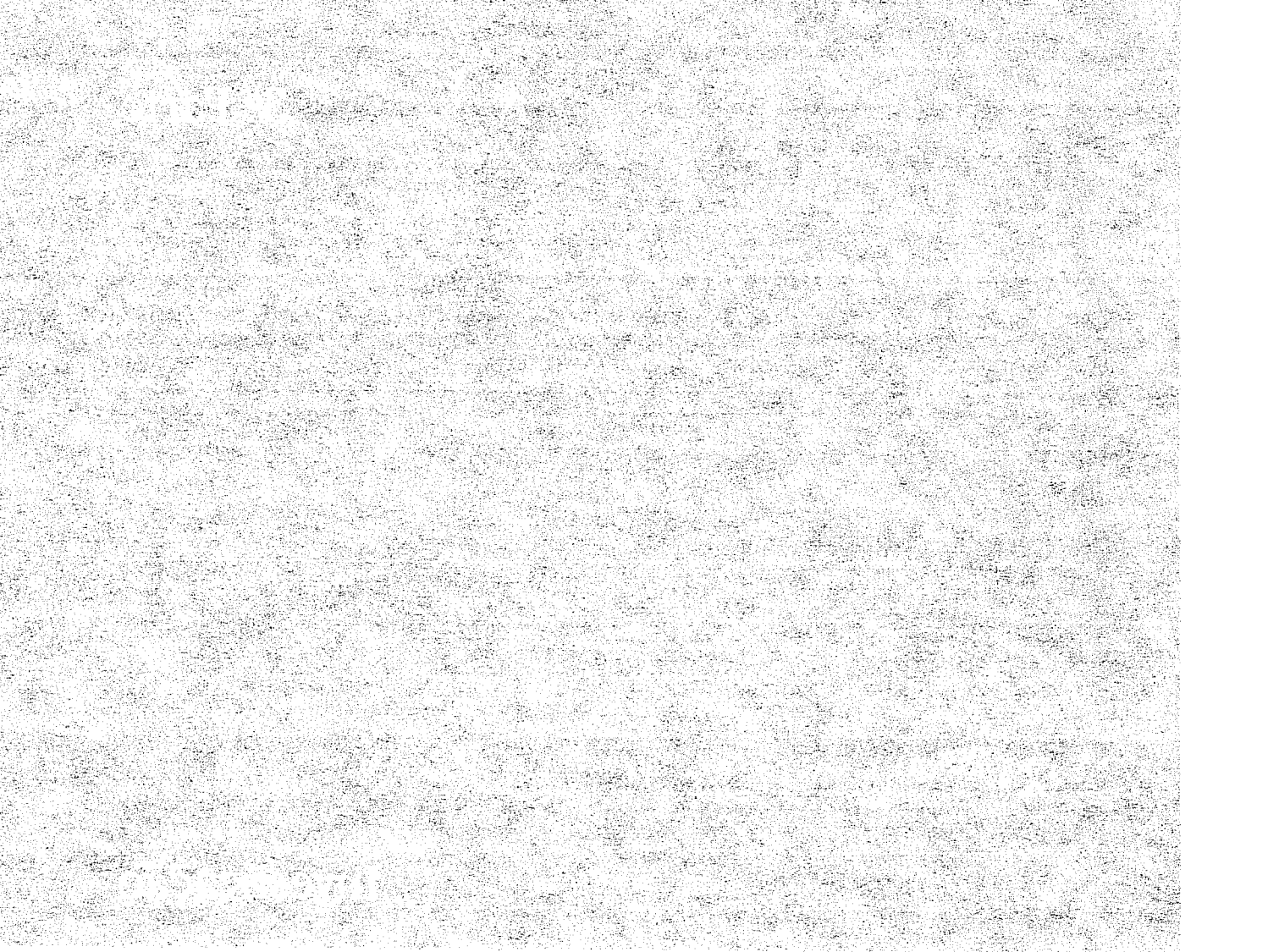
- A primeira coluna corresponde ao objecto representado e exprime a imagem corporal da representação de si na sua totalidade ou no seu aspecto parcial;
- Na segunda a resposta é encarada pelas suas características quanto ao tipo de acção, de relação ou de ausência de relação, dando também conta das imagens em espelho, da incompletude e da morte;
- A terceira coluna especifica a identificação sexual dos personagens: precisa-se a sua determinação ou ambivalência, a sua estabilidade ou instabilidade, o seu modo de expressão crú ou elaborado;
- A quarta regista o carácter unilateral das respostas que pode anunciar a visão em espelho ou a defesa contra uma relação demasiado próxima.

Resumo

A representação de si vai do esboço do esquema corporal à realização da sua unidade para a projecção de uma imagem de corpo sexuado em situação no mundo, face ao outro, que abre o acesso à identificação e à maturidade. O Rorschach testa a presença de uma imagem de corpo integrado.

3ª Parte

Investigação



1. Discussão e Definição do Problema

1.1. Contextualização

A utilização de uma prova projectiva em contexto de selecção carece de algumas considerações prévias à definição dos objectivos do trabalho.

Encontramos em Leal e Marques (1994), a propósito da aplicação do Rorschach em Psicologia da Saúde, algumas reflexões que nos parecem pertinentes para a nossa própria experiência. Dizem elas que “A Psicologia Clínica, fortemente inspirada e apoiada na psicopatologia, desenvolveu e utiliza predominantemente instrumentos (...) que são basicamente “psicopatologizados e psicopatologizantes” (...) [e que] a aplicação destes modelos de compreensão e intervenção a uma população que, sendo mais ou menos normativa do ponto de vista da saúde mental, se apresenta basicamente em *situação de crise* (...) obriga-nos a repensar o âmbito e o sentido dos instrumentos utilizados” (p.481) colocando, portanto, a questão da utilidade e validade clínica do seu uso. As autoras sugerem que, mais que obrigar a um conhecimento profundo do sujeito, deveríamos estabelecer critérios através dos quais se tornasse possível uma aproximação e compreensão sobre as possibilidades adaptativas do sujeito e que tivessem em conta as dimensões psicológicas envolvidas no acontecimento de vida adverso e que neste caso seriam as dimensões da relação que o próprio estabelece com o seu corpo.

Outra abordagem interessante – e, para nós, complementar – é a que Silva (1994) faz do exame psicológico, e das técnicas projectivas em particular, no exame Psico-Legal. Entre outras considerações, chama a atenção para o carácter compulsivo desse exame e para o facto de o motivo do encontro estar omnipresente ao longo do exame, dificultando a “aliança”. E, citando Guillaumin¹ “a situação em que ocorre o exame psicológico interfere de forma específica sobre a natureza do conteúdo dos testes, ou seja, o contexto dos exames determina atitudes e comportamentos e desencadeia a alienação do sujeito àquilo que ele pensa ser o desejo e necessidade do outro (...)” (p. 487).

Partindo da reflexão destes autores, deveríamos primeiro definir as dimensões psicológicas que estivessem em jogo neste acontecimento de vida específico – a candidatura a um emprego – e, depois, determinar de que modo se actualizam na prova que aplicamos. Mas estas (e outras) preocupações não podem deixar de ter um carácter dinâmico. É que, mesmo que colocadas antes de qualquer *praxis*, elas não são verdadeiramente pertinentes senão com essa prática – no sentido de que *são elas que nos interrogam*. E as respostas a estas questões também não podem deixar de advir com a reflexão sobre os seus resultados que, finalmente, vão moldando a nossa “grelha” interpretativa. No capítulo dedicado à discussão dos resultados procuraremos relacionar os dados obtidos com a situação em que se desenrolaram as aplicações da prova, e são descritas em “Contexto e dinâmica de aplicação da prova” (p. 58).

Optamos então, para já, por procurar descrever as diversas hipóteses de trabalho que fomos colocando ao longo do nosso contacto com a prova “Z”.

¹ Guillaumin, J. (1977). *La Dynamique de l'Examen Psychologique*. Paris: Dunod.

1.2. Levantamento de hipóteses de trabalho

Propomo-nos aqui dar uma panorâmica das interrogações e observações que fomos fazendo ao longo da nossa experiência com a prova descrevendo sucintamente aquilo que é, para nós, a sua dinâmica sequencial. Desta forma, pensamos, poderemos introduzir aquelas que foram as nossas preocupações fundamentais e que resultam, agora, num trabalho estruturado de análise.

1.2.1. Dinâmica Sequencial da Prova

Cartão I: “Entrada em cena”

Independentemente da configuração deste cartão, existe uma dimensão prévia à sua apresentação ao sujeito e que está especificamente ligada ao contexto de aplicação. Cartão de entrada na prova, apelidamo-lo de cartão de “entrada em cena” pois quando aí primeiro se vai “actualizar” tanto a projecção que o sujeito faz da expectativa do técnico como a expectativa do sujeito face ao seu próprio desempenho. Sentimos que ele sente mais o olhar do técnico, a sua presença, factores que determinam o “peso” com que o sujeito *aí se coloca*. A reacção ao cartão propriamente dito poderá então trazer consigo esta “pré-disposição”.

A importância deste primeiro cartão transcende portanto a sua configuração. Mas será através dele – com as suas características de massividade e sensorialidade, mais “pesado” –, que se irá “operacionalizar” o contacto inicial com a prova. Duas hipóteses poderão, *a priori*, ser consideradas: a subjugação do sujeito ao estímulo ou a sua utilização ou manipulação criativa. Por um lado, uma subjugação que poderá exacerbar reacções defensivas – crispação, refúgio na banalidade, na forma – que resulta numa projecção de imagem de corpo “despida” de mais atributos que não o da factualidade, da verticalidade ou mesmo mero reconhecimento da simetria, ou que o poderá fazer regredir, aproximando-se de uma fusão com a tonalidade emocional que o cartão facilita. Mais correntemente, no entanto, os atributos estruturais fornecem um sólido quadro formal que ajudam o sujeito na sua tarefa, embora em esforços por vezes traídos por uma observação simetria que denota surpresa, dúvida e interrogação. Podemos por outro lado assistir, mais raramente, a uma libertação dos constrangimentos pré-disposicionais (situação) e estruturais (cartão) numa elaboração criativa, numa simbolização evoluída da situação – exploração de detalhes, projecção de movimento, integração da cor (estompagem) sem manifestações de ansiedade – e, por vezes, numa representação de si evidente e até na representação de relações através de um desdobramento bem conseguido.

Assim, a mancha “obriga” na maior parte dos casos a uma ordem da abordagem – sucessão – em G, D central, D superior, Dd.

A recusa não acontece.

Cartão II: “De surpresa em surpresa”

Se, no primeiro cartão, se trata do primeiro confronto com uma tarefa “não directiva” determinada pelo “peso” tanto das expectativas como da massividade e sensorialidade do cartão, dá-se aqui um novo “impacto”, uma nova surpresa, pela extrema diferença e pelo confronto que a dimensão das cores e das (novas) formas traz face ao primeiro cartão.

Aqui diversas abordagens poderão ser consideradas. Como “se ver” (n) o cartão? É ele bilateral, compacto, ou possuirá ambas as características? Diversas cores, diversos elementos, diversas combinações de

cores e elementos oferecem um campo muito mais alargado (que o cartão I) para a “resolução” da *consigne*. O detalhe central vermelho, ao alto, é muito raramente “divisível”: o detalhe branco central *que o compõe?* oferece um eixo (verdadeira coluna vertebral) que suportará mais ou menos manifestamente uma imagem de corpo ou, só por si, oferecerá uma localização – quando o vermelho passa a ser o fundo e o branco se destaca – para a projecção de uma verdadeira representação de si ou para uma simbolização mais ou menos transparente. Poderá ainda também servir – mais raramente – de separação para uma representação de relações. Os detalhes inferiores castanhos alaranjados oferecem maior suporte para este tipo de representações, muitas vezes deixando transparecer a agressividade – eventualmente suscitada pelo vermelho e aqui passível de ser adaptativamente mobilizada ou neutralizada – com o (bom) suporte da forma, “tão à mão”... Os detalhes verdes, complementos que observam (“olhos”) ou que estão meramente presentes (“plantas”)...

Mas acontecem frequentes ensaios de uma aproximação global ao cartão numa integração dos três grandes detalhes, cada um com a sua função, com o seu significado. Não é com facilidade que isso acontece, mas o prazer da composição, nos casos “bem sucedidos”, é inegável. Inversamente, tentativas de apropriação global da(s) mancha(s) sem a correlativa e sólida representação interna resultam numa procura angustiada e artificial.

Finalmente, os casos em que há “esquecimento” de um ou de dois dos detalhes, equivalentes choque ao vermelho, ao verde e, talvez, ao castanho. Mas mais frequentemente é o detalhe vermelho e/ou o detalhe branco que poderão provocar sideração tal que o resto dos detalhes desaparecem: o campo perceptivo está invadido, o campo emocional “ocupado”, as capacidades cognitivas “obnubiladas”.

Daqui resulta que a ordem de abordagem seja normalmente muito significativa.

A recusa é rara, embora hajam algumas reacções a que chamaremos “equivalentes recusa” pelos evidentes mecanismos de recalamento ou outros presentes.

Cartão III: “Condensação”

O último cartão, contendo pela sua configuração um convite à representação de relações e, eventualmente, uma implicação simbólica feminina ou maternal, pode deixar transparecer a atitude do sujeito face à situação: o vermelho pode induzir agressividade, a dinâmica do cartão (cartão “dinâmico”) pode libertar expressões do equilíbrio/desequilíbrio que foram/são sentidas pelo sujeito durante a prova e durante a entrevista.

A menos que confrontado com grande angústia quando o branco é ressentido como vazio – ansiedade relativa à imagem de corpo ou integridade corporal, directa, ou regressão pelo convite à representação de relações (inversão é algo frequente) – encontram-se respostas muito dinâmicas, ricas, expressivas, por vezes em regressões controladas. Outras, a representação humana em relação, carregada de afectos, não pode ser directa, tem de ser indirecta ou é ambivalente.

Com isto, coloca-se a questão da legitimidade do ver ou não a banalidade G K H neste cartão. Daí o termos por vezes optado por interrogar sobre esta eventual banalidade depois do teste concluído.

Inquérito: “Resolução?”

O inquérito, já o dissemos, deve ser rigoroso e convidar a novas respostas. Dado que a prova tem apenas três cartões é frequente que as dadas no decurso da primeira passagem se tornem escassas. Mas fomos

observando, ao longo da nossa prática, que certos comentários realizados após o seu final adquiriam especial importância face aos conteúdos da prova propriamente dita. Optámos então por uma sistematização introduzindo uma interrogação final, que notamos “?”, onde convidamos o sujeito a comentar os cartões ou a prova (vide p. 17 para justificação e desenvolvimento deste procedimento) . Em certos casos esta interrogação irá permitir um desbloqueio importante: pois se, como dissemos, a prova introduz-se “pesada”, ao oferecermos ao sujeito uma oportunidade de se libertar ele poderá, finalmente, dar corpo a certas representações até aí inviáveis. De um ponto de vista objectivo, poderá satisfazer-nos ao fornecer certas banalidades, esclarecer certos mecanismos, tranquilizando-nos, afinal, quanto às suas capacidades.

1.2.2. Discussão

Nas conclusões apresentadas relativamente à caracterização da prova “Z” foi defendido que esta prova tem uma especificidade própria, sendo a questão da sua validação e estandarização delicada pela natureza mesmo da prova.

O objectivo deste trabalho não tem portanto a ver com a validação da prova através da sua comparação com outra, procedimento discutível nestes casos. É antes essa especificidade e sensibilidade que nos interessa caracterizar e aprofundar tendo em conta tanto o contexto em que é aplicada como as nossas interrogações e necessidades. Em determinado ponto da nossa experiência fomos confrontados com a utilização por parte de um colega, por nossa sugestão e com o seu acordo, com a utilização de um número seleccionado (em função de critérios então definidos) de cartões Rorschach. A impressão que nos deixou, puramente empírica, é a de que uma e outra prova são radicalmente diferentes na medida em que a sua dinâmica de interpretação é também ela completamente diferente. Porquê? Encontramos a seguinte explicação, fruto apenas da nossa reflexão: é que *o técnico tem*, ao aplicar uma ou outra prova, e pelos conhecimentos que possui, pela experiência que tem na sua utilização, pelo corpo teórico que domina, *um determinado quadro de expectativas*. Mas essas expectativas poderão ser inteiramente diferentes perante uma e outra prova. Para um técnico treinado no Rorschach as respostas “Z” não lhe são estranhas. Mas para quem, como nós, se habituou a utilizar o “Z”, as respostas Rorschach pareceram-lhe, na altura, “estranhas”. Mais concretamente sentindo que a sua dinâmica era completamente diferente.

Do ponto de vista dos princípios gerais não temos dúvidas em classificar ambas as provas na mesma categoria. As suas características fundamentais são as mesmas, a saber, a construção das manchas à volta de um eixo vertical mais ou menos evidente e manifesto – simétricas, portanto –, e de carácter espalhado. E, dado que as consignes são análogas, o mecanismo-base que opera na “resolução” da prova é o mesmo – a projecção.

Sentimo-nos assim autorizados a examinar estruturadamente os diferentes compromissos projectivos que se estabelecem no “Z”, compromissos esses longamente testados no Rorschach. Mas sem qualquer espírito comparativo. Por outras palavras: o compromisso projectivo estabelece-se no Rorschach de determinadas maneiras, fruto tanto das características objectivas do material como da situação como da própria pessoa. Como se estabelece ele no Zulliger?

A análise deste compromisso não pode, por um lado, ser *global*. Não podemos atender a todas as variáveis em jogo, estudar ao mesmo tempo a problemática, o tipo de angústia, os mecanismos de defesa, a expressão da imagem de corpo, a representação de relações. E, por outro lado, *não pode ser directa, tem ser inferida*. Propomo-nos “pegar” apenas num destes campos de estudo e privilegiaremos aquele que, numa análise qualitativa, mais directamente reflecte as características objectivas das prova (e que lhe dá a sua especificidade): a projecção de uma imagem de corpo.

2. Objectivos

Assim, teremos:

1. Assumindo como princípio geral o de que as provas projectivas estruturais, nomeadamente o Rorschach, pelas características e análises já enunciadas, solicitam a projecção de uma imagem de corpo e, mais geralmente, uma representação de si, propomo-nos examinar o comportamento da prova "Z" nessa solicitação. Mais concretamente procuraremos tipificar diferentes modalidades de expressão da imagem de corpo ou, mais geralmente, de representação de si, em função de cada cartão e/ou de cada detalhe isolando, ou, pelo menos, esboçando, e de acordo com Boizou, Chabert e Rausch de Traubenberg (1978) a qualidade dessas expressões – evoluídas ou arcaicas.
2. Paralelamente, e porque, por um lado, não existem para a prova "Z" valores normativos para uma população portuguesa adulta e, por outro, porque esses e outros valores serão auxílios preciosos no estudo definido em 1., analisaremos de um ponto de vista quantitativo alguns dos principais factores produzidos pela análise quantitativa clássica, nomeadamente:
 - a) pesquisa de banalidades;
 - b) produtividade total e cartão a cartão;
 - c) respostas globais totais e cartão a cartão;
 - d) respostas grande detalhe totais e cartão a cartão.

3. Recolha dos Dados e Caracterização da Amostra

3.1. Contexto e dinâmica de aplicação da prova

A aplicação da prova e registo dos respectivos protocolos foi sempre feita no âmbito de um processo de selecção e sempre na sequência de uma entrevista individual com a sua dinâmica própria. Descreveríamos esta dinâmica como composta de três fases:

Numa primeira fase trata-se do estabelecimento de uma relação, que se inicia, regra geral, quando o entrevistador elucida o entrevistado quanto à sua função deixando claro que a sua formação é em psicologia e que a entrevista se destina a obter dados relevantes para a selecção em causa. De entre estes destacam-se as razões de candidatura e as suas motivações específicas (sua consistência), que procuramos de seguida enquadrar num quadro de vida mais alargado que inclui o percurso pessoal e profissional do candidato; mas para além dos aspectos factuais e dos eventuais juízos que sobre eles se possam fazer é o aspecto relacional que se privilegia. O despiste de traços psicopatológicos que constituam contra-indicação para a função em causa é, também, um dos objectivos da entrevista. Conhecimento prévio do candidato é apenas obtido normalmente através da leitura do seu *Curriculum vitae* e respectiva carta de apresentação ou de candidatura. Mais raramente há um contacto telefónico prévio.

Depois de estabelecida (e vivida) a relação, uma segunda fase é dedicada à aplicação da prova que é vista como um complemento da entrevista. Trata-se, num primeiro nível, de completar um pequeno diagnóstico de personalidade, de modo de funcionamento mental, que poderá “adequar” determinado candidato a função, posto de trabalho, grupo ou equipa. A outro nível, confirmar ou não a existência de traços psicopatológicos. Normalmente inicia-se a abordagem desta fase indagando o candidato quanto à sua experiência de realização de testes vulgarmente chamados psicotécnicos, registando os seus comentários e clarificando, se necessário, o contexto em que foram feitos, procedimento que visa averiguar da sua atitude perante provas deste género e, eventualmente, procurar desconstruir o candidato. Seguidamente interroga-se o sujeito quanto à sua disponibilidade de realização de um pequeno teste, ou prova. Todos os candidatos dão o seu acordo, por vezes com constrangimento evidente. Nestes casos, mesmo informando-o de que não é indispensável que a faça, ele não a recusa. Recomenda-se ainda que caso já a tenha feito, ou uma semelhante, que informe o entrevistador. Após estes procedimentos dá-se a *consigne* (vide *Consigne utilizada*, p. seguinte) e inicia-se a aplicação da prova.

A terceira fase inaugura-se, regra geral, com um “*Gostou de fazer este teste? Já tinha feito algo de semelhante? O que é que achou?*”. É normalmente uma fase “residual” onde se espera do candidato que coloque quaisquer questões ou dúvidas relativamente à função, remuneração, condições de trabalho, horário, etc. No entanto, para certos candidatos, esta fase de entrevista assume outros contornos: a aplicação do teste e a própria entrevista (também) tendencialmente não directiva podem suscitar associações significativas. Uma ruptura demasiado brusca deixaria então o sujeito demasiado fragilizado. Trata-se então de um momento de clarificação, de elaboração, de separação.

No conjunto, o(s) momento(s) de uma entrevista tal como a caracterizámos pode ser extremamente gratificante. Independentemente de outros juízos, uma relação “conseguida”, fluida, traz tanto ao entrevistador como ao entrevistado uma mais valia que não se pode desprezar com significado

existencial: reconhecimento mútuo, confirmação recíproca, adequação, prazer; poderíamos dizer que a entrevista “conseguida” é aquela que ultrapassa o seu próprio quadro pois, por paradoxal que pareça, os intervenientes, sem ultrapassarem os limites tacitamente convencionados, acabam por deixar para segundo plano a recolha de informações para investir prioritariamente a própria relação. Noutra ângulo, situamos as entrevistas tipo “inquérito”, que não passam de uma sequência de perguntas e respostas, ou interrogatórios, e que tornam a missão do entrevistador menos atraente. Noutra situaríamos certas entrevistas que apelidaríamos de “profissionais”: não se institui uma verdadeira relação na medida em o sujeito, legitimamente, não se expõe, limitando-se à factualidade e ao que julga pertinente para o processo de selecção. Noutra ainda situamos as relações marcadamente transferenciais (exacerbadas pela posição de relativo poder do entrevistador): o sujeito pode-nos tomar, mais vulgarmente, como detective, juiz, representante da moral, etc. Cada um destes “climas” induz-nos, naturalmente, determinados sentimentos que poderíamos chamar, em sentido lato, de contra-transferenciais. Não podemos também deixar de referir um dia mais difícil do entrevistador, mais cansado, menos disponível, ou uma ansiedade e nervosismo, naturais, por parte do candidato. Condições exteriores pouco favoráveis perturbam, naturalmente, o decorrer da prova.

Não é nosso propósito apresentar, objectivamente, as relações que se estabelecem entre a primeira fase da entrevista e a prova, nem entre a prova e a fase que se lhe segue. Não tivemos, ainda, oportunidade para proceder a essa sistematização. Mas parece-nos indispensável referi-lo. Entre outras reflexões necessárias, a avaliação de cada candidato deve espelhar a relação entre estes diversos momentos. Especial importância deve ser dada a alterações de atitude entre eles que assumem então relevância e significado. Chabert (1983) sublinha, para a prova Rorschach, e que subscrevemos para o “Z”, o carácter necessariamente relacional e personalizado da situação de teste, procurando chamar a atenção para o estabelecimento de uma relação *mediada* por um objecto terceiro que encontra o seu sentido na expressão de um e na escuta de outro através de uma troca de cada vez específica e particular. No nosso caso, temos em atenção estes sucessivos momentos em que de uma relação não mediada evoluímos para uma relação eventualmente transaccional e de novo para uma situação não mediada. Alguns exemplos:

- . A partir de uma relação aparentemente fluida e descontraída podemos assistir a uma crispação perante a prova, a um erguer de barreiras e defesas, a uma mobilização importante de energias, de contra-investimentos;
- . Noutra valência a prova oferece por vezes um campo verdadeiramente transicional: o sujeito, depois de utilizar mecanismos, por exemplo, de tipo fóbico, acaba por sentir verdadeiro prazer na interpretação (na projecção, sentido lato), podendo ser verdadeiramente expressivo e mesmo criativo;
- . Em certas situações interrogamo-nos mesmo se esta não terá um efeito catártico;
- . A prova pode ainda aparecer-nos como altamente consistente com o comportamento até aí evidenciado.

A ponderação cuidada deste e de outros tipos de comportamentos vai-nos permitir aferir os conteúdos efectivos das produções verbais, oferecendo uma moldura, um écran, onde projectamos (!), onde situamos o sujeito e a nossa avaliação.

Consigne utilizada

A consigne utilizada é a seguinte: *“Trata-se de uma pequena prova bastante simples e que não envolve grandes conhecimentos ou, pelo menos, não tem respostas certas ou erradas. Vou-lhe*

mostrar três imagens (o sujeito observa os cartões que estão virados ao contrário de modo a que não as veja), uma a uma, e o que lhe peço é que me diga o que poderiam ser cada uma delas ou, eventualmente, aquilo em que o fazem pensar. Não há limite de respostas, tanto me pode dar uma como duas como três, ou aquelas que quiser: não há limite de tempo. Quando acabar uma imagem, passamos à segunda, e depois à terceira. Qualquer coisa que me queira perguntar, em qualquer altura, não hesite em fazê-lo. Também pode dar respostas em partes da imagem, se lhe lembrarem qualquer coisa, não precisa de ser toda, faça como quiser. Eu vou apontando aquilo que me for dizendo. Tem dúvidas? Podemos começar?"

Alterações / Modificações na técnica

A nossa experiência com a prova levou-nos assim a introduzir algumas modificações relativamente à consigne e à técnica propostas por Zulliger (vide 1ª parte, *Consigne*, p. 22):

a) **Consigne:** Contrariamente ao proposto por ele para adultos, a *consigne* é muito “completa”. A razão pela qual optamos por esta é de que a nossa experiência nos diz que obtemos protocolos incomparavelmente mais “ricos” do que se a *consigne* fosse mais “incompleta”, mesmo quando esclarecemos o sujeito, durante a prova, das outras opções interpretativas. Por outro lado, enquanto Zulliger justifica uma *consigne* sintética com o argumento de que, com ele, os sujeitos sempre sabiam que viriam a serem testados, connosco isso não é evidente.

b) **Inquéritos:** Na mesma linha de acção para obtenção de dados utilizamos um segundo inquérito que, incluindo o “inquérito dos limites” (que se destina a clarificar a localização e determinante de respostas menos evidentes a este respeito), procura novas associações: “*Gostaria de ver consigo novamente os três cartões para ver se compreendi tudo bem ou para tirar algumas dúvidas em relação a uma ou outra das suas respostas. Também pode ser que se lembre de mais alguma coisa*”. Para cada cartão lemos as respostas uma a uma incluindo as observações registadas, dando espaço a novos comentários ou novas respostas. Por vezes recorremos a “*Faz alguma ideia de porque é que deu esta resposta*”? ou “*Aqui foi por causa da cor? Da forma*”? quando isso não é espontâneo e quando encontramos dificuldades para estabelecer o determinante da resposta. Por vezes, com candidatos mais inibidos, menos colaborantes, ou pela natureza própria do processo que originou a resposta não conseguimos estabelecer, com certeza, esse determinante; neste caso optámos por cotar de acordo com o “normal”, ou seja, aplicamos uma cotação “*standart*”. Excepcionalmente, quando a banalidade do cartão III não aparece, delimitamos o percepto e perguntamos “*assim não lhe lembra nada*”? ou “*estas formas poderiam ser humanas*?”. Para este procedimento, raro, poderá objectar-se não ser metodologicamente correcto. De facto, pensamos que a objecção é pertinente: o procedimento deriva, em parte, de uma preocupação pessoal que talvez pudesse não ser imposta ao candidato; o facto de sabermos, ou não, se o sujeito, a nosso pedido, “dá” a resposta (que, espontânea, seria) banal não só não nos esclarece como contradiz a *consigne*. Essa preocupação derivou portanto, para além da necessidade de avaliação do candidato, de uma certa insegurança relativamente à prova e que, de acordo com os objectivos que formulamos, nos propomos minimizar com este trabalho.

c) **Prova das escolhas:** Outra alteração importante prende-se com o final da prova e foi desenvolvida inicialmente para procurar obter dados complementares em protocolos muito “pobres” ou inibidos e que se prende com uma “prova das escolhas” e que fomos aperfeiçoando. É prática comum com a prova Rorschach perguntar ao sujeito, no fim da prova, qual ou quais cartões gostou mais e menos. No início da nossa experiência profissional com o “Z” procurámos fazer o mesmo, mas isso

não parecia trazer vantagens evidentes: para além de serem só três cartões, a esmagadora maioria dos sujeitos recusava o cartão I e escolhia o cartão II, não me dando senão um sinal da conformidade. As escolhas mais significativas seriam assim as “anormais” (escolher o I e recusar o II, por exemplo). No entanto, observámos que certas pessoas, nesta altura, ultrapassavam o quadro proposto e comentavam um ou outro cartão. Numa segunda fase, intermédia, optámos então por ser menos directivos perguntando “*Qual delas é que realça? Sim? Porquê?*” para finalmente passar a concluir a prova com: “*Para acabarmos, vou-lhe mostrar as três imagens (colocando-as em frente ao sujeito). Gostaria de acrescentar alguma coisa sobre qualquer uma delas? Algum comentário? Qualquer outra coisa que gostasse de dizer?*” Apesar de podermos perder alguma informação relativa aos sujeitos que “ultrapassam” o quadro (normativo, conformista) das escolhas, este procedimento parece-nos ter vantagens evidentes por vários motivos. Ele liberta desde logo o sujeito da *consigne*. A possibilidade que oferece ao sujeito de se exprimir fora do quadro específico é importante. Deixa de ser propriamente no quadro da aplicação, já não é *O que vê aqui* mas *Diga o que quiser depois disto e disto*. É pouco frequente que não diga nada, e é frequente que o que diz seja um dado qualitativo significativo. Este procedimento, que notamos “?”, “separa” assim o sujeito da prova e oferece-lhe um momento onde pode fazer a sua crítica, a sua elaboração ou a sua “descarga”. Por outro lado, prepara a fase final da entrevista onde nos parece importante poder dar espaço ao sujeito para, eventualmente, poder resolver a tensão que pode surgir tanto por ser-se sujeito a uma prova desta natureza, sobretudo em selecção, onde o indivíduo “não pode” recusar a prova e onde não se lhe dá qualquer *feed-back*, como pela própria entrevista. Este retorno é por vezes pedido, normalmente em termos semelhantes a este: “*Para que é que serve o teste?*” ou “*O que é que vê nisto?*”. Deste modo, encontrar-se-ão, no final de cada protocolo (Anexo 2), diferentes notações, que vão desde a prova das escolhas, passando por um procedimento intermédio, até a “?”. Em certos casos nenhum destes procedimentos foi utilizado. De entre as reacções mais comuns a “?” destacamos:

“Positivas”: agrado, alívio, traduzível em sopros, suspiros, equivalentes à resolução da ansiedade ou prazer evidente na expressão;

“Negativas”: confusão, perplexidade, aumento da ansiedade;

“Neutras”: “não”, “não quero dizer mais nada” ou “não tenho mais nada para dizer”.

3.2. Caracterização da população

3.2.1. Acções de selecção e habilitações literárias e profissionais

Como foi dito no ponto 3.1. deste capítulo, a aplicação da prova (e recolha do respectivo protocolo) foi sempre feita no âmbito de um processo de selecção e sempre na sequência de uma entrevista individual com uma dinâmica então descrita. Utilizamos no estudo todos os protocolos “viáveis”: apenas excluímos os que não possuíam os requisitos mínimos, nomeadamente os que não tinham inquérito e os que foram obtidos com condições externas muito desfavoráveis, ou seja, os que não nos ofereciam segurança (uma minoria). Foram então obtidos cento e dezanove protocolos distribuídos por oito diferentes acções de selecção, de acordo com o quadro 7.

Quadro 7
Acções de Selecção e Número de Protocolos Obtidos

Acção de selecção	Principais requisitos exigidos	Núm. de protocolos obtidos (n = 119)
Ciências da educação (CE)	licenciatura em ciências da educação, carta de condução.	8
Engenheiro civil (EC)	licenciatura em engenharia civil, na área de urbanização e planeamento, até 30 anos.	2
Eng. Técnico Mecânico (EM)	bacharelato em engenharia mecânica ou grau superior, carta de condução.	56
Formador de ciclomotoristas (FC)	12º ano, carta de condução categ. "A", mais de 21 anos.	8
Professora primária (PP)	curso de professor do 1º ciclo do ensino básico, idade entre 25 e 40 anos, carta de condução.	14
Téc. aux. de relações públicas (RP)	12º ano (preferência bacharelato em relações públicas ou equivalente), carta de condução.	14
Secretária de direcção (SD)	curso do Instituto Superior de Línguas e Administração ou equivalente.	13
Técnico de contas (TC)	bacharelato em contabilidade ou equivalente, até 30 anos.	4

Observa-se que o nível mínimo de habilitações literária é o 12º ano. Cursos médios e bacharelatos são muito frequentes. Existe também uma percentagem significativa de licenciados.

3.2.2. Sexo

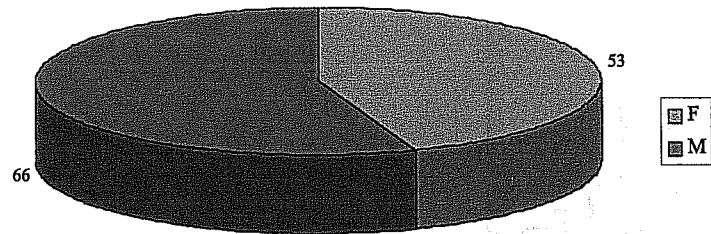
Relativamente ao sexo dos sujeitos pode observar-se no gráfico 1 a sua distribuição. O quadro 8 mostra a sua distribuição por acção de selecção:

Quadro 8

Acção de selecção	F	%F	M	%M	Total
CE	8	100	0	0	8
EC	1	50	1	50	2
EM	7	12	49	88	56
FC	0	0	8	100	8
PP	11	79	3	21	14
RP	10	72	4	28	14
SD	13	100	0	0	13
TC	3	75	1	25	4
Totais	53	45	66	55	119

Gráfico 1

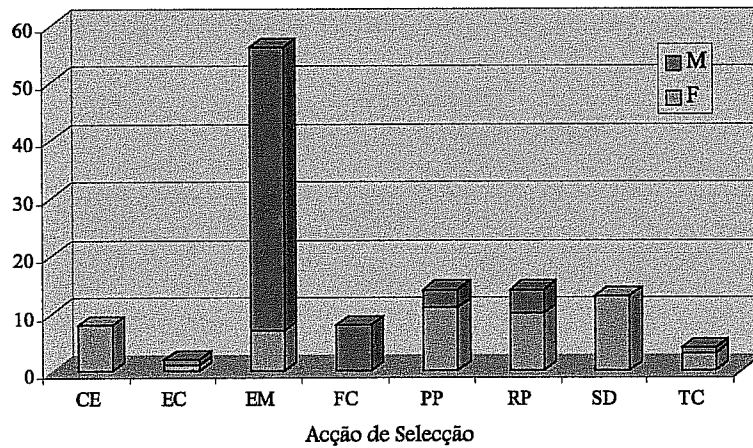
Distribuição da População por Sexo



Relativamente à representatividade de cada acção observa-se no gráfico 2 o peso da acção "EM", com 56 sujeitos, ou seja 47,06% da amostra.

Gráfico 2

Distribuição da População por Acção de Selecção Diferenciada quanto ao Sexo



3.2.3. Idades

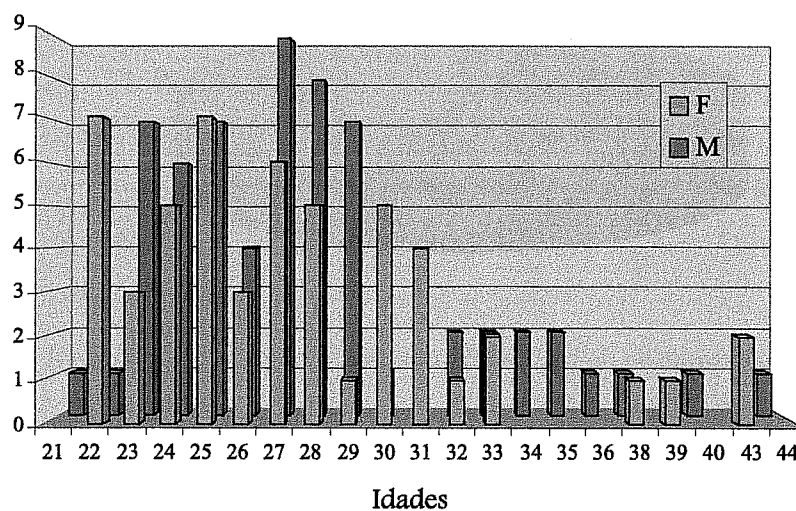
Relativamente às idades da nossa população, atente-se no quadro 9:

Quadro 9
Distribuição das Frequência das Idades

	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	38	39	40	43	44	
F		7	3	5	7	3	6	5	1	5	4	1	2				1	1		2	53	
M	1	1	7	6	7	4	9	8	7	1	3	2	2	2	2	1	1		1		1	66
Tot	1	8	10	11	14	7	15	13	8	6	7	3	4	2	2	1	2	1	1	2	1	119

Observa-se que a população feminina tem entre 22 e 43 anos de idade e que nesse intervalo não tem elementos entre os 34 e 36 anos, e que a masculina se situa entre 21 e 44 anos. Gráficamente:

Gráfico 3
Distribuição da População por Idades e por Sexo



Observamos também, conforme o quadro 10, médias etárias muito próximas entre F e M, embora as modas sejam diferentes. Este facto explica-se por um maior número relativo de sujeitos do sexo feminino igual ou acima dos trinta anos.

Quadro 10
Dados Gerais da Amostra

		Intervalo de idades	Médias	Modas	Desvio médio	Desvio padrão
Femininos:	53	22 a 43	27,58	22	3,67	4,90
Masculinos:	66	21 a 44	27,78	27	3,30	4,43
Total de protocolos:	119	21 a 44	27,80	27	3,47	4,65

4. Instrumentos de Avaliação

4.1. Sistema de cotação

As respostas foram codificadas pelo sistema de Ombredane-Canivet, adoptado pela Associação Francesa de Rorschach e de Técnicas Projectivas, de acordo com a seguinte terminologia^a:

Quadro 11

Siglas	Significados
R	Número total de respostas.
Localizações	
G	Resposta global (totalidade da mancha, com excepção do cartão III, que se admite a omissão dos detalhes vermelhos).
DG	Resposta global elaborada a partir de um grande detalhe.
DdG	Resposta global elaborada a partir de um detalhe raro.
G/	Resposta global omitindo um detalhe mínimo.
Gbl	Resposta global incluindo o branco intermacular.
D	Grande detalhe, parte do cartão frequentemente utilizado (critério estatístico).
DDbl	D incluindo o branco.
Dd	Pequeno detalhe, parte raras vezes interpretado (critério estatístico).
DdDbI	Dd incluindo o branco.
DbI	Detalhe branco intermacular.
Do	Detalhe "oligofrénico" (inibitório).
Determinantes	
F	Forma, resposta determinada exclusivamente pela percepção do contorno.
F+	Forma bem vista (critério estatístico).
F±	Forma "indeterminada", correspondente a respostas cujo conteúdo em si é indeterminado (ex.: nuvens, manchas).
F-	Forma mal vista (critério estatístico).
K	Resposta "cinestésica", determinada pela percepção de uma figura humana viva e em movimento.
kp	Pequena cinestesia, determinada por: 1) uma forma humana, vista em movimento, localizada em Dd; 2) ou por uma parte do corpo humano, vista em movimento violento, localizada num D.
kan	Forma animal vista em movimento.
kob	Força da natureza ou objecto visto em movimento.
FC	Resposta determinada pela forma e, em segundo lugar, pela cor.
CF	Resposta determinada pela cor e, em segundo lugar, pela forma.
C	Resposta determinada exclusivamente pela cor.
Cn	Nominação cor.

^a Fonte: "Teste de Rorschach: Atlas e Dicionário. Padrões Preliminares para o Meio Brasileiro". Coord. Monique Augras. Fundação Getúlio Vargas, serviço de publicações, Rio de Janeiro, 1969 (adaptação).

FE	Resposta determinada pela forma e, em segundo lugar, pelo esfumado.
EF	Resposta determinada pelo esfumado e, em segundo lugar, pela forma.
E	Resposta determinada exclusivamente pelo esfumado.
FClob	Resposta determinada pela forma e, em segundo lugar, pela impressão de mancha escura, com carácter disfórico.
ClobF	Resposta determinada pela impressão de mancha escura e, em segundo lugar, pela forma.
Clob	Resposta determinada exclusivamente pela impressão da mancha escura, com carácter disfórico.
FC',C'F, C'	Respostas tendo como determinante secundário ou principal, a cor preta da mancha (ou a branca, tratando-se de Dbl).

Conteúdos

Elem.	Um dos quatro elementos (ar, água, terra, fogo).
Frgm.	Fragmento.
Geo.	Geografia, mapa.
Pl.	Planta, árvore, flor.
Nat.	Natureza, paisagem.
A	Animal.
A/Cena	Cena animal.
Ad	Parte de corpo de animal.
Anat.	Anatomia, radiografia, osso, vísceras.
Sg.	Sangue.
Sex.	Sexo.
H	Figura humana.
H/Cena	Cena humana.
(H)	Figura fantasiada, fantástica ou exótica.
Hd	Parte do corpo humano.
Másc.	Máscara.
Obj.	Objecto fabricado.
Alim.	Alimento.
Arte	Quadro, desenho, escultura, instrumento musical.
(Arte)	Quadro sem significação.
Arq.	Arquitectura, edifícios, fontes.
Simb.	Símbolo.
Abstr.	Abstracção.
Ban	Respostas banais ou populares (critério estatístico).

4.1.1. Especificidade da cotação na prova “Z”

A prova “Z”, pela sua especificidade, exige, segundo alguns autores, diversas alterações na codificação das respostas. Morali-Daninos e Canivet (1970) propõem, para a aplicação colectiva, o seguinte:

1. Onde no Rorschach se cota Clob, FClob ou ClobF; E, FE ou EF e kan, kp ou kob, cotar num primeiro momento exclusivamente o aspecto formal da resposta – F+, F- ou F± – e num segundo momento a influencia Clob, E ou k. Exemplos:

Cartão I:

Uma pele de búfalo [G] G F+ (FE) Ad
(Pendurada numa cabana.)

Cartão II:

Dois animais à luta [D inferior] D F+ (kan) A

O objectivo destas alterações, que aumenta “artificialmente” o número de determinantes, seria duplo:

- por um lado tornar mais fidedigna a fórmula F+% (F+ + F±/ n° total de respostas F) dado que o número de determinantes que a compõe aumenta;
 - por outro lado permitir elaborar uma fórmula secundária de ressonância íntima (x k : y E),
2. Morali-Daninos e Canivet não incluem a influência “Clob” nesta fórmula secundária (que é uma fórmula de tendências) pois acham que não é uma tendência afectiva reprimida (como E) mas um sinal patológico que exige estudo aprofundado.
3. Um caso particular: as respostas de tipo “Animais que se enfrentam” que no Rorschach são cotadas D F+ A notando à margem “⇒ kan” (tendência kan) dado que não reflectem movimento efectivo e não entram na fórmula secundária, no “Z” passam a ser cotadas D F+ (kan) A e entram na fórmula secundária dado que Morali-Daninos e Canivet não as diferenciam.
4. Para uma percepção única, de conjunto, normalmente uma cena composta de vários elementos, cotam apenas uma resposta;
5. No entanto, no caso de haver determinantes diferentes e importantes cotam as várias respostas: Exemplo:

Cartão III:

Dois homens à luta e o sangue deles [G] G K H
D C Sg

6. Por analogia com o cartão III do Rorschach, no cartão III do “Z” respostas como a do exemplo precedente ou, mais simplesmente, “Homens à luta”, são cotadas “G”.
7. Quando o sujeito indica para um mesmo estímulo “isto ou aquilo” cotam apenas uma resposta se “isto” ou “aquilo” tiverem cotações idênticas. Exemplo:

Cartão I:

Morcego ou borboleta [G] G F+ A
uma resposta

8. No entanto, havendo determinantes diferentes ou conteúdos diferentes, cotam as duas respostas. Exemplo:

Cartão I:

Escaravelho. Uma folha de alface já meio

apodrecida

[G]

G F+ A

G F+ (FE) PI

duas respostas

9. Cotam uma só vez por protocolo “mancha de tinta”, normalmente F± (EF).

10. Quando um sujeito depois de uma resposta dá várias outras respostas e volta a ela completando-a ou justificando-a estas não são normalmente cotadas a menos que representem dados qualitativos importantes. Exemplos:

Cartão I:

Morcego.

[G]

G F+ A

Ao meio, folha de plátano.

[D]

D F+ PI

Aqui as patas, ali os olhos. [detalhes
“justificativos” da resposta]

[Dds]

não cotada

Cartão III:

*Duas figuras a dançar. Quatro. Duas grandes e
duas mais pequeninhas atrás.*

[G]

G K H

Uma borboleta.

[D]

D F+ A

*Os dois personagens maiores estão a pegar
nas asinhas da borboleta.*

[D]

D F+ A

*Olhando individualmente, as pernas parecem
dois ratinhos pequeninos.*

[Ds]

D F± Obj.

*Os dois mais pequenos têm chapéus na cabeça
e os dois grandes têm máscaras e luvas.*

[“valor acrescentado”]

cotada

11. Quando uma primeira resposta é vaga (Ex.: Cartão I - “animal...”) e mais tarde o sujeito precisa-a (“pode parecer um insecto”) cotam uma só resposta.

4.1.2. Modificações na cotação

As propostas de Morali-Daninos e Canivet foram por nós adoptadas na sua maioria. No entanto, e no que diz respeito à primeira proposta, se de facto a alteração produz certos benefícios, produz também alguns inconvenientes a que gostaríamos de obstar. Assim, ao relegar para um segundo plano as cotações que envolvem os factores Clob, E e k os autores introduzem uma “artificialidade” no psicograma (e, conseqüentemente, na avaliação quantitativa global do sujeito) que passa a não reproduzir a sua imagem fiel e completa (“balanço”) dado que reduzida, para estes factores, à forma. Invertamos então o procedimento dos autores mantendo a cotação Rorschach “standart” mas “caracterizando” num segundo plano a forma (+, -, ±). Deste modo, poderíamos satisfazer o cálculo

mais fidedigno da fórmula $F+\% = ([F+] + [F\pm]) / [n^\circ \text{ total de respostas } F, \text{ primeiro e segundo plano}]$) e elaborar uma fórmula secundária de ressonância íntima ($x : y$ E). Exemplos:

Cartão I:

<i>Uma pele de búfalo</i>	[G]	G FE (F+) A
<i>(Pendurada numa cabana).</i>		

Cartão II:

<i>Dois animais à luta</i>	[D inferior]	D kan (F+) A
----------------------------	--------------	--------------

4.2. Grelha de Representação de Si

Parte-se do princípio, já estabelecido, de que existem semelhanças estruturais entre a prova Rorschach e a prova "Z". Essas semelhanças legitimam a utilização de métodos e técnicas já testados para a prova Rorschach. Por outro lado, o exame das diferentes modalidades de expressão da imagem de corpo numa população com esta dimensão não pode ser feito resposta a resposta, ou protocolo a protocolo. Trata-se então de procurar encontrar, para as mesmas localizações – e porque o nosso objecto de estudo é a prova "Z" –, diferentes expressões genéricas da imagem de corpo e, mais geralmente, da representação de si.

Assim, procurou-se uma grelha que possibilitasse uma análise tão completa e objectiva quanto possível, e encontramos na Grelha de Representação de Si de Rausch de Traubenberg (1983) uma proposta importante e adequada aos nossos fins. De facto, e reportando-nos à grelha já apresentada (Vide 2ª parte, *Grelha de Representação de Si*, p. 48), e ao artigo desta autora, "São evidentes as numerosas combinações possíveis entre os dados das quatro colunas e podem ser objecto de tratamentos estatísticos infinitamente mais pertinentes do que uma simples comparação dos valores médios dos factores do psicograma formal. As aplicações desta grelha podem ser suficientemente diversificadas para detectar as diferenças nos tipos de relação que especificam os laços entre as colunas externas e as imagens internas do *grupo de indivíduos*. Podem-se, pois, abordar estudos comparativos de grupos do ponto de vista do aspecto pluridimensional dos conteúdos, enquanto que o estudo dos tipos de interferências entre a actividade perceptiva e a actividade fantasmática feita até aqui só permitia análises individuais" (p.34, sublinhados da autora).

Relembrando, e aprofundando, a grelha é constituída por quatro colunas:

- A primeira coluna corresponde ao objecto representado e este é classificado categorialmente consoante pertença ao mundo humano ou quase humano, real ou irreal (qualquer número começa por 0), ao mundo animal real ou irreal (qualquer número começa por 1) e ao mundo do inanimado, dos fenómenos naturais, do reino vegetal (qualquer número começa por 2). Os mundos humano e animal são ordenados de acordo com um esquema que vai do todo ao parcelar, do mais integrado ao menos integrado; o mundo do inanimado não pode ser ordenado de forma hierarquizada, devido à coexistência de conteúdos muito diversos, mas também muito significativos em termos de representação de si (ex., da nossa amostra: Protocolo 116, cartão III, resposta 12: "*Uma árvore em que lance algum alimento para cada um dos lados*");
- Na segunda coluna a resposta é encarada pelas suas características quanto ao tipo de acção, de relação ou de ausência de relação. Os temas vão das interacções às acções isoladas, chegando

até à simples denominação estática; as interações e ações podem ser positivas, neutras, agressivas, de dependência ou incongruentes; outros itens dão também conta das imagens em espelho, da incompletude e da morte. Dos pontos de vista da reciprocidade e da animação o conjunto de itens é ordenado respectivamente do positivo para o negativo e do mais conseguido para o nulo;

- A terceira coluna especifica a identificação sexual dos personagens: precisa-se a sua determinação ou ambivalência, a sua estabilidade ou instabilidade, o seu modo de expressão crú ou elaborado;
- A quarta coluna precisa o carácter da diferenciação ou da indiferenciação entre si e o outro. Corresponde aos elementos qualitativos particulares eventualmente introduzidos na resposta, tais como o carácter unilateral dos preceptos, a interpretação do duplo ou o carácter particularmente deteriorado do engrama.

A nossa análise socorre-se então desta grelha, ao qual acrescentamos uma coluna relativa às principais localizações (anexo 4). No entanto, utilizaremos fundamentalmente as cotações referentes às duas primeiras colunas. Para além destas, encontrar-se-ão algumas propostas de cotação às terceira e quarta colunas, que nos serviram meramente de referencial às possíveis interpretações. As cotações às duas primeiras colunas também não poderão ser consideradas cotações “absolutas”, pois se em certos casos elas não nos ofereceram dúvidas, outros provocaram-nos algumas indecisões. Em certos casos foi necessário estabelecer critérios de cotação em função de conteúdos específicos encontrados na nossa amostra. Esses critérios são indicados no ponto seguinte.

Assim, consideraremos as localizações mais frequentes e analisaremos os dados obtidos para cada uma destas localizações na grelha de acordo com o definido nos objectivos, ou seja, procurando isolar modalidades gerais e específicas de expressão de imagem de corpo. Analisaremos:

Para o cartão I:

G - Global

DC - detalhe central mais escuro

Dsup - detalhe superior que inclui três pequenos detalhes brancos

Para o cartão II:

G - Global

DV - detalhe superior, vermelho

Dverd - detalhes laterais, verdes

Dcast - detalhes inferiores, acastanhados

Dbl - detalhe superior branco

DDbl - detalhe vermelho que incluía o detalhe branco

Para o cartão III:

G - Global

DC - detalhe central inferior vermelho

Dlat - detalhes laterais vermelhos

Dneg - detalhes negros

Dnegsup - detalhes negros superiores, partes de Dneg

Dneginf - detalhes negros inferiores, partes de Dneg.

4.2.1. Critérios de cotação

Como dissemos, a cotação da grelha não põe, na sua generalidade, dificuldades de maior, pelo menos no que respeita às cotações às duas primeiras colunas. No entanto, para certos conteúdos a cotação revelou-se difícil pelo que tivemos de definir certos critérios. Assim, estabeleceram-se as seguintes cotações:

	I1	I2
- nascimento	02	6
- animal aberto, dissecado, esmagado	11	10
- fósfil de animal	11	14
- embrião, larva, casulo	12	(7)
- desenhos não especificados, borrões	24	(13)
- nuvens	22	-
- imagens chinesas, símbolos chineses	26	-
- máscara	26	-
- pintura abstracta, folha dobrada, mapa	27	-
- gás	28	-
- Oriente	40	-

As cotações entre parentesis significam que, por um ou outro motivo, específico de cada resposta, nem sempre essas cotações tiveram lugar. Outras não dão lugar a qualquer cotação na segunda coluna (-).

4.3. Pesquisa de valores normativos

4.3.1. Pesquisa de banalidades

Utilizaremos um tratamento descritivo simples: anotando a frequência das respostas, procuraremos identificar aquelas que se encontrem com frequências elevadas na nossa população para as diversas localizações de cada cartão. Iremos apoiar-nos na Grelha de Representação de Si de Rausch de Traubenberg à qual acrescentamos uma coluna referente às localizações. Procuraremos primeiro encontrar, para cada localização, cotações iguais na primeira coluna; depois identificaremos, para estas, as diferentes cotações na segunda coluna e finalmente designaremos concretamente os perceptos.

4.3.2. Factores

Segundo Victor Moita (1982) "a maior parte dos factores Rorschach não se prestam a um tratamento estatístico em termos simplesmente somativos, não são um distribuição normal e as suas definições operacionais são frequentemente de natureza categorial assumindo assim valores discretos" (p.34, trad. livre). "O tratamento percentílico parece-nos o mais adequado tendo em vista uma descrição estatística dos resultados. A adequação deste tratamento resulta do facto de que um valor percentílico qualquer depende apenas da posição de ordem no conjunto dos valores assumidos pela variável em questão" (...) (pp. 76-77).

Na linha deste autor, construímos uma matriz de resultados para os diferentes factores: encontramos um

valor médio para cada um, o percentil 50, e definimos como limites para “valores adequados” os definidos pelos percentis 25 e 75. O mesmo procedimento foi utilizado para toda a nossa população e para as sub-populações masculina e feminina. No entanto, e porque existe um conjunto importante de investigações que utilizam outros tratamentos, também pesquisaremos outros dados, nomeadamente as médias e os desvio-padrão, sempre que tal se justificar (fins comparativos). Os factores analisados são:

a) Produtividade, que é o número de respostas de todo o protocolo. Exclui as respostas adicionais (as obtidas no inquérito):

- . R Tot: produtividade total de toda a população
- . R1: produtividade no cartão I de toda a população
- . R2: produtividade no cartão II de toda a população
- . R3: produtividade no cartão III de toda a população

- . RM Tot: produtividade total da população masculina
- . RM1: produtividade no cartão I da população masculina
- . RM2: produtividade no cartão II da população masculina
- . RM3: produtividade no cartão III da população masculina

- . RF Tot: produtividade total da população feminina
- . RF1: produtividade no cartão I da população feminina
- . RF2: produtividade no cartão II da população feminina
- . RF3: produtividade no cartão III da população feminina

b) Modos de apreensão

- Respostas Globais (G), que são as que se referem à totalidade da mancha, com excepção do cartão III, em que se admite a omissão dos detalhes vermelhos:

- . G Tot: total de respostas G de toda a população
- . G1: total de respostas G no cartão I de toda a população
- . G2: total de respostas G cartão II de toda a população
- . G3: total de respostas G no cartão III de toda a população

- . GM Tot: total de respostas G da população masculina
- . G1M: total de respostas G no cartão I da população masculina
- . G2M: total de respostas G no cartão II da população masculina
- . G3M: total de respostas G no cartão III da população masculina

- . GF Tot: total de respostas G da população feminina
- . G1F: total de respostas G no cartão I da população feminina
- . G2F: total de respostas G no cartão II da população feminina
- . G3F: total de respostas G no cartão III da população feminina

- Respostas grande Detalhe (D): segundo H. Rorschach são os detalhes que se impõem mais por causa da distribuição das figuras no espaço, podendo ser estabelecidos por processos estatísticos. No entanto ele não especificou esses critérios. Os seus seguidores procuraram encontrar limites de frequência para distinguir grandes detalhes (D) de pequenos detalhes (Dd):

- D Tot: total de respostas D de toda a população
- D1: total de respostas D no cartão I de toda a população
- D2: total de respostas D cartão II de toda a população
- D3: total de respostas D no cartão III de toda a população

- DM Tot: total de respostas D da população masculina
- D1M: total de respostas D no cartão I da população masculina
- D2M: total de respostas D no cartão II da população masculina
- D3M: total de respostas D no cartão III da população masculina

- DF Tot: total de respostas D da população feminina
- D1F: total de respostas D no cartão I da população feminina
- D2F: total de respostas D no cartão II da população feminina
- D3F: total de respostas D no cartão III da população feminina

c) Reacção Cor

Como para o Rorschach efectuamos o cálculo da reacção cor (Rcor), que é igual à divisão do número total de respostas (R Tot) pelo número de respostas ao cartão II (R2), para toda a amostra e para os dois sub-grupos F e M.

Informa-nos sobre a reacção à cor. Uma das condições de normal funcionamento psíquico é o sujeito ser sensível às modificações dos estímulos, quer sejam internos ou externos.

d) Reacção compacta, Reacção bilateral

Como no "Z" encontramos apenas três cartões com especificidades próprias muito marcadas, ou seja, como cada cartão é substancialmente diferente dos outros a nível estrutural e cromático, efectuamos também o cálculo da reacção a cada um dos outros cartões para toda a amostra e para os dois sub-grupos F e M:

- R comp (compacta) é igual à divisão do número total de respostas (R Tot) pelo número de respostas ao cartão I;
- R bilat (bilateral) é igual à divisão do número total de respostas (R Tot) pelo número de respostas ao cartão III.

5.1. Factores

5.1.1. Produtividade

Foram cotadas 903 respostas no total dos 119 protocolos. Não foram consideradas respostas adicionais (obtidas no inquérito). O quadro mostra-nos uma média de respostas superior na população masculina, consistente com as médias de cada um dos cartões. De facto, o coeficiente de correlação entre as séries de respostas femininas e masculinas cartão a cartão [R1F; R2F; R3F] e [R1M; R2M; R3M] é igual a 0,999974, ou seja, nas suas séries de respostas aos três cartões a correlação é quase perfeita, afastando assim a hipótese de que um dos cartões possa ser responsável pela diferença na produtividade dos dois grupos.

Quadro 12
Médias e Desvios Padrão da Produtividade

	R Tot		R1		R2		R3	
	Média	D.P.	Média	D.P.	Média	D.P.	Média	D.P.
F	7,06	2,97	2,02	1,28	2,77	1,27	2,26	1,20
M	8,02	3,34	2,38	1,28	3,05	1,46	2,59	1,50
Total	7,59	3,22	2,22	1,29	2,92	1,39	2,45	1,38

O tratamento percentílico está ilustrado no quadro 13: os valores adequados situam-se, para toda a amostra e para o total de respostas entre 5 e 9, sendo que o percentil 50 é o exacto valor entre esses extremos. A única diferença existente entre sexos é o de o percentil 75 no cartão III.

Quadro 13
Tabela Percentílica da Produtividade Total e Cartão a Cartão

	Valores médios				Valores adequados							
	(P50)				(P25)				(P75)			
	RTot	R1	R2	R3	RTot	R1	R2	R3	RTot	R1	R2	R3
F	7	2	3	2	5	1	2	2	8	3	4	3
M	7	2	3	2	5	1	2	2	9	3	4	3
Tot	7	2	3	2	5	1	2	2	9	3	4	3

O quadro 14, bem como o gráfico 4, mostram-nos a amplitude no número de respostas na nossa amostra, que é grande. Para toda a amostra a amplitude é de [2,17], pelo que o mínimo de respostas é de duas e o máximo é de dezassete. Não existe também grande concentração em valores especiais desta amplitude: a moda representa apenas 21% dos sujeitos. No entanto existem diferenças entre as populações masculina e feminina, observáveis no mesmo quadro e no gráfico 5: a amplitude é um pouco superior no sexo masculino [3,17] para [2,14]; para além disso, as modas também são diferentes: para a população feminina a moda é de sete respostas, que é também a moda de toda a

amostra, enquanto para a masculina a moda é de cinco; as dispersões são também diferentes: enquanto em F a moda representa a tendência mais fielmente (concentração em sete, cinco e oito) em M isso já não se passa (concentração em cinco – a moda –, em seis, sete, oito e nove).

Quadro 14
Frequências do Número Total de Respostas

Num. Resp.	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
F	2	4	4	8	2	16	6		3	2	2	2	2			
M		3	4	11	6	9	9	8	1	5	2	4		1	1	2
Tot	2	7	8	19	8	25	15	8	4	7	4	6	2	1	1	2

Gráfico 4
Frequências do Total de Respostas

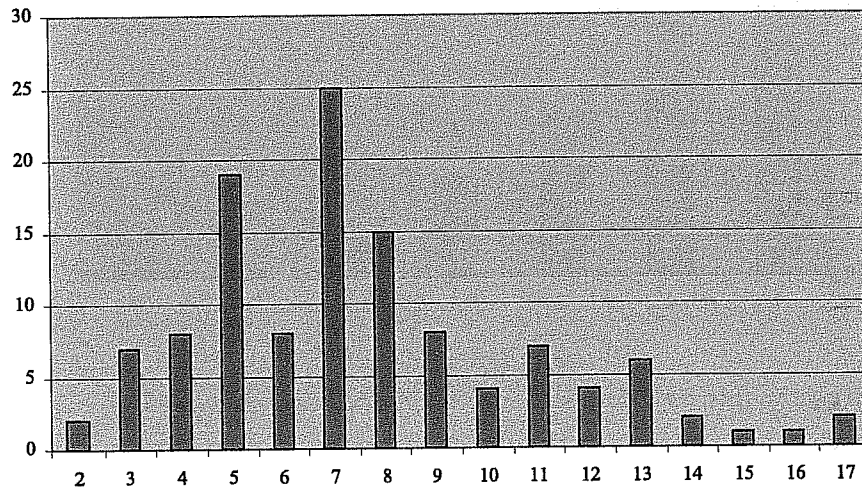
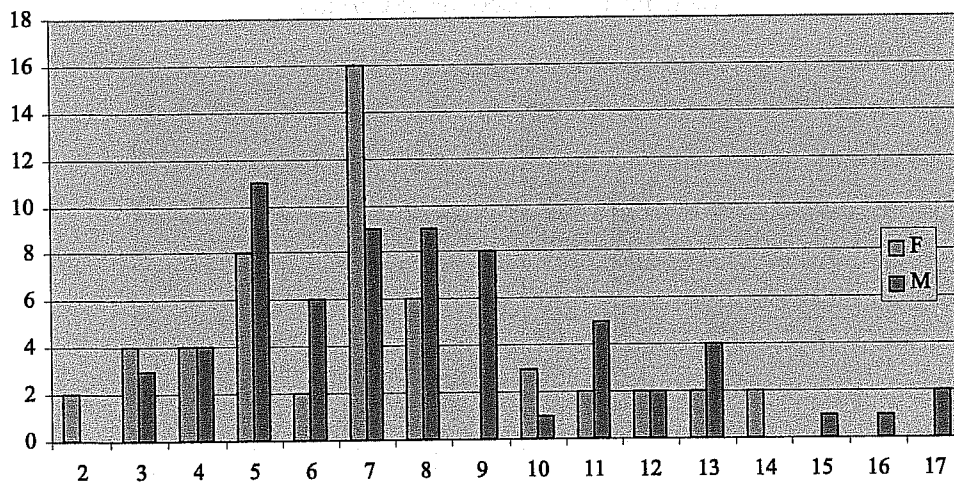


Gráfico 5
Comparação das Frequências do Total de Respostas por Sexo



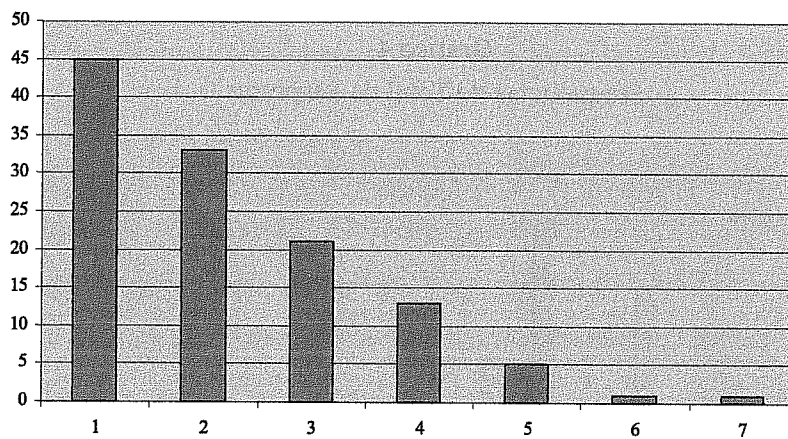
Apresentamos seguidamente as frequências do número de respostas para cada cartão e suas ilustrações gráficas.

Quadro 15
Frequências do Número Total de Respostas - Cartão I

	1	2	3	4	5	6	7
F (n = 53)	26	10	11	4	1		1
M (n = 66)	19	23	10	9	4	1	
Total	45	33	21	13	5	1	1

Gráfico 6

Frequências das Respostas ao Cartão I

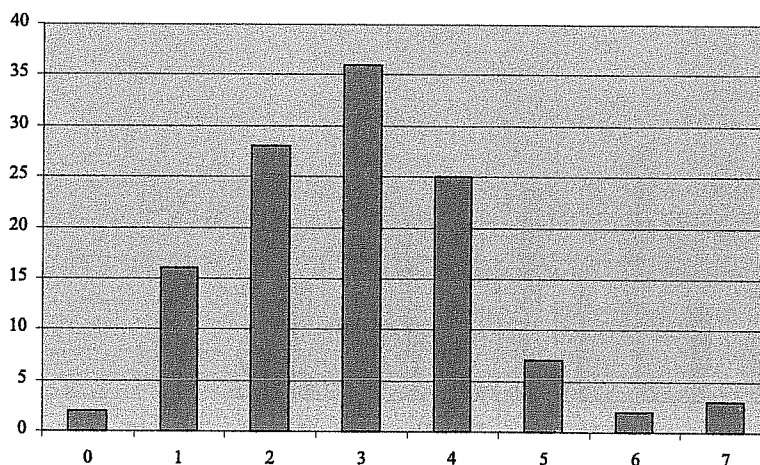


Quadro 16
Frequências do Número Total de Respostas - Cartão II

	0	1	2	3	4	5	6	7
F (n = 53)	2	8	9	19	12	2	1	
M (n = 66)		8	19	17	13	5	1	3
Total	2	16	28	36	25	7	2	3

Gráfico 7

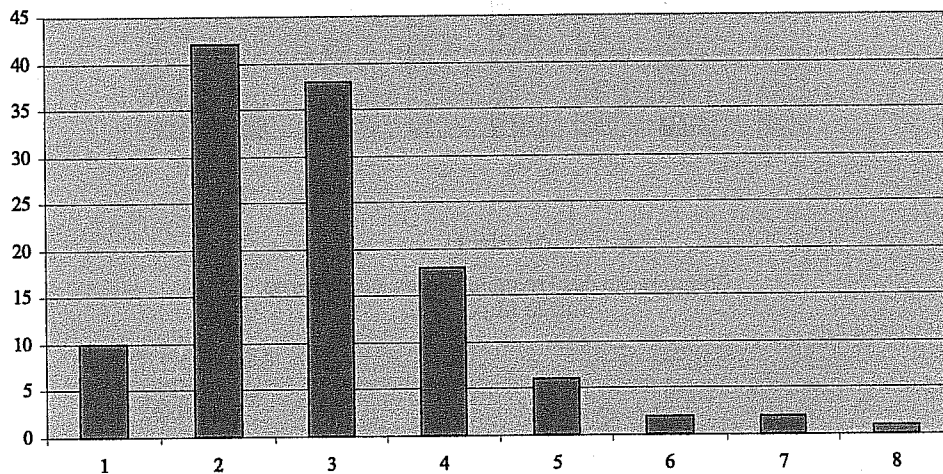
Frequências das Respostas ao Cartão II



Quadro 17
Frequências do Número Total de Respostas - Cartão III

	0	1	2	3	4	5	6	7
F (n = 53)	1	15	17	13	3	4		
M (n = 66)	1	14	25	10	8	5	1	2
Total	2	29	42	23	11	9	1	2

Gráfico 8
Frequências das Respostas ao Cartão III



A comparação entre os diversos dados dos gráficos mostram-nos que para os cartões I e II as modas são diferentes entre os sexos: enquanto que para o cartão I a moda masculina é superior à feminina, respectivamente dois e um, no cartão II a situação inverte-se: as modas são, respectivamente, quatro e três. No cartão III as modas são iguais -três- embora a masculina seja mais pronunciada que a feminina. As amplitudes são também maiores na população masculina e seriam-no nos três cartões se exceptuássemos as sete respostas dada ao cartão I por um sujeito do sexo feminino.

Relativamente às recusas, assinalam-se duas ao cartão II, ambas F, e duas ao cartão III, uma F e uma M.

Gráfico 9
Comparação das Frequências das Respostas ao Cartão I por Sexo

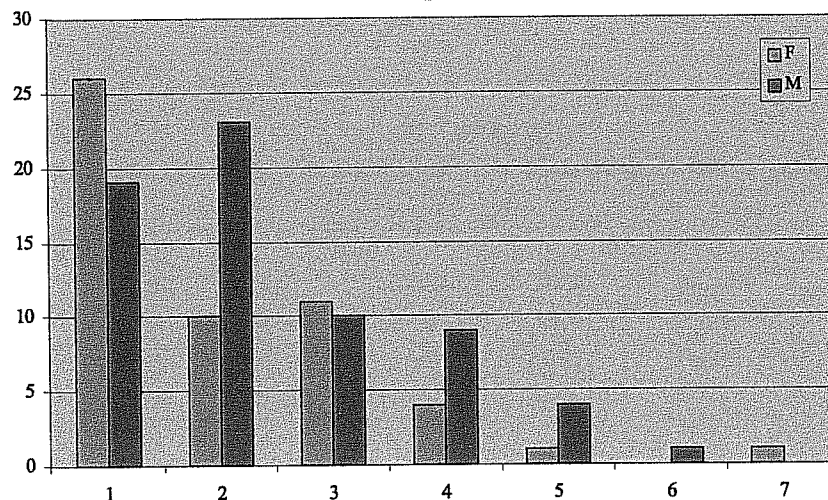


Gráfico 10
 Comparação das Frequências das Respostas ao
 Cartão II por Sexo

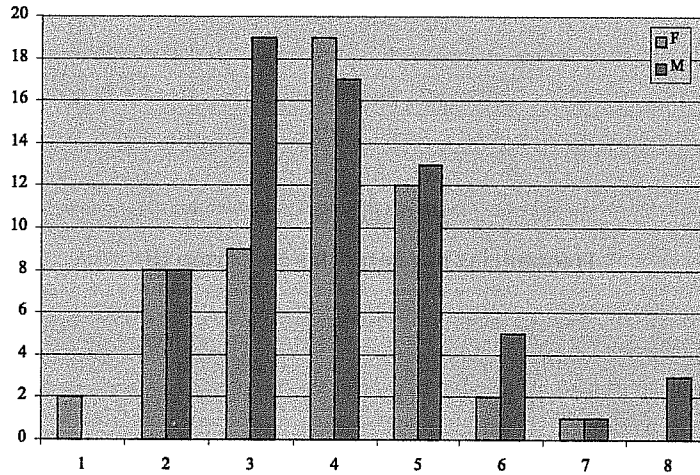
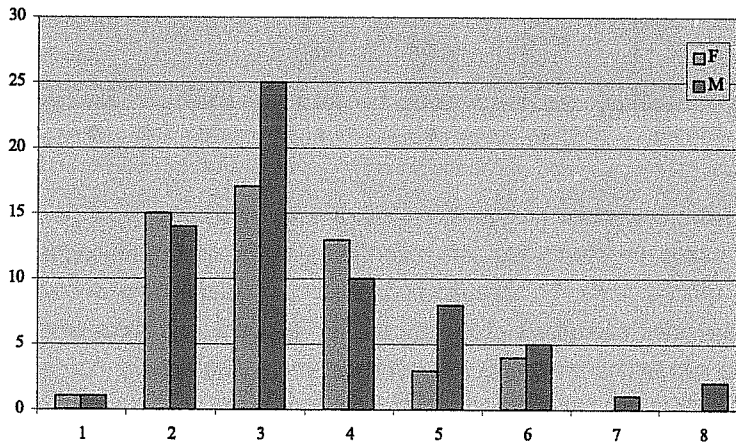


Gráfico 11
 Comparação das Frequências das Respostas ao
 Cartão III por Sexo



No entanto, se observarmos os valores médios do que definimos como Reacção compacta (Rcomp), Reacção cor (Rcor) e Reacção bilateral (Rbilat), que reflectem o peso do número de respostas a cada cartão face ao número total de respostas verificamos diferenças mínimas entre as populações F e M, embora no mesmo sentido do anteriormente observado para os cartões I e II.

Quadro 18
 Médias e Desvios-Padrão das Reacções aos Três Cartões

	Rcomp		Rcor		Rbilat	
	Média	D.P.	Média	D.P.	Média	D.P.
F	28,79	11,71	39,12	12,68	32,09	11,80
M	29,93	10,72	38,62	11,91	31,45	10,43
Total	29,42	11,19	38,84	12,26	31,73	11,06

5.1.2. Modos de apreensão

Respostas Globais (G)

Conforme se pode observar no quadro 19 as respostas globais representam mais de 43%, em média, de todas as respostas. Os gráficos 12 e 13 mostram-nos que para a população feminina a moda é de dois, para a masculina é de três. Uma só resposta "G" não é rara (é de quatro e seis, respectivamente para F e M); o máximo é de oito respostas e zero respostas "G" não acontecem.

Quadro 19
Frequências do Número Total de Respostas G; Médias e Desvio Padrão

	1	2	3	4	5	6	7	8	Médias G%	D.P. G%
F	4	23	16	8	1		1		43,79	21,19
M	6	19	22	10	5	2	1	1	43,23	21,98
Grand Total	10	42	38	18	6	2	2	1	43,48	21,63

Gráfico 12

Frequências do Número Total de Respostas "G"

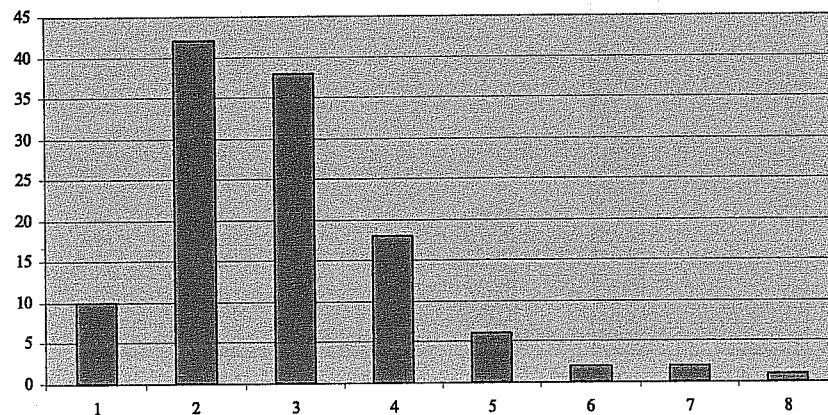
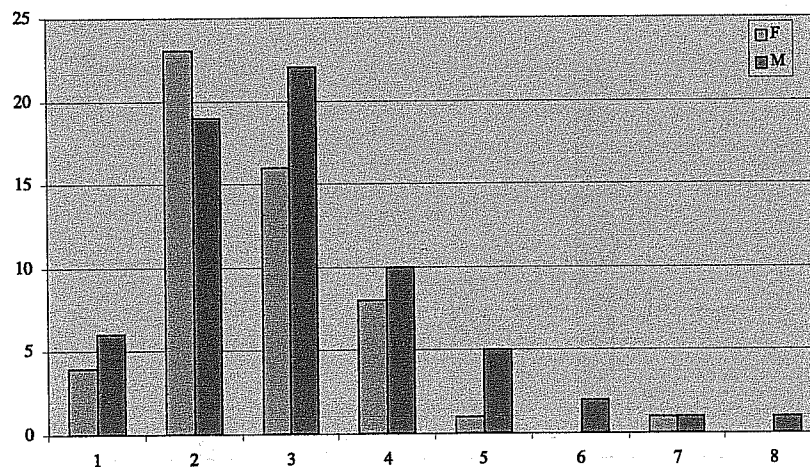


Gráfico 13

Comparação das Frequências do Número Total de Respostas "G" por Sexo



Análise cartão a cartão

Para o cartão I observa-se que uma só resposta G a este cartão é de longe o acontecimento mais frequente, representando cerca de 65%. Observa-se ainda que o comportamento dos dois sexos é semelhante (gráficos 14 e 15). Registe-se como dado relevante que um apenas sujeito (protocolo 11) não fornece uma resposta global a este cartão, embora o faça no inquérito.

Quadro 20
Frequências do Número de Respostas G ao Cartão I

	0	1	2	3	4	5
F		37	14	1		1
M	1	40	19	5	2	
Total	1	77	32	6	2	1

Gráfico 14
Frequências do Número de Respostas "G" ao Cartão I

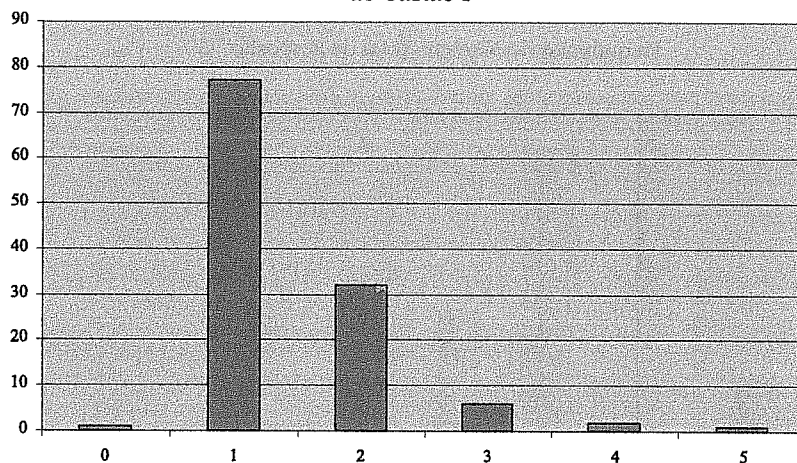
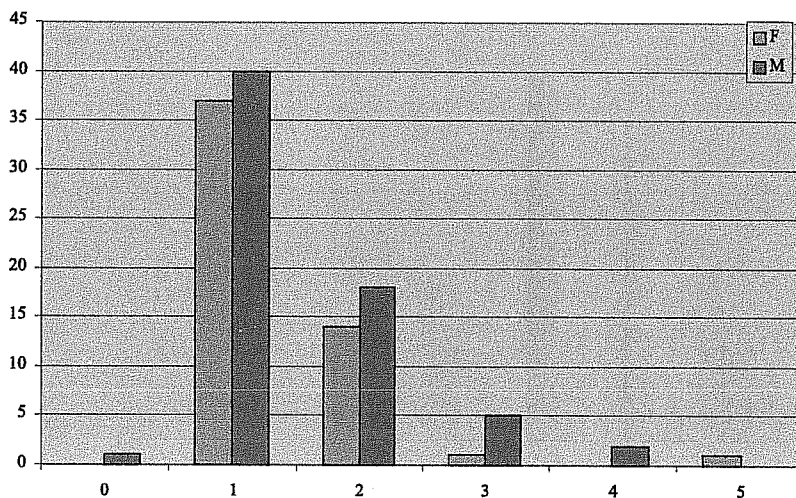


Gráfico 15
Comparação das Frequências do Número de Respostas "G" ao Cartão I por Sexo



Para o cartão II observa-se que a maioria dos sujeitos, cerca de 60%, não fornece nenhuma resposta G a este cartão; uma resposta acontece trinta e duas vezes, duas acontecem apenas quatro vezes (protocolos 2, 13, 15, 68), três não acontecem. O comportamento dos dois sexos não parece ser semelhante: 36 sujeitos M representam cerca de 54% desse sexo enquanto 35 sujeitos F representam 66% (gráficos 16 e 17).

Quadro 21
Frequências do Número de Respostas G ao Cartão II

	0	1	2
F	35	17	1
M	36	27	3
Total	71	44	4

Gráfico 16
Frequências do Número de Respostas "G" ao Cartão II

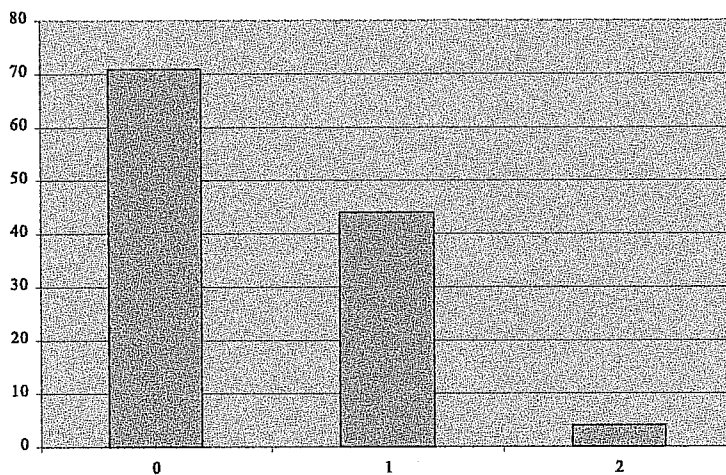
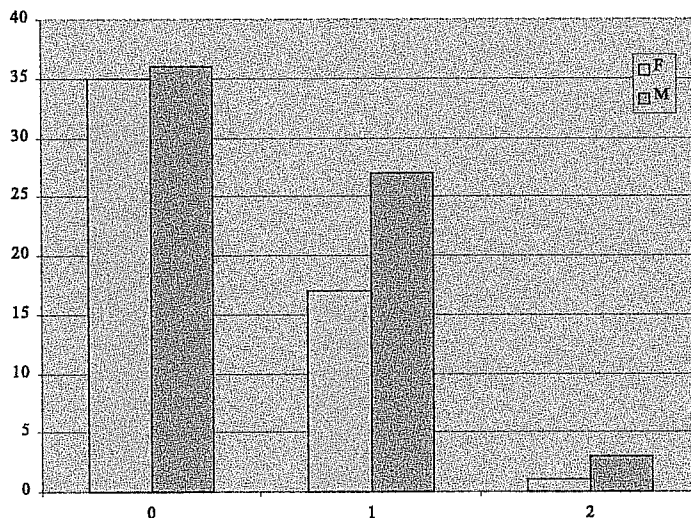


Gráfico 17
Comparação das Frequências do Número de Respostas "G" ao Cartão II por Sexo



Para o cartão III observa-se que a maioria dos sujeitos, cerca de 69%, fornece uma resposta G a este cartão; duas respostas acontecem quatorze vezes; três e quatro respostas acontecem três vezes (protocolos 104, 111, 116); zero respostas não são raras: acontecem vinte vezes, cerca de 17%. O comportamento dos dois sexos também não parece semelhante: as amplitudes são diferentes: [0,2] para F e [0,4] para M. Por outro lado a moda - uma resposta - tem muito mais peso em F que em M (respectivamente 79% e 60%) (gráficos 18 e 19).

Quadro 22
Frequências do Número de Respostas G ao Cartão III

	0	1	2	3	4
F	7	42	4		
M	13	40	10	2	1
Total	20	82	14	2	1

Gráfico 18

Comparação das Frequências do Número de Respostas "G" ao Cartão II por Sexo

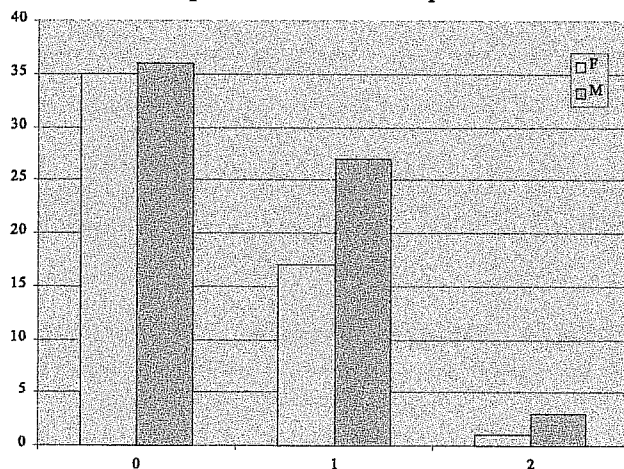
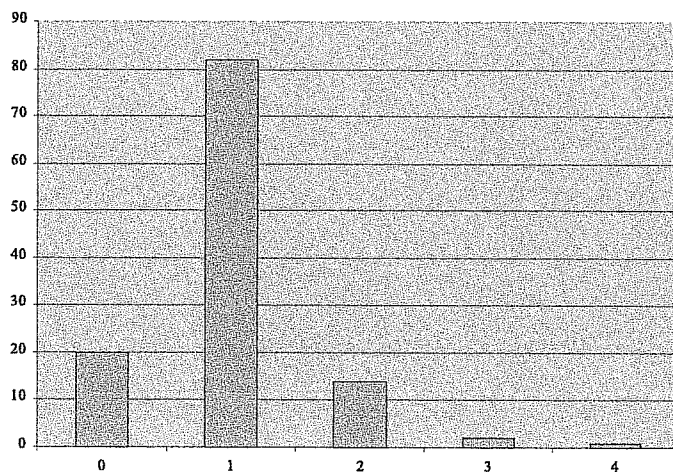


Gráfico 19

Frequências de Respostas "G" ao Cartão III



Respostas grande detalhe (D)

O quadro 23 mostra-nos as frequências do número total de respostas D, que representam cerca de 54% de todas as respostas, bem como os desvio-padrão. M e F parecem comportar-se de modos um pouco diferentes: a amplitude é maior em M, [0,12] que em F, [0, 9] e as modas são diferentes, respectivamente duas e seis respostas (gráficos 20 e 21). Cinco sujeitos não dão respostas D (protocolos 5, 42, 56, 67, 70): em todos G%=100.

Quadro 23
Frequências do Número Total de Respostas D; Médias e Desvio Padrão

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	Média D%	D.P. de D%
F	3	6	5	7	8	9	6	3	5	1				54,20	20,33
M	2	7	10	7	7	9	6	6	7	2	1	1	1	53,97	19,98
Total	5	13	15	14	15	18	12	9	12	3	1	1	1	54,07	20,14

Gráfico 20

Frequências do Número Total de Respostas "D"

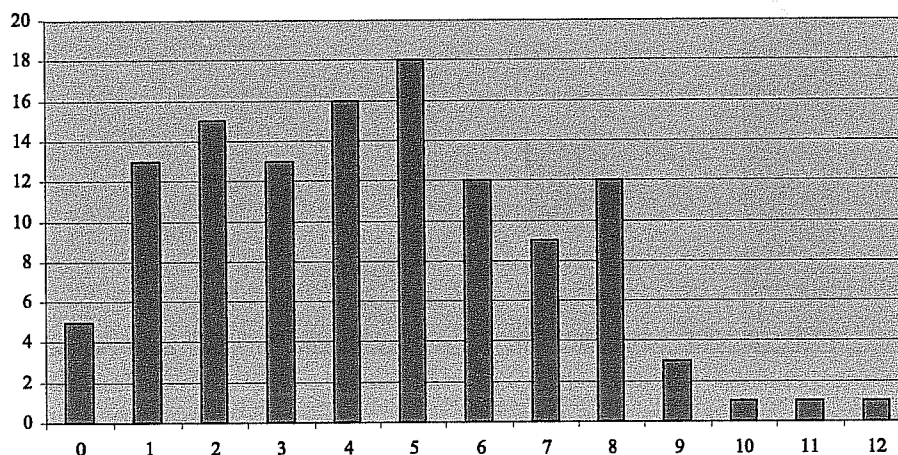
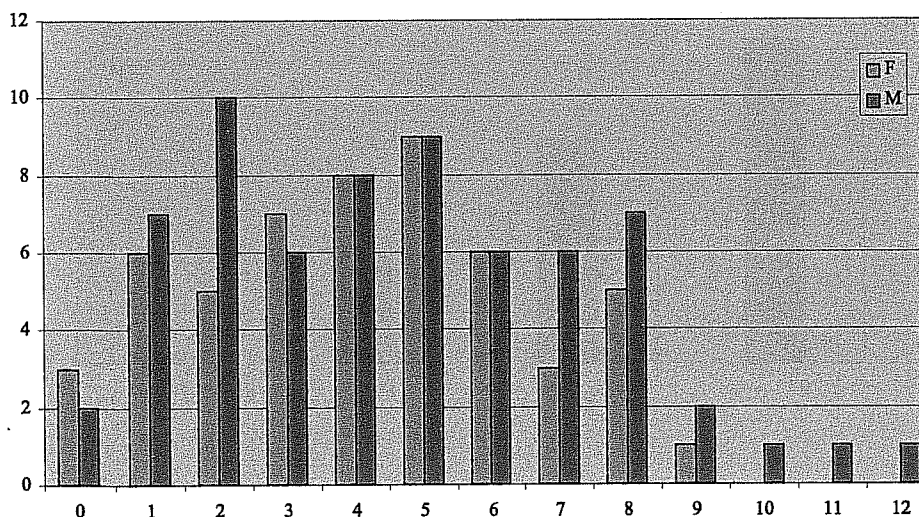


Gráfico 21

Comparação das Frequências do Número Total de Respostas "D" por Sexo



Análise cartão a cartão

Para o cartão I uma grande percentagem da população em estudo não dá respostas "D" (54%). A amplitude é [0,3], se bem que apenas um sujeito dê mais que dois "D" (gráfico 22). As diferenças entre F e M são pequenas: os dois sexos parecem comportar-se de modos semelhantes (gráfico 23).

Quadro 24
Frequências do Número de Respostas D ao Cartão I

	0	1	2	3
F	31	16	6	
M	33	21	11	1
Total	64	37	17	1

Gráfico 22

Frequências do Número de Respostas "D" ao Cartão I

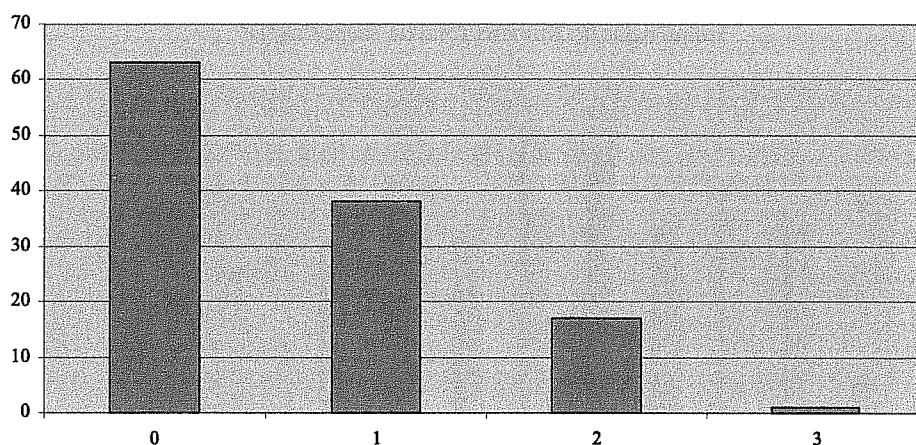
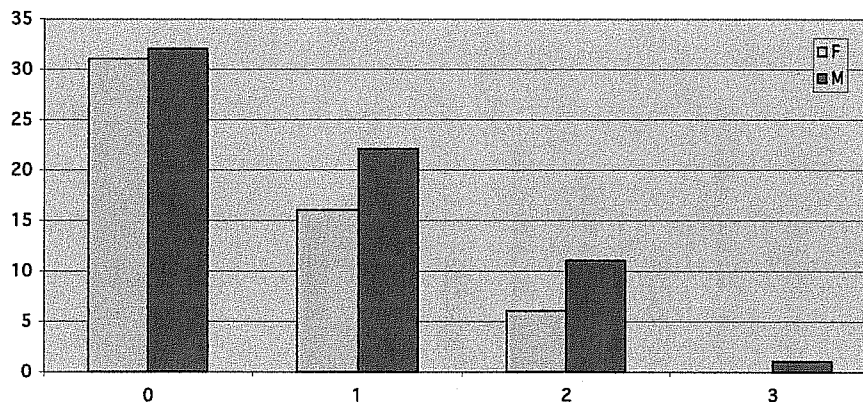


Gráfico 23

Comparação das Frequências do Número de Respostas "D" ao Cartão I por Sexo



Para o cartão II uma percentagem importante da população em estudo não dá respostas "D" (14 respostas ou seja cerca de 12%). A amplitude é [0,7] (quadro e gráfico 24) mas observa-se uma diferença entre F e M: a amplitude de F é mais reduzida, [0,4] que a de M [0,7]. A moda é no entanto a mesma para ambos os grupos: três (quadro 25 e gráfico 25), mas com expressão diferente: em F representa cerca de 58,5% enquanto em M representa 50%.

Quadro 25
Frequências do Número de Respostas D ao Cartão II

SEX	0	1	2	3	4	5	6	7
F	7	6	9	22	9			
M	7	10	15	19	9	3	2	1
Total	14	16	24	41	18	3	2	1

Gráfico 24
Frequências do Número de Respostas "D" ao Cartão II

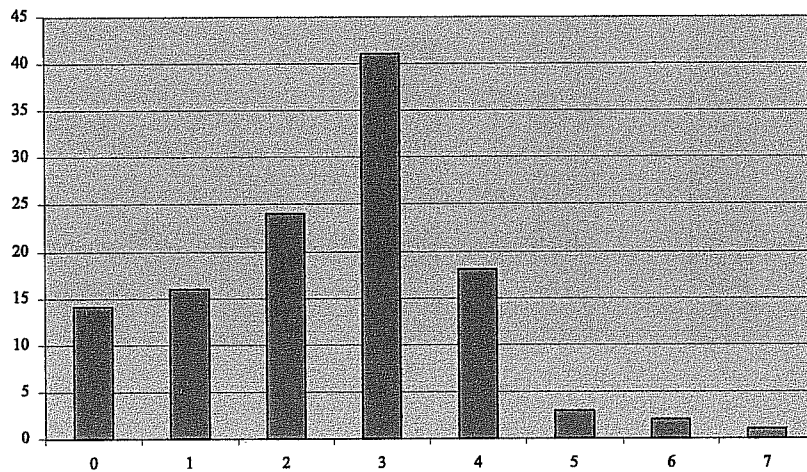
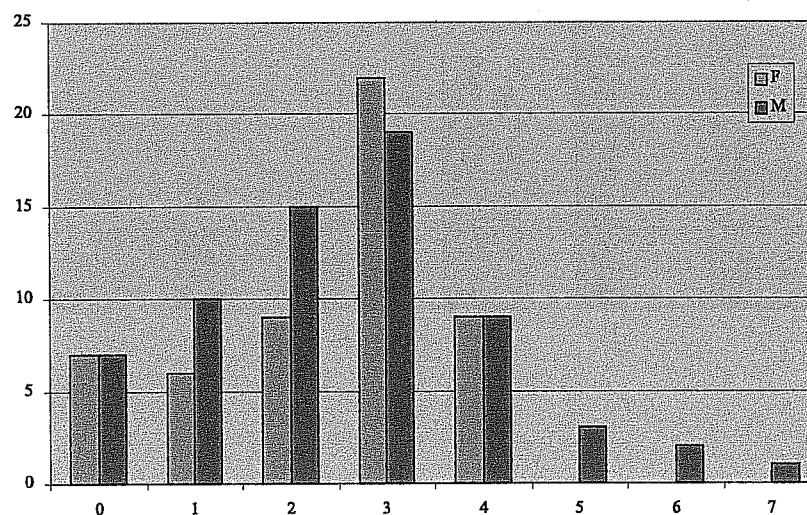


Gráfico 25
Comparação das Frequências do Número de Respostas "D" ao Cartão II por Sexo



Para o cartão III observa-se uma amplitude de [0,5], bastante semelhante nos dois sexos (quadro 26; gráficos 26 e 27). O comportamento dos dois sexos também parece muito semelhante em termos da distribuição das frequências destas respostas a este cartão.

Quadro 26
Frequências do Número de Respostas D ao Cartão III

	0	1	2	3	4	5
F	16	16	14	6	1	
M	20	18	16	6	5	1
Total	36	34	30	12	6	1

Gráfico 26
Frequências de Respostas "D" ao Cartão III

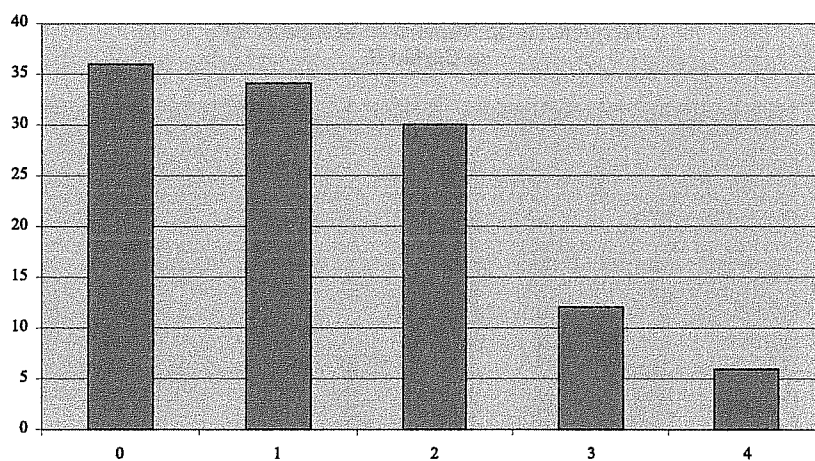
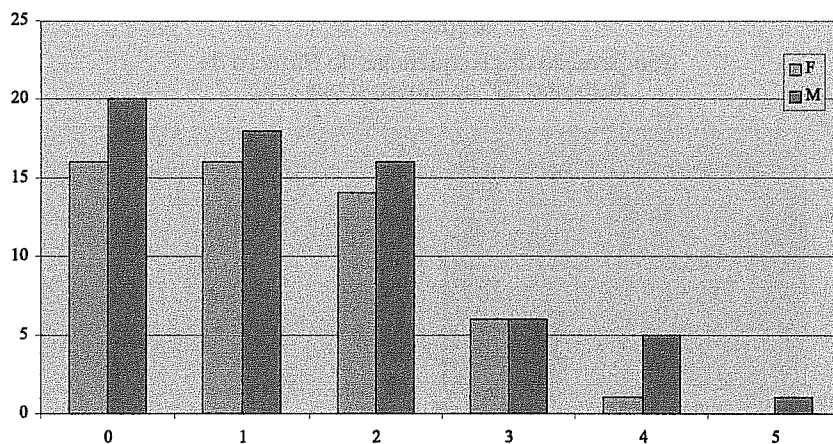


Gráfico 27
Comparação das Frequências do Número de Respostas "D" ao Cartão III por Sexo



5.2. Pesquisa de banalidades

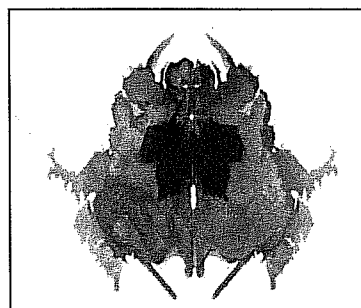
Conforme descrito (4.3.1. Pesquisa de banalidades, p. 71), utilizamos a grelha de representação de si e examinamos:

1. todas as frequências de respostas com a mesma cotação "I1", que sejam igual ou superior a 12 (10% de 119), que são aquelas que poderão vir a ser consideradas comuns ou banais (ou seja, aquelas que poderão ter uma relação 1 : 10 ou melhor);
2. para essas, examinamos as cotações à segunda coluna (I2), na perspectiva de eliminação (as respostas cotadas, por ex., "13" – desenho, caricatura – ou "14" – estátua, múmia – devem ser dissociadas de, por ex., "01" – interação recíproca positiva - ou "11" – imagem em espelho);
3. finalmente examinaremos se as respostas são dadas por diferentes sujeitos, ou se, pelo contrário, alguns sujeitos têm mais que uma resposta, para a mesma localização, com cotações I1 e I2 iguais na grelha, casos em que só poderemos contabilizar uma dessas respostas.

5.2.1. Cartão I

Respostas G

Encontramos 170 respostas (excluímos G/). O quadro 27 mostra-nos as frequências obtidas na cotação à primeira coluna, I1.



Quadro 27
Frequências das cotações a I1, Cartão I, Respostas G

I1	00	01	03	04	11	14	17	22	23	24	26	27	28	30	40	
Freq.	7	1	1	3	105	1	4	2	11	8	3	11	4	4	5	170

Encontramos 105 respostas cotadas "11" – animal inteiro - na primeira coluna. Nenhum dos outros valores é superior a 12, valor necessário para considerarmos a resposta como comum. Na segunda coluna - I2 – encontramos:

I1 = "11" (animal inteiro)		
I2	Chave	freq.
7	Acção simples e postura K ou kan	2
10	Acção sofrida	11
12	Denominação simples e postura (não K ou kan)	83
13	Desenho, caricatura, fotografia, radiografia	5
80	caracter agressivo ou ameaçador sem acção	5
Total		106

Das 106 respostas eliminamos:

- uma: um sujeito dá para esta mesma localização duas respostas com a mesma cotação (protocolo 102)
- onze: cotadas "10" na 2ª coluna⁴;
- cinco: cotadas "13" na 2ª coluna
- duas: cotadas "15" na 2ª coluna

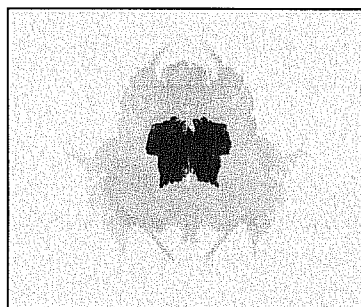
Examinadas as restantes - 87 - encontramos:

- caranguejo: 4
- escaravelho: 25
- barata: 4
- insecto: 7
- aranha, aranhão: 10
- morcego: 9
- mosca: 7
- escorpião: 1
- bicho: 5
- animal,: 4
- borboleta: 7
- carocha: 2
- formiga: 1
- raia: 1

Julgamos aqui adequado excluir ainda as respostas "escorpião" e "raia", a primeira porque contém uma dimensão ameaçadora/agressiva que não se encontra nas restantes e a segunda porque é conteúdo que pertence a uma espécie animal diferente. Restam assim 85 respostas em 119 protocolos, ou seja 71,43%.

Respostas DC (Detalhe central)

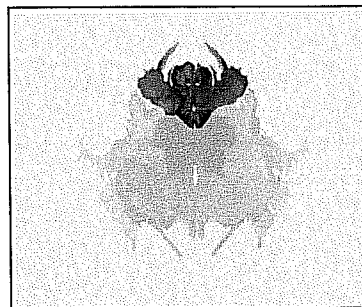
Encontramos 48 respostas que incidem sobre este detalhe, das quais 41 são cotadas "23" (Árvore, planta, folha) na 1ª coluna. Destas, excluimos três que cotamos "11" na segunda coluna (imagem em espelho), restando 38 respostas: "folha" ou "parra".



⁴Optámos por cotar "acção sofrida" e não "animal morto" para todos os casos de "aberto, espalmado, dissecado, comido, esborrachado".

Respostas Dsup (Detalhe superior)

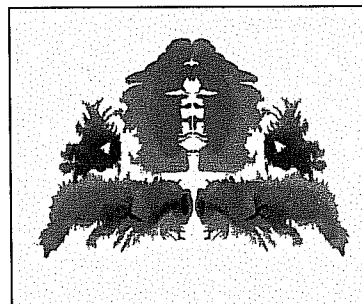
Relativamente a este detalhe não encontramos suficientes respostas que permitam considerar a sua interpretação com suficiente frequência de dada categoria. Apenas encontramos 20 respostas para o detalhe, das quais 8 são cotadas "17" (Ad que não boca, dentes, chifres, pinças) na 1ª coluna.



5.2.2. Cartão II

Respostas G

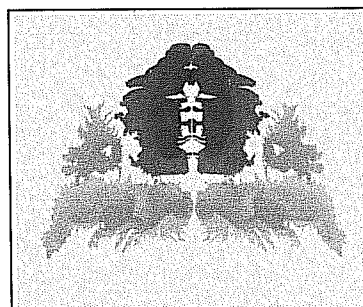
Também neste caso não encontramos suficiente número de respostas que possam ser consideradas comuns. A maior frequência para a 1ª coluna - 10 - acha-se na cotação "22" (elementos primitivos), seguida da cotação "11" (animal inteiro), com 8 respostas.



Respostas DV (Detalhe vermelho)

A maior frequência encontrada é de 38 respostas cotadas "00" (anatomia humana) na primeira coluna, das quais 37 são cotadas "19" (anatomia visceral) na segunda coluna. Acrescentamos uma resposta cotada DDbI, detalhe vermelho incluindo o branco, "parte torácica" (protocolo 117) que contém, portanto, o conteúdo em análise. Examinando-as, encontramos:

- pulmões, 25
- aparelho respiratório, 2
- cérebro, 3
- córtex, 1
- coração, 2; coração aberto, 1
- tórax, 1; parte torácica, 1
- parte do corpo humano, 1
- peito, 1 [com coluna]

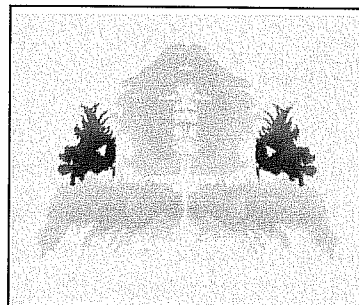


Excluímos as respostas "coração", "cérebro", "córtex", sobrando-nos 31 respostas, ou seja, 26,05%.

Quadro 28
Frequências das cotações a 11, Cartão II, Respostas D Verde

I1	00	08	11	17	23	30	40	
freq.	1	27	8	2	30	1	3	72

O detalhe é interpretado por 69 sujeitos dos quais 3 fornecem duas respostas. As maiores frequências observam-se para os itens "23" (árvore, planta, folha), com trinta respostas, e "08" (cabeça humana ou parte dela), com vinte e sete respostas. Relativamente aos itens associados (2ª coluna) a cada um destes, observamos:



I1 = "23" (árvore, planta, folha)

I2	Chave	freq
10	Ação sofrida	1
13	Desenho, caricatura	1
14	Estátua, múmia	1
- - -	(sem cotação)	27
Total		30

I1 = "08" (cabeça humana ou parte dela)

I2	Chave	freq
7	Ação simples e postura K ou kan	6
12	Denominação simples e postura (não K ou kan)	20
13	Desenho, caricatura, fotografia, radiografia	1
Total		27

A cotação "23" à primeira coluna apenas é acompanhada de qualquer cotação na 2ª coluna por três vezes: "10" (ação sofrida), "13" (desenho, caricatura) e "14" (estátua, múmia); a cotação "08" é acompanhada de "12" na segunda coluna por vinte vezes e de "7" por seis vezes.

Relativamente à cotação "23" e sem cotação na 2ª coluna observamos:

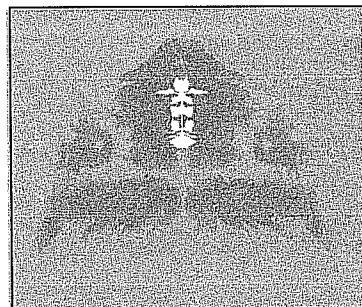
- árvores, 8
- arbustos, 4
- plantas, 3
- flores, 3
- folhas, 3
- algas, 3
- ervas, 1
- verdura, 1
- natureza [parte da], 1

Excluímos "algas" e restam 24 respostas, 20,17%.

Para a cotação "08" constatamos que todas as respostas são "olhos", pelo que englobamos todas, ou seja, 22,69%.

Dbl (detalhe branco)

Para Dbl encontramos 14 respostas cotadas "00" na 1ª coluna, todas cotadas "18" na 2ª coluna (anatomia humana óssea): "coluna, coluna vertebral", "vértebras da coluna". Pensamos dever acrescentar uma resposta cotada DDb1 "parte torácica do ser humano" (protocolo 117), pois "com esta parte aqui no meio a servir de coluna vertebral" no inquérito.



Quadro 29
Frequências das cotações a 11, Cartão II, Respostas Dbl

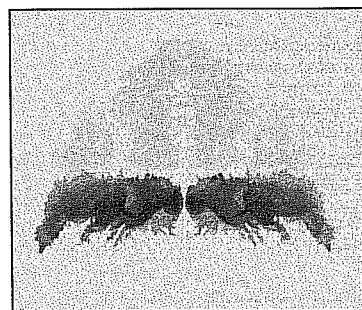
I1	00	01	08	11	21	23	26	29.12	40	
freq.	14	2	1	1	1	2	4	1	1	27

Dcast (detalhe castanho)

Quadro 30
Frequências das cotações a 11, Cartão II, Respostas Dcastanho

I1	00	01	07	11	11	17	22	23	24	25	26	28	30	
freq.	1	2	1	58	9	2	11	5	1	1	2	1	1	95

Registamos 95 respostas tendo como localização este detalhe, em 86 sujeitos. A cotação mais frequente na 1ª coluna é de "11", com 58. Observam-se as seguintes cotações na 2ª coluna:



I1 = "11" (animal inteiro)

I2	Chave	Totais
1	Interacção recíproca positiva	2
2	Interacção recíproca agressiva	15
7	Acção simples e postura K ou kan	1
10	Acção sofrida	1
12	Denominação simples e postura (não K ou kan)	35
13	Desenho, caricatura, fotografia, radiografia	1
14	Estátua, múmia	1
80	caracter agressivo ou ameaçador sem acção	2
Total		58

Concretamente, as respostas encontradas são:

I2 = "12" (35):

- lagartas, 7
- insectos, 5
- gafanhotos, 4
- animais, 3
- bichos, 3
- formigas, 3
- camarões, 3
- moscas, 2
- abelhas, 2
- pulgões, 1
- cigarras, 1
- larvas, 1

restantes I2, excepto "13" e "14" (20):

- lagartas, a namorar, 2
- insectos, 1
- animais, 6
- bichos, a acasalar, 4
- formigas uma contra a outra, 1
- machos, 1
- esquilos, 1
- seres, 1
- rinocerontes, 1
- búfalos, 1
- carneiros, 1

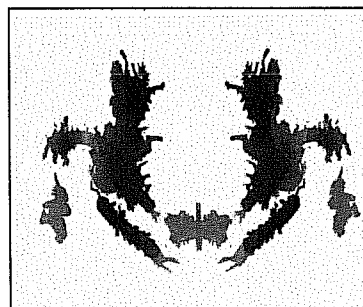
Observamos uma grande diversidade de conteúdos concretos, com predominância de insectos. Parece-nos assim mais adequado não excluir nenhuma resposta: o detalhe parece prestar-se a diversas interpretações animais com boa qualidade formal. Consideraremos assim 55 respostas o que nos dá uma percentagem de 46,22%.

A seguir a "11", as cotações mais frequentes à primeira coluna são "22" (elementos primitivos), com onze respostas e "12" (animal bebé), com nove, que não examinamos aqui em detalhe por não terem frequência suficiente (1 : 10) para as considerarmos respostas comuns.

5.2.3. Cartão III

Respostas G

Encontramos 106 respostas G (excluindo Gbl) em 89 sujeitos (14 dão mais que uma resposta G). Relativamente às frequências à coluna I1, encontramos:



Quadro 31
Frequências das cotações a I1, Cartão III, Respostas G

I1	100	00	01	02	03	04	05	06	07	11	18	20	22	23	26	27	29.12	40	
Freq.	2	2	52	3	7	2	1	1	1	14	1	5	2	3	1	3	1	5	106

- Verificamos que a maior frequência se encontra em "01" (conteúdo humano inteiro), com cinquenta e duas respostas. Nenhum dos sujeitos fornece duas respostas com a mesma cotação "01" para esta localização.
- Segue-se a cotação "11" (animal inteiro), com quatorze respostas. Também aqui nenhum dos sujeitos fornece duas respostas cotáveis "11".
- Para I1 = "01" observamos as seguintes cotações na 2ª coluna (I2):

I1 = "01" (conteúdo humano inteiro)		
I2	Chave	Totais
1	Interacção recíproca positiva	6
2	Interacção recíproca agressiva	7
3	Ação bilateral de carácter neutro	17
4	Interacção activa/passiva não agressiva	1
5	Interacção activa/passiva agressiva	1
7	Ação simples e postura K ou kan	9
12	Denominação simples ou postura (não K, kan)	11
Total		52

Independentemente das cotações à segunda coluna, pois não cabe aqui eliminar nenhuma dessas respostas, podemos concluir que encontramos 52 protocolos com estas respostas em 119 sujeitos, ou seja, uma relação de 1 : 2,288.

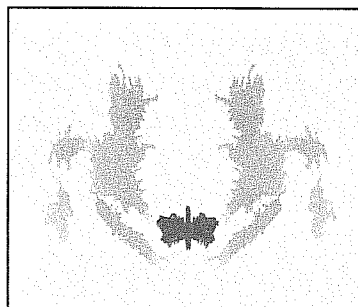
Para I1 = "11" observamos as seguintes cotações na 2ª coluna (I2):

I1 = "11" (animal inteiro)		
I2	Chave	Totais
2	Interacção recíproca agressiva	4
12	Denominação simples ou postura (não K, kan)	6
15	Ser humano ou animal morto	1
16	Imagem incompleta	1
80	Carácter agresseivo ou ameaçador sem acção	2
Total		14

Poderíamos à primeira vista considerar existir uma resposta comum com uma relação de 1 : 8,500, mas examinando, em concreto, as respostas, encontramos uma grande diversidade: umas fazem referência aos detalhes negros como entidades separadas – crustáceos, gatos ou animais à luta -, outras que agregam esses detalhes numa entidade única – caranguejo, sapateira – pelo que não devemos considerar existir aqui qualquer resposta banal ou comum.

Respostas DC (detalhe central vermelho)

Encontramos 59 respostas em 56 sujeitos. Relativamente às frequências à coluna I1, observemos a tabela seguinte:



Quadro 32
Frequências das cotações a I1, Cartão III, Respostas Dcentral

I1	100	01	04	11	21	23	27	29.07	29.12	30	40	
freq.	1	1	1	35	3	1	3	1	10	1	2	59

As maiores frequências registam-se nos itens "11" (animal inteiro) e 29.12 (representação fálica e/ou pulsional, em acção), respectivamente com 35 e 10 registos. Consideraremos apenas o item I1 = "11" dado que o outro não apresenta uma frequência suficiente para estabelecer uma relação inferior 1 : 10. Assim, observamos para a 2ª coluna:

I1 = "11" (animal inteiro)		
I2	Chave	Totais
10	Acção sofrida	2
12	Denominação simples ou postura (não K, kan)	33
Total		35

Em concreto, todas as respostas são "borboleta" (nos casos "acção sofrida" observa-se: "...estão a pegar nas asinhas da borboleta" e "...a maltrataram a borboleta"). Trinta e cinco respostas correspondem a 29,41%.

Respostas Dlat (detalhes laterais vermelhos)

Encontramos 49 respostas, com uma frequência máxima para o item "11", com 15 respostas.



Quadro 33
Frequências das cotações a 11, Cartão III, Respostas D laterais

I1	01	02	03	04	05	100	11	13	16	20	26	40	
freq.	1	7	2	9	1	1	15	1	2	8	1	1	49

Assinale-se a frequência para os itens "04" (humano irreal) e "20" (objectos humanos) de respectivamente 9 e 8 respostas. Relativamente à segunda coluna, e para este item, encontramos:

I1 = "11" (animal inteiro)		
I2	Chave	Totais
7	Acção simples e postura	4
12	Denominação simples ou postura (não K, kan)	11
Total		15

Concretamente, observamos:

- pássaros: 8
- animais: 5
- coelhos: 1
- mosquitos, 1

Consideremos de excluir a resposta "mosquitos", pelo que 14 respostas equivalem a 11,77%.

5.2.4. Síntese

Apresentamos seguidamente no quadro 34 a síntese dos resultados. Assumimos como critérios para respostas banais aquelas que acontecem pelo menos uma vez em cada três protocolos. Encontramos ainda um conjunto importante de respostas comuns assumindo para elas o critério de que acontecem pelo menos uma vez em cada dez.

Quadro 34
Respostas Banais

Cartão I	Cartão II	Cartão III
escaravelho, aranha, outros insectos (G) 1 : 1,40 (71,43%%)	Lagartas, bichos, formigas e outros insectos (Dcast) 1 : 2,164 (46,22%)	Duas pessoas (G) 1 : 2,288 (43,70%)

Respostas Comuns

Cartão I	Cartão II	Cartão III
Folha D Central 1 : 3,131 (31,93%)	Pulmões, caixa torácica (DV) 1 : 3,84 (26,05%)	Borboleta (D Central) 1 : 3,400 (29,41%)
	Coluna (DV) 1 : 7,933 (12,61%)	Objectos humanos, humano irreal (Dlat) 1 : 7 (14,29%)
	árvores, arbustos, plantas (Dlat verdes) 1 : 4,958 (20,17%)	pássaros, animais (Dlat) 1 : 8,500 (11,77%)
	Olhos (Dlat verdes) 1 : 4,407 (22,69%)	

No cartão I a resposta comum está muito próxima da banalidade, tal como a definimos. Nas mesmas condições estão as respostas “pulmões” ao cartão II e “borboleta” ao cartão III.

No capítulo dedicado à discussão dos resultados procuraremos examinar estes resultados comparando-os com os de outros investigadores.

5.3. Expressões da imagem de corpo e da representação de si

O quadro resume as cotações à primeira coluna da grelha para os três cartões.

Quadro 35
Cotações Primeira Coluna da Grelha de Representação de Si

I1	I			II			III		
	Tot.	F	M	Tot.	F	M	Tot.	F	M
01	1	1	0	8	5	3	61	31	30
02	0	0	0	3	1	2	10	4	6
03	1	0	1	0	0	0	9	5	4
04	3	2	1	1	1	0	12	7	5
05	0	0	0	1	0	1	2	0	2
06	0	0	0	0	0	0	1	0	1
07	2	1	1	2	1	1	2	1	1
08	1	1	0	35	19	16	4	3	1
09	0	0	0	0	0	0	0	0	0
00	10	6	4	60	28	32	3	1	2
.17	0	0	0	0	0	0	0	0	0
.18	7	3	4	16	8	8	2	1	1
.19	0	0	0	43	19	24	1	0	1
.20	3	3	0	1	1	0	0	0	0
11	120	56	64	84	39	45	91	35	56
12	0	0	0	11	2	9	0	0	0
13	0	0	0	0	0	0	1	0	1
14	1	1	0	1	0	1	2	0	2
15	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16	0	0	0	0	0	0	2	1	1
17	17	4	13	6	3	3	4	1	3
18	4	0	4	0	0	0	8	2	6
19	0	0	0	0	0	0	0	0	0
100	0	0	0	0	0	0	4	2	2
.17	0	0	0	0	0	0	0	0	0
.18	0	0	0	0	0	0	0	0	0
.19	0	0	0	0	0	0	2	1	1
.20	0	0	0	0	0	0	2	1	1
20	0	0	0	0	0	0	14	8	6
21	1	0	1	10	1	9	4	1	3
22	6	1	5	29	13	16	4	1	3
23	54	18	36	46	22	24	5	0	5
24	9	3	6	2	1	1	2	0	2
25	1	1	0	1	1	0	0	0	0
26	6	2	4	14	2	12	6	3	3
27	13	5	8	11	6	5	11	1	10
28	4	1	3	1	0	1	1	0	1
29.12	0	0	0	4	1	3	14	7	7
29.07	0	0	0	4	0	4	2	1	1
30	4	1	3	2	0	2	1	0	1
40	6	3	3	13	5	8	11	5	6
R	0	0	0	2	2	0	2	1	1

No conjunto dos três cartões as respostas mais comuns são:

- “11”, animal inteiro, com um total de 295;
- “23”, árvore, planta, folha, com um total de 104;
- “00”, anatomia humana, com 73;
- “01”, conteúdo humano inteiro, com 70;

5.3.1. Traços salientes

Cartão I

Neste cartão o conteúdo mais comum é “11”, animal inteiro, com 120 respostas. Não existem diferenças substanciais entre F e M, que utilizam com frequências semelhantes este conteúdo, respectivamente uma relação de 1,06 e 0,96 respostas por protocolo.

O conteúdo “23”, árvore, planta, folha segue-se como o mais frequente, com 54 respostas. Aqui, o comportamento entre F e M é diferente: o conteúdo aparece com uma frequência bastante superior em M, com uma relação de 0,55 respostas por protocolo, contra 0,34 para F.

Um e outro conteúdo, e porque são respostas banais e comuns (boas formas), obedecem aos critérios definidos por Boizou, Chabert e Rausch de Traubenberg (quadro perceptivo bem delimitado, modo de expressão bem delimitado e conteúdos centrados na mediana) para as considerarmos projecções conseguidas do esquema corporal, de nível evoluído porque autónomas.

Cartão II

Também aqui o conteúdo mais frequente é “11”, animal inteiro, com 84 respostas. Observam-se depois os conteúdos:

- “00”, anatomia humana, com 60 respostas,
- “23”, árvore, planta, folha, com 46,
- “08”, cabeça humana ou parte dela, com 35,
- “22”, elementos primitivos, com 29,
- “26”, vestuário, objectos com valor narcísico, com 14,
- “40”, abstracção, com 13 e
- “27”, outros objectos inteiros, com 11.

Na maioria dos casos o comportamento dos dois sexos é semelhante. Exceptua-se o conteúdo “08”, que é utilizado com maior frequência por F, e “26”, que é utilizado com maior frequência por M. As duas únicas recusas observadas são F.

Cartão III

O conteúdo mais frequente é “11”, animal inteiro, com 91 respostas. Seguem-se-lhe

- “01”, humano inteiro, com 61,
- “29.12” e “29.07”, representação fálica e/ou pulsional, com 16,
- “20”, objectos humanos, com 14,
- “04”, humano irreal, com 12,
- “27”, outros objectos inteiros, com 11,
- “40”, abstracção, com 11 e
- “02”, humano criança, com 10.

O comportamento dos dois sexos parece diferenciar-se na utilização dos conteúdos humanos (“00” a “08”), superior no grupo F, com cerca de 94%, contra cerca de 76% em M, tendência que se mantém com o conteúdo objectos humanos (“20”). Inversamente, o grupo M utiliza mais os conteúdo animais (“11” a “18”), com cerca de 105%, contra 74% em F. Para além disto, os conteúdos “29.12” e “29.07” são quase exclusivamente dados pelo sexo M. Observa-se uma recusa em cada grupo.

5.3.2. Características específicas de cada cartão

De cima para baixo, no quadro, poderão observar-se as diferentes características de cada cartão. Assim:

- a) é no cartão III que aparecem com grande frequência os conteúdos humanos inteiros ("01"), raros no cartão I e menos frequentes no cartão II;
- b) outros conteúdos humanos ("02" a "09"), em menor número que os primeiros, seguem o mesmo padrão;
- c) é no cartão II que aparecem com frequência significativamente superior conteúdos anatomia humana ("00"), quase ausentes em III e pouco frequentes em I;
- d) Os conteúdos animal inteiro ("11") são utilizados nos três cartões, com maior incidência em I, depois em III e depois em II. Mas se estabelecermos uma relação entre essas frequências absolutas de conteúdos e as reacções médias a cada cartão ($R_{comp} = 29,42\%$; $R_{cor} = 38,84\%$ e $R_{bilat} = 31,73\%$) acharemos uma relação que deverá exprimir o "peso" do conteúdo específico face ao peso do cartão. Essas relações encontram-se no quadro 36:

Quadro 36
Relações entre frequência do conteúdo "11" e reacções a cada cartão

Cartão	frequência	Reacções	relação
I	120	29,40%	4,08
II	84	38,84%	2,16
III	91	31,73%	2,87

Essa relação é duas vezes superior no cartão I que no II. Ou seja, os conteúdos animal pesam duas vezes mais em I que em II;

- e) conteúdos animal bebé ("12") só aparecem no cartão II, com especial incidência em M;
- f) conteúdos Ad ("17" e "18") aparecem com maior incidência em I, com peso específico semelhante ao descrito para conteúdos A inteiros;
- g) anatomia animal ("100") só se encontra em III;
- h) objectos humanos ("20") só se encontram em III;
- i) objectos com valor de conteúdo maternal ("21") encontram-se com maior incidência em II;
- j) idem para elementos primitivos ("22");
- k) árvore, planta, folha ("23"), tem incidência significativamente inferior em III, sendo que neste cartão só é dado por M;
- l) vestuário, objectos com valor narcísico ("26") tem incidência superior em II;
- m) representações fálicas e/ou pulsionais ("29.07" e "29.12") só se encontram em II e III, com especial incidência neste último;
- n) alimentação ("30") encontram-se nos três cartões, quatro a I, duas a II e uma a III.
- o) abstrações ("40") têm expressão não negligenciável nos três cartões;
- p) não há recusas para I e, finalmente,
- q) o cartão III oferece a maior diversidade de conteúdos.

5.3.3. Análise das características específicas de cada cartão

Seguindo a mesma linha de análise, de cima para baixo no quadro, temos:

Conteúdo humano inteiro

No cartão I encontramos apenas uma resposta: "*pareciam os pauliteiros de Miranda*" (protocolo 71), cotada G K H. Trata-se de um G vago e de um K impressionista; os contornos não estão bem delimitados: "*há qualquer movimento de dança que me pareceu isso*".

No cartão II encontramos oito respostas com diferentes modos de apreensão. Três dos sujeitos utilizam o detalhe superior vermelho e consideramos as respostas de boa qualidade formal: "*duas pessoas a darem um beijo*" (protocolo 1), "*...parece pessoas*" (72) e "*dois corpos bonitos pela frente, talvez vultos femininos*" (81). O detalhe branco é utilizado duas vezes: numa faz parte de uma resposta que implica uma perspectiva: "*a entrada de um palácio...um mexicano sentado no meio...*" (59) e noutra "*...silhueta de Fernando Pessoa*", envolvendo ambas também a forma "*...chapéu...*". O detalhe castanho é utilizado duas vezes: "*...homens em saudação*" (81) e "*...pessoas que têm esperança de fazerem algo juntas*" (94). Mas enquanto a primeira resposta aparece como alternativa à interpretação do detalhe que já antes tinha sido interpretado ("*dois animais em luta, frente a frente*") constituindo eventualmente um retorno do recalcado da agressividade aí expressa, que regressa no inquérito: ("*depois da luta de artes marciais*") podendo atribuir-se-lhe valor adaptativo, já a segunda aparece desligada do suporte formal: trata-se de um K impressionista que se insere num contexto de abstracção que perpassa por todo o protocolo. A única resposta G "*...ideia de máscaras de tribo...[DV] ideia daquelas pessoas vestidas a preceito [castanhos e verdes são adornos]*" (63) tem um deficiente suporte formal, é a única no cartão e segue-se-lhe uma recusa ao cartão III.

No cartão III encontramos 60 respostas, 52 das quais banalidades, correspondendo a 43,70% dos sujeitos. As cotações à segunda coluna podem ser observadas na página 93. Observamos onze meras denominações simples: "*pessoas, seres, figuras humanas, formas humanas, vultos de pessoas*" raramente explícitas quanto ao sexo. As interações recíprocas são tanto positivas, seis, "*a dançar uma com a outra, a conversar, a comunicar, num aperto de mão*" como negativas, sete, "*pessoas em combate, a disputar qualquer coisa, uma contra a outra, a puxar em direcções opostas, duelistas*". A oscilação entre interações positivas e negativas não é rara. As acções bilaterais de carácter neutro são as mais frequentes, dezassete: "*pessoas, africanos, índios a dançarem, a rodar, a fazerem ski, a pegar em qualquer coisa, agarrados a uma forma; bailarinos(as), jogadores; festa, dança*" e utilizam com frequência o detalhe inferior vermelho como parte dessa acção. Estas respostas, quer em interacção, quer em acção de carácter neutro quer ainda como denominação simples satisfazem os critérios de projecção conseguida, de nível evoluído, de uma imagem de corpo e trazem muitas vezes elementos pertinentes para a representação de si, apesar de o sexo dos personagens não ser explícito, com quatro excepções (três M e um F). Encontram-se apenas duas respostas cotadas interacção activa/passiva, mas elas não se referem ao outro mas a um terceiro representado pelo detalhe central: a não agressiva, "*a dar as mãos a um bichinho*" e a agressiva "*a maltrataram uma borboleta*".

Conteúdo humano criança

Não aparece no cartão I.

No cartão II registamos três respostas, todos em DV: "*nascimento de qualquer coisa, um óvulo, uma criança...; par de gémeos no útero materno; dois fetos, dois gémeos frente a frente*".

No cartão III registamos dez respostas. Sete localizadas em Dlat, todas "*crianças*" e três G, também crianças: "*a puxar uma corda, a brincar, a jogar à bola*".

Conteúdo humano definido pela função

No cartão I observamos uma resposta, em Dsup: "*um bruxo a dançar*".

No cartão II não observamos respostas.

No cartão III contamos doze respostas, sete femininas e cinco masculinas, todas G "*figuras a dançar, bobos ou palhaços, uma dança, figuras que usam máscaras*" excepto duas, localizadas em Dlat: "*palhaços, índios*".

Conteúdo humano irreal

No cartão I contamos três respostas, todas G: "*diabo, figura de outro planeta, demónio*".

No cartão II observamos uma resposta: "*um monstro (ou uma máquina)*", localizada em DV (F-).

No cartão III observamos doze respostas, nove das quais em Dlat: "*diabinhos, gnomos, duendes, demónios do Breughel, figuras míticas*", duas em G: "*diabos, seres que lutam um pelo Bem e outro pelo Mal*", ambas femininas, e uma DC: "*imagem demoníaca*".

Outros conteúdos humanos

Observamos maior frequência no cartão II, seguido do III e do I.

No entanto, para o cartão II, vinte e sete das respostas são comuns ("*olho, simbologia do olho humano*"), localizadas em Dverd. As restantes: "*rosto; cara de uma pessoa, bigode zona castanha (invertido)*" em G, "*rosto, cara triste, face*" em Dbl e DDbI e "*dois perfis de lado, cada um com um charuto; bigode, nariz*" em DverdDcast e DV, respectivamente.

De realçar uma resposta conteúdo humano tornado animal e outra mistura dos reinos humano e animal no cartão III: "*luta entre dois homens, duas pessoas, dois animais*" e "*dois bailarinos, dois dançarinos que têm a particularidade de terem pés de cabra. Podem ser duas figuras malévolas acompanhadas de dois pequenos demónios*". Também neste cartão assinala-se, com conteúdo parte do corpo humano: "*assim a querer imitar uma cara, de lado*" (Dnegsup), "*imagem quando o filme o silêncio dos inocentes, uma cara tapada na boca; uma cara; uma cara mas incompleta, com uma boca e umas orelhas esquisitas*", todas Gbl.

No cartão I assinala-se "*aqui e ali faz lembrar uma posição de ballet*" (Ddsup e Ddinf), "*uma face, humana ou de animal, nada de especial*" (Dsup).

Conteúdo anatomia humana

No cartão I é pouco frequente. A maioria é dada em G e é anatomia óssea: "*articulação costeo-femural, osso da bacia, caveira, cóxis*". "*Sangue, mancha de sangue, coração*" são as outras respostas anatomia. Uma é dada num pequeno detalhe (critério de frequência).

No cartão II encontramos 60 respostas em 46 sujeitos. Elas incidem fundamentalmente no detalhe vermelho e no detalhe branco ou na combinação de ambos: "*pulmões, coluna, caixa torácica*" e são respostas comuns. Exceptua-se um caso cotado G, com o cartão em posição invertida, "*parte da bacia, dos ossos*", e que se segue a duas outras respostas Anat (protocolo 10); um caso Dverd "*...os rins, imagino*", que também se segue a duas Anat (protocolo 61) e uma resposta em Dcast "*ramificações de neurónios, o corpo, depois a cauda, tipo uma sinapse*", que não vem acompanhada de outras Anat.

No cartão III encontramos apenas 3 respostas, duas cotadas G e uma Gbl. Esta, "*uma caveira, os lábios pintados, não sei*" segue-se a duas outras da qual uma primeira "*máscara*" (G) e uma segunda "*vejo aqui um rato, dois não é*" (Dneginf) (protocolo 45). As cotadas G: "*um cérebro humano, não sei*" (protocolo 52) e "*ossos ilíacos, ossos da bacia*" (protocolo 80).

Conteúdo animal inteiro

Como dissemos, encontram-se este tipo de respostas em todos os cartões, com pesos específicos diferentes.

No cartão I quase metade das respostas são F+ A, banalidades, e na esmagadora maioria cotadas G. Certos sujeitos parecem ter dificuldade em designar concretamente um animal específico. Destacam-se também as respostas com influência E (estompagem) e/ou acompanhadas de observação simetria: "*animal esmagado, dissecado, aberto*", cotadas animal inteiro, mas com cotação, na segunda coluna, acção sofrida (11 respostas) ou, eventualmente, desenho, caricatura, fotografia, radiografia (5 respostas). Ainda em G encontramos apenas duas respostas cotadas kan: "*um animal voador*" e "*formiga a caminhar na direcção que acha mais correcta*", esta última com conteúdo projectivo e tendência impressionista (protocolo 94, já citado, pág. 62). Os detalhes central "*borboleta*" e superior "*lobo, aranha*", são também utilizados, mais raramente.

No cartão II oitenta e quatro das trezentos e quarenta e oito respostas têm este conteúdo. O detalhe privilegiado é Dcast, o castanho inferior, com cinquenta e sete respostas, das quais trinta e quatro cotadas "12", denominação simples, na segunda coluna. Tratam-se, na sua maioria, de respostas banais. Quatorze são cotadas "2" na segunda coluna (interacção recíproca agressiva). Dverd é utilizado sete vezes "*peixes, animal marinho*", DV é utilizado cinco vezes: "*acasalamento de bichinhos, ursinhos de pé, bichos meio transparentes, borboleta*" (anotando-se o facto de que só esta última não divide o percepto em dois ou seja, a apreensão não é bilateral) e a apreensão em G aparece sete vezes, mas se três delas são de boa qualidade "*Éden das lagartas, encontro de formigas num pomar, animais em saudação*" pois compõem uma cena, as restantes quatro têm má qualidade formal: "*touro* (invertida, Gbl F-), "*animal esticado, desdobramento do animal, borboleta, imagens fossilizadas*".

No cartão III estas respostas são as mais frequentes, mas dispersas por vários detalhes. Vimos já que o DC vermelho é apreendido trinta e cinco vezes, todas "*borboleta*" e que das apreensões de Dlat vermelho quinze são cotadas "11" "*pássaros, animais, coelhinhos*". O detalhe negro inferior (Dneginf) é apreendido dezassete vezes "*ratos, ser rastejante, bichos, animais*". Em Dneg e em G e Gbl encontramos vinte respostas. Nestes casos o nosso critério de cotação não foi devidamente estabelecido: pareceu-nos a certa altura não devermos cotar G senão com conteúdos humanos inteiros, mas certas respostas parecem de facto uma apreensão global, eventualmente escotomizando os detalhes. Assim, nesta análise, consideramos esse grupo, que podemos dividir em dois: o das respostas mais dinâmicas, que projectam relações ou que, pelo menos, identificam dois animais, como "*gatos, animais, à luta; macacos, a puxar qualquer coisa, a transportar qualquer coisa*" e aquelas que procuram reunir uma mesma entidade num mesmo percepto, mesmo se acompanhadas de observações relativas ao branco, por vezes com inversão do cartão: "*caranguejo, vazio no meio, abstraindo o meio; lagosta, sapateira; aranha com falta de corpo, cortada ao meio; insecto, falta qualquer coisa no meio; felino mal definido; coelho*".

Conteúdo animal bebé

Só aparece no cartão II, localizados em DV "embriões" e em Dcast "larvas, casulos", e só uma das respostas é feminina.

Conteúdo Ad

No cartão I é relativamente frequente. Aparece ligado ao Dsup dez vezes "*cabeça, cara, forma, de aranha, de macaco, de animal*". Em G encontramos quatro respostas, três delas "*pele de animal, de búfalo, tapete de animal*", uma delas "*carcaça de animal que foi esmagado*". Cinco Dd, ligados a outros conteúdos, "*antenas, garras, patas*" e que cotámos por possuírem nos respectivos contextos. Dois Ddbl "*olhos*" e dois Dd insólitos.

No cartão II são raros. Acontecem cinco vezes, dois em Dcast, onde normalmente se vê animais inteiros, "*corpos de moscas sem asas; nariz, pelo de gato*", dois em Dverd, "*olhos de um grande animal; cabeça de ave de rapina*" e um em DV, "*partes de corpo de animal*".

No cartão III estão ligados a Dneginf "*tenazes, pinças de animal, de lagostins, membros de caranguejo*", mas também "*cabeça de crocodilo, com rabo de gato*". A apreensão em G e Gbl também acontece, uma vez cada: "*parte de aranha*" e "*cabeça de insecto ou focinho de cão*". Registamos dois Dd insólitos.

Conteúdo anatomia animal

Só acontecem no cartão III, em pequeno número, quatro. Duas das respostas localizam-se em Dlat e, apesar de cotadas, fazem parte de uma cena de animais à luta "*e o sangue deles*". As outras duas, em G, são "*qualquer coisa desmenbrada, desmembramento*".

Conteúdo objectos humanos

Só acontecem no cartão III. Oito localizam-se em Dlat: "estatuetas, bonecos de neve, espantalhos, marionetas que brincam, bonecos tipo palhaço, figuras de arte sacra, bonecos dançantes, mobiles", cinco em G: "bonecos em pose de dança, espantalhos, marionetas dançantes, que brincam", e um em Dnegsup: "bonequinhos". Seis destas respostas acompanham outras G K H Ban.

Objectos com valor de conteúdo maternal

No cartão I uma só resposta, "concha", masculina.

No cartão II dez respostas, uma das quais poderá possuir apenas valor de contentor, das quais nove masculinas, localizadas em G (quatro), DDbI (duas), DbI (duas) e DV (duas), respectivamente "casas da china, entrada de um palácio, de um templo, de um gruta, templo", "templo, balão oriental com luz dentro", "cálice ou castiçal, entrada de uma gruta" e "saco com plasma de sangue, casas japonesas".

No cartão III quatro respostas das quais três masculinas. Três delas localizadas em DC como acessórios de uma cena G K H Ban: "cesto, caixotezinho, volume" e a outra em Gbl "templo chinês".

Conteúdo elementos primitivos

No cartão I encontramos seis respostas, cinco das quais masculinas. "nuvens, nuvem em forma de animal, beira-mar com as ondas na areia, lago onde se vêem os pontos menos profundos e mais profundos, terra ou ilha".

No cartão II encontramos vinte e nove respostas em vinte e dois sujeitos, dos quais dez são F e doze M. Em termos gerais dois tipos de respostas poderão ser encontrados: centrados no Dcast, com ou sem apoio no Dverd: "terra, raízes, vida a brotar da terra, floresta, interior da terra, camadas geológicas, satélite de uma terra com as elevações, relevos de montanhas" ou centradas no detalhe superior vermelho, embora cotadas, na sua maioria, G, pois com apoio nos três grandes detalhes: "paisagem tirada do campo, terra, sol ao centro, entardeceres tropicais, a natureza, pôr-do-sol, a savana, primavera". Encontramos ainda quatro respostas DDbI: "lago com sol, a luz do sol ao pôr-do-sol" e "pôr-do-sol" (três).

No cartão III registamos quatro respostas. Duas em G, "imagem de uma montanha com umas árvores" e "floresta à noite. Isto parece as raízes das árvores e o vermelho aquelas árvores que atacam a presa à noite"; uma Dneg "...cinzas" e outra DdbI "ilha, e enseadas e mares".

Conteúdo árvore, planta, folha

No cartão I registamos cinquenta e quatro respostas, 18 femininas e 36 masculinas. Quarenta e uma localizadas em DC, maioritariamente "comuns" (trinta e oito, ou seja, 31,93%, já que no critério aplicado não considerámos três respostas cotadas "imagem em espelho" na segunda coluna) (vide pag. 88). Nove repostas são cotadas G, a maioria FE dada a influência do claro-escuro "*folha, folha seca, desgastada pelo tempo, folhas sobrepostas que ficam no chão no Outono, arvoredo denso*", e duas "*flor, planta, falta o caule*". Duas ainda são Dd "*ramos de árvores*" e "*flor*".

No cartão II registamos quarenta e seis respostas, trinta e uma das quais em Dverd, detalhe já analisado na pesquisa de banalidades: "*árvores, arbustos, plantas, folhas, flores*". Três destas respostas são "*algas*". Depois, observamos cinco respostas em Dcast, das quais quatro "*raízes*" e uma "*cortiça*"; quatro em DV, "*flores, flor, pétala de flor com falhas*" e quatro em G: "*planta, flor, algas marítimas, árvores assentes no solo com um cartaz ao fundo*". Não parece existir diferença entre o comportamento do grupo F e M.

No cartão III apenas cinco respostas, todas masculinas. Três em G, "*imagens do fundo do mar, algas ou qualquer outro tipo de espécies submarinas*", "*árvore em que lance algum alimento para os lados*" e "*folhas esquisitas de duas cores*". As restantes duas são "*tipo uma folha seca, tipo Outono, que teria caído de uma árvore*", em DC, e "*parte de uma raiz de uma planta qualquer*", em Dd.

Conteúdo vestuário e objectos com valor narcísico

Seis respostas no cartão I, duas F e quatro M. Em G observam-se quatro: "*leque, símbolo da liga portuguesa contra o cancro, símbolo, máscara índia*" e em Dsup uma: "*máscara*".

No cartão II encontramos quatorze respostas, duas femininas e doze masculinas, em G ou distribuídas pelos diversos detalhes, à excepção do Dverd.. Em G observamos "*arranjos florais, caracteres orientais, pintura chinesa*"; em DV, DDbl e Dbl "*cruz (nazi), caracteres chineses, imagens chinesas, rituais do povo Inca que utilizavam uma máscara, máscara, a rosa do PS*" e em Dcast "*(máscara) com um lenço à volta*".

Ao cartão III fornecem respostas com este conteúdo seis sujeitos (três F e três M). Dois Gbl, ambos "*máscara*", ambos M; um G "*símbolos chineses*"; duas Dlat "*fitas presas aos braços e pernas, brincos*".

Conteúdo representações fálicas e/ou pulsionais

Não acontecem no cartão I.

No cartão II observam-se duas respostas, uma G "*uma explosão nuclear*" e a outra DV "*explosão de um vulcão*".

No cartão III encontramos dezasseis respostas, sete femininas e sete masculinas. A grande maioria situa-se no Detalhe central DC, e fazem parte, regra geral, de uma cena.: "*fogueira, chamas de fogo, feixe de luz*". Duas são cotadas "29.07" (em acção): "*crateras em erupção*" (Detalhes vermelhos) e "*(dragão) a cuspir fogo*" (Dd) e as restantes "29.12" (estático). De assinalar "*bonequinhos que se enfiam nos lápis ou nas canetas*" e "*velas*" (Dneginf), "*elevador de automóveis*" (Dneg).

Alimento

No cartão I observam-se quatro respostas, três M e uma F, todas G: "*frango assado, esmagamento de uma pera, maçã cortada, frango no churrasco, falta-lhe as pernas*", todas cotadas a FE dada a influência do claro-escuro.

No cartão II duas respostas: "*alfaces*" (Dverd) e "*gambas assadas*" (Dcast), ambas M.

No cartão III uma resposta, M, "*(partilha ou luta de) um alimento (entre dois animais)*".

Abstracções

No cartão I observam-se seis respostas, cinco das quais G, "*numa outra perspectiva espaço sem limites, Outono, ambientes de Outono, isto representa as forças do mal*" e uma D: "*parte à volta (...) tempo frio e chuvoso*", que acompanha "*Outono*".

No cartão II observam-se treze respostas, sete G: "*desenho abstracto, simbologia humana e animal e terra, o Oriente, ambiente oriental, coisa oriental, raízes da vida, natureza confusa, um amanhecer mítico*". Três referem-se ao detalhe lateral verde, "*cor da esperança, (...) trazem entusiasmo (...), paixão, esperança de fazerem algo juntas, simbolizado pelo verde, sensação de fertilidade*". Uma resposta DV: "*tristeza, a expressão da face*" e outra Dbl: "*eu acredito em Deus, e então parece que Deus me está a vigiar, a orientar...*".

No cartão III encontramos onze respostas em oito sujeitos, a maioria directamente ligadas aos detalhes vermelhos: "*tempestade, paixão*" (Dneg, DC e Dlat), "*igualdade*" (G), "*vento de uma forma desordenada, encontro de imagens que se tenta interligar e desinterligar... coacção de um mundo irreal, representa a imagem de um mundo incompreendido*" (G), "*a ruptura deles os dois, o afastamento, encarnado do meio a comunicação, o consenso*" (Dlat, DC), "*sugere violência*" (DC e Dlat), "*vermelho dá sentido de paz, de equilíbrio, não é uma coisa violenta*".

6. Discussão dos Resultados

6.1. Factores

Os quadros 37, 39 e 40 apresentam os principais resultados da nossa investigação e das dos diversos autores que consultamos, procurando indicar as principais características dos métodos utilizados e das amostras estudadas. A coluna "C" indica que característica possui a amostra quanto à intenção, ou contexto; "?" representa dados não apresentados nessas investigações de recolha dos protocolos, a coluna "A" indica se a aplicação foi individual (I) ou colectiva (C).

Quadro 37
Comparativo Produtividade total (médias e desvios-padrão)

AUTOR	AMOSTRA	C	A	F	M	TOT
Horta	Adultos (21 a 44 anos)	Sel.	I	7,06 ± 2,97 n = 53	8,02 ± 3,34 n = 66	7,59 ± 3,22 n = 119
Mahmood (1982)	Jovens adultos estudantes	Inv.	I	?	?	10,05 ± 3,47 n = 100
Mét. Klopfer (Glasgow, Escócia)	Neuróticos	Inv.	?	?	?	9,90 ± 5,51 n = 50
	Esquizofrénicos	Inv.	?	?	?	8,86 ± 3,42 n = 50
Morales e col (1981)	Jovens adultos estudantes medicina (18 a 24 anos)	Inv.	I	8,9 n = 50	9,56 n = 50	9,27 n = 100
Mét. ?						
Semeonoff (1990)	Adultos	Sel.	I	11,15 n = 194	11,67 n = 52	11,26 n = 246
Mét. Klopfer (Escócia)						
Uhinki e col. (1990)	Adolescentes (15 a 17 anos)	O.V.	C	? n = 25	? n = 25	11,8 ± 6,3 n = 50
Mét. Exner	Finlandia					
Sandhal e col. (1990)	Adultos "capazes" Suécia	Sel.	C	? n = 5	? n = 17	14,9 ± 5,9 n = 22
Mét. Exner						
	Adultos "normais" aleatórios Finlandia	?	I	?	?	9,4 ± 5,2 n = 36
Ruth e col. (1990)	Idosos "sociáveis"	?	I	?	?	7,2 ± 4,3 n = 15
Mét. Exner Finlandia						
	Idosos "sós"	?	I	?	?	5,9 ± 4,6 n = 17

Relativamente à produtividade geral observamos que o comportamento da nossa amostra difere substancialmente do da maioria dos outros estudos. De facto, as médias dos dois sub-grupos feminino e masculino e de todo o grupo são substancialmente inferiores às de todas as populações estudadas, à excepção dos "idosos". Também os desvio-padrão são mais reduzidos. Observe-se que a aplicação colectiva parece produzir mais respostas que a aplicação individual, o que distancia ainda mais os resultados da nossa amostra. Não encontramos explicação para este facto; apenas podemos colocar algumas hipóteses explicativas, que poderão residir quer nas populações quer nos procedimentos, quer na conjugação de ambos. De facto, não nos podemos esquecer da situação particular em que os protocolos foram recolhidos e na situação da nossa amostra. A procura de emprego, numa população jovem, e no contexto de uma entrevista formal relativamente bem estruturada (no sentido em que o entrevistador, apesar da semi-directividade, não deixa de "executar" um determinado modelo, uma determinada rotina), poderá contribuir para a tendência à restrição observada, isto apesar de não deixar de ser muito inferior à de outra amostra recolhida em contexto de selecção (Semeonoff). Por outro lado, o método de cotação utilizado é diferente em ambos os casos, o que também deverá pesar nestes resultados.

No entanto, deveremos ainda atentar na produtividade tal como ela é estudada por Pestana (1992), pois que analisa os resultados utilizando tabelas percentílicas. O quadro 38 permite essa comparação. Também aqui observamos diferenças substanciais, que vão no mesmo sentido das anteriormente observadas, muito embora devam ser temperadas pela diferença nas populações estudadas pois ele utiliza uma amostra de 32 raparigas e 23 rapazes entre os 16 e os 18 anos.

Quadro 38
Comparativo Produtividade total (tratamento percentílico)

		Valores médios (P50)				Valores adequados (P25)				Valores adequados (P75)			
		RTot	R1	R2	R3	RTot	R1	R2	R3	RTot	R1	R2	R3
Horta	F	7	2	3	2	5	1	2	2	8	3	4	3
	M	7	2	3	2	5	1	2	2	9	3	4	3
	Tot	7	2	3	2	5	1	2	2	9	3	4	3
Pestana	F	10	-	-	-	8	-	-	-	13	-	-	-
	M	9	-	-	-	7	-	-	-	11	-	-	-
	Tot	10	-	-	-	7	-	-	-	12	-	-	-

6.1.1 Produtividade cartão a cartão

A análise dos quadros relativos à produtividade de respostas "G" e "D" mostra-nos também a existência de diferenças substanciais entre os nossos resultados e dos vários investigadores. A análise é difícil na medida em que os resultados não estão expressos de modos semelhantes; o melhor modo de a realizar é considerar apenas os valores percentuais, que reflectem menos as diferenças encontradas a nível de produtividade global. Assim não é possível a comparação com o estudo de Semeonoff, precisamente aquele cujo contexto de recolha é semelhante ao nosso. Assinala-se que a percentagem de respostas "G" na nossa amostra é substancialmente superior à da maioria das outras e que a percentagem de "D" é bastante mais próxima dos valores encontrados pelos outros investigadores.

Quadro 39
Comparativo Respostas Globais (G)

AUTOR	AMOSTRA	C	A	F	M	TOT
Horta	Adultos (21 - 44 anos)	Sel.	I	2,68 ± 1,08 (43,79%) n = 53	3,06 ± 1,41 (43,23%) n = 66	2,89 ± 1,29 (43,48%) n = 119
Mahmood (1982)	Jovens adultos estudantes	Inv.	I	?	?	29% n = 100
Mét. Klopfer (Glasgow, Escócia)	Neuróticos	Inv.		?	?	30% n = 50
	Esquizofrénicos	Inv.		?	?	35% n = 50
Morales e col (1981)	Jovens adultos estudantes medicina (18 a 24 anos)	Inv.	I	22,7 % n = 50	27,6 % n = 50	n = 100
Mét. ?						
Semeonoff (1990)	Adultos	Sel.	I	3,53 n = 194	3,77 n = 52	3,61 n = 246
Mét. Klopfer (Escócia)						
Uhinkí e col. (1990)	Adolescentes (15 a 17 anos)	O.V.	C	?	?	2,6 ± 1,9 (22%) n = 50
Mét. Exner	Finlândia			n = 25	n = 25	
Sandhal e col. (1990)	Adultos "capazes" Suécia	Sel.	C	?	?	5,5 ± 4,2 (37%) n = 22
Mét. Exner	Adultos "normais" aleatórios Finlândia	?	I	?	?	4,3 ± 2,0 (36%) n = 36
Ruth e col. (1990)	Idosos "sociáveis"	?	I	?	?	1,3 ± 1,0 (18%) n = 15
Mét. Exner Finlândia	Idosos "sós"	?	I	?	?	1,2 ± 0,8 (20%) n = 17

Quadro 40
Comparativo Respostas Grande Detalhe (D)

AUTOR	AMOSTRA	C	A	F	M	TOT
Horta (21 – 44 anos)	Adultos	Sel.	I	4,15 ± 2,35 (54,20%) n = 119	4,64 ± 2,79 (53,97%) n = 66	4,42 ± 2,61 (54,07%) n = 53
Mahmood (1982)	Jovens adultos estudantes	Inv.	I	?	?	54% n = 100
Mét. Klopfer (Glasgow, Escócia)	Neuróticos	Inv.		?	?	58% n = 50
	Esquizofrênicos	Inv.		?	?	49% n = 50
Morales e col (1981)	Jovens adultos estudantes medicina (18 a 24 anos)	Inv.	I	55,2% n = 50	44,5% n = 50	- n = 100
Mét. ?						
Semeonoff (1990)	Adultos	Sel.	I	5,40 n = 194	4,69 n = 52	5,25 n = 246
Mét. Klopfer (Escócia)						
Uhinki e col. (1990)	Adolescentes (15 a 17 anos)	O.V.	C	?	?	6,2 ± 3,2 (53%) n = 50
Mét. Exner	Finlândia					
Sandhal e col. (1990)	Adultos "capazes"	Sel.	C	?	?	6,4 ± 3,5 (43%) n = 22
Mét. Exner						
Suécia	Adultos "normais" aleatórios Finlândia	?	I	?	?	4,3 ± 2,9 (46%) n = 36
Ruth e col. (1990)	Idosos "sociáveis"	?	I	?	?	3,4 ± 2,3 (47%) n = 15
Mét. Exner						
Finlândia	Idosos "sós"	?	I	?	?	3,6 ± 3,2 (61%) n = 17

Também aqui devemos atentar nos resultados tal como apresentados por Pestana (op. cit.). O quadro 41 permite essa comparação. Também aqui observamos diferenças, que vão no mesmo sentido das anteriormente observadas, mas menos significativas. As mais importantes relacionam-se com as respostas "G", valores bastante superiores na nossa amostra.

Quadro 41
Comparativo Modos de Apreensão “G” e “D” (Tratamento Percentílico)

		Valores médios		Valores adequados			
		(P50)		(P25)		(P75)	
		G%	D%	G%	D%	G%	D%
Horta	F	40	60	29	43	57	71
	M	39	59	26	40	60	71
	Tot	40	60	29	40	60	71
Pestana	F	31	59	20	52	43	67
	M	44	56	25	50	50	67
	Tot	33	58	21	50	45	67

6.2. Pesquisa de banalidades

As provas projectivas são sempre um reflexo da vida cultural de cada grupo. Rausch de Traubenberg e Boizou (1984), a propósito da análise da qualidade formal das repostas Rorschach em crianças, referem que "qualquer que seja a utilidade dos estudos normativos, elas não têm [as normas] (...), senão uma utilização muito limitada e não dão senão linhas directrizes relativas a uma amostra determinada de uma dada cultura (p.28, trad. livre). Mas não deixa de ser interessante observar as diferenças entre dadas culturas. No nosso caso, apoiando-nos num estudo de Mahmood (1990), que por sua vez se apoia em Eble (1967), procuramos mostrar as diferenças existentes entre os resultados da nossa amostra e os resultados obtidos por aqueles autores, e que se podem observar no quadro 42.

Quadro 42
Comparação inter-cultural de respostas banais e comuns

		Escoceses	Paquistaneses	Portugueses
I	G: Caranguejo, aranha, mosca, insecto	70%	75%	71%
	G: tulipa, flor, iris	20%	-	-
	DC: Folha, borboleta	50% e 10%	10% e 18%	26% (folha)
	Dsup: Cabeça de animal	10 %	-	-
II	Dcast: insecto, lagosta	50%	72% (animais que lutam)	46% (lagartas, bichos)
	Dbi: Caixa torácica	30%	48% (DV anat)	13% (coluna) 26% (pulmões)
	Dverd: olhos	25%	18% peixe	23%
	Dverd: árvores, arbustos, plantas	-	-	20%
	G: mundo submarino	10%	-	-
III	G: humano	60%	65%	44%
	DC: borboleta	60%	60%	29%
	Dlat: crianças, palhaços	45%	58% (criança, índios)	14% (obj. H, (H))
	Dneginf: porco, rato	30%	-	-

Uma grande convergência observa-se na resposta global ao cartão I. Mas, sobretudo, observam-se diferenças substanciais entre o comportamento da nossa amostra e das de Mahmood e Eble. Fundamentalmente, observa-se que as nossas respostas banais e comuns têm todas frequências de aparecimento bastante inferiores às outras.

6.3. Expressões da imagem de corpo e da representação de si

6.3.1 Cartão I

Relembremos, antes de mais, a nossa descrição do cartão: mancha compacta e fechada, feita em tonalidades de cinzento, branco e preto, e com os bordos relativamente pouco recortados. No centro da mancha destaca-se uma outra, mais escura e relativamente bem definida. Observam-se ainda duas projecções laterais médias e duas laterais inferiores, menos destacadas, bem como outras duas no topo e na base. Observam-se ainda quatro pequenos detalhes brancos; um deles, o maior, situado na base da mancha central mais escura e os restantes três dispostos em triângulo invertido no terço superior e ao centro da imagem.

Não é necessário um grande esforço de análise para encontrarmos neste cartão modalidades evoluídas de expressão de imagem de corpo: as categorias de conteúdos mais frequentes, "animal inteiro", apoiado na totalidade da mancha, e "árvore, planta, folha" apoiados também na sua totalidade ou, mais frequentemente, no detalhe escuro central, porque são respostas banais e comuns (boas formas), e embora de diferentes níveis simbólicos, obedecem aos critérios definidos por Boizou, Chabert e Rausch de Traubenberg (quadro perceptivo bem delimitado, modo de expressão bem delimitado e conteúdos centrados na mediana) para as considerarmos projecções conseguidas do esquema corporal, de nível evoluído, porque autónomas, ou, por outras palavras, de nível socializado. A frequência destes conteúdos, respectivamente com 45% e 20% das respostas ao cartão, ilustra o grande suporte formal que ele oferece. Aliás, levando em linha de conta que a moda do cartão é de uma resposta para o grupo masculino e de duas respostas para o feminino, os sujeitos contentam-se em muitos casos em fornecer exactamente essas respostas. Outras respostas com valor positivo serão "*borboleta*" dadas também em "DC" e, eventualmente, as dadas em Dsup e relativamente frequentes, eventualmente apoiadas nos três pontos brancos dispostos em triângulo invertido no terço superior e ao centro da imagem (olhos, boca): "*cabeça, cara, forma, de aranha, de macaco, de animal*".

No entanto, não deveremos talvez excluir do registo evoluído um conjunto importante de respostas que manifestam uma sensibilidade ao material que ultrapassa o mero aspecto formal: referimo-nos às respostas cotadas FE (F+) e, eventualmente EF (F+), ou seja, cujo determinante é constituído também pela *estompage*. Uma das condições de saúde mental é a da capacidade de receptividade ao ambiente e a cor está, nesse aspecto (e como veremos claramente na discussão aos cartões II e III) associada neste tipo de provas às manifestações dessa receptividade quer através da utilização do determinante cor (ou E) quer através de K ou kan. Aliás, as autoras acima citadas consideram exactamente como critérios positivos de expressão a manifestação dessa sensibilidade, temperada pela utilização positiva da forma.

Relativamente à "facilitação" de respostas quines-tésicas o cartão não se mostra pródigo; encontramos algumas respostas K, três de tendência impressionista: "...há qualquer movimento de dança que me pareceu isso;...aqui e ali faz lembrar uma posição de ballet; ...pareciam os pauliteiros de Miranda"), que manifestam exactamente essa sugestibilidade ao material mas que são muito possivelmente

defensivas; encontramos outra com valor positivo, que reenvia mais à imagem de si: "*um bruxo a dançar*". Outras respostas humanas, como "*diabo; figura de outro planeta; demónio*" reenviam também mais a uma atitude defensiva, de medo da relação. Respostas como "*animal voador*" e "*...formiga a caminhar na direcção que acha mais correcta*" são respostas que devem ser interpretadas mais cuidadosamente.

Relativamente às respostas *estompagem*, admitimos, como Chabert (1983), que elas traduzem uma relativa facilidade no "deixar-se ir" para posições regressivas e traduzem a integração da sensorialidade primitiva - sobretudo as de textura. Assim, respostas como "*pele de búfalo esticada; nuvem em forma de animal*" podem ter valor positivo (e eventualmente defensivo) na medida em que nelas participa uma dimensão regressiva, sem perca de limites. Outras, como a sequência "*Esta imagem tem uma aparência com uma folha que se vê uma parte central. Também podia ser um esquema de um lago, em que se notava os pontos menos profundos e mais profundos. Como também uma distribuição de um gás, de um fumo visível no ar, em que a sua saída seria na parte central. (?) Onde está mais escuro. E do mesmo contexto também se pode comparar com uma peça que tenha uma união central e que haja uma fuga de um líquido e que ia saindo*" (protocolo 106) pode já revelar uma fra-gilidade da identidade: note-se o deslizar de um conteúdo estável para um difuso para terminar na diluição, muito embora conserve o apoio no detalhe central (mais escuro e mais definido) que simbolizaria o núcleo identitário. Outras, como "*folha seca, folha desgastada pelo tempo, folhas sobrepostas que ficam no chão no outono*" podem traduzir vivências depressivas mas satisfazem os critérios acima citados.

Existe ainda um conjunto de respostas que, embora cotadas G FE (F+), parecem traduzir uma experiência negativa: são elas animal "*dissecado, espalmado, esmagado, aberto, esborrachado*", que aparecem em onze sujeitos (quase 10% da amostra) e que optámos por cotar "animal inteiro e "acção sofrida" respectivamente à primeira e segunda colunas. Se, por um lado, podemos colocar a hipótese de que traduzem efectivamente a projecção de experiências negativas na sensorialidade primitiva, poderemos também pensar que a experiência se situa mais ao nível da vivência psíquica. Além disto, os sujeitos estão de facto a ser submetidos a um exame e poderão sentir-se vítimas de uma "dissecação", caso em que deveríamos situar as respostas num contexto transferencial actual. Para além disso, outro factor a ser levado em linha de conta é o do carácter formal da resposta, que é bom.

Mas, se a sensibilidade à *estompagem* (ou à cor) temperada pelo uso adaptativo da forma é critério positivo, ela constitui também um risco onde o sujeito se pode diluir. Chegamos assim a manifestações num certo sentido mais significativas porque "contrariando" aquele forte suporte formal socializado que, eventualmente, se poderão considerar arcaicas, caso de "*sangue, mancha de sangue*". Respostas anatomia, como "*articulação costeo-femural; osso da bacia, caveira, cóxis*"; uma resposta "*ilha*" (que pode ser a expressão de uma falsa identidade) ou ainda respostas de conteúdo alimento, como "*frango assado; esmagamento de uma pera; maçã cortada; frango no churrasco, falta-lhe as pernas*" (que revelam uma perca de distância e contêm um elemento projectivo) devem ser analisadas com prudência e relacionadas com o conjunto do protocolo.

De referir ainda que, para alguns sujeitos, o aspecto maciço do cartão conduz a manifestações dis-fóricas (influência Clob).

Uma palavra mais relativamente às relações com a situação de teste. Poderíamos também colocar a hipótese de que o excessivo "formalismo" apresentado pela maioria dos sujeitos, na concentração do que "é visto por todos", sem outras expressões (a moda do cartão é de resposta uma resposta e mais

que quatro respostas são dadas por apenas 5,9% dos sujeitos) não se trata senão de um mecanismo de defesa, ligado à situação em que o sujeito se encontra, o que iria de encontro ao nosso sentimento de que certas entrevistas não ultrapassariam o quadro de um inquérito (pergunta-resposta) onde o sujeito não se expõe.

6.3.2 Cartão II

O cartão, colorido, está claramente dividido em três “áreas perceptivas”, separadas, embora duas delas tenham objectivamente pequenos pontos de contacto. Numa metade superior observa-se, ao centro, uma mancha de tons vermelho-rosa com um detalhe branco central “forte” e duas manchas verdes laterais com um pequeno detalhe branco interior; numa metade inferior apresentam-se duas manchas em tons castanhos alaranjados claros e escuros.

De acordo com os critérios definidos por Boizou, Chabert e Rausch de Traubenberg, qualquer resposta com um quadro perceptivo bem delimitado, com um modo de expressão que demonstre, mais que rigor objectivo, uma preocupação de delimitação e com um conteúdo descritivo que tenha limites estáveis e adequados (centrado na mediana; animal; ou, noutro registo, objectos e fenómenos naturais), tem um valor positivo de diferenciação. O cartão, pelas suas características (áreas perceptivas separadas), parece oferecer então suporte adequado para essa expressão.

De facto, examinando a nossa lista de respostas banais e comuns, encontramos um conjunto de respostas que satisfazem esses critérios sem necessidade de melhor análise: a representação de si expressa-se na percepção de detalhes comuns. São elas: “lagartas, bichos, formigas e outros insectos” localizadas no detalhe inferior acastanhado, com uma relação de 1 : 2,164 (46,22%), “pulmões, caixa torácica” localizados no detalhe vermelho superior, com uma relação de 1 : 3,84 (26,05%), “coluna”, localizada no detalhe branco central/superior, com uma relação de 1 : 7,933 (12,61%), “árvores, arbustos, plantas”, localizadas nos detalhes laterais verdes com uma relação de 1 : 4,958 (20,17%) e “olhos”, também no mesmo detalhe, com um relação de 1 : 4,407 (22,69%). Na apreensão destes detalhes a cor joga quase sempre um papel importante, o que é indispensável pelo que revela de sensibilidade ao ambiente e adaptação à realidade.

Os conteúdos a este cartão são diversos, e mesmo considerando apenas as respostas banais e comuns, elas surgem em diferentes contextos que vale a pena analisar. Para além do mero reconhecimento do estímulo na resposta banal (detalhe castanho), num registo mais evoluído consideraremos fundamentalmente as interações entre animais, pois tratam-se da expressão de afectos, tanto positivos como negativos, sem perda de identidade: *“encontro de formigas num pomar; animais em saudação; dois rinocerontes a investir um contra o outro; dois insectos em confronto; dois animais em luta frente a frente”*, etc.

Noutro registo, “coluna” e “caixa tórácica”, obviamente organizados à volta de um eixo mediano (DbI), parecem servir de suporte a uma projecção do esquema corporal. Neste caso parece-nos importante discutir o papel da inversão figura-fundo que tradicionalmente tende a ser interpretado como condução de oposição ou inscrevendo-se numa dialéctica relacional primária. Mas deverá notar-se que a cor joga aqui também um papel importante: o branco é a cor da coluna vertebral (cotamos FC), tal como o interior do corpo está conotado com o vermelho (cotamos FC). Colocam-se então duas hipóteses: a) a de não existir uma inversão figura-fundo: dado que neste cartão os detalhes estão claramente separados e delimitados, a percepção do detalhe poderá fazer-se, desde logo, com o vermelho como fundo e b) existe uma inversão directa ou indirectamente ligada a uma reacção ao vermelho.

Por outro lado, a reacção à cor aparece claramente em certas respostas centradas no detalhe inferior castanho: "*encontro de formigas num pomar*", por ex., é uma manifestação clara dessa influência. Além disso, podemos por vezes inferir que em certos sujeitos em que não existe interpretação do vermelho (ou mesmo em que exista) a existência de um eventual choque ao vermelho, aparecendo a reacção a esta cor nas interações recíprocas negativas: "*dois insectos em confronto*".

A propósito da influência do vermelho, registre-se também as interações recíprocas positivas, raras, aí apreendidas: "*duas pessoas a darem um beijo*", caso de conteúdo humano inteiro, ou de "*acasalamento de bichinhos; ursinhos de mão dada, tipo Panda, no circo*", casos de animais, ou apreendidas no detalhe castanho: "*dois homens em saudação*", pois, no inquérito, "*depois de uma luta de artes marciais*". Aqui (como noutras com outros conteúdos) o detalhe branco oferece suporte à apreensão bilateral do detalhe vermelho.

Mas a apreensão do detalhe branco não se limita às respostas anatómicas: existem diversos outros conjuntos de respostas. Um importante é aquele que tem como referência o detalhe vermelho apreendido na categoria "objectos com valor de conteúdo maternal", como sejam "*casas da china, entrada de um palácio, de um templo, de uma gruta*", mais ricos ou mais crus, e que por vezes parecem suscitar o preenchimento do detalhe branco: depois de "*A entrada de um palácio. Uma sebe, um portão bonito*" surge "*Dá a impressão de que está um mexicano sentado no meio mas não se enquadra bem*" (protocolo 59).

Noutros casos, conteúdo e contentor surgem combinados: "*Um balão oriental, daqueles com luz lá dentro*"; noutros a inversão figura-fundo é clara: "*isto faz lembrar um cálice, um cálice ou um castiçal*" (note-se a transformação contentor-conteúdo). Noutro registo surgem as respostas de conteúdo elementos primitivos "*e um lago com sol, a luz do sol ao pôr do sol (...) Entardeceres tropicais*".

Mais transparentes, encontramos ainda em Dbl representações fálicas e/ou pulsionais: "*Este desenho aqui em cima tão perfeito que parece ser um... índios têm, não é tatoo, é... (totem?) Totem, parece um totem. (Vejo isto como um totem. Se os animais estão a cumprir um ritual, os totens têm a ver com ritual. Por trás estaria o fogo. Pode ter muitos significados. Quer os significados? Estão sempre presente nos rituais)*" (protocolo 48).

Mas não é só o vermelho que provoca reacções claramente observáveis, sejam de evitamento, sejam conflituosas, sejam de integração adaptativa. Ainda neste nível da representação de si face ao mundo, o cartão parece suscitar facilmente uma regressão primitiva à mãe. Se entre as respostas já citadas encontramos valências regressivas centradas no detalhe vermelho, a que poderemos acrescentar "*embriões; nascimento de qualquer coisa, um óvulo, uma criança; par de gémeos no útero materno; dois fetos, dois gémeos frente a frente*", os dois outros detalhes coloridos também fornecem respostas com essa valência.

Mas ainda antes de passarmos à análise desses detalhes, devemos fazer notar que mesmo estas respostas podem ter um valor positivo de diferenciação: a regressão uterina, por exemplo, poderá ser simplesmente a projecção de desejos e não de não individualidade ou de simbiose. Noutros contextos, analisemos as seguintes seqüências: "*Parece uma flor, uma planta. Ao mesmo tempo de lado parece dois olhos, parece que está a ser observada. Não sei, parece o nascimento de alguma coisa, um óvulo, uma criança, qualquer coisa, nascimento de qualquer coisa*" (protocolo 24). Aqui, a seqüência parece-nos a projecção clara de um fantasma, e, embora problemática, a identidade parece jogar-se mais a nível psíquico enquanto nesta: "*Esquisito. Primeira impressão quando olhei para isto os pul-*

mões de uma pessoa. Isto aqui duas algas, estas partes verdes. A parte de baixo é que, não sei se consigo arranjar alguma associação para isto. No fundo, embriões. Um bocado estranho. No fundo são iguais" (protocolo 51) já nos parece claramente que a problemática se situa ao nível mesmo da formação e consistência da imagem de corpo (note-se pulmões *de uma* pessoa).

Relativamente aos detalhes verdes e castanhos (bem como nas apreensões globais sem influência decisiva do detalhe vermelho) dissermos já que também podem ter uma valência regressiva sem perda de controlo e que podem ter um valor positivo de diferenciação através de, entre outros, objectos com valor de conteúdo maternal e, essencialmente, conteúdo elementos primitivos e conteúdo árvore, planta, folha: *"paisagem tirada do campo; terra, sol ao centro; a natureza; a savana; a primavera; terra, raízes da vida; vida a brotar da terra; floresta; camadas geológicas"* etc.

Naturalmente que nem sempre o cartão apela apenas a este tipo de representações. Deveremos citar a solicitação ao narcisismo dos sujeitos pois encontramos, muitas vezes a par das temáticas regressivas, diversos mecanismos de regulação narcísica, como retracção, idealização, sobreinvestimento dos limites, desvitalização, etc. As respostas podem ser mais ou menos cruas, transmitir vivências mais ricas ou mais pobres: nesta categoria incluímos por exemplo *"flor; nenúfares; arranjos florais"* ou *"folhas secas e destruídas"* ou ainda *"imagens fossilizadas"*, e ainda as abstrações: *"ambiente oriental, coisa oriental, raízes da vida"*.

Devemos ainda citar, com valor eventualmente positivo, duas respostas de conteúdo representações fálicas e/ou pulsionais: *"uma explosão nuclear"* e *"explosão de um vulcão"*.

As respostas de conteúdo Hd, como sejam *"rosto (DDbl); cara de uma pessoa, bigode zona castanha (invertido); cara triste (DDbl)"*, ou de conteúdo animal, como *"touro (Gbl, invertida, que analisaremos mais à frente); animal esticado; desdobramento de animal"* e, eventualmente, objecto, como *"máscara"* parecem traduzir perda de limites e interpenetração de profundidades, podendo indiciar ausência de integridade da imagem de corpo e/ou existência de angústia de fragmentação.

Noutros contextos, também a um nível eventualmente arcaico, analisemos as seguintes três sequências: *"Esta parte branca faz-me lembrar a espinha dorsal. Esta figura é muito bonita, tem cores esbatidas, faz lembrar água. É um animal aquático, visto no seu conjunto. Mas também podemos identificar cada uma das partes como sendo animais. Teríamos cinco animais. No conjunto seria os dois olhos deste grande animal. Estes dois parecem aqueles pulgões do mar. E no conjunto parece a mandíbula superior deste grande animal. Esta espinha dorsal prolongar-se-ia até ao fim. Isto mostra apenas a cabeça deste monstro marinho"* (protocolo 2), *"Isto aqui parece uma vista, um olho. Duas larvas. No seu interior, tem cá qualquer coisa dentro, deve ser outro bichinho cá dentro. Tem aqui uma cruz, no centro. Asas, o corpo, a cabeça. ☹ ☹ Assim parece um touro, virado ao contrário. ☹ ☹ É só. [[Cruz?]] Parece um bocado com uma cruz de nazistas, uma águia talvez. Asas, o corpo, a cabeça. [Touro?] O conjunto total, cornos, olhos e focinho. Touro ou então outro animal qualquer, uma ovelha, uma ovelha não tem cornos"* (protocolo 12) e *"Uma paisagem. São imagens que não têm continuidade (?) Não são cheias, têm espaços em branco. Poderia ser a terra, as árvores, o sol ao centro. Poderia também ter auréola amarela, azul (para compor e para definir. Seria especular (?) Independentemente todo dividido, meio simétrico, como se caísse um balão com tinta que não fosse possíveis de se interligar)"* (protocolo 60). As respostas mostram-nos as dificuldades em lidar com a clara separação dos vários detalhes, o grande esforço de unificação e a sensibilidade ao branco, no sentido de que é o que produz a separação e que não pode ser integrado.

6.3.3 Cartão III

Claramente bilateral, apresenta dois conjuntos (formados por dois elementos sem ligação mas muito próximos) de manchas em preto e tons de preto e cinzento escuro, e separadas por um grande espaço branco. No terço inferior, e ao centro, destaca-se uma mancha vermelha com um pequeno ponto de contacto com cada uma das outras. Lateralmente, próximas do terço inferior, aparecem ainda mais duas manchas, isoladas, também vermelhas. Este cartão pode ser classificado como aberto.

Recorrendo também aqui à nossa lista de banalidade e respostas comuns, podemos observar: “duas pessoas”, cotado G K H por analogia com o cartão III do Rorschach, com uma relação de 1 : 2,288 (43,70%); “borboleta”, apreendido no detalhe central, com uma relação de 1 : 3,400 (29,41%); “objectos humanos e humano irreal”, apreendido nos detalhes laterais, com uma relação de 1 : 7 (14,29%) e “pássaros, animais”, também apreendido no mesmo detalhe com uma relação de 1 : 8,500 (11,77%).

Naturalmente que a projecção de uma relação entre personagens humanos inteiros satisfaz os critérios de projecção conseguida de esquema corporal, e até o mero reconhecimento das formas humanas deverá, dada a frequência com que aparece, ser critério positivo. Assim, o nível mais evoluído observa-se em interacções recíprocas, positivas ou negativas, onde os personagens estão claramente identificados como masculinos ou femininos e as condutas são activas ou passivas, mobilizando pequenas quantidades de energia. Mas na prática este tipo de imagens não nos surgem senão muito raramente; é com maior frequência que os personagens não sejam sexualmente explícitos, que não exista projecção de interacções recíprocas mas apenas acções bilaterais de carácter neutro, ou até simples designações: “*formas humanas*”, respostas que têm maior implicação para a expressão mais geral de representação de si do que para a projecção de um esquema corporal.

Por outro lado, o detalhe central e os detalhes laterais (e também o detalhe negro inferior) constituem também suporte para projecções conseguidas. Como vimos, “*borboleta*” (DC) é uma resposta comum, tal como objectos humanos, humano irreal e animais (Dlat): “*pequenas estatuetas tailandesas ou hindus; parecem dois diabinho; anões, espécie de gnomos*” ou ainda “*ratos*” (Dneg).

Mas esses detalhes vermelhos aparecem frequentemente relacionados com as respostas conteúdo humano inteiro. Quando as interacções, ou as meras acções de carácter neutro são expressas sem grande ambivalência ou sem hesitação entre o tipo de conduta (activa ou passiva), e ainda quando os detalhes vermelhos são bem integrados na projecção de uma cena, como por exemplo “*esta zona negra vejo duas pessoas sentadas conversando frente a frente com dois animais que podem ser gatos ou cães. Cada um deles com um animal aos pés*” ou “*pode ser dois africanos a dançarem, e uma fogueira*” ou ainda “*dois jogadores à disputa da bola. Duas pessoas a segurar este objecto, a disputa leva a segurar*” ou ainda “*parecem duas pessoas a dançar. Uma música agitada e que estão a conversar ao mesmo tempo*” não temos dúvidas em dizer que a representação de si se situa a um nível evoluído. Também num registo evoluído, mas problemático, aparecem as temáticas francamente agressivas, e sua negação (ou formação reactiva): “*Faz-me lembrar, aqui estas pequenas zonas [tapa meio com as mãos], estas duas manchas, duas pessoas em perfil, a trocarem, um comerciante e um cliente, estas pequenas tensões. Este pormenor, talvez uma borboleta, dá ideia de uma coisa pacífica, digamos. Sem ver, seriam dois bandidos, dois gangsters, tipo Capone e polícia. O vermelho dá sentido de paz, de equilíbrio, não é uma coisa violenta. Talvez comerciante e cliente, um merceeiro a dar qualquer coisa ao cliente. Talvez um colibri. Ideia geral, a sensatez e a paz que possa haver num*

negócio, não violenta, e que seja preciso guerrear. Troca simples, pura e pacífica" (protocolo 105). Aqui observa-se uma hesitação dolorosa entre uma posição agressiva e seu contrário, com nítida intervenção dos detalhes vermelhos que o sujeito procura isolar. Além disso, registre-se o seu comportamento de tapar com a meio do cartão as mãos, que deverá ir no sentido do completar, preencher, a ferida provocada pela castração.

Conteúdo humano definido pela função também não é incomum. Encontramos dez destas respostas, de que damos como exemplos *"figuras a dançar, bobos ou palhaços"*.

Mas em muitos casos não são dadas respostas de conteúdo humano inteiro: por vezes, onde a maioria produz esses conteúdos, ou seja, no detalhe negro, certos sujeitos utilizam conteúdos animais ou objectos humanos. São respostas do tipo: *"... e estes aqui parecem dois macacos a puxar qualquer coisa que não sei o que é"*, ou *"dois bonecos nalguma pose de dança"* ou ainda *"dois gatos, pode ser uma luta entre gatos. Uma dança. Ou uma representação teatral ou dramática. Dois pequenos animais a fugir. Pode ser também a partilha ou a luta por um alimento entre dois animais. ([dança?]) Mais uma raposa que gato. Mais uma dança animalesca. [representação teatral ou dramática?] feita por homens, mas com animais. Contornos de figuras e sombras, e depois o destaque do vermelho"* (protocolo 15). Parece pois existir em certos casos uma espécie de deslocamento quando uma resposta animal ou objecto humano é dada em vez e no lugar de uma resposta humana. O mecanismo é descrito por Beizman (1976) na criança: ela observa nela uma evolução na projecção de atitudes e conteúdos humanos e observa esse deslocamento em diferentes níveis perceptivos. Baseada no cartão III do Rorschach ela constata que conforme a idade a criança passa de uma simples denominação do animal, para lhe passar a dar uma atitude própria aos seres humanos (sem correspondência objectiva com o estímulo), para ser parcialmente humanizado (atitude propriamente humana), para finalmente a interpretação se tornar cada vez mais objectiva, quando ela é capaz de perceber uma personagem humana. A omissão da resposta vulgar K Ban ao cartão III do Rorschach significaria um bloqueio ligado a um "stress" de ordem afectivo (quando não de ordem intelectual). E observa, depois, diferentes níveis nessa omissão: um nível completo, que seria a ausência total de resposta ao cartão (K recalcado) e um nível parcial, que poderia manifestar-se: a) seja por um conteúdo humano, F+ ou F-, sem movimento ou atitude (K reprimido) (que corresponderia às respostas que cotámos D H) ou por erros ou deformações de cariz perceptivo, onde a atitude ou posição é percebida de modo insólito e inabitual; b) por uma certa desvitalização (conteúdos objectos inanimados); c) por um deslocamento das respostas humanas em animais e d) por uma espécie de escotomização perceptiva de ordem espacial (Do, Hd). A autora coloca como hipóteses explicativas três ordens de razão: uma de ordem perceptiva, estreitamente ligada a um deficit intelectual; outra ligada ao papel da cor e do ambiente e uma terceira que seria um facto propriamente temático, afectivo.

A última resposta citada (protocolo 15) poderá ser o exemplo paradigmático desse deslocamento; a resposta parece estar ligada tanto à cor como a uma eventual temática (maternal, oral). Por um lado, poderíamos colocar a hipótese de que a expressão da agressividade eventualmente suscitada pelo vermelho só poder ser feita através desse deslocamento em conteúdos animais; a hipótese encontra reforço no inquérito, onde através de um mecanismo de isolamento se cita a intervenção humana e se nomeia o vermelho. Por outro, encontramos o tema alimentar ligado a sentimentos ambivalentes (partilha ou luta).

Se colocarmos a hipótese de o cartão poder suscitar uma temática maternal ou oral, possivelmente devido ao seu carácter aberto, pesquisamos o aparecimento do conteúdo alimento e encontramos alguma corroboração para a nossa hipótese em *"uma árvore em que lance algum alimento para qual-*

quer um dos lados" (protocolo 116) ou pequenos detalhes não cotados que fazem parte de representações essencialmente animais: "*poderiam ser dois pássaros, dois, como dizer, com o bico, que tiram o pólen das flores*" (resposta à qual se segue uma expressão de agressividade: "*isto parece dois membros de caranguejo com as... [faz gesto de tesoura]*" (Dlats). Outra resposta, com conteúdo objecto com valor de conteúdo maternal é "*Isto assim parece um templo*" (invertida), à qual se segue, depois de movimentos do cartão "*Isto também parece uma floresta, uma floresta mas à noite. Isto parece as raízes das árvores e a vermelho aquelas aves que atacam a sua presas à noite, pela noite*" (protocolo 111).

Mas regressando à nossa hipótese base de que poderá, num número não desprezível de casos, existir um deslocamento do humano inteiro para outros conteúdos, nomeadamente, humano definido pela função, animais e objectos humanos, deveremos ser capazes de a ilustrar por um conjunto significativo de respostas, que, relembramos, deverão ser apreendidas quer globalmente quer em grande detalhe negro. E isso de facto acontece. No que respeita ao conteúdo objectos humanos observamos seis respostas: "*dois bonecos nalguma pose de dança; dois fantoches, dois a espantar os pássaros das colheitas; dá a ideia de dois espantalhos; marionetas dançantes; duas marionetas que brincam com duas marionetas enquanto jogam com um peão; dois bonequinhos, ou então só um a ver-se ao espelho*" e no que respeita ao conteúdo animal inteiro encontramos, para além das já citadas, mais duas: "*gatos à luta, exactamente, e já estão os dois feridos que há sangue dos dois lados. Também pode ser ratos, que são parecidos com os ratos; dois animais que estão a lutar um contra o outro, em baixo esta parte vermelha pode representar o sangue deles*". Finalmente, talvez possamos integrar neste grupo de respostas as de conteúdo humano definido pela função, já citadas, que também não são raras. Encontramos dez destas respostas, de que damos como exemplos "*figuras a dançar; bobos ou palhaços; uma dança; figuras que usam máscaras*".

Mas se considerarmos a existência deste deslocamento, e analisando cuidadosamente as respostas, poderemos observar em certos casos uma infiltração de outro tipo de problemática, a da identidade, caso em que o deslocamento seria um nível intermédio entre o nível evoluído, secundarizado, da representação de si e um nível mais arcaico. Um dos exemplos deste tipo de problemática poderá ser ilustrado na já citada "*dois bonequinhos ou então só um a ver-se ao espelho*" e, mais claramente, pela dupla pertença a reinos diferentes, observada em "*dois bailarinos, dois dançarinos, que têm a particularidade de terem pés de cabra. Podem ser duas figuras malévolas acompanhadas de dois pequenos demónios*" (protocolo 104).

Para além destes diferentes tipos, ou sub-tipos, de respostas, encontramos outras que se referem muito directamente a sensações que seriam provocadas pelo cartão, e mais directamente aos detalhes vermelhos: referimo-nos às abstracções, com forte componente impressionista, que revelam uma sugestionabilidade ao material capaz de provocar o negligenciar do quadro perceptivo. Estes mecanismos, lábeis, parecem oferecer um *écran*, uma protecção contra representações mais nítidas ou significativas que os sujeitos procuram evitar (recalcamento), mas parecem conservar ressonâncias simbólicas importantes. Enquanto umas parecem mais ligadas ao registo da castração, "*tempestade, paixão*" ou "*sugere violência*", outras parecem traduzir mais directamente um vivido depressivo ou uma problemática de separação: "*coacção de um mundo irreal, representa a imagem de um mundo incompreendido*" ou "*a ruptura deles os dois, o afastamento*" ou "*igualdade*" e ainda "*encontro de imagens que se tenta ligar e interligar*".

A maioria das repostas examinadas até aqui, com excepção de algumas das impressionistas, têm em comum uma apreensão bilateral do cartão, em que o eixo vertical é utilizado para separação de duas entidades, mesmo que em casos raros não sejam senão duplos. Tratava-se, até agora, do esboço de diferentes modalidades de abordagem e de expressão da representação de relações que a que o cartão faz apelo. Deveremos agora examinar um conjunto significativo de respostas que ou utilizam o eixo vertical para ensaios de representação de uma única entidade ou não o usam de todo. Regra geral, estas respostas apreendem o cartão da sua globalidade ou, pelo menos, “unificam” os grandes detalhes negros. As mais frequentes são de conteúdo animal e, como se esperaria, de má qualidade formal: regra geral, o sujeito parece partir da interpretação de um detalhe de boa qualidade formal onde outros interpretam como “*tenazes, pinças*”, em Dneginf, para uma generalização abusiva ao conjunto da mancha ou ao grande detalhe negro, como sejam “*lagosta*” e “*sapateira*”, podendo aparecer uma verbalização que parece reflectir a angustia relacionada com o branco entre os detalhes: “*caranguejo, vazio no meio, abstraindo o meio*”, “*aranha com falta de corpo, cortada ao meio*”, “*insecto, falta qualquer coisa no meio*” ou “*felino mal definido*”. Outro tipo de respostas são as de conteúdo parte do corpo humano ou anatomia humana, como “*imagem quando o filme dos inocentes, uma cara tapada na boca*”, “*uma cara mas incompleta, com uma boca e umas orelhas esquisitas*”, “*uma caveira, os lábios pintados, não sei*” ou “*um cérebro humano, não sei*”. Estas respostas, cotadas na sua maioria Gbl, poderão reenviar a falhas a nível da construção de uma imagem de corpo e/ou a tentativas de preenchimento dessas falhas, e seriam manifestações arcaicas de uma imagem de corpo, mas poderão também situar-se um pouco para cá dessa problemática e incluir-se num registo de extrema dificuldade relacional.

Certas respostas que numa primeira abordagem se situariam a nível eventualmente arcaico, como “*figura também simétrica e que pode representar entre outras coisas imagens do fundo do mar. Algas, ou qualquer outro tipo de espécies submarinas*” (protocolo 42), são vistas a uma luz totalmente diferente depois do inquérito: “*estas duas representações de uma dança ou de uma luta, em que cada interveniente teria o seu apetrecho, a sua respectiva arma, ou instrumento de jogo, se fosse jogo*”, que parece indicar que não se tratava senão de um mecanismo de isolamento (vide respostas ao cartão I e II).

Finalmente citaríamos, a nível francamente arcaico, duas sequências particulares: “*Situa-se no meio termo, semi colorida. Em termos dimensionais é a oposição da anterior. Uma parte central pequena e duas periféricas grandes. As partes periféricas grandes, agrupadas, assemelham-se à primeira figura. Existe uma harmonia espacial. Os objectos não estão muito encaixados muito uns nos outros, o que torna a imagem mais... agradável. Poderia imaginar que esta parte aqui é uma ilha, e enseadas e mares. A parte de baixo pequena seria um avião ou um pássaro. As partes de lado poderiam ser um pássaro – bico, pernas, rabo – visto de lado, transversalmente. E isto aqui poderia ser um animal que tem um rabo e uma boca. Também poderia imaginar um homem, um ser, montado em cima de outro ser, um bicho*” (protocolo 97). Note-se a necessidade de, por um lado, isolar os diferentes detalhes e o papel da verbalização e, por outro, as formas rudimentares de expressão da imagem de corpo que evoluem da expressão do que poderá ser uma falsa identidade (ilhas), para imagens de corpo centradas na boca e no rabo, para o que nos parece a expressão de um registo simbiótico, de apoio, ou parasitário. Pensamos que vale ainda a pena transcrever a resposta a “?”: “*tipificava os desenhos dentro do mesmo grupo que são simetria, espalmados e coloridos. Tem figuras bizarras e muito susceptíveis de provocar processos imaginativos. (?) O aspecto da cor, para tipificar não tem relevância (...) Esta (I) é mais desagradável, porque tem um bicho. Mas todos sabemos que na infância aprendemos a saber que certos bichos são maus e outros são bons.*”

7. Síntese e Conclusão

Na *Dinâmica sequencial da prova* procurámos chamar a atenção para a importância das expectativas presentes no sujeito no momento do início da prova. Para Rausch de Traubenberg (1983) "o espaço no qual o indivíduo é levado a situar-se não está livre de pressões: as realidades internas e externas exercem, cada uma delas, a sua pressão sobre o indivíduo. Este utilizará esse espaço de forma particular, nas interações que vai controlar ou sofrer. Esta forma de se situar está estreitamente dependente do sentimento de identidade pessoal do indivíduo, da qualidade das suas representações de objecto e das modalidades relacionais estabelecidas entre os seus objectos e ele próprio, entre si e o outro, entre si e o mundo".

No comportamento da nossa amostra, para além dos aspectos individuais na utilização do "espaço projectivo", temos antes de mais de realçar que pensamos ter suficiente apoio dos dados das análises quantitativas (factores e pesquisa de banalidades) e respectivas comparações com outros investigadores para pensarmos que o contexto de recolha dos protocolos, ou seja, a aplicação individual sempre na sequência de uma entrevista motivada pela procura de um emprego ou posto de trabalho, tem um efeito restritivo na produção dos nossos sujeitos, que se manifesta em primeiro lugar na sua produtividade e, depois, naturalmente, nos seus conteúdos.

Relativamente aos aspectos individuais, na forma como cada sujeito conjuga as pressões externas, relacionadas com a situação, e as internas, relacionadas também com a situação mas fundamentalmente com o seu sentimento de identidade e com a qualidade das suas modalidades relacionais foi possível, através de uma abordagem a cada cartão, esboçar diferentes modalidades de projecção de uma imagem de corpo e, mais geralmente, de representação de si, nos seus níveis evoluídos e arcaicos. No entanto, a nossa análise levou-nos necessariamente, e porque a representação de si é uma noção complexa que faz apelo não só a uma imagem de corpo mas a uma síntese das diferentes componentes da personalidade e reflecte a relação aos objectos na sua dimensão narcísica e libidinal, a uma análise que não deixar de procurar a identificação das solicitações simbólicas de cada cartão, tarefa que não estava claramente explicitada nos nossos objectivos. No entanto, foi possível esboçar diferentes solicitações simbólicas para cada cartão, especialmente ao cartão II e III, que não são unívocas, ou seja, dependem do nível de funcionamento psíquico desencadeado.

Assim, e resumidamente, caracterizaríamos os cartões, tanto do ponto de vista das manifestações evoluídas e arcaicas da projecção de uma imagem de corpo como das eventuais solicitações simbólicas, do seguinte modo:

Cartão I

Ligado à situação de início ou entrada de um assunto, oferece um sólido suporte formal para a adopção de condutas socializadas que se observam fundamentalmente na grande frequência de respostas banais e comuns (animais, planta) apoiadas no eixo vertical e que simbolizam a organização do corpo humano à roda de um eixo vertical, e associadas a uma forte restrição. A situação transpõe também, mais raramente, na projecção de conteúdos humanos que poderão estar ligados a uma atitude defensiva. A outro nível, a sensibilidade ao esbatido conduz a uma regressão controlada, que pode também estar associada à situação de entrada. Essa sensibilidade pode conduzir, a um nível menos evoluído, à expressão de dificuldades ao nível identitário. O cartão não suscita angústia de fragmentação e/ou destruição.

Cartão II

De um ponto de vista formal, a interpretação dos detalhes que estão claramente separados e delimitados (referências estáveis) permite a expressão de diferentes níveis de representação de si. Mas as diferentes sensibilidades à cor levam a diferentes modos de organização e/ou de defesa e estão espelhadas tanto nos diferentes modos de abordagem ao cartão (apreensão global com integração dos detalhes, por ex.) como nos diferentes conteúdos. Essa diversidade tem suporte da análise quantitativa, tanto na amplitude das frequências do número de respostas a este cartão como nas banalidades e respostas comuns. As respostas de nível evoluído situam-se na integração adaptativa da sensibilidade à cor, nomeadamente ao detalhe vermelho, que pode ser directa ou indirecta, e às solicitações específicas que o cartão faz, designadamente na reactivação da agressividade e da sexualidade e nos apelos regressivos. Certos sujeitos parecem sensíveis a um apelo ao narcisismo. As respostas de nível arcaico parecem surgir em tentativas de reunião dos detalhes numa percepção única, de má qualidade formal, sem integração da cor e com integração do branco, numa interpenetração de profundidades, por vezes com inversão do cartão. A expressão directa da angustia de fragmentação é muito rara.

Cartão III

Trata-se de um cartão "dinâmico", dinamismo esse que se expressa desde logo, a nível quantitativo, na grande diversidade de conteúdos e na amplitude das frequências de repostas. Vulgarmente induz a projecção de relações humanas, devido ao carácter bilateral, mas que podem estar deslocadas em representação animais e objecto. O cartão parece provocar manifestações grande sensibilidade ligadas à distribuição espacial dos detalhes: as abstracções não são raras, bem como as manifestações de equilíbrio/desequilíbrio. A agressividade pode ser reactivada pelo detalhe vermelho, que joga frequentemente um papel importante na representação de relações. A sensibilidade ao branco central que separa os detalhes também pode contribuir para este dinamismo, muito embora pareça aparecer quando existe incapacidade para a apreensão bilateral. No entanto, nestes casos, parece existir a necessidade de projecção de uma imagem de corpo unificada, o que é consistente com a hipótese de que as provas projectivas estruturais testam a presença de uma imagem de corpo integrado. As manifestações evoluídas e arcaicas da imagem de corpo e da representação de si devem ser sempre equacionadas em função destas solicitações.

Sequência

Os diferentes níveis esboçados (arcaico e evoluído) para cada cartão não podem ser tomadas de per si: as características formais e cromáticas dos diferentes cartões, bem como a reactividade à situação (de teste e de selecção) devem poder permitir a expressão de diferentes níveis de imagem de corpo e de representação de si consoante o apelo específico de cada cartão, e devem ser relacionadas entre si. É na preservação dos mesmos modos de abordagem, dos mesmos conteúdos, as mesmas estratégias e dos mesmos mecanismos de defesa que se podem situar as maiores dificuldades.

Bibliografia

ADRADOS, Isabel (1980) - "Teoria e prática do Rorschach".

ANDERSON, Harold (1965) - "Manuel des techniques projectives en psychologie clinique". Paris. 1.

ANZIEU, Didier (1963) - "Défense et illustration de la psychologie projective". Bulletin de Psychologie, Paris, Tome XVII, 2-7, n° 255, Nov., pp. 58-81.

ANZIEU, Didier (1965) - "Les méthodes projectives". Paris, P.U.F.

BALLESTEROS, Rocio Fernandez e col. (1977) - "Relaciones entre distintas medidas de ansiedad". Revista de Psicología General Y Aplicada, Vol. 32(145) pp. 225-240

BECK, Samuel (1965) - "Test de Rorschach: un test de personnalité multi-dimensionnel". Manuel des techniques projectives en psychologie clinique. ANDERSON, Harold. pp: 125-148.

BEIZMAN, Cecile (1976) - "Reflexions a propos d'un mode particulier de déplacement significatif du contenu dans le Rorschach: substitution d'une réponse animale a l'interprétation humaine inhabituel". Bull. Soc. Franç. de Rorschach et des Méth. Proj. n° 29-30, juillet, pp. 79-96.

BEIZMAN, Cecile (1982) - "Rorschach de l'enfant a l'adulte. Etude genetique et clinique".

BOEKHOLT, Monique (1983) - "Mecanismos de regulação narcísica no Rorschach. Contribuição para o estudo da histeria". Análise Psicológica, 1983, n° 1 - Série IV, 77-88.

Boizou, Marie-France; CHABERT, Catherine; RAUSCH DE TRAUBENBERG, Nina (1978) - "Représentation de soi. Identité, Identification au Rorschach chez l'enfant et l'adulte". Bulletin de Psychologie, Tome XXXII, n° 339, pp. 271-278.

BRELET, Françoise. (1986) - "Le T.A.T. (Thematic Aperception Test). Fantasma et situation projective". Dunod, Paris.

CHABERT, Catherine. (1983) - "Le Rorschach en clinique adulte. Interpretation psychanalytique". Dunod, Paris.

CHABERT, Catherine. (1987) - "La psychopathologie à L'épreuve du Rorschach". Dunod. Paris.

CORMAN, Louis (1975) - "Les identifications dans les tests projectifs, leur significations". Bulletin de Psychologie, Tome XXIX - 32, 1975/76, 1-3, pp. 121-130.

CUNHA, Jurema Alcides et al. (1986) - "Psicodiagnóstico". Artes Médicas, Porto Alegre, Brasil.

EXNER, John E. Jr. (1986) - "The Rorschach: a comprehensive system". Vol I. Col. Wiley - interscience, John Wiley and sons, New York.

FROTA, Ana Paula Rocha Alves - "Contributos para a pesquisa da resposta banal "Banalidade" na técnica de Zulliger em crianças dos seis aos oito anos". Monografia apresentada no I.S.P.A. (n° 528 MC).

HERNANDEZ, M. E. Simon (1974) - "El choque al verde en el ztt y en el Rorschach". Revista de Psicología General Y Aplicada, Vol. 36(2) pp. 289-309

HORTA, Mário S. (1989) - "A situação Rorschach e a reactivação dos processos de identidade". Monografia apresentada no I.S.P.A. (trabalho não publicado)

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. (1992) - "Vocabulaire de la psychanalyse". P.U.F.

LEAL, Isabel Pereira; MARQUES, Maria Emília. (1994) - "O Rorschach em Psicologia da Saúde: Contributos para uma reflexão sobre o seu uso numa maternidade". Análise Psicológica, 4 (XII): 481-484.

LERNER, Howard. (1988) - "Primitive mental states and the Rorschach". Internacional Universities Press, Connecticut.

LERNER, Paul. (1975) - "Handbook of Rorschach scales". Internacional Universities Press, New York.

Lerner, Paul. (1991) - "Psychoanalytic Theory and the Rorschach". Analytic Press, London.

LIS, Adriana; MAGRO, Tiziana; ROSSI, Germano (1990) - "A comparison between the Zulliger test (individually administered) and the Rorschach test in children aged 6 - 11". B. J. Projective Psychology. Vol 35, No. 2, pp. 35-48.

MAHMOOD, Z. (1982) - "The Zulliger Test: a diagnostic validation on a british sample". B.J. Projective Psychology, Vol 27, No. 2, pp. 12-17.

MAHMOOD, Z. (1990)- "The Zulliger Test: its past and future". B.J. Projective Psychology. Vol 35, No. 2, pp. 2-16.

MARQUES, Maria Emília (1991) - "As manifestações dos Mecanismos Adaptativos/Defensivos nos Rorschach de Adolescentes". Análise Psicológica, 2 (IX) pp. 203-209.

MARQUES, Paulo Motta. (1984) - "Modalidades de funcionamento psicológico em crianças no período de latência, com epilepsia idiopática". Monografia apresentada no I.S.P.A. (trabalho não publicado).

MARQUES, Paulo Motta; VALENTE, Artur Marques (1992) - "Uma abordagem diferente do teste "Z" de Zulliger na selecção de oficiais pilotos aviadores". Revista de Psicologia Militar (1992), 323-329.

MATTLAR, C. E.; SANDHAL, C.; LINDBERG, S.; LEHTINEN, V.; CARLSSON, A.; VESALA, P.; MAHMOOD, Z. (1990)- "Methodological issues associated with the application of the comprehensive system when analysing the Zulliger, and the structural resemblance between the Zulliger and the Rorschach". B. J. Projective Psychology, Vol 35, No. 2, pp. 17-27.

MOITA, Marília dos Santos Martins (1989) - "Contributo para o estudo normativo do teste Z: estudo estatístico-gráfico em 79 sujeitos". Monografia apresentada no I.S.P.A. (trabalho não publicado).

MOITA, Victor (1982) . Thèse pour le doctorat de 3eme Cycle. Université Paris V, René Descartes.

MOITA, Victor (1983) - "A angústia como conceito operativo na técnica projectiva de Rorschach". Análise Psicológica, nº1 - Série IV, 5-16.

MORALES, C; SERRAT, D; ABAD-ALEGRIA, F; TORRENTE, J.E. (1981) - "Diferencias, segun el sexo, de los resultados del test de Zulliger, en una muestra de estudiantes universitarios". Revista de Psicología General Y Aplicada, Vol. 36(2) pp. 263-269.

MORALI-DANINOS, A; CANIVET, N (1970) - "El Test Z. Manual de Aplicación". Publicaciones de Psicología Aplicada. Madrid.

OLIVEIRA, Maria Odete Santos Simões Oliveira (1989) - "Contributo para o estudo dos valores normativos da técnica Zulliger em crianças". Monografia apresentada no I.S.P.A..

ORR, Myriam (1958) - "Le test de Rorschach et l'ímago maternelle". Monog., Bull. Group. Fr. Rorschach, Paris.

Pestana, Emanuel G. (1992) - "Masculino e Feminino Adolescente através do teste Z (Colectivo)". Monografia apresentada no I.S.P.A..

PEZE, Marie (1983) - "Somatização, projecção e transfert. O Rorschach em clínica cirúrgica da mão". Análise Psicológica, nº1 - Série IV, 121-134.

RAUSCH de TRAUBENBERG, Nina (1983) - "Actividade perceptiva e actividade fantasmática no Teste de Rorschach. O Rorschach: espaço de interacções". Análise Psicológica, nº1 - Série IV, 17-22.

RAUSCH de TRAUBENBERG, Nina (1970) - "La pratique du Rorschach". Presses Universitaires de France, Paris.

RAUSCH de TRAUBENBERG, Nina (1983) - "Representação de si e relação de objecto. Grelha de representação de si. Análise comparada dos resultados de adolescentes doentes psíquicos e somáticos". Análise Psicológica, nº1 - Série IV, 31-40.

RAUSCH de TRAUBENBERG, Nina; BOIZOU, Marie-France (1984) - "Le Rorschach en clinique infantile. L'imaginaire et le réel chez l'enfant." Bordas, Paris.

RAUSCH de TRAUBENBERG, Nina; BOIZOU, Marie-France - "Mecanismos de defense et leur expression Rorschach chez l'adulte et chez l'enfant". Bull. Soc. Française du Rorschach et des Méthodes Proj. nº 29-30, Juillet, pp. 5-21.

RAUSCH de TRAUBENBERG, Nina; CHABERT, Catherine (1982) - "Tests de projection de la personnalité chez l'enfant". Encycl. Méd. Chir., Paris. Psychiatrie, 37 190 B10, 2.

RUTH J-E.; OBERGIL, P.; MATTLAR, C-E.; SANDAHL, C.; OIST, A-S.; CARLSSON, A.; VESALA, P. (1990) - "Old age and loneliness illustrated by the Zulliger". B.J. Projective Psychology. Vol 35, No. 2, pp. 61-68.

SANDAHL, C.; MATTLAR, C-E.; CARLSSON, A.; VESALA, P.; ROSENQVIST, A. (1990) - "The personality structure for the normal adult, as revealed by the Zulliger". B.J. Projective Psychology. Vol 35, No. 2, pp. 54-60.

SANGLADE, Anne (1983) - "Image de corps et image de soi au Rorschach". Psychologie Française, Vol. 28 (2), pp. 104-111.

SANGLADE, Anne (1983)- "O corpo, écran do fantasma ou a dificuldade em fantasmaticizar nas crianças diabéticas". Análise Psicológica, nº1 - Série IV, pp. 115-120.

SEMEONOFF, Boris (1990) - "The Zulliger test ins a selection context". B.J. Projective Psychology. Vol 35, No. 2, pp. 28-34.

SHAFER, Roy. (1986) - "Projective testing and psychoanalysis". *Selected Papers*. Internacional Universities Press, Inc..

SHAFER, Roy. (1954) - "Psychoanalytic Interpretation in Rorschach Testing". Grune and Stratton, New York.

SHENTOUB, Vica e al. (1990) - "Manuel d'utilisation du T.A.T. (Approche psychanalytique). Dunod, Paris.

SILVA, J.P. (1993) - "A propósito do Exame Psicológico no Âmbito Penal". *Análise Psicológica*, nº1 - Série XI, 29-36.

SILVA, J.P. (1994) - "O Rorschach na Avaliação Psico-Legal: Do Uso e do Abuso". *Análise Psicológica*, 4 (XII): 485-491.

TARRAB, Gilbert; PELSSE, Robert (1992) - "Rorschach en clinique et en selection et une presentation de son utilisation dans le recrutement en France".

UHINKI, A.; MATTLAR, C-E.; SANDAHL, C.; VESALA, P.; CARLSSON, A. (1990) - "Personality traits characteristic for adolescents highlighted by the Zulliger". B.J. Projective Psychology. Vol 35, No. 2, pp. 49-53.

VALENTE, Artur Marques. (1988) - "Teste Z de Zulliger na Selecção de Oficiais Pilotos Aviadores". Monografia apresentada no I.S.P.A. (trabalho não publicado).

WEINER, Irving B. (1995) - "Searching for Rorschach Theory: A Wild Goose Chase". *XIV Internacional Congress of Rorschach and Projective Methods: Proceedings*. Edit. Moita, V., Pires, A., Sociedade Portuguesa de Rorschach, Lisboa.

XAMER, João Carlos Praxedes - "Estudo exploratório e pesquisa sobre a técnica projectiva de Zulliger individual". Monografia apresentada no I.S.P.A., 1991.

ZULLIGER, Hans. (1950) - "Psychoanalysis and the form interpretation test". *Internacional Journal of Psychoanalysis*, pp 152-155.

ZULLIGER, Hans. (1959) - "Test Z Individuel". Edit: PUF, Paris.

ZULLIGER, Hans. (1969) - "The Zulliger Individual and Group Test". Edit. Fritz Solomon, Internacional Universities Press, Inc.. New York.

Anexo I

Cartões

Anexo II

Protocolos

Protocolo 1

Código: RP

Sexo: F

Idade: 23

Data: 14.09.95

I

cx

1. Um lobo...	Dsup	D	F+	A
2. Um caranguejo (cavala)...	G.	G	F+	A
3. Dois coelhos, um de cada lado...	Uma das patinhas a levar qual- quer coisa à boca. (Ds lats.).	D	kan	A
4. Um desenho de um mapa, de uma parte de mapa. Penso que é tudo.	D inf. lat. de fora.	Dd	F±	Geog.

II

cx

5. Um rosto, redondo, bolachudo, com cabelos compridos mais ou menos. O rosto tem os olhos franzidos.	DDbl.	DDbl	kp F-	Hd
6. Dois pinheiros.	Dsup. Mão para trás.	D	FC	Pl.
7. O interior da terra, uma parte.		D	CE	Geog.
8. Duas pessoas a darem um beijo.		D	K	H

III

c

9. Duas figuras a dançar. Quatro. Duas grandes e duas mais pequeninhas atrás.		G	K	H
10. Uma borboleta. Os dois personagens maiores estão a pegar nas asinhas da borboleta.		D	F+	A
11. Olhando individualmente, as pernas parecem dois ratinhos pequenos.		D	F+	A
12. Os dois mais pequenos têm chapéus na cabeça e os dois grandes têm máscaras e luvas.	Máscaras e luvas: partes mais escuras.	Dd	F+	Obj.

? A terceira é mais simpática. A segunda, vontade de rir dos pinheiros, talvez da cor. A primeira não gostei

Protocolo 2

Código: CE

Sexo: F
Data: 16.10.95

Idade: 27

I

x

- | | | | |
|---|---|----------|-----|
| 1. Faz lembrar um escaravelho, espalmado, com as tenazes prontas a apertar. Por outro lado podem ser as patas dianteiras. Para andar vinca as patas dianteiras e impulsiona o corpo com estas aqui. Também pode voar, para além de andar. E é herbívoro, não come carne, não tem tenazes muito agressivas, sendo patas. | G | FE
F+ | A |
| 2. Costuma disfarçar-se, esconde-se por entre as folhas, a selecção natural fez que ficasse com esta folha, desenho de folha, defende-se dos inimigos de forma mais eficaz. | D | F+ | Ad. |

II

I

- | | | | |
|---|-----|-----|-------|
| 3. Esta parte branca faz-me lembrar a espinha dorsal. | Dbl | FC' | Anat. |
| 4. Esta figura é muito bonita, tem cores esbatidas, faz lembrar água. | G | CE | Elem. |
| 5. É um animal aquático, visto no seu conjunto | G | F- | A |
| 6. Mas também podemos identificar cada uma das partes como sendo animais. Teríamos cinco animais. | D | F+ | A |
| 7. No conjunto seria os dois olhos deste grande animal. | D | F+ | Ad |
| 8. Estes dois parecem aqueles pulgões do mar.
E no conjunto parece a mandíbula superior deste grande animal.
Esta espinha dorsal prolongar-se-ia até ao fim. Isto mostra apenas a cabeça deste monstro marinho. | D | F+ | A |

III

x

- | | | | |
|---|---|----|--------|
| 8. Isto faz lembrar duas bailarinas tailandesas, a dançar com algo entre elas, a segurar cada uma na sua ponta. | G | K | H/Cena |
| 9. Estas duas partes parecem duas pequenas estatuetas tailandesas ou hindus. | D | F+ | Arte |

Protocolo 3

Código: EM

Sexo: M

Idade: 25

Data: 01.02.96

I

c

1. Um escaravelho. Um bicho desses.
Um morcego também, vamos por animais.

O que é na realidade é difícil
podermos afirmar, ainda por cima
tendo conhecimento como é
feito.

G F+ A

Escaravelho: aqui as pinças.

Aqui dentro pode ser uma borbo-
leta.

R.A.:
D F+ A

(Tendo conhecimento como é
feito?)

Papel dobrado com um pouco de
tinta da china.

II

c

2. Isto parece uns olhos.
3. Aqui assim uns camarões.
4. Um bigode, nariz.
Sensivelmente é isso.

Numa globalidade parece um
bigode, um nariz um bocadinho
amassado.

D F+ Hd
D FC A
D F- Hd

Nariz: D sup.

Aspecto violento.

III

cx

5. Faz lembrar símbolos chineses,
escritura chinesa.
É isso.

Caracteres chineses, o todo.

G F± Simb.

Analisando mais parece duas
pessoas. Um jogo de futebol dos
nossos dias. Jogadores a discutir
o jogo e sangue. Nos nossos dias
não tanto no campo mas cá fora.

R.A.:
G K H

Sangue acontece mais com os
adeptos cá fora que provocam.

R.A.:
D C Sg

? Esta (III). Gosto de escrita chinesa. Esta tem muitas cores (II), não é assim muito para o meu gosto. Dois caracteres, um de cada lado.

Protocolo 4

Código: EM

Sexo: F
Data: 16.01.96

Idade: 27

.....
I

x

1. Parece-me uma barata, ou um bicho desses.
(pausa).
(Mais?) Não.
- | | | | |
|------------|---|----|---|
| Barata: G. | G | F+ | A |
|------------|---|----|---|

.....
II

x

2. Este vermelho parece o tórax, a zona do corpo humano.
- | | | | |
|--------------|------|-----|-------|
| Radiografia. | DDbl | FC' | Anat. |
|--------------|------|-----|-------|
3. Os verdes parecem olhos e...
(pausa) (tossezinha)
O castanho não me parece nada.
- | | | | |
|--|---|----|----|
| | D | F+ | Hd |
|--|---|----|----|

.....
III

x

4. Estes aqui parecem dois diabinhos.
- | | | | |
|--------|---|-----|-----|
| D lat. | D | F+ | (H) |
| | D | kan | A |
5. E estes aqui parecem dois macacos a puxar qualquer coisa que não sei o que é.
- | | | | |
|--|--|----|--|
| | | F+ | |
|--|--|----|--|

Protocolo 5

Código: SD

Sexo: F
Data: 06.09.95

Idade: 30

I

x

1. Não é bem um caranguejo, pode também sugerir uma borboleta, mas depois tem aqui estas coisas. É curioso. De momento mais nada.

G F+ A

II

cx

2. As cores sugerem-me plantas, terra. Em termos concretos, formas, não sei. Esta imagem para mim é uma planta.

Jardim, se bem que não tenha nada a ver.

G C Pl.

III

x

3. Parecem-me duas pessoas. Em combate, mais ou menos.

G K H

Escolha: + : II

Protocolo 6

Código: EM

Sexo: F
Data: 01.02.96

Idade: 22

I

Fiz um desenho na escola, com tinta da china (voz acriançada).

c

- | | | | | |
|---|--|----|----------|-------|
| 1. Primeira imagem, escaravelho. | Escaravelho: Todo. As patas, o corpo largo, umas asinhas que têm pequeninas. | G | F+ | A |
| 2. Olhando melhor, talvez uma borboleta. | Borboleta: Daqui para baixo (terço inf). | Dd | F- | A |
| 3. Um coração, também pode ser. Uns ventrículos assim esquisitos (fala acriançada). | Coração: entradas do sangue e as saídas. As veias. | G | F- | Anat. |
| 4. Uma folha de alface já meio apodrecida. | Folha: Todo, apodrecida no meio. Ainda com alguma clorofila nestas zonas mais brancas. | G | FE
F+ | Alim. |
| 5. Mancha de sangue (percorre contornos com o dedo). | G. | G | F± | Sg. |
| 6. Uma aranha. | Aranha: mais esta parte assim (Dsup) | D | F+ | A |
| 7. Um leque (faz gesto e sorri). | Leque: segurar aqui por baixo (gesto). | G | F- | Obj. |

II

(Pequeno riso)

c

- | | | | | |
|---|--|-----|----|-------|
| 8. Algas marítimas. | Algas: no conjunto, algas diferentes, e a coloração. | G | FC | Pl. |
| 9. Estas parecem dois embriões. | Embriões: D cast. E por este olho enorme. Jurassic Park. | D | F+ | A |
| 10. Aqui a coluna vertebral. | Coluna: Dbl | Dbl | FC | Anat. |
| 11. Dois peixinhos, daqueles com barbatanas largas. Estes são embriões de dinossauros, p'ra aí. | Peixes: D verdes. | D | F+ | A |

III

xc

- | | | | | |
|---|---|----------------------|-----------------------|------------------|
| 12. Dois macacos. | Macacos: a preto. | D | F+ | A |
| 13. Uma borboleta. | | | | |
| 14. Dois macacos a puxarem pela borboleta. Parece uma disputa. Sacaram uma cada um, deitaram para trás e agora estão a querer mais. | Bichinho cada um e depois disputavam este. Isto não parece metade disto. Dois coelhos ou assim, que largaram para ali. (Ds laterais). | D
G
R.A.:
D | F+
kan
F+
F+ | A
A/Cena
A |

? Fiz disto na escola com tinta da china (l) e depois soprava-se.

Protocolo 7

Código: EM

Sexo: F
Data: 31.01.96

Idade: 26

I

(pega)

c

- | | | | | |
|---|----|---|----|---|
| 1. Diria que me parece um insecto.
Com duas mandíbulas (faz gesto).
Não vejo assim mais nada. | G. | G | F+ | A |
|---|----|---|----|---|
-

II

c

Ora bem.

- | | | | | |
|--|--|---|----|-------|
| 2. A parte castanha dá-me ideia de ser por ex. duas formigas. | | D | F+ | A |
| 3. A vermelha, assim à primeira vista, parece pulmões, dois pulmões portanto. | Pulmões: Dverm.int. Isto pode ser vasos sanguíneos | D | FC | Anat. |
| 4. A parte verde é mais difícil. Dois olhos de perfil, a pessoa a olhar de lado.
Já está. | | D | F+ | Hd |
-

III

x

Isto já será mais subjectivo.

- | | | | | |
|--|--|---|----|-------|
| 5. Duas pessoas | | G | F+ | H |
| 6. Com uma fogueira ao meio. | | D | CF | Elem. |
| 7. E aqui de lado a vermelho dois anões, uma espécie de gnomos | | D | F+ | (H) |

? Não

Protocolo 8

Código: CE

Sexo: F
Data: 18.10.95

Idade: 25

I

c

1. Parece um... uma barata talvez, G G F+ A
uma, um bicho como uma barata...
ficamos pela barata.

II

x

2. Terra, Terra: D cast. D C Elem
3. com umas árvores, D FC Pl.
4. e um lago com sol, a luz do sol ao Pôr do sol: Dbl incluído D(Db) CF Nat..
pôr do sol. Fica assim mais
encarniçado.
5. Entardeceres tropicais. G CF Nat.

III

c

6. Duas pessoas a bailar. G K H

? A primeira a barata não gosto muito.

Protocolo 9

Código: EM

Sexo: M
Data: 15.01.96

Idade: 27

I

c

1. Uma... carcaça qualquer de um animal. Que foi esmagado. Animal qualquer tipo morcego. G FE Ad
F+

II

l

2. Uma pintura qualquer. Simétrico. Acho que não representa, não sei o que pretende representar. Abstracto. G. Isto faz lembrar uns pulmões, a parte vermelha, a parte de um corpo. O verde não vejo o que poderia ser. O castanho pode estar relacionado com carne. G CF (Arte)
R.A.: D FC Anat.
R.A.: D CF Anat.

III

c

3. Duas pessoas que têm na mão qualquer coisa. 4. E atrás parece dois miúdos. Atrás de cada um deles. Também simétrica. Assim como a primeira também era. Duas pessoas. Está a impressão que estão a disputar qualquer coisa. G K H
D F+ H

? Acho esta engraçada e que pode fazer lembrar aqui, como tem dois miúdos, estão a puxar um ao outro para qualquer lado. Destruição. Com uma frase qualquer podia dar a entender a verdadeira forma da figura (olha para mim).

Protocolo 10


Código: EM

Sexo: M
Data: 19.04.95

Idade: 38



I

x

- | | | | | |
|---|-------|----|----|-------|
| 1. Pode ser um animal, um escaravelho por exemplo. | | G | F+ | A |
| 2. Quer no conjunto? Talvez na parte preta uma borboleta. | | D | F+ | A |
|  (Fala para si) | | | | |
| 3. Uma parte quase que parece uma máscara, olhos e boca, mas que tipo de máscara não estou a ver, há tantas por aí, às vezes vê-se tantas tão esquisitas...
Não estou a ver mais nada. | Dsup. | D | F+ | Másc. |
| 4. Antenas do animal. | | Dd | F+ | Ad |

II

c

- | | | | | |
|--|--|-----|-----------|-------|
| 5. À primeira vista em cima parece parte de pulmões | | D | FC | Anat. |
| 6. e também muito mal feito a coluna | | Dbl | FC' | Anat. |
| 7. e em baixo também não muito completo parece a luta entre dois animais, podem ser carneiros ou bois que costumam andar na luta entre eles.
A parte verde...  | | D | kan
F+ | A |
| À primeira vista a impressão logo é isto, depois tirando... | | | | |
| 8.  Assim talvez parte da bacia, dos ossos | | G | F- | Anat. |
| 9. Partes verdes animal marinho qualquer, alga, esponja ou qualquer outra coisa, animal que se vêem nestes programas de vida animal, animais que se pensa que são vegetais. Corais. | | D | FC | A |

III

c

- | | | | | |
|---|--------------------------|----|----|------|
| 10. Parece um pouco mais difícil, parece dois bonecos nalguma pose de dança. | Dois bonecos: São quatro | G | F+ | Obj. |
| 11. Parte central parece uma borboleta, uma das muitas espécies delas. | | D | F+ | A |
| 12. Aqui (sorri-se) lembrei-me da ideia de demónio, com um chifre, pode não ser mas foi a ideia.
Aqui como disse, boneco com braços, não muito grande, aqui a parte de uma perna, pelo menos na posição em que está.
Penteado destes modernos, cabelo levantado.
Boneco ou caricatura com nariz. Estas partes são um pouco desconformes para relacionar isto com boneco. | Ds Laterais. | D | F+ | (H) |
| 13. Esta parte também pode ser, ligado à parte profissional, podia ser considerado um terminal, ou para ligar, uma porca e parafuso. | | Dd | F- | Obj. |

Escolhas: + : II - Pelo tipo de cor, sobressai mais, dá mais ideia, consegue-se descobrir mais.
- : Não posso dizer, talvez a primeira, mais difícil de descobrir. Muito compacto, não se consegue ver tanta coisa.

Protocolo 11

Código: RP

Sexo: M
Data: 11.09.95

Idade: 31

I

cc

1. Uma folha ...	Folha: Mais a parte central.	D	F+	Pl.
(Pausa)	Insecto, tipo caranguejo, uma	R.A.:		
(?)	barata, carocha.	G	F+	A
Chega.				

II

c

2. Um desenho chinês	Desenho chinês: G.	G	CF	(Arte)
3. Parece uns pulmões.	Pulmões: D ver. int.	D	FC	Anat.
	Coluna vertebral: Dbl.	R.A.:		
		Dbl	FC	Anat.

III

xl

("Pede" cartão com a mão)
Esta é mais complicada.

4. Faz-me lembrar uma borboleta aqui ao meio.		D	F+	A
(pausa)				
(fala sem se perceber, para si)				
5. Faz lembrar um cavalo, um unicórnio.	Unicórnio: Ds laterais.	D	F+	A
	Um fantasma, ou dois fantasmas.	R.A.:		
		D	F+	(H)

Protocolo 12


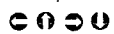
Código: EM

Sexo: M
Data: 08.02.96

Idade: 24



I

c

1. Parece um insecto espalmado. Que é simétrico. Insecto: G, aqui as mandíbulas (?espalmado?) Aberto ao meio. Ou então uma vista de cima que é a planta. G FE A
F+
2. (Pega)  Aqui no meio parece que tem um trevo, uma folha. Trevo de bandeira do Canadá, a parte mais escura. D F+ Simb.

É só isso.


II

cx

3. Isto aqui parece uma vista, um olho. D F+ Hd
4. Duas larvas. No seu interior, tem cá qualquer coisa dentro, deve ser outro bichinho cá dentro. Outros bichinhos: Dd castanho mais carregado D FE A
F+
5. Tem aqui uma cruz, no centro. Cruz: Ddbl central. Parece um bocado com uma cruz de nazistas, uma águia talvez. Asas, o corpo, a cabeça. Ddbl F+ Obj./
Simb.
-  6. Assim parece um touro, virado ao contrário. Touro: O conjunto total, cornos, olhos e focinho. Touro ou então outro animal qualquer, uma ovelha, uma ovelha não tem cornos. Gbl F+ A

É só.

III

c

7. Estas vermelhas parecem um boneco de neve. Boneco de neve: costuma-se pôr uma cenoura na cabeça do boneco de neve e ele aqui está assim a andar. D kob Obj.
F+
8. Uns ratos. Ratos: Dinf (pernas) D F+ A
-  9. Não, um coelho talvez. Coelho: Gbl. Gbl F- A
(?) Talvez uma borboletazinha ali. R.A.:
(?Tapo metade verticalmente): D F+ A
Se calhar fazia uma parvoíce, um fantasma, tipo génio que saiu de dentro da garrafa.

? A mais evidente é esta (II) virada ao contrário. Torna-se evidente que é uma máscara ou animal.

Protocolo 13

Código: PP

Sexo: M

Idade: 36

Data: 02.10.95

I

c

- | | | | | |
|--|---|---|----------|----------|
| 1. Uma aranha. | Aranha: G. | G | F+ | A |
| 2. A abertura de um morcego, para estudo. | | G | FE
F+ | A/Cienc. |
| 3. Numa parte uma parra, a parte mais negra.
Imagem deteriorada, aberta um pouco ao meio. | | D | F+ | Pl. |
| | Abertura ao meio: Pontas que não estão juntas, partindo da dissecação do morcego, a coluna incompleta, simetria, a linha que divide as duas partes. Figuras quase simétricas, se tivermos em conta as duas, mas não totalmente. | | | |
| 4. Numa outra óptica vejo aqui por exemplo um espaço sem limites. | | G | F± | Abstr. |

II

c

- | | | | | |
|---|---|---|----|-------|
| 5. Podia ser uma planta. | Planta: G. Refiro-me mais à cor, se bem que jogam. | G | C | Pl. |
| 6. A visualização em termos de desenho abstracto, simbologia humana e animal e terra. | Simbologia humana: Olho (D verde); Terra: Castanho. | G | F± | Simb. |

III

c

- | | | | | |
|---|--|---|----|---|
| 7. Duas crianças a puxar uma corda, a puxar algo. | | G | K | H |
| 8. Pode eventualmente ser uma borboleta. | | D | F+ | A |

? A cor nesta terceira. O negro não é a minha cor favorita.

Protocolo 14

Código: EM

Sexo: M
Data: 21.04.95

Idade: 24

(Nota: afirma ter feito o RCH duas semanas antes)

I

x

- | | | | |
|---|---|----|----|
| 1. Esta parte a cabeça de uma aranha com as garras. | D | F+ | Ad |
| 2. O desenho todo parece uma aranha. Esta é muito parecida (com o Rorschach). | G | F+ | A |

II

c

- | | | | |
|---|-----------------------------|-----------|-------|
| 3. Duas formigas uma contra a outra. | D | kan
F+ | A |
| 4. Aqui uma flor, esta parte verde, duas flores. | D | CF | Pl. |
| 5. A parte vermelha mais escura o craneo - o o cérebro - ou os pulmões. | Como numa radiografia.
D | FC | Anat. |

III

01

- | | | | |
|---|---|-------------------------------|-----------------------------|
| 6. Parece uma pintura abstracta, só. | G | F± | (Arte) |
| 7. Ou imaginando muito bem duas pessoas uma contra a outra. | Tipo dois monstros, estão a agarrar qualquer coisa.
Este vermelho parece um bonequinho desenho animado a andar prá frente com nariz grande
A parte do meio uma borboleta. | G
R.A.:
D
R.A.:
D | K
(H)
Obj.
F+
A |

Escolhas:

+ : II - Mais cores, desenho mais preenchido, chama mais a atenção.

- : I.

Protocolo 15

Código: PP

Sexo: M

Idade: 29

Data: 25.09.95

I

xl

Posso dar mais que uma resposta?

É perante a imagem, não é?

- | | | | |
|---|---|----------|-------|
| 1. A primeira impressão, a de um morcego. | G | F+ | A |
| 2. Depois uma pele, de um animal. | G | FE
F+ | Ad |
| 3. Não estou a ver. Pode ser uma carta geográfica, um mapa.
(pausa)
Não estou a visualizar mais nada. | G | F± | Geog. |

II

x

- | | | | | |
|--|--|----------|------------|--------------|
| 4. Isto para mim pode ser uma pintura. Pode ser o sol e uma área cultivada. A verde uma área arborizada. | G.
Sol: Representação do sol. | G
Gbl | CF
kobC | Arte
Nat. |
| 5. Explosão de um vulcão também. | Vulcão: G. Fenda entre os castanhos, vermelho a lava, verde a parte de cinza que se liberta. | | | |
| 6. A confrontação de dois animais, também.
A representação disso.
Mais não, não me parece. | Confrontação: Luta de dois animais, entre machos. | D | kan
F+ | A |

III

x

- | | | | | |
|--|---|---|-----------|-------|
| 7. Dois gatos. Pode ser uma luta entre gatos. Uma dança.

Ou uma representação teatral ou dramática. | Luta de gatos: G. Dança: Mais uma raposa que gato. Mais uma dança animalesca.

Representação teatral ou dramática: Feita por homens, mas com animais. Contornos de figura e sombras, e depois o destaque do vermelho. | G | kan
F- | A |
| 8. Dois pequenos animais a fugir. | | D | kan
F+ | A |
| 9. Pode ser também a partilha ou a luta por um alimento entre dois animais.
(pausa)
(?) Não me recordo de mais nada. | | D | F± | Alim. |

? Gostei mais da segunda pela cor e a terceira pelo movimento.

Protocolo 16

Código: EM

Sexo: M
Data: 02.02.96

Idade: 44

I

(Pega, vira imediatamente) ①

Posso dizer já?

c

- | | | | | |
|--|-------------------------------------|----|----|-----|
| 1. Pode parecer uma mosca. | Mosca: Todo. | G | F+ | A |
| 2. Depois na parte interior uma folha | Folha: D C int. | D | F+ | Bl. |
| 3. Nuvens, a parte superior da figura. | Nuvens: Terço superior (invertida). | D | EF | Nat |
| ① ① | | | F± | |
| 4. Parte central aqui uma flor (F+). | Flor: Junto ao Ddbl. | Dd | F+ | Pl. |

II

(pega) ① ① ① ①

I

- | | | | | |
|---|---------------------|-----|----|------|
| 5. Isto aqui a parte castanha faz lembrar um casulo. Um não, dois | | D | FE | A |
| ① 6. Isto faz lembrar um cálice | Cálice ou castiçal. | Dbl | F+ | Obj. |
| ① (Dbl) ou um castiçal (Dbl). | | | | |

III

x

- | | | | | |
|----------------|--|-------|----|--------|
| 7. Tempestade. | Tempestade: Aspecto negro | D | C' | Abstr. |
| ① ① | | | | |
| 8. E paixão. | e o vermelho paixão, mas está bem enquadrado. | D | C | Abstr. |
| | (Identifica (verm. central)?) | R.A.: | | |
| | Borboleta aqui no meio talvez. | D | F+ | A |
| | Mais subjectivo, a interpretação é mais emocional. | | | |

? Posteriormente, esta parte aqui vermelha (II) também dá-me uma ideia de estranhos.

Protocolo 17

Código: RP

Sexo: M

Idade: 24

Data: 15.09.95

.....

I

c

Devo-lhe dizer que este tipo de bicho até...

1. Pode ser um escaravelho.
2. Uma borboleta.

G	F+	A
D	F+	A

Quer que diga mais coisas?

.....

II

c

3. Isto são duas larvas.
4. Aquilo pode ser um casulo.
5. E as coisas verdes podem ser umas folhas.

D inf.	D	F+	A
D sup.	D	F-	A
D verdes.	D	CF	PI.

.....

III

c

6. Pode ser dois Africanos a dançarem.
7. e uma fogueira.

G	K	H/Cena
D	CF	Elem.

Protocolo 18

Código: PP

Sexo: F
Data: 22.09.95

Idade: 22

I

c

O que é isto para mim?

1. Parece um bicho...

G FClob A
 F+

Não gosto muito destas cores escuras aqui no animal. Aliás nunca gostei de cores escuras. Realmente isto é um bicho, com estas patitas aqui. Uma coisa esquisita. Não tenho mais nada a dizer.

II

c

Pessoalmente gosto mais destas cores, são cores vivas. O que é isto para mim?

2. Aqui em baixo parecem dois olhos, com a menina do olho aqui.

Menina dos olhos: D verde mais escuro.

D F+ Hd

3. E em cima dá-me a sensação que é a parte embrionária,

Parte embrionária? Como se vê na TV.

D F- Anat

4. antes do nascimento destes bichos aqui se calhar.

D F+ A

5. Mas estas partes brancas também me fazem lembrar o esqueleto da pessoa. Esta é mais atraente.

DbI FC' Anat.

III

x

6. Fazem-me lembrar dois fantoches, dois a espantar os pássaros das colheitas, das searas.

G kob Obj.
 F+

Lá estão as cores escuras que eu não gosto.

7. Aqui no meio entre eles parece uma borboleta.

D F+ A

8. E os outros dois também dois fantoches. Fantoches não, espantalhos. E é só.

D F+ Obj

? Gostei da segunda, a primeira é muito escura, faz lembrar aqueles filmes de terror.

Protocolo 19

Código: RP

Sexo: F
Data: 11.09.95

Idade: 22

I

cx

Isto é o Rorschach?

1. Se assemelha a uma folha. Sim, é uma folha. G. G F+ Pl.

II

cx

Já tem a cor, já é mais bonito.

2. Parece-me árvores, D FC Pl.
3. parece-me uns olhos vistos assim de perfil de lado. D F+ Hd
Aqui a parte central não consigo interpretar muito bem.
4. Dois insectos talvez, o verde árvores. D F+ A
5. O conjunto a natureza. G CF Nat.
Desta não interpreto mais nada.

III

c

6. Esta parece as formas humanas. G F+ H
7. Unidos pelo fogo, por causa do vermelho, a cor. D C Elem.

Escolhas:

+ : II. Por causa das cores.

- : III. Mais... Desagradou-me. Assusta-me um bocado mais. Talvez esta parte, tipo o fogo unindo.

Protocolo 20

Código: EM

Sexo: M
Data: 19.04.95

Idade: 29

I

c

- | | | | |
|---|---|----------|-------|
| 1. Articulação costeo-femural. A partir da anca, do ponto de vista médico. Vê-se muito bem. Se for comparado com radiografia ainda parece mais. | G | F- | Anat. |
| 2. Se pudermos ver sobreposto, isto aqui uma folha sobreposta, dessas árvores que há por aí na rua. | D | FE
F+ | Pl. |
-

II

cc

- | | | | |
|---|---|----|--------|
| 3. Faz lembrar o Oriente. O desenho, as cores também. Aqui desperta-me a atenção mas não consigo definir (Dirif). | G | FC | Abstr. |
|---|---|----|--------|
-

III

cc

- | | | | |
|--|---|----|--------|
| 4. Tirando o abstracto parece dois jogadores de futebol à disputa da bola. | G | K | H/Cena |
| 5. Duas pessoas a segurar este objecto, a disputa leva a segurar. | D | F+ | Obj. |

Escolhas:

- + : II - Interessante a imagem. A primeira é evidente, a terceira também dá logo a sensação.
- : III.

Protocolo 21

Código: EM

Sexo: M
Data: 03.11.95

Idade: 23

.....
I

c

- | | | | | |
|--|--|----|----|----|
| 1. Aqui ao meio parece uma borboleta de asas abertas. | D central. | D | F+ | A |
| 2. A imagem total parece um aranhaço, ou qualquer insecto. | | G | F+ | A |
| 3. Aqui à frente parece as garras para se alimentar, ou qualquer coisa desse género. | As garras, estas parecem mais de locomoção | Dd | F+ | Ad |
-

II

c

- | | | | | |
|---|---|---|----------|-------|
| 4. Aqui no centro parecem dois pulmões, um par de pulmões | D verm Interior | D | FC | Anat. |
| 5. Isto aqui por baixo parece um fóssil de peixe, parecido com uma lula.
No geral não parece nada de concreto. | Por causa desta parte interior.
Lula por causa desta cabeça. | D | FE
F+ | Nat. |
-

III

c

- | | | | | |
|--|--|---|----|---|
| 6. Parece-me outra vez uma aranha, cortada ao meio.
Não sei o que tenho de dizer.
Parece uma aranha, tem aqui os tentáculos, cortaram o bicho ao meio. | | G | F- | A |
|--|--|---|----|---|

? A mais difícil de interpretar é a segunda, não se percebe bem. As verdes podem estar só para despistar.

Protocolo 22

Código: EM

Sexo: M
Data: 18.04.95

Idade: 33

I

c

1. À primeira vista ou uma folha ou um escaravelho ou coisa que o valha.

G F+ Pl.



Esta já fiz.

II

cx

Tem que ser visto como um todo?

2. O grupo do meio, pulmões ou coisa que o valha.

D FC Anat.

3. A parte de baixo
dois animais.

Agora o tipo de animais... ..
dois insectos.

4. Utilizando uma imagem mais poética um pôr-do sol.

D F+ A

G CF Nat.

III

x

5. Esta aqui, um vulto de duas pessoas envolvidas numa actividade qualquer tipo dança. Especular mais sobre esta seria demais.

G K H

Protocolo 23

Código: PP

Sexo: F
Data: 09.10.95

Idade: 24

I

x

1. Esta parece-me um morcego, bastante feroz porque tem garras dianteiras.
E é só.

G F+ A

II

c

2. Esta imagem faz-me lembrar qualquer ambiente Oriental, chinês ou Japonês, principalmente esta parte vermelha.
3. A parte inferior, castanha, faz-me sugerir a guerra entre dois animais que lutam por qualquer, pela posse de qualquer coisa.

G CF Abstr.
D kan A
F+

III

cx

4. Esta sugere-me qualquer coisa relativa à dança. Ou os bobos ou os palhaços. Qualquer coisa relativa à dança, movimento, mas num ambiente que não é muito alegre, digamos. Não muito alegre, pela cor.

G K H/Abstr.

Escolha: Positiva ou negativa? (como quiser). A segunda, mais leve, mais viva. Menos a primeira.

Protocolo 24

Código: RP

Sexo: F
Data: 15.09.95

Idade: 25

I

c

- | | | | | |
|---|--|-----------------------------|---------------------------|--------------------|
| 1. Faz-me lembrar um bicho feio,
muito feio.
Estilo assim um rato.
Esta é horrorosa. Coisas más.
Não gostei da imagem | G.

Borboleta (D central). | G

R.A.:
D | FClob
F+

F+ | A

A |
|---|--|-----------------------------|---------------------------|--------------------|

II

x

- | | | | | |
|---|---|----------------------|-------------|---------------|
| 2. Parece uma flor, uma planta. | Flor: Dbl. | Dbl | F+ | Pl. |
| 3. Ao mesmo tempo de lado parece
dois olhos, parece que está a ser
observada. | | D | F+ | Hd |
| 4. Não sei, parece o nascimento de
alguma coisa, um óvulo, uma cri-
ança, qualquer coisa, nascimento
de qualquer coisa.
Podemos passar à outra. | Bébé, criança: Dver. central.

Terra, por isso um jardim. | D

R.A.:
DG | F-

C | H

Nat. |

III

cc

- | | | | | |
|---|--|---|---|---|
| 5. Parecem duas pessoas a dan-
çarem. Alegres. Não sei, talvez.
Só. Não me inspira mais nada. | | G | K | H |
|---|--|---|---|---|

Escolha: + - ; - - A primeira.

Protocolo 25

Código: FC

Sexo: M
Data: 10.01.96

Idade: 34

I

x

- | | | | | |
|--|---|---|----------|--------|
| 1. Quase me dá a ideia que antigamente caracterizavam o diabo. | O todo. Porque aparece a imagem um pouco desfigurada. | G | | (H) |
| 2. Há aqui uma parra de uma uva. | | D | F+ | Pl. |
| 3. Dá-me a ideia também que isto é um desenho que foi pintado e depois aberto ao meio. Que se fechou e depois se tornou a abrir. | | G | EF
F± | (Arte) |

II

Novamente desenho que foi aberto ao meio.

x

- | | | | | |
|--|------------|-----|----|-------|
| 4. Quase dá a impressão que parecem caracteres chineses, aquela linguagem oriental, aqui ao meio.
(Pausa) | Dbl. | Dbl | F+ | Simb. |
| 5. Um coração aberto ao meio. | (D verm.). | D | FC | Anat. |

III

c

- | | | | | |
|---|--|---|---|---|
| 6. Tenho a impressão que é alguém a dançar.
Novamente desenho que é aberto ao meio.
Desenho que é aberto ao meio, alguém a fazer ski. | | G | K | H |
|---|--|---|---|---|

Acho que, também dá a ideia que perdeu um membro, uma parte que está fora, está despegada, perdeu esse membro.

? Quando olhei (II) fez lembrar a dicotomia clássica, entre o bem e o mal. Duas forças frente a frente, antagónicas, estes dois desenhos aqui da parte de baixo (D cast. inf.).

Protocolo 26

Código: CE

Sexo: F
Data: 30.10.95

Idade: 30

I

x

Faz-me lembrar várias coisas

- | | | | | |
|--|------------|----|----------|--------|
| 1. Faz-me lembrar o Outono. | Outono: G. | G | F± | Abstr. |
| 2. Esta parte central faz-me lembrar uma folha. | | D | F+ | Pl. |
| 3. Esta parte à volta, como é cinzenta, faz-me pensar que as folhas estão a cair. Tempo frio e chuvoso | | Dd | E
F± | Abstr. |
| 4. Olhando para o global podia ser uma nuvem em forma de um animal, tipo caranguejo ou qualquer coisa do género. | | G | EF
F+ | Nat. |

II

x

- | | | | | |
|---|-----------------------------|---|----|---|
| 5. Faz-me lembrar duas formigas, que se encontraram num pomar. Mais nada. | (Pomar?) Verde e encarnado. | G | FC | A |
|---|-----------------------------|---|----|---|

III

c

- | | | | | |
|--|--|---|---|--------|
| 6. Parecem ser duas pessoas a dançar. Uma música agitada e que estão a conversar ao mesmo tempo. | | G | K | H/Cena |
|--|--|---|---|--------|

? Não

Protocolo 27

Código: PP

Sexo: F
Data: 02.10.95

Idade: 22

I

Já vi esta !

c

- | | | | | |
|---|------------------|---|----------|---|
| 1. Parece um bicho. | Bicho espalmado. | G | FE
F+ | A |
| 2. No meio parece que tem uma borboleta, a parte mais escura. No todo um bicho feio, mau. | | D | F+ | A |

II

Ah tão bonito !

c

- | | | | | |
|---|---|---|----|-------|
| 3. Esta parte cor de rosa parece uns pulmões. | Pulmões: D verm. interior. | D | FC | Anat. |
| 4. Esta castanha parece umas aves de cabeça para baixo. | Aves: Se virar ao contrário esta parte dá a sensação que é asas (D interior do castanho). | D | F- | A |
| 5. A verde não sei, parece dois olhos. | | D | F+ | Hd |

III

Esquisito, não me parece nada. G

x

- | | | | | |
|---|--|---|----|---|
| 6. Parecem... parece qualquer coisa a ver com os espelhos da feira popular, quando a gente vê e fica toda deformada. Não sei, talvez isso. | | G | F+ | H |
| 7. Esta parte cor de rosa, parece chineses aos pulos. A dançar ou qualquer coisa assim. Chinês por causa destas partes, que têm o cabelo espetado. Tudo figuras simétricas. | | D | K | H |

Escolha: Gosto desta (II), acho que é colorida.

Protocolo 28

Código: PP

Sexo: F
Data: 03.10.95

Idade: 25

I

cx

Digo já, ou só quando vir todas?

- | | | | | |
|-----------------------------|-------------------|---|----|-----|
| 1. Uma folha. | Folha: D central. | D | F+ | Pl. |
| 2. Um animal.
Mais nada. | Animal: G. | G | F+ | A |

II

x

- | | | | | |
|--|---|------|----|--------|
| 3. Posso dizer recortes? Recortes, trabalhos elaborados em folhas. | Recortes: (D verm. interior, o branco faz parte). Estou a ver as coisas inseridas neste quadrado branco, a parte branca como se fosse uma folha de papel. Quadrado não, rectângulo. | DDbl | F± | Obj. |
| 4. Raízes. | Raízes: D cast. | D | CF | Pl. |
| 5. E pintura decalcada. | Tinta e depois dobrada. | G | CF | (Arte) |

III

cx

- | | | | | |
|---|----------------------------------|---|----|--------|
| 6. Uma folha dobrada ao meio, aquilo que se faz com tinta | Geométrico.(simetria?) Isso. | G | FE | (Arte) |
| 7. Igualdade. | Igualdade: (significado?) União. | G | F± | Abstr |

Escolha: A primeira, faz-me lembrar trabalhos que fazia e saíram borboletas.

Protocolo 29

Código: SD

Sexo: F
Data: 11.09.95

Idade: 22

I

c

- | | | | | |
|--|--|-----|----|--------|
| 1. Desenho abstracto. Tenho tendência. | Divisão, reflexo. Parte que está incompleta que não aparece. | G | F± | (Arte) |
| 2. Duas folhas, penso eu. | | D | F+ | PI. |
| 3. Não gosto muito de bichos. Como se chama? Escaravelho. Desenho que não é claro para a pessoa saber o que é, já reparei. | Escaravelho: O todo, aqui a cabeça. | G | F+ | A |
| 4. Aqui e aqui faz lembrar uma posição de ballet (Dds sup e inf). Tentar descortinar o que é isto (D central). | Ballet: Como se fossem dois braços e duas pernas. Subjectivamente, porque não estão lá. Além disso é muito gracioso (Dd sup e Dd inf). | DdG | K | H |

II

c

- | | | | | |
|---|---|----------|-----------|-------|
| Este é mais bonito. | | | | |
| 5. Árvores. | | D | FC | PI. |
| 6. Aqui faz lembrar uma notícia que vi há pouco tempo em que colocam dois machos a lutar um contra o outro. | Machos a lutar: Pela cor e pela posição em que estão colocados. | D | CF | A |
| 7. Pulmões. Cor do sangue, claro. | Pulmões: D verm. interior. | D
nom | FC
cor | Anat. |
| 8. Coluna do ser humano. | | Dbl | FC | Anat. |

III

c

- | | | | | |
|---|--------------------|---|----|---|
| 9. Aqui para mim são crianças. | Ds laterais. | D | F+ | H |
| 10. Uma borboleta. | D central | D | F+ | A |
| 11. Aqui faz-me lembrar duas pessoas a fazer ski aquático ou skate. | Ski: Pela posição. | G | K | H |

Escolha: II, pelas cores principalmente.

Protocolo 30

Código: TC

Sexo: F
Data: 21.09.95

Idade: 30

I

c

1. Na Biologia do 10º ano havia uma prova que era abrir ratos. Rato aberto.
No todo é o que me parece.

G FE A
 F+

II

xl

Nem sei o que me parece (riso).

2. A primeira imagem faz-me lembrar uma radiografia, qualquer coisa desse género.
3. A coisa verde a visão lateral dos olhos.
4. E esta aqui sinceramente... parece as raízes de um tubérculo qualquer.

Radiografia: D.verm.: Contraste o branco, as vértebras.

DDbl F+ Obj.

D F+ Hd

D CF Pl.

III

(pega, larga)

x

5. Assim esta no todo, aqui parece-me no meio uma borboleta,
6. pode parecer duas pessoas
7. e aqui talvez uns coelhinhos a brincar ou a saltitar.
(?)
8. Ou palhaços, qualquer coisa assim.

D F+ A
G F+ H
D kan A
 F+

D F+ H

? Não gostei de nenhuma.

Protocolo 31

Código: PP

Sexo: F
Data: 10.10.95

Idade: 26

.....
I

cc

1. Um insecto.

Uma noção de simetria.

G F+ A

.....
II

c

2. Parece uma parte do corpo humano.

D verm. O tronco, pulmões.

D FC Anat.

.....
III

cc

3. Duas pessoas viradas uma para a outra em silhueta.
E também a noção de simetria.

G K H

Escolha: Não gostei desta. À primeira vista não me dizia nada. Não é tão clara (II).

Protocolo 32

Código: FC

Sexo: F
Data: 9.1.96

Idade: 26

.....
I

cc

1. Parece uma mosca.

G F+ A

.....
II

x

2. Parece um acasalamento de bichinhos. Ambos.
É só isso.

Um casal. Aquele acto pré-nupcial (D.verm).
Um casal (D.cast.).

D kan A
F+

.....
III

c

3. Duas pessoas a num aperto de mão.

G K H

? Não.

Protocolo 33

Código: PP

Sexo: F
Data: 25.09.95

Idade: 31

I

(pega)

cx

- | | | | | |
|--|-------------------------------------|------|----|-----|
| 1. Parece uma aranha, um insecto. | Duas folhas: uma encostada à outra. | G | F+ | A |
| 2. Melhor dizendo, vejo aqui no meio parece-me duas folhas. | | D | F+ | PI. |
| 3. Parece que tem ao cimo dois olhos. | | Ddbl | F+ | Ad |
| 4. Duas, quatro patas dianteiras, duas mais longas e duas mais estreitas e duas traseiras. | | Dd | F+ | Ad |

⊙ ⊙


É.

II

x

- | | | | | |
|--|--|-----|-----|------|
| Esta não consigo vê-la toda. Vejo por partes. | D vem. lateral: Protecção de pulmões. | Dbl | FC' | Anat |
| 5. A parte que está em cima considero que no centro é como se tivesse as vértebras do ser humano | Os pulmões parecem de uma pessoa saudável. São vivos, são daquela cor mesmo. | D | FC | Anat |
| 6. circundado pelos pulmões. | | Dd | CF | Anat |
| 7. Depois parece-me que a parte exterior parece-me... é como se fosse... a parte dos músculos e de pele que circunda os órgãos. O tórax, a parte torácica. | | | F± | |
| 8. Depois tem de lado, tem, a verde... (pausa), a verde é como uma vegetação um pouco, vegetação murcha. Folhas já assim meio... Aquelas folhas já assim secas e meio destruídas, já sem a forma original. | | D | CE | PI. |
| 9. Em baixo a castanho é como se fossem dois animais em luta, um virado para o outro enfrentando-se. Tipo dois esquilos. É isto mais ou menos. Nunca fiz semelhante coisa. | | | F± | |
| | | D | kan | A |
| | | | F+ | |

III

- | | | | | |
|---|---|---|----|----------|
| 10. Aqui ao centro a vermelho como uma borboleta, uma libélula. | | D | F+ | A |
| 11. Depois nas extremidades a vermelho  parecem dois pássaros com um bico longo. | | D | F+ | A |
| 12. Aqui a preto, esta também só consigo ver assim, esta parte inferior aqueles bonequinhos que se enfiam nos lápis ou nas canetas. | Bonequinhos: Que os miúdos enfiam nos lápis, tipo carapuça (D inf. Pernas). | D | F- | Obj. |
| 13. Na parte superior... parece-me, é como quando uma pessoa se tenta libertar de alguma coisa, duas formas em movimento, procuram liberdade, procuram libertar-se de algo. | Pessoa: Para a frente num ímpeto. | D | K | H/Abstr. |

? A terceira dá-me exactamente essa ideia de liberdade. Para mim a liberdade é algo que temos bom no fundo de nós. Liberdade que tem de estar lado a lado com a liberdade colectiva.

Protocolo 34

Código: EM

Sexo: M

Idade: 28

Data: 16.11.95

I

c

- | | | | | |
|--|---|---|----|-----|
| 1. Dá-me ideia de uma folha seca | Folha seca: Pode ser tudo.
Quando secam partem-se. | G | FE | Pl. |
| 2. e de um insecto. | | G | F+ | A |
| 3. Parece uma aranha, aranha não, esta parte aqui da frente sim, a cabeça. | Aranha: Dsup. | D | F+ | Ad |
- (pausa)
- Não gosto de inventar mais, mas posso arranjar mais objectos.

II

c

- | | | | | |
|--|--------------------|------|----|--------|
| 4. Parece duas lagartas com um jardim, um grande plano de duas lagartas num jardim. Parece género o Éden das lagartas. | | G | FC | A/Cena |
| 5. verdes parecem árvores | | D | FC | Pl. |
| 6. e isto aqui o vermelho, parece um templo. | Templo: inclui Dbl | DDbl | FC | Arq. |
| 7. Com esta forma estranha parece sempre insectos. Estão a namorar, estão de frente uma para a outra. Parece um Éden. | | D | F+ | A |

III

⊙ ⊙ (esta posição?)

- | | | | | |
|---|--|---|----|------|
| 8. Vejo aqui duas crianças, a vermelho, | | D | F+ | H |
| 9. e dois, mais dois jovens ou adultos. Estão a pegar em qualquer coisa. Não percebo bem. | | G | K | H |
| 10. Um cesto, pegam os dois num cesto. | | D | F+ | Obj. |

? Não. Gostei de ver isto. Parece trabalhos, como se faz com crianças, folhas dobradas.

Protocolo 35

Código: TC

Sexo: F
Data: 21.09.95

Idade: 25

I

cc

Já fiz.

- | | | | |
|---|---|----------|-------|
| 1. Faz-me ver uma folha, parte do meio. | D | F+ | Pl. |
| 2. No geral, um escaravelho esborrachado. | G | FE
F+ | A |
| 3. E um borrão de tinta. | G | EF
F± | Frgm. |
-

II

c

- | | | | |
|--|-----|-----|-------|
| 4. Isto são os olhos, verde.
Isto faz-me lembrar o corpo humano. | D | F+ | Hd |
| 5. Parte do tronco, os pulmões, | D | FC | Anat. |
| 6. e a coluna.
Não me faz pensar em mais nada.
Parece estar um bocado humanizada.
(?) Tem a ver com o corpo humano. | Dbl | FC' | Anat. |
-

III

c

- | | | | |
|---|---|-----------|------|
| 7. Dois bonequinhos.
Ou então só um a ver-se ao espelho, tem simetria.
Parece uma dança, não tenho mais nada a dizer sobre ele. | D | kob
F+ | Obj. |
|---|---|-----------|------|

? A segunda está muito misteriosa.

Protocolo 36

Código: FC

Sexo: M
Data: 10.01.96

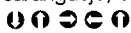
Idade: 28

I

cc

Coisa chinesa! (Automático)

c

- | | | | | |
|--|---|---|----|-----|
| 1. Isto é um bicho mesmo cabeludo, feio. | O bicho não é mesmo cabeludo, não se vê. (G). | G | FE | A |
| 2. Parece um, a folha de um plátano. Isto misturado tarântula com caranguejo, com escaravelho. | Folha: D interior
G. | D | F+ | PI. |
|  | G. | | | |
| Mesmo feio.
Parece um ácaro.
Mesmo feio. | | | | |

II

xl

Este aqui... já se divide mais.

Este aqui pode ser de duas maneiras (D verm.)



- | | | | | |
|--|---|------|----|-----------|
| 3. Os pulmões | | D | FC | Anat. |
| 4. com a coluna vertebral. | | Dbl | FC | Anat. |
| 5. Ao mesmo tempo faz lembrar imagens chinesas, Oriental, aquelas figuras que têm nos pagodes e não sei quê. | Oriental: Talvez pela forma, a maneira como está feito. | DDbl | F+ | Arq. |
| 6. Partes castanhas faz lembrar terra, raízes, | Terra, raízes: a cor é que me leva a isso. Talvez também por estar numa posição inferior. | D | CF | Elem./PI. |
| 7. donde as quais nascem estes arbustozinhos. | | D | FC | PI. |

III

Esta é gira.

- | | | | | |
|---|--------------------|---|-----------|--------|
| 8. Isto aqui são duas pessoas, digamos. | | G | K | H |
| 9. A segurarem numa coisa qualquer indefinida, não percebo bem o quê. Dão a sensação de equilíbrio, como a imagem é coisa (gesto simetria). | | D | F+ | Obj. |
| 10. Este aqui é giro. Parecem dois bonequinhos a andar, assim com um grande nariz, tipo unicórnio, um corno grande, figuras mesmo míticas. | Ds lats vermelhos. | D | kob
F+ | Obj |
| 11. A figura em si poderá ser um bailado os quatro.
Os dois ou estão a lutar ou a segurar a mesma coisa. | | G | K | H/Cena |

? Nada de especial. Foi a quinta vez que fiz, p'ra aí. Tinha um professor que levou este género de coisas para a aula. Da segunda (Cartão II) lembro-me bem.

Protocolo 37

Código: EM

Sexo: M
Data: 19.04.95

Idade: 35

I

c

1. Esta situação parece uma borboleta. G F+ A
Talvez consiga encontrar também um escaravelho.
Um animal.
-

II

x

(Suspiro)

Encontro uma simetria. Tem um eixo vertical.

2. Deste lado dois peixes voltados um para o outro. D F+ A
3. Aqui tenho dois camarões também de cabeça um para o outro. Camarões: A cor não é apropriada, é a forma em si. D F+ A
4. Nesta zona parece-se um par de gémeos no útero materno, nesta zona avermelhada. D F+ H
-

III

x

Também encontro uma simetria perfeita. E na primeira também encontro, só que não disse.

5. Deste lado dois pássaros que chamam de beija-flor, colibri. D F+ A
6. Aqui encontro uma borboleta. D F+ A
7. e esta zona negra vejo duas pessoas sentadas conversando frente a frente com dois animais que podem ser gatos ou cães. Cada um deles com um animal aos pés. G K H/Cena

Escolhas:

+ : Gostei muito da segunda porque relacionado com vida animal e também com seres humanos. Pelo mesmo motivo também a terceira, mas menos. Mais clara, mais leve, a segunda.

- : I.

Protocolo 38

Código: EM

Sexo: M
Data: 25.09.95

Idade: 27

I

c

- | | | | |
|---|---|-------------|---|
| 1. Parece um escaravelho.
Uma imagem sombria, aqui as
hastes.
Mais nada. | G | FClob
F+ | A |
|---|---|-------------|---|

II

c

- | | | | | |
|---|------------------|-----|-----|-------|
| 2. Isto faz-me lembrar os pulmões. | Pulmões: D verm. | D | FC | Anat. |
| 3. Faz-me lembrar uns bichos
quaisquer, aqui as patas. Mal
definido. | D cast. | D | F+ | A |
| 4. Esta parte central faz-me lembrar
a coluna vertebral, o branco, os
elos da coluna vertebral. | | Dbl | FC' | Anat. |
| 5. Faz-me lembrar um olho, esta
parte verde. E mais nada. | | D | F+ | Hd |

III

cc

- | | | | | |
|---|--|---|----|-----|
| 6. Isto é uma borboleta. | | D | F+ | A |
| 7. Faz-me lembrar uma imagem
humana a saltar com um braço,
falta-lhe aqui uma perna, é uma
imagem muito desfocada. | | D | K | H |
| 8. Isto faz-me lembrar aquelas ima-
gens diabólicas, uns diabinhos a
saltar, com os corninhos.
Mais nada. | | D | K | (H) |

? Gosto mais da segunda pela combinação de cores. A primeira é cinzenta de mais para o meu gosto.

Protocolo 39

Código: EM

Sexo: M
Data: 19.04.95

Idade: 27

.....
I

c

- | | | | |
|---|---|----|-------|
| 1. Isto parece um escaravelho,
podia parecer uma borboleta
mas não, estas coisas não dá a
ideia. | G | F+ | A |
| 2. Uma folha de árvore. | D | F+ | Pl. |
| 3. Um borrão, mas isso é o que é. | G | EF | Frgm. |
| | | F± | |
-

II

cc

- | | | | |
|--|------|-----|------|
| 4. Faz lembrar uma coisa oriental. | G | CF | Nat. |
| 5. Dois gafanhotos em baixo. | D | F+ | A |
| 6. Um balão oriental, daqueles com
luz lá dentro. | DDbl | FC' | Obj. |
-

III

- | | | | |
|--|---|----|---|
| 7. Dois bailarinos | G | K | H |
| 8. com uma borboleta no meio.
Simétrico, mas simétrico é o que
ele é.
Bailado, é a ideia que me dá. | D | F+ | A |

Escolhas:

+ : II - Mais colorida

- : A primeira a menos, a terceira é mais elegante.

Protocolo 40

Código: PP

Sexo: F

Idade: 27

Data: 25.09.95

I

O que é que isto pode ser?

c

- | | | | | |
|---|-----------------|---|----|-----|
| 1. Uma mosca. | | G | F+ | A |
| 2. Uma folha de uma árvore assim já
velha. | Folha: DCentral | D | FE | Pl. |
| Um caranguejo. | | | F+ | |
| Não sei mais nada. | | | | |

II

c

- | | | | | |
|-----------------------------|----------------------|-------|----|------|
| Pode ser por partes, não é. | | D | F+ | A |
| 3. Aqui dois animais. | | D | FC | Anat |
| 4. Uns pulmões aqui. | Dverm. | | | |
| Mais nada. | | R.A.: | | |
| | Dois olhos (D.verde) | D | F+ | Hd |

III

cx

- | | | | | |
|--------------------------------|----------------------|---|----|---|
| 5. Uma borboleta. | | D | F+ | A |
| 6. Duas crianças, vá. | Crianças: (Dvermiat) | D | F+ | H |
| 7. Dois palhaços, e mais nada. | | G | K | H |

Escolha: (I) Não gosto, faz lembrar baratas e moscas e essas coisas.

Protocolo 41

Código: EM

Sexo: M
Data: 18.04.95

Idade: 32

I

(Pequena gargalhada)

c

- | | | | | |
|--|--|---|----------------|--------|
| 1. Faz lembrar aquelas dobragens que fazia em miúdo. | | G | EF | (Arte) |
| 2. Parece um frango assado quase. Mais nada... (pega) (larga). | Devido à simetria. Frango espalhado, aberto a grelhar. | G | F±
FE
F- | Alim. |

II

x

- | | | | | |
|---|---|---|----|------|
| 3. Como disse há pouco pratiquei judo, sabe o que me faz lembrar? Faz lembrar o Ikebana - arranjos florais, que tem as três dimensões - a terra, o homem as plantas e o céu. Fazem-me lembrar isso. (Arruma a prancha). | O castanho a terra, o verde plantas, o homem. | G | CF | Arte |
|---|---|---|----|------|

III

0 0 /

- | | | | | |
|--|--|---|----|--------|
| 4. Uma dança | | G | K | H/Cena |
| 5. à volta de uma fogueira!
Um bocado abstracto. Não me ocorre mais nada. | | D | CF | Elem. |

Escolhas:

+ : II - Bastante bonita

- : I - Faz lembrar, agora, um bocado de ácaro.

Protocolo 42

Código: EM

Sexo: M
Data: 17.01.96

Idade: 34

I

cc

1. Isto é uma aranha, uma aranha esbatida, em aguarela. G G FE A/Arte
F+

II

cc

2. Isto será um conjunto de imagens fossilizadas, em aguarela também. Perfeita simetria. E dégradé de cor, está mais ou menos conforme, há uma combinação harmoniosa de cor. G CF Arte

(?) Por exemplo uma luta entre dois invertebrados e o resultado eventualmente dessa luta, simbolizando o sangue. R.A.: G kan A
R.A.: D C Sg.

III

cc

3. Figura também simétrica e que pode representar entre outras coisas imagens do fundo do mar. Algas, ou qualquer outro tipo de espécies submarinas. G F± Pl.

Estas duas representações de uma dança ou de uma luta, por ex., em que cada interveniente teria o seu apetrecho, a sua respectiva arma, ou instrumento de jogo, se fosse jogo. R.A.: G K H
R.A.: G F- Obj.

? Pela sua mensagem, pela sua cor, talvez esta (II). Mais rica em conteúdo. Pela posição frontal. Estas duas poderiam representar dois olhos. A claque de apoio, e a figura central teria um ar de agressividade pela luta em causa.

Protocolo 43

Código: SD

Sexo: F
Data: 29.08.95

Idade: 31

I

c

Eu já vi isto.

- | | | | | |
|--|--------------------------|------|----|--------|
| 1. Faz-me lembrar um animal | | G | F+ | A |
| 2. Uma folha também. | | D | F+ | Pl. |
| 3. Uma pintura. | | G | F± | (Arte) |
| 4. U Um túnel. | Túnel: Ddbl. | Ddbl | F+ | Arq. |
| 5. U Nesta zona uma face, pode ser humana ou de animal. Nada de especial.
Estava a olhar há bocado. Dava-me a sensação de que tinha cor. | Face: Barba, ou bigodes. | D | F+ | Hd |

II

c

- | | | | | |
|--|----------------------------------|------|----|-------|
| 6. Partes verdes algas, plantas aquáticas. | | D | FC | Pl. |
| 7. Parte vermelha o cérebro
U U Pintura, sempre pinturas, qualquer coisa abstracta.
U U U U
A minha imaginação não está muito boa. Com o tempo começo a descobrir coisas, ir muito ao pormenor. | | D | FC | Anat. |
| 8. Faz lembrar as flores de lotus. Nenúfares. | (Dbl). Apoiadas, e depois abrem. | Dbl | F+ | Pl. |
| 9. Borboleta. | (Dbl inferior). | Ddbl | F- | A |

III

c

- | | | | | |
|---|--------------------------|----|----|----|
| 10. Duas figuras humanas. | | G | K | H |
| 11. Uma borboleta. | | D | F+ | A |
| U (pausa) | | | | |
| 12. Nesta parte parece-me um animal estranho, cauda, patas. | (Animal estranho: Diats) | D | F- | A |
| 13. Aqui uma lagarta. | | D | F+ | A |
| U | | | | |
| 14. Parece uns dedos. | (Dedos: contornos H) | Dd | F- | Hd |

Escolha:

- + : II em termos de cor, II em termos de simbolismo, humano
- : Primeira, a preto e branco.

Protocolo 44

Código: EM

Sexo: M
Data: 18.04.95

Idade: 24

I

c

- | | | | |
|---|---|----|-----|
| 1. Isto parece-me um aranhão...
Tem uma simetria, esta parte as patas, as antenas, ou uma joaninha, a preto e branco.
(tudo?) | G | F+ | A |
| 2. Também podia ser aquelas folhas de árvore, verdes, só pelos contornos. | D | F+ | Pl. |
-

II

c

- | | | | |
|---|---|----|-------|
| 3. A primeira impressão parece daquelas casas da china, com estas cores.
Analisando bem... não sei que objecto... Isto tem sempre simetria... Não estou a ver o que era... | G | FC | Arq. |
| 4. Talvez sempre dois seres em confronto. | Tête-a-tête (Dinf e Dsup só cor de rosa). | D | K (H) |
-

III

Isto tem sempre simetria, não tem?
Estou a ver que...

I

(Num fluxo verbal:)

Isto parece-me sempre animais.

- | | | | | |
|----------------------------------|-----------|---|----|---|
| 5. Uma borboleta, | D central | D | F+ | A |
| 6. uma pessoa com estas feições, | | D | F+ | H |
| 7. um animal de quatro patas, | | D | F+ | A |
| 8. um ser rastejante este. | | D | F+ | A |

Escolhas:

+ : II - Cores

- : I, em termos de cores. De desenho: III

Protocolo 45

Código: EM

Sexo: M
Data: 16.01.96

Idade: 25

I

<i>cc</i>				
1. Vejo duas folhas, uma folha ao espelho.	Posso fumar? (Folha: DCentral). Ou que está metade na água, o reflexo na água.	D	FE F+	Pl.
2. Talvez uma carocha. Uma borboleta.	Carocha: G	G	F+	A

II

(sorri-se)

O que é que eu vejo aqui.

c

3. A savana.	Savana: G. Talvez aqui esta parte para cima (?). Por isto (verdes). Parte de baixo mais seco. A forma mais para segundo plano.	G	CF	Nat.
4. Um sol a por-se.	Sol: Dverm (?) Sensação de reflexo ou sol na água (Dbl).	DDbl	CF	Nat.
5. Talvez aquelas camadas geológicas.	Camada geológica: seria isto aqui (Dinf). Acho que foi a primeira coisa que me saltou.	D	CE	Geog.
6. Vejo aqui um olho, dois olhos. Isto é mais complicado do que eu pensava.		D	F+	Hd

III

c

7. Uma máscara. Um feiticeiro dos índios.	Máscara: aspecto geral (inclui branco). Máscara dos índios.	Gbl	F-	Másc.
8. Vejo aqui um rato. Dois, não é Logo ao principio dava um impacto, ideia, depois só com uma observação mais minuciosa.	Rato: Dinf (perna).	D	F+	A
9. Talvez uma caveira. Os lábios pintados, a face rosada, não sei.	Caveira: parte de cima. Aqui o maxilar inferior (pernas). O craneo possivelmente destruído. Estas partes aqui teríamos de nos abstrair delas (braços para fora, 3 e 9).	Gbl	F-	Anat.
	Talvez um insecto aqui (D central verm).	R.A.: D	F+	A

? Um quadro (II). Um insecto seco(I), e esta aqui talvez um quadro de um bar.

Protocolo 46

Código: EC

Sexo: F
Data: 5.12.95

Idade: 28

I

Posso dizer ?

c

- | | | | | |
|--|---|---|----|-------|
| 1. Isto pode parecer uma aranha ou um insecto, mas sei que é feito com guache (faz gesto de dobrar). | G | G | F+ | A |
| 2. Também pode parecer um osso, ossatura, da parte da bacia. | G | G | F- | Anat. |
-

II

São todas iguais, O.K.

O que é que isto me parece...

c

- | | | | | |
|---|--|------|----|-------|
| 3. Aquela parte vermelha parece um coração. | (D verm.interior.)
Branco também entra. | DDbl | CF | Anat. |
|---|--|------|----|-------|
-

III

cc

- | | | | | |
|--|---|---|---|---|
| 4. Parecem duas pessoas a brincar, duas crianças. Como se fosse um jogo, entre elas. | G | G | K | H |
|--|---|---|---|---|

Protocolo 47

Código: EM

Sexo: M
Data: 15.01.96

Idade: 31

I

O que é que isto me faz lembrar.

c

1. Um animal. Um animal voador.

Animal: G. (voador?) Parece talvez uma mosca ou um morcego aberto ao meio. As patas aqui, talvez os olhos, as asas.

G F+ A

II

cx

Isto dividido, como um todo não consigo analisar.

2. A parte de baixo dois lagartos.

3. Aqui parece algo como uma radiografia.

Radiografia: Dverm + Dbl. Branco é que levou a interpretar. O vermelho poderia ser outra coisa.

D F+ A
Ddbl CF Anat.

III

cx

4. Parecem duas pessoas a agarrar em algo e a puxarem em direcções opostas. Duas pessoas aparentemente iguais. É isto.

G K H/Cena

? Gosto mais deste (III)

Protocolo 48

Código: FC

Sexo: M
Data: 10.01.96

Idade: 31

I

Pega. Sorri.

x

1. Isto parece-me uma barata.

G F+ A

Posso virar ?

☹ ☹ Só uma barata, não tenho mais... não tenho mais ideia nenhuma. Não consigo ver mais nada.

Assim parece haver uma carapaça.

R.A.:

☹ Tanto de um lado como de outro vejo assim.

G F+ Ad

Espigões à frente que poderão morder.

R.A.:

Dd F+ Ad

II

c

O colorido muda completamente.

2. Dá-me a ideia de ser duas árvores.

D FC Pl.

3. Aqui tem dois animais, lutando um contra o outro, com a cabeça

Esta faz lembrar os programas do National Geographic. Animais a discutirem a fêmea. Fazem as suas guerras com a cabeça, encaixando os chifres, que aqui não se vê.

D kan A

4. Este desenho aqui em cima tão perfeito que parece ser um... índios têm, não é tatoo, é... (totem?) Totem, parece um totem.

Vejo isto como um totem (Dbl). Se os animais estão a cumprir um ritual, os totems têm a ver com ritual. Por trás estaria o fogo. Pode ter muitos significados. Quer os significados? Estão sempre presente nos rituais.

Dbl F+ Simb.

5. E o vermelho talvez seja a chama, o fogo.

D C Elem.

☹ ☹

E é tudo.

Giro que não me estava a ----- muito.

III

x

6. Estes diria que são dois bailarinos

Bailarinos porque a sua posição é... simétrica, é igual. Tentam ser sincronizados um com o outro.

G K H

7. E ao fundo, estes de vermelho, outros dois bailarinos

As duas personagens nos cantos diria que são outros bailarinos porque lembram um bocado o circo. Podiam ser crianças. Lembram crianças por cima das partes pontiagudas, que fazem parecer o nariz, assim grande, cómico.

D K H

Estes principais e os outros secundários.

8. Com uma borboleta aqui ao meio E é tudo também.

E continuo a achar que é uma borboleta.

D F+ A

Secundários à volta, tipo no circo, a fazer uma macacada. Mais nada. É a leitura...

9. ☹ Visto assim, ao contrário, já parece um tipo caranguejo.

G F+ A

? Não. Gostei mais desta (II). (?). Pelo colorido e pelo significado também. Que eu lhe atribuo.

Protocolo 49

Código: FC

Sexo: M
Data: 10.01.96

Idade: 23

I

c

- | | | | | |
|---|----------|---|----|-----|
| 1. À primeira vista parece-me um borboleta. | G | G | F+ | A |
| 2. Esta parte poderia significar uma folha de uma parra.
Posso virar ?
OO | DCentral | D | F+ | Pl. |
| 3. Esta parte parece a cabeça de uma mosca. | Dsup | D | F+ | Ad |

II

c

- | | | | | |
|--|---|------|----|-------|
| 4. Isto parecem uns pulmões. | | D | FC | Anat. |
| 5. Quase dá a imagem de um... de satélite de uma terra com as elevações. | Terra: a forma. Dá a sensação com as elevações. | D | EC | Geog. |
| 6. Isto também parece uma figura de uma pessoa com dois olhos, nariz, boca. Poderia ser uma cão por exemplo. Um bulldog, mais. | Cão: Dverm int. + Dbl. | DDbl | F- | Ad |

III

c

- | | | | | |
|---|--|----|----|----|
| 7. Mais uma vez isto parece uma borboleta. | | D | F+ | A |
| 8. Estas duas figuras poderiam ser dois homens, com os braços e as pernas. | | G | F+ | H |
| 9. Isto poderiam ser dois pássaros, dois, como dizer, com o bico, que tiram o pólen das flores. Beija-flor. | | D | F+ | A |
| 10. Aqui parecem dois ratos. | Ratos: do outro lado estaria | D | F+ | A |
| 11. Isto parece dois membros de caranguejo com as... (Faz gesto de tesoura). | outro (pernas humanas).
Membros de caranguejo. | D | F+ | Ad |
| 12. Estas duas partes parecem a cabeça de um peru. | Cabeça de peru: (F+ 3 e 9)
(partes do corpo H). | Dd | F+ | Ad |
| 13. Aqui também poderia estar um animal, por exemplo um javali, as quatro patas. | | Dd | F- | A |

? Gostei mais desta (III) por ter tanta coisa respondida. Esta talvez tivesse mais coisas (II) mas só com um olhar mais prolongado. Estas partes podem parecer uma larva (Dcast.) (D F+ A).

Protocolo 50

Código: EM

Sexo: M
Data: 08.11.96

Idade: 28

I

cc

- | | | | | |
|---|---|---|----|-----|
| 1. Parece-me um escaravelho. Poderá ser também uma borboleta. | escaravelho: G, pelo formato.
borboleta: G. | G | F+ | A |
| 2. Também tem uns ares de flor, apesar de não ser muito simétrico | Flor quando se vê de topo tem uma certa simetria, esta não tem muito. | G | F+ | Pl. |

II

Esta aqui, o que poderá parecer.

c

- | | | | | |
|--|--------------------------------------|---|----|-----|
| 3. Dá-me a ideia de ser uma borboleta daquelas todas coloridas de um país tropical. Por acaso gosto muito. | Borboleta: G, pela forma e pela cor. | G | FC | Pl. |
| 4. Estas duas imagens castanhas parecem ser os corpos de duas moscas, sem asas. | | D | F+ | Ad |
| 5. E os dois verdes parecem ser árvores, mais pela cor do que propriamente pelo formato. | | D | CF | Pl. |

III

Não gosto da cor negra.

- | | | | | |
|---|---|---|----|---|
| 6. Se não fosse a cor negra falaria em lagosta. Mas nesta não vou fazer mais nenhum comentário, porque não gosto da cor negra. Acho-a muito triste e tristeza não é comigo. | Lagosta: mais pelas patas. Seria o todo | G | F- | A |
|---|---|---|----|---|

? Posso dizer qual é que gostei mais ? Sem dúvida a segunda, é a mais garrida, sempre gostei de coisas garridas, muitas cores. Sempre fui adepto de ver o arco-íris. Cheguei a sair de casa para ir ver. Nunca cheguei foi ao fim, ao pote de ouro.

Protocolo 51

Código: EM

Sexo: M
Data: 07.02.96

Idade: 28

I

cc

- | | | | | |
|--|--------------------------|---|----|----|
| 1. Primeira vista um morcego. | Morcego: G. | G | F+ | A |
| 2. Parece quase o focinho de um macaco na parte superior. | | D | F+ | Ad |
| 3. Esta parte assemelha-se a uma folha de uma árvore.
Não vejo mais.
Posso parar por aqui ou dar mais respostas. Nunca fui muito criativo. | Folha: esta parte média. | D | F+ | A |
-

II

Esquisito.

c

- | | | | | |
|--|--|---|----|-------|
| 4. Primeira impressão quando olhei para isto os pulmões de uma pessoa. | Pulmões: D. verm. int. | D | FC | Anat. |
| 5. Isto aqui duas algas, estas partes verdes. | Algas (?): talvez a forma, o formato, menos a cor. Também há algas castanhas, mas. | D | FC | Pl. |
| 6. A parte de baixo é que, não sei se consigo arranjar alguma associação para isto. No fundo, embriões. Um bocado estranho. No fundo são iguais. | Embriões: embriõzinhos de rã têm este formato com a cabecinha arredondada | D | F+ | A |
-

III

c

- | | | | | |
|---|---|------------------|-----------|------------|
| 7. Esta zona parece quase um animal selvagem em movimento.
☹ ☹ ☹ ☹ ☹ | Animais: (pernas H) Um porco, daqueles porcos selvagens. | D | kan
F+ | A |
| 8. Dragão, toda esta zona. | Dragão: (corpo H, sem cabeça)
Com isto aqui a deitar chamas. | Dd
R.A.:
D | F-
C | A
Elem. |

? Qual gosto mais? Esta é mais colorida (II).

Protocolo 52

Código: EM

Sexo: M
Data: 4.12.95

Idade: 26

I

c

- | | | | | |
|--|---|---|----|----------------|
| 1. Isto parece um morcego talvez.
Um morcego...
Curioso.
(pega).
(pausa). | O todo. | G | F+ | A |
| 2. Isto representa as forças do mal.
A imagem é simétrica, mais ou menos, acho que houve a preocupação de simetria. | Forças do mal: Cabeça, ideia que temos de diabo . | G | F± | (H)/
Abstr. |
-

II

I

- Uma imagem (aponta Dsup)...
- Parece haver...
- | | | | | |
|---|--|---|----|--------|
| 3. Parece raízes da vida. | Raízes: cor não muito, mas dá a ideia de que cada um de nós está preso a qualquer coisa. Na altura cheguei a pensar em Deus. Ali as forças do mal (!), aqui as cores mais vivas. | G | C | Abstr. |
| 4. Isto parece um olho, a visão. Algo que está a ver.
E esse centro.
Tudo muito vago, não consigo tirar assim nada. | | D | F+ | Hd |
-

III

Todas as imagens têm algo em comum, agora o que é não consigo descobrir...
Mais complicado.

II

- | | | | | |
|--|----------------------------------|---|----|-------|
| 5. Parece imagem de crustáceos, ao mesmo tempo parece uma coisa simples. | Crustáceos: o todo. | G | F- | A |
| (?) 6. Talvez o cérebro humano, não sei. Não, não é. | Cérebro: o todo, a configuração. | G | F- | Anat. |

? A que mais gostei foi esta (II).

Protocolo 53

Código: EM

Sexo: M
Data: 25.09.95

Idade: 28

I

(Pega, vê, abana)

x

- | | | | | |
|---|---|----|----|---|
| 1. Dá-me a ideia de ser... uma borboleta. Isto é parecido quase com uma borboleta. Um bicho qualquer. É como um bicho, eu defino... | Borboleta: tirando esta parte (Dd sup). | G/ | F+ | A |
|---|---|----|----|---|

II

(Pega)

x

- | | | | | |
|---|--|--------------------|-----------|----------------|
| 2. Esta parte superior dá ideia do cérebro, do cérebro humano. (Pausa longa). | Cérebro: (D verm).
O branco quase que define os ossos | D
R..A.:
Dbl | FC
FC' | Anat.
Anat. |
| 3. Isto aqui acastanhado parecem formigas.
Essencialmente isso. | | D | F+ | A |

III

x

- | | | | | |
|---|--|---|----|------|
| 4. Isto olhando dá ideia de dois espantalhos.
É só isso. | | G | F+ | Obj. |
|---|--|---|----|------|

? A última por acaso gostei (?). Como sou de uma zona rural põe-se os espantalhos no meio do milharal para espantar os pássaros ou todo o tipo de aves.

Protocolo 54

Código: EM

Sexo: M

Idade: 29

Data: 16.01.96

I

x

1. Uma barata.

Barata: principalmente a zona da frente (Dsup)

G

F+

A

(pausa longa).

(?chega?) (Diga).

(pausa).

Chega.

II

x

2. Na parte de baixo dois gafanhotos

D

F+

A

3. Na parte de cima um coração.

Coração: zona mais vermelha.

D

FC

Anat.

(pausa longa).

(?Mais nada?)

Não.

III

x

4. Duas pessoas mascaradas.

Estes dois mais pequenos... (?)

G

K

H

5. Dois ratos na parte de baixo.

Mais dois. (Ds lats).

R.A.:

(pausa).

Ratos: Parte zona mais escura

D

F+

H

Acho que é tudo.

(Dinf-pernas H)

D

F+

A

? Não.

Protocolo 55

Código: EM

Sexo: M
Data: 17.01.96

Idade: 32

.....
I

c

Simetria.

1. Borrão de tinta.	G.	G	EF	Frgm.
2. Mosca.	G.		F±	
Mancha.	G.	G	F+	A

Dá ideia de uma folha centrada,
uma folha seca.

R.A.:

D FE Pl.

F+

.....
II

cc

3. Lagartas.

Também simetria.

D F+ A

☪ ☺ ☻

4. Pulmão

Pulmão: D verm. interior.
(Cor?) Estas três cores.

D FC Anat.

Nomin. Cor

Cor.

DDbl FC Hd

5. Tórax.

Tórax: D verm + Dbl.

Insecto.

Há aqui também dois olhos (Ds
verdes).

R.A.:

D F+ Hd

.....
III

(Vira automaticamente) ☻

c

6. Caranguejo.

Caranguejo: Tem aqui as pinças
(pernas).

D F+ A

Simetria também.

☻ ☻

Pode obter as reacções das pes-
soas, é?

Acho curioso.

No fundo o que vejo nisto tudo é a
simetria, é a mancha, vejo animais.

(?)

7. Há uma borboleta aqui no meio.

Borboleta: D verm. central.

D F+ A

? Prefiro esta com cor. Estas são todas um bocado escuras. Só vi animais. O que consegues ver disto ?

Protocolo 56

Código: EM

Sexo: M
Data: 18.04.95

Idade: 28

I

I

(?)

- | | | | |
|---|---|----------|-----|
| 1. Podia ser uma folha, desgastada pelo tempo. Ou então ... | G | FE
F+ | Pl. |
| ... | | | |
| 2. Pode ter várias interpretações? Um animal com uma estranha forma física. Abstracta, digamos assim. | G | F+ | A |

II

x

- | | | | | |
|--|--|--------|-----|-------------|
| Poderá representar... cores que não estão interligadas. Não se conseguem conjugar. | | Nomin. | Cor | |
| Ou então qualquer tipo de espécies que se repelem a elas próprias. | (Espécies?): Tipo de ser virado um para o outro. | | | |
| 3. Ou então uma natureza confusa. | | G | C | Abstr./Nat. |

III

x

- | | | | | |
|---|--|---|----|--------|
| 4. Pr'a mim representa o vento de uma forma desordenada, mas ao mesmo tempo de querer mostrar uma imagem. | Qualquer coisa ligada e ao mesmo tempo que está suspensa. Só existem duas cores: o vermelho e o preto. | G | F± | Abstr. |
| 5. Eu penso que também existe um encontro de imagens que se tenta interligar e desinterligar. Fazer uma coacção de um mundo irreal. Acho que representa uma imagem de um mundo incompreendido | (Coacção?): Ligação, mas a cor: não é correcta a ligação. | G | F± | Abstr. |

Escolhas:

+ : III

- : I - Transmite menos, mais concreta.

Código: EM

Sexo: M
Data: 01.02.96

Idade: 29

I

c

- | | | | | |
|--|-----------------------------|---|----|-----|
| 1. A ideia que me dá esta imagem é a de um insecto, tipo escaravelho, que tem um desenho central a destacar-se, | Insecto: todo. | G | F+ | A |
| 2. o formato de uma folha, que por sua vez também dá ideia de uma borboleta
Tem patas, na traseira, em ambos os lados.
Nota-se dois olhos à frente, com pinças também, junto à suposta cabeça. | Folha, borboleta: D Central | D | F+ | Pl. |

II

I

Ora bem este desenho tem vários tons.

- | | | | | |
|--|--|-------|----|-----|
| 3. São, dá a ideia que são flores, uma flor central de cores avermelhadas. No centro mais vermelho e no eixo de simetria existem vários desenhos também com formatos de flores em branco. Isto no centro. Por baixo existem, como se fosse duas algas em posições opostas, tons castanhos. | Flor: O que dá a ideia é tudo. Depois quis descrever os pormenores da flor, a fazer lembrar também no eixo de simetria o formato de outras flores. | D | FC | Pl. |
| 4. Depois também duas, aqui já não tanto flores, duas manchas verdes ramificam em posições opostas em relação ao eixo de simetria geral da figura. Ao lado da flor vermelha e acima das flores castanhas. | Também dá a ideia de algas verdes, mais algas que flores, ou plantas | D | F± | Pl. |
| | | R.A.: | | |
| | | D | FC | Pl. |

III

Este desenho tem de lado, também em posições opostas, duas figuras de cor, com tons cinzento escuro e preto e com duas manchas vermelhas em posições opostas, ao lado dessas manchas cinzentas e pretas.

Essas manchas cinzentas e pretas, são mais no sentido longitudinal.

- | | | | | |
|--|--|-------|----|-------|
| 5. Em baixo temos duas, dá a ideia de umas pinças, tem umas pinças em posições opostas cinzento claras. | Já posso acrescentar estas manchas têm um formato de um homenzinho qualquer, com um cornito, um rabozito qualquer.
(E as grandes?) São em baixo umas pinças que destaca da outra mancha mais acima. | D | F+ | Ad. |
| 6. O eixo de simetria, ao meio e em baixo, entre as duas manchas cinzentas e pretas, temos uma figura que dá ideia de ser uma borboleta. Asas e corpo, dá a ideia. | E com um rabozito. Um bicho qualquer.
Acima é uma mancha um bocado, mais ideia de mancha que propriamente um animal qualquer. | D | F+ | A |
| | | R.A.: | | |
| | | D | F+ | (H) |
| | | R.A.: | | |
| | | D | F± | Frgm. |

? O desenho que me agrada mais, por exemplo, este (II). (?) Pelas cores, pelo contexto, dá-me a sensação que é mais alegre.

Protocolo 58

Código: EM



Sexo: M

Idade: 27

Data: 02.02.96


I

c

- | | | | | |
|--|---|----|----------|------|
| 1. Uma carocha
Um escaravelho
Insecto... | Carocha: Casca de carocha ou insecto (G). | G | F+ | A |
| 2. Forma de uma folha de um plátano, esta parte central. | | D | F+ | A |
| 3. Esta parte lembra-me a cabeça de um peixe, também | Cabeça de um peixe: (D inf. na posição normal, branco não entra). | Dd | F- | Ad |
| 4.  ou uma concha de um insecto ou crustáceo. | | Dd | F- | Ad |
| 5. Aqui esta zona faz lembrar a cara de macaco, com uns olhos.
 | Cabeça de macaco: (D sup. na posição normal). | D | F+ | Ad |
| Esta parte faz lembrar uma cara de macaco, só que com a cara mais longa, com a boca. | | | | |
| 6. Esta parte faz lembrar-me talvez a beira-mar com as ondas na areia. Agora estou a analisar por partes, no todo já não consigo...
(?) Sim, acho que não consigo ver mais. | Beira mar: O que dá a ideia. (Ds laterais). | D | EF
F± | Nat. |

II


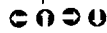


c

- | | | | | |
|---|---|------|-----------|--------|
| 7. Faz-me lembrar um fóssil. | Fóssil: D verm. interno. | DDbl | F± | Frgm |
| 8. Isto duas larvas, uma contra a outra. | (?) Branco pode ser aquela zona da rocha, um fóssil na rocha. | D | kan
F+ | A |
| 9. Isto parece um olho de uma pessoa. | Mais a forma. | D | F+ | Hd. |
| 10. Aqui uma ave, uma gaivota, mais uma águia que uma gaivota. | Ave: Ddbl sup. verm. | Ddbl | F+ | A |
| 11. Aqui também pode ser uma larva ou um feto de um animal. | Larva ou feto: D. verm. int | D | F- | Anat. |
| 12. Isto aqui pode ser daqueles sacos com plasma de sangue dos hospitais. Pelo menos pela cor.
 | Sacos com sangue: Ds.cast. | D | CF | Obj/Sg |
| Não... não consigo ver mais. | | | | |

.....

III

c

- | | | | |
|--|---|----|----------|
| <p>13. Uma borboleta.
 </p> | D | F+ | A |
| <p>14. Isto parece uma tenazes de uma sapateira.
 </p> | D | F+ | Ad |
| <p>15. Esta parte parece a cabeça de um crocodilo, só que a parte de trás parece a cauda de um gato.
  (pausa longa)</p> <p>(Inclina a prancha e olha-a de viés, procurando perspectiva, numa bissectriz)</p> | Crocodilo: D inf. | D | F- Ad |
| <p>16. Visto nesta perspectiva parece uma pessoa a andar só que tem um objecto parece um nariz mais alongado.</p> | Pessoa a andar: Ds verm. lats.
Ou animal com tronco de pessoa. | D | K H |
| <p>17. Aqui faz lembrar a parte sul da Itália.
 </p> | Parte sul da Itália: (eventual braço central do H). | Dd | F± Geog. |

(?) Zona maior não consigo ver.

? Não. Esta forma acho mais conhecida (!). Penso que já vi num livro. Foi o único conjunto que consegui identificar no conjunto.

Protocolo 59

Código: EM

Sexo: M

Idade: 27

Data: 20.04.95

.....

I

c

1. A primeira coisa uma espécie de bruxo a dançar, bruxo africano, um indígena.

G K H

.....

II

l

2. A entrada de um palácio. Uma sebe, um portão bonito.

G FC Arq.

3. Dá a impressão de que está um mexicano sentado no meio mas não se enquadra bem.

Dbl K H

Mexicano : Chapéu (Db).

.....

III

x

4. Dois homens a carregar

G K H

5. um caixotezinho.

D F+ Obj.

(pousa, arruma).

Escolhas:

+ : III, mais definida. Grade de Super-Bock que eles pegam.

- : II.

Protocolo 60

Código: EM

Sexo: M
Data: 17.01.96

Idade: 25

I

c

1. Parece um escaravelho. Escaravelho assim para o bem comido (G). G FE A
F+
- Um bicho talvez, muito desfocado. Tirando isto (tapa) poderia ser uma borboleta. R.A.: D F+ A
(Escaravelho?) Mais por esta parte (sup) e a própria configuração.

II

c

3. Uma paisagem. Isto são imagens que não têm continuidade. Paisagem: G. G CF Nat.
(?) Não são cheias, têm espaços em branco.
Poderia ser a terra, as árvores, o sol ao centro.
Poderia ter auréola amarela, azul. (Amarelo e azul?) Para compor e para definir. Seria especular.
(?) Independentemente todo dividido, meio, simétrico, como se caísse um balão com tinta que não fossem possíveis de se interligar.

III

c

- Isto é uma imagem muito mal definida. Isto poderia significar...
4. qualquer coisa desmembrada. G F± Frgm.
D F+ Ad
5. Estas partes aqui poderia ser umas partes de um insecto, tem aqui estas pinças talvez. Isto é qualquer coisa que se solta daqui talvez. Poderia haver aqui uma continuidade e depois esta a sair dali (aponta D verm central para Ds verms laterais via negro).
6. A primeira vista um insecto muito mal definido, os membros aqui. G F- A
(?) Faltaria qualquer coisa aqui no meio. Abstracto, não tem uma definição exacta.

(Tapa metade:?) Não.

Protocolo 61

Código: EM

Sexo: M
Data: 16.01.96

Idade: 26

I

I

- | | | | | |
|--|---|---|----------|--------|
| 1. O que saltou logo à primeira vista foi um tipo de desenho feito com metade da folha esmagada. | | G | EF
F± | (Arte) |
| 2. Depois dá ideia de um escar-avelhinho, um bichinho, tipo escaravelho. | G | G | F+ | A |

II

I

- | | | | | |
|---|---|-----|-----|-------|
| (Olha para mim e faz o gesto de dobrar) | Tronco: G, mas não consegui depois fazer a ligação. Mais a esta parte (Dsup). | | | |
| 3. Ideia de uns pulmões, esta parte vermelha. | | D | FC | Anat. |
| 4. Com a coluna vertebral a parte de trás. No fundo dá a ideia de olhar para o tronco de uma pessoa. Vermelho mais escuro os pulmões. | | Dbl | FC' | Anat. |
| 5. Isto aqui não vejo (verdes). Ao nível do corpo humano também não sou assim muito bom. Os rins, imagino. | | D | F- | Anat. |

Vejo a simetria do desenho.
Parecença entre uma parte e outra.

III

I



Novamente uma certa simetria, o desenho, se se pode chamar a isso. Um bocadinho mais abstracto, menos relação com os outros.

- | | | | | |
|--|---|-------------|----|----|
| 6. Podemos, uma borboleta central o aspecto, configuração. | | D | F+ | A |
| 7. Talvez uns passarinhos estes vermelhos de lado. | | D | F+ | A |
| Terão aqui outras figuras, descrição que poderá...
Difícil. | (figuras?) ...
Aqui poderíamos ir para umas pinçazinhas. Partes de caranguejo. | R.A.:
Dd | F+ | Ad |

? A que gostei mais ou menos? Género escolher para levar para casa ? Se pudesse levava todas. Todas têm aspectos diferentes. Se tivesse de optar, optava. Mas assim, não.

Protocolo 62

Código: EM

Sexo: M
Data: 31.01.96

Idade: 23

I

(Pega)

c

- | | | | | |
|---|--|---|----------|-----|
| 1. A parte central parece uma folha de uma árvore, que por vezes caem no Outono, não sei qual é a árvore. | Folhas que às vezes estão aí pelo chão. Não conheço muitas árvores. Gosto do Outono por causa do Natal, lá vinha o Pai Natal. | D | F+ | A |
| 2. O resto da imagem em si talvez alguma conexão com arvoredos, arvoredos densos, não sei. | Arvoredos densos: Mancha em si. Estes tracinhos aqui talvez o tronco da árvore. Quando ia acampar ia para um bosque denso e a luz não entrava. Gosto de acampar. | G | EF
F± | Pl. |

II

c

- | | | | | |
|---|---|--------|----------|---------------|
| 3. Parece... um arranjo floral ou uma flor, esta parte vermelha, rosa com as pétalas, não? (olha para mim). | Rosa é vermelha com aquela parte verde à volta. Não tem muita lógica mas podia fazer lembrar. | G
D | CF
CF | Arte
Elem. |
| 4. Parte de baixo talvez o chão, terra cultivada. Não tenho mais nada a dizer. | Rosa plantada, terra lavrada, revolta.
(Dbl?): Não chama a atenção. Olho para o conjunto em si. Arranjo floral: G. | | | |

III

cc

- | | | | | |
|--|--|---|---|--------|
| 5. Dois miúdos a brincar, a jogar à bola. Dois miúdos a brincar, a jogar à bola, a dirigirem-se para a bola. | Dá a sensação das fotos que se vê nos cromos, o jogador a chutar a bola, um pouco inclinado. | G | K | H/Cena |
|--|--|---|---|--------|

? Não em especial. Esta gosto mais por ter mais cor e fazer lembrar as rosas. Gosto de oferecer às pessoas. Não é caro e é sempre um gesto apreciado.

Protocolo 63

Código: EM

Sexo: M
Data: 15.01.96

Idade: 25

.....
I

c

1. Dá-me a ideia de uma animal aberto. É essa a ideia que me dá. Um escaravelho aberto.

G FE A
 F+

.....
II

c

2. Dá-me a ideia daquelas máscaras de tribos.
3. Aquela imagem daquelas pessoas vestidas a preceito, vestimentas tradicionais das tribos.

Toda a imagem.
Verm interior: a máscara.
Castanhos + verde: adornos, folclore, contraste de cores.

G F- Másc.
G F- H

.....
III

x

Sinceramente não me dá a ideia de nada.

Não, nada.

RECUSA

? Nada de especial a dizer.

Protocolo 64

Código: RP

Sexo: F
Data: 95

Idade: 28

I

c

1. Dá-me ideia de um rato que vai atacar uma presa. Dá-me a sensação que é as mãos e os pés, quando ataca.

G kan A
F+

II

x

2. Dá-me a ideia de ser dois bichos, um macho e outro fêmea em que vão-se acasalar e para isso têm de sair da casa deles (D verm.), a cor vermelha dá-me essa sensação de acasalamento entre eles os dois.

Também podia dizer que eram os filhos.

D kan A/Cena
F+

É isso.

III

x

3. Aqui acho o contrário daquela. É a ruptura deles os dois. O afastamento e a casa no meio.

Também podia dizer que eram os filhos.

G F± Abstr.

? Não em especial. Esta gosto mais por ter mais cor e fazer lembrar a rosas. Gosto de oferecer às pessoas. Não é caro e é sempre um gesto apreciado.

Protocolo 65

Código: EM

Sexo: M
Data: 01.02.96

Idade: 27

I

c

- | | | | | |
|---|----------|---|----|---|
| 1. Um escaravelho, pelo menos a primeira ideia.
(pausa).
Continuo no escaravelho. | No todo. | G | F+ | A |
|---|----------|---|----|---|

II

c

- | | | | | |
|--|--|---|----|------|
| 2. Faz lembrar a entrada no templo chinês, pelo menos pelas cores | São cores orientais (G)
Na entrada parecem ser observados, parece dois olhos. | G | CF | Arq. |
| 3. Apesar de ter aqui dois olhos a olhar as pessoas, mas está bem. Também dá a sensação se passar no centro que é observada. A profundidade.
Parece que é só. | | D | F+ | Hd |

III

x

- | | | | | |
|--|--|---|-----------|-----|
| 4. Marionetas. Marionetas dançantes. Só. | Marionetas: O todo. Está a sensação que estão dois bonecos a dançar, ou quatro, com estes de lado. | G | kob
F+ | Obj |
|--|--|---|-----------|-----|

? Não. Penso que não. (?) Há alturas de expansividade e outras de controle.

Protocolo 66

Código: CE

Sexo: F
Data: 17.10.95

Idade: 39

I

É o Rorschach?

c

1. Uma borboleta de uma fotografia a preto e branco, deve ser colorida, várias cores, amarelos, vermelhos, alaranjados. Estas tonalidades cinzentas que aparecem. É borboleta extraterrestre porque tem as antenas saindo quase das asas. Borboleta engraçada.

G FE A
F+

II

cx

2. Isto parece-me uma situação em que estão dois animais a fazerem uma saudação

G kan A
F+

3. e em cima existe o totem, a cabeça do totem,

D F+ Simb.

4. e símbolos de natureza que são estes verdes de lado. Totem: Dverm.

D C Simb.

III

c

5. Dois bailarinos, dançando, uma situação de dança, com os braços abertos.

Fitas: Ds vermelhos lats e central.

G K H

6. Há um feixe de luz, juntamente com os movimentos quase não deixa ver estes braços aqui.

D CF Frgm

7. Há umas fitas presas aos braços e pernas. Estão para aí a dançar a dança do fogo.

D F- Obj.

? Acho gostei de todas as três.

Protocolo 67

Código: EM

Sexo: F

Idade: 28

Data: 15.01.96

.....
I

c

1. Parece-me um escaravelho.
(pausa)
Mais nada.

G F+ A

Talvez aqui uma folha.
(D central)

R.A.:
D F+ Pl.

.....
II

x

O que faz lembrar é quando era
miúda punha tinta e dobrava o
papel. Exactamente o que me faz
lembrar. Agora as figuras não fazem
lembrar nada.

☉ ☉ ☉

RECUSA

.....
III

x

2. Vai-lhe parecer absurdo mas
parece duas figuras que estariam
a rodar, em torno deste eixo aqui.
A grande velocidade, ver-se-ia
estas duas figuras.

Figuras humanas. Na neve de
carapuço e a rodar em torno de
um eixo.

Gbl K H

? Gosto particularmente desta que é alegre (II). Liberdade intensa (III).

Código: FC

Sexo: M
Data: 18.01.96

Idade: 27

I

c

- | | | | | |
|---|--|----|-------------|-------|
| 1. À primeira vista parece um escaravelho, se não fosse estas partes mais saídas. Podia também ser um borboleta | | G | F+ | A |
| 2. Deriva tudo para este tipo de forma, pois é aquelas manchas de tinta, que se dobram. | | G | FE
F± | Frgm. |
| 3. A primeira reacção mais imediata isto pareceu-me uma caveira. | | G/ | F- | Anat. |
| 4. A parte aqui de baixo faz-me lembrar um coxis também. | Caveira: sem estas partes (Ds inf, Ds lats, Ds sups) | D | F- | Anat. |
| 5. Podia ser o símbolo da Liga Portuguesa contra o cancro. | Coxis: faz lembrar o osso.
G | G | FClob
F- | Simb. |

II

c

- | | | | | |
|--|---|---|----|-------|
| 6. Primeira ideia algo relacionado com o oriente, sobretudo por causa destas formas aqui que fazem lembrar caracteres orientais. | O todo, mas acentuado por causa disto. (?) Fundo vermelho com caracteres brancos. | G | F+ | Simb. |
| 7. Em relação a estas figuras castanhas fazem lembrar duas larvas ou moscas, sobretudo por causa estas partes aqui faz lembrar os olhos. | | D | F+ | A |
| 8. Também vejo aqui a forma, iguais dos dois lados, representação gráfica do olho humano, tipo símbolo de um oculista. | | D | F+ | Simb. |
| 9. O resto, relaciono tudo com temas orientais. Aqui as arvorezinhas Bonsai. Posso virar?
👉 Excelente! | | D | FC | Pl. |
| 10. Isto é um cara! Sobrancelhas muito carregadas, uns olhos e a partir daqui fica mais à imagem de cada um. Entretanto assim aquelas formas desaparecem completamente. A temática oriental continua cá mas muito mais atenuada. | | G | F- | Hd |

III

x

- | | | | | |
|--|---|-----|----|---|
| 11. Uma leve sugestão de caranguejo por causa destas pinças, mas...
De facto não há mais nada aqui que consiga atribuir forma ou conceito.
👉
Este vazio aqui no meio acaba por não deixar grande espaço de manobra. | Caranguejo: fica limitado por haver um vazio no meio.

(E eliminando? (tapo)). Ainda fica mais difícil. | DdG | F- | A |
|--|---|-----|----|---|

? Gostei particularmente desta (II). A primeira reacção não foi daquelas dobragens, foi mesmo um quadrinho típico Oriental.

Protocolo 69

Código: SD

Sexo: F
Data: 30.08.95

Idade: 25

Observ: Grávida de 8 meses, cesariana marcada para daí a um mês.

I

c

- | | | | | |
|--|-------------|---|----------|--------|
| 1. Parece um bicho, uma aranha (pausa). | Um insecto. | G | F+ | A |
| 2. Tambem pode no meio uma folha. | | D | D+ | Pl. |
| 3. Uma pintura... (pausa).
(?) Confusão.
Não me sai mais nada. | | G | EF
F± | (Arte) |

II

c

- | | | | | |
|---|--|---|-----------|-----|
| 4. Dois bichos a lutarem, uma tentativa de pintura de bichos. | Não se vê que bicho é que é.
Pode ser que não conheçamos. | D | kan
F+ | A |
| 5. Umas plantas.
Já tem um ar mais alegre.
Isto não sei bem o que me faz lembrar, esta pintura encarnada. | | D | CF | Pl. |
| 6. Um monstro, sei lá. | Um monstro ou uma máquina. | D | F- | (H) |

III

c

- | | | | | |
|---|--|---|---|---|
| 7. Duas pessoas a dançar, a dar as mãos a um bichinho, | | G | K | H |
| 8. com mais dois bonequinhos a dançarem também, ou duas crianças também pode ser.
Apesar das cores não serem tão alegres, dá um ar alegre, um ar de movimento. | | D | K | H |

Protocolo 70

Código: RP

Sexo: F
Data: 15.09.95

Idade: 28

.....
I

c

1. Um escaravelho. G G F+ A

.....
II

x

2. O animal depois de morto, não é embalsamado, é esticado para ser analisado em laboratório. Vários animais porque há várias cores. Será o desdobraimento do animal. G F- A

.....
III

x

Esta não se parece com nada. Parece que falta aqui qualquer coisa. Incompleto. (?) Ao meio. A estrutura. RECUSA

Protocolo 71

Código: SD

Sexo: F
Data: 31.08.95

Idade: 43

.....
I

c

Já conheço esta imagem de algum lugar.

fi

1. Um morcego. Já uma vez...

G F+ A

(pausa)

2. Pareciam os pauliteiros de Miranda. Há qualquer movimento de dança que me pareceu isso.

G K H

3. Uma figura de outro planeta.

G F+ (H)

.....
II

c

4. Aqui vejo uns peixes.

Ds verdes.

D F+ A

5. Aparelho respiratório.

D sup.

D FC Anat

6. Duas lagartas.

D inf.

D F+ A

.....
III

c

Este era os pauliteiros de Miranda, não era a outra.

7. Duas marionetas que brincam com duas marionetas enquanto jogam com um pião.

G kob Obj.
F+

Escolhas:

+ : III. Mais movimento, mais vida.

- : I. Cravo (D central).

Protocolo 72

Código: CE

Sexo: F
Data: 17.10.95

Idade: 23

I

x

- | | | | | |
|--|---------------|----|----|-----|
| 1. Esta aqui parece-me um bicho, o todo. | | G | F+ | A |
| 2. Aqui no meio parece-me uma folha de uma árvore. | | D | F+ | Pl. |
| (pausa). | | | | |
| 3. Parece que lhe encontro aqui mais semelhanças. Aqui estas partes (Ds lats) tipo um canguru, uma coisa desse tipo. | Dds laterais. | Dd | F- | A |

II


c

Agora esta.

- | | | | | |
|--|---|---|----|-----|
| 4. Aqui em baixo estas duas castanhas fazem-me, podia ser assim umas formigas talvez. | | D | F+ | A |
| 5. As aqui em cima as cores de rosa parece pessoas. | Pessoas: vermelho interior, os contornos. | D | F+ | H |
| (pausa). | | | | |
| 6. Estes verdes as únicas coisas que me suscitam são assim umas ervas, qualquer coisa verde. | | D | CF | Pl. |

III

x

- | | | | | |
|---|---|----|----|------|
| 7. Aqui estas cinzentas escuras, uns vultos de pessoas. | | G | F+ | H |
| 8. Aqui no meio este encarniçado faz-me lembrar uma borboleta | | D | F+ | A |
| 9. e estes laterais parece tipo aqueles bonecos tipo palhaço ou bobo, tipo de boneco. | | D | F+ | Obj. |
| 10. Aqui estes pequenos, como tem ali o rabo parece um tipo de um rato, ou um bicho assim qualquer com uma cauda. | | D | F+ | A |
| E acho que é tudo. | | | | |
| 11.  Aqui esta, vendo assim, esta parte também me parece um animal tipo hipopótamo, tem assim um corpo avantajado. | Hipopótamo: Dd inf da mão interior se em H. | Dd | F+ | A |

? Não.

Protocolo 73

Código: PP

Sexo: F
Data: 02.10.95

Idade: 25

I

x

1. Podia ser uma borboleta ou um insecto, mas mais borboleta. Também podia ser um caranguejo.

G F+ A

II

c

2. Esta aqui é mais difícil, não faço ideia do que poderia ser excepto o que é, pintura feita com dobragem. Simetria, é o que eu vejo aqui.

G CF (Arte)

III

x

Posso virar ?



3. Pernas de sapateira, ou de qualquer marisco, é a única coisa que me faz lembrar.

D F+ Ad.

Protocolo 74

Código: EM

Sexo: F
Data: 23.10.95

Idade: 30

I

c

- | | | | | |
|--|--|---|----|---|
| 1. Parece um escorpião, assim com as garras, aqui os olhinhos, a boca.
Uma parte é a imagem da outra. | | G | F+ | A |
|--|--|---|----|---|

II

c

- | | | | | |
|---|---|------|----|--------|
| 2. Isto faz lembrar a Primavera. Isto é a terra, as flores, verdes. | G. | G | C | Abstr. |
| 3. Isto aqui tanto pode ser uma flor como o sol reflectido. | Sol reflectido: Pôr-do-sol. Não se vê a água. | DDbl | CF | Nat. |
| 4. Estas partes verdes podem parecer flores, mas parece que estão a olhar uma para a outra, isto pode ser os olhos. | | D | F+ | Hd |
| 5. Isto aqui também pode parecer os pulmões. | pulmões: verm.int. | D | FC | Anat. |

III

c

- | | | | | |
|---|---------------------|---|----|-----|
| 6. Isto parecem dois diabos, um voltado para o outro. Aqui o rabo, nariz, cabelos.
A puxarem qualquer coisa. | A puxar a borboleta | G | K | (H) |
| 7. Parece uma borboleta. | | D | F+ | A |

? Esta porque é escura (!). Estas são mais alegres, têm mais cor. Uma imagem repelente.

Protocolo 75

Código: RP

Sexo: F
Data: 95

Idade: 33

I

c

- | | | | |
|---|---|----|--------|
| 1. Sugere um morcego. | G | F+ | A |
| 2. Aqueles desenhos que se fazia na escola. | G | EF | (Arte) |
| Um bocado triste, as cores são muito tristes. | | F± | |
| Fora isso mais nada. | | | |

II

x

Esta é mais complicada.

Mais alegre.

- | | | | | |
|---|---------------------------|-----|----|-------|
| 3. Faz-me lembrar aqui no meio os caracteres chineses. | Caracteres chineses: Dbl. | Dbl | F+ | Simb. |
| 4. Também pode fazer lembrar um aparelho respiratório, por exemplo. | D verm. interior. | D | FC | Anat. |
| 5. Com dois olhos a olharem para os pulmões. | D verdes. | D | F+ | Hd |
| Mais nada. | | | | |

III

x

- | | | | |
|--|---|-----|-----|
| 6. Parecem dois gatos à luta. | G | kan | A |
| | | F- | |
| 7. Exactamente, e já estão os dois feridos que há sangue dos dois lados. | D | C | Sg. |
| Também podem ser dois ratos, que também são parecidos com os ratos. | | | |

Escolha: A segunda é a mais interessante, a mais harmoniosa.

Código: EM

Sexo: M
Data: 08.11.95

Idade: 25

I

c

1. A figura faz-me lembrar um animal.
2. Também tem partes que me fazem lembrar uma flor, esta parte (D central).

Um certo conjunto de, talvez uma mistura de mundo animal com mundo vegetal, estas partes aqui podem ser folhas.

Animal: G. Certas partes, estas partes aqui (Dsup) faz-me lembrar um certo insecto.

Flor: Podiam ser duas flores (Ds lats) e um insecto em cima.

Há uma certa mistura.

G	F+	A
D	F+	Pl.

II

x

3. Aqui há certas partes que podem fazer lembrar a imagem do povo Inca, os rituais que utilizavam uma máscara. Aqui os contornos e partes dos olhos (DbI).

4. Aqui há uma mistura de sentimentos, pelas cores, verde cor de esperança e depois vermelho mais clareado. (pausa)

5. No fundo se se isolasse, podia lembrar um insecto, visto isoladamente.

6. Se nos abstraíssemos da configuração, destes contornos, dá impressão dos ombros da pessoa.

Máscara: D.verm.int. e DbI.

Esperança: não é aquele verde claro como de alegria, mas mais escuro. Há uma esperança, mas também não está assim muito bem. Acredita-se que há, mas há umas certa dúvida.

Dinf.

Dinf.

DDbI	F-	Másc.
------	----	-------

D	C	Abst.
---	---	-------

D	F+	A
---	----	---

D	F-	Hd
---	----	----

III

I

7. A primeira impressão traduz um certo sentimento de depressão. Uma certa pessoa que tivesse a ver as coisas muito confusas. Não há nada delineado, há certos pequenos traços delineados mas as coisas estão confusas.

Talvez o facto de salientar que há um elemento que talvez faça unir, esta figura no centro.

8. Hipoteticamente se fosse dois seres humanos o facto de concluir que o ser humano nunca foi feito para viver sozinho.

Não localizo em lado nenhum, não há forma. Se quisesse desenhar um sentimento. É o impacto.

G	F±	Abst.
---	----	-------

G	F+	H
---	----	---

? O povo inca, tinha fascínio pelo povo, infelizmente destruído.

Protocolo 77

Código: RP

Sexo: F
Data: 11.09.95

Idade: 23

.....
I

c

1. Insecto, aberto G FE A
F+

.....
II

x

2. Dois insectos em confronto. D kan A
F+

3. A parte verde parecem dois D F+ Hd
olhos.

4. O vermelho: uns pulmões. D FC Anat.
Não encontro ligação entre os
elementos.

.....
III

c

5. Parece-me uma festa onde há G K H/Cena
pessoas ou uma coisa a dançar,
uma forma.

6. A parte vermelha central lembra- D F+ A
me uma borboleta

7. ou uma fogueira na festa. D CF Elem

Protocolo 78

Código: SD

Sexo: F
Data: 30.08.95

Idade: 33

.....
I

c

Lembra-me um animal, borboleta ou coisa parecida.

Se esmaga, espalmada.

G FE A
 F+

.....
II

I

(?)

Bonita, mas ... (pausa) em termos de figura não me lembra nada.

RECUSA

À observação agrada-me.

Corpo em radiografia (Dsup), em miniatura.

R.A.:
DDbl FC' Anat.

Em desmembramento, a parte verde, os olhos.

R.A.:
D F+ Hd

.....
III

I

2. Pode ser desmembramento, desfasamento de qualquer coisa. Não gosto porque gosto de coisas vivas e isto é muito escuro.

G F± Frgm.

3. De qualquer dos modos, estes dois dá a imagem de pássaros, qualquer coisa a voar e a liberdade.

Ds laterais.

D kan A/
 F+ Abstr.

4. Devo estar com a imagem das borboletas - esta aqui de cima.

D F+ A

Escolha: II, cores vivas.

Protocolo 79

Código: EM

Sexo: M

Idade: 33

Data: 15.01.96

I

c

- | | | | | |
|--|--|---|----------|--------|
| 1. Faz-me lembrar as brincadeiras do ciclo preparatório com guaches e depois dobrávamos. Essencialmente isso. | | G | EF
F± | (Arte) |
| 2. Folhas de algumas plantas. | Folhas de plantas: partes sobrepostas, texturas que ficam no chão no Outono. | G | EF
F± | Nat. |
| 3. Curioso surge aqui uma figura, uma cabeça de um animal. Olhos e boca. | | D | F+ | Ad |
| 4. Tem aqui qualquer coisa parecida com um amor-perfeito, esta coisa aqui preta. Ideias disparatadas talvez as minhas (ao entregar). | | D | F+ | Pl. |

II

c

- | | | | | |
|---|---|------------|----|-------|
| 5. Parece-me, faz-me lembrar, templos, tipo de construções que fazem os Japoneses. | Templos: a própria cor que é usada, os japoneses usam flor de ----- e o próprio desenho faz lembrar. Parte mais vermelha. Caracteres: Dbl | G | CF | Arq. |
| 6. No centro certos caracteres que eles usam que para mim é chinês, ou japonês. | | Dbl | F+ | Simb. |
| 7. Partes verdes, plantas, árvores, arbustos. | | D | CF | Pl. |
| 8. Esta parte de baixo a textura faz-me lembrar cortiça, corticite talvez, corticite não que já é um aglomerado, cortiça. | | D | EC | Frgm. |
| (entrega). | A parte de baixo faz lembrar dois insectos, tipo grilos ou coisa parecida, frente a frente. | R.A.:
D | F+ | A |

III

c

- | | | | | |
|---|--|------------|-----------|------|
| 9. Faz lembrar de inicio aquelas sombras chinesas, aquelas encenações que fazem os orientais, as manchas vermelhas ficam a despropósito aqui no contexto. Talvez duas sombras humanas a, mascaradas, em luta ou coisa parecida. | Sombras: figuras escuras. | D | K | (H) |
| 10. Esta zona faz lembrar aquelas figuras de arte sacra, dos anjos. | Dlat
Central vermelha talvez uma borboleta. | D | F+ | Arte |
| 11. Talvez dois animais em confronto. | | D | kan
F+ | A |
| | | R.A.:
D | F+ | A |

? No conjunto a forma que mais agrada, que até poderia usar para uma pintura para pendurar, seria esta (II).

Código: CE

Sexo: F
Data: 16.10.95

Idade: 25

I**c**

1. primeira coisa que me parece é qualquer tipo uma vértebra da coluna. Esta parte escura podia ser a parte central onde passa a espinal medula. Mas isto vendo como um todo. Vértebra: Em corte, de cima. G F- Anat.
2. Também pode ser uma mosca, um insecto, não necessariamente uma mosca. Visto da parte de baixo. Mosca: Parte de baixo porque não se vê asas. Aranha também não tem ar de carapaça. G F+ A
- (Pausa).
3. Aqui pode ser uma cara. Olhos, boca, uma coisa não humana, tem uma cara feia de mais para ser humana. Tipo um lobo, cão, não é um felino. Canídeo. D F+ Ad

II**x**

4. Este aqui, estes castanhos podia ser um túnel escavado na terra por toupeira, por exemplo. Seria dois túneis, aqui está partido. D EC Nat.
5. Esta parte, no todo não parece nada, mas este bocado seria o olho, assim de lado. Aqui podia ser... não vejo nada. D F+ Hd
6. Vejo mais a simetria. Faz lembrar aquela imagem do Rorschach que parece dois ursinhos, mas aqui de mão dada. Tipo os pandas no circo. De pé. (Dverm.) Pandas são mais arredondados. D kan F+ A
7. Também pode ser uma imagem abstracta. Um quadro estranho, que tem mais sentido para quem o faz de que para quem o vê. Quadro: G. G CF (Arte)
8. Isto castanho, também as ramificações de neurónios. Pode ser o corpo, depois a cauda, tipo uma sinapse. Isto aqui também podia ser um célula. As células nervosas têm este aspecto. E isto podia ser um corpo de um neurónio, a parte central. E o ar ramificado. D F- Cienc.



.....

III

x

- | | | | |
|---|---|-----------|-------|
| 9. Bom. Estas aqui podiam ser um bocado mal aproximadas figuras humanas. Mais o tronco, porque as pernas não tem nada a ver. | G | F+ | H |
| 10. Tem este tipo de tenazes.
Enfim não gosto muito, mas podia ser uma figura em sombra. | D | F+ | Ad |
| 11. Aqui podia ser uma borboleta, mas não tem nada a ver com as figuras humanas.
Aqui não sei... .. Isto não parece nada (pernas). | D | F+ | A |
| 12. Isto, se fosse sem este bico, podia ser um bonequinho qualquer, não humano, tipo desenho animado, a andar. Mas este bico sai para fora do que eu vejo como boneco. E como não tem figura de unicórnio, não podia ser. Sem bico. | D | kob
F+ | Obj. |
| 13. Se vir tudo, assim (pega) a única coisa é ossos ilíacos, os ossos da bacia. Isto não faz lembrar nada. Individualmente não me remete nada. | G | F- | Anat. |

? Não.

Protocolo 81

Código: RP

Sexo: F
Data: 11.09.95

Idade: 31

.....
I

c

- | | | | | |
|-------------------------------------|--|---|----|---|
| 1. Podia ser um animal dissecado... | | G | FE | A |
| | | | F+ | A |
| 2. Pode ser uma borboleta... | Mancha escura não tem estes recortes tão profundos que faça lembrar mais. Recortes tiram a veracidade. | G | F+ | A |
- Não queria alargar-me mais quanto a este.

.....
II

c

- | | | | | |
|---|---|---|-----|------|
| 3. Dois animais em luta, frente a frente. | | D | kan | A |
| | | | F+ | |
| 4. Mas também podiam ser duas árvores, assentes no solo... Com um cartaz ao fundo | G | G | FC | Nat. |
| 5. Também poderiam ser dois homens em saudação... | D Inf. cast. Saudação: depois da luta de artes marciais. | D | K | H |
| 6. Nesta imagem vermelha dois corpos bonitos pela frente. Talvez vultos femininos...É só. | Femininas pelas roupas. Unidos com as mãos, cabeça junta. | D | K | H |

.....
III

x

- | | | | | |
|--|---|-------|----|--------|
| 7. Dois animadores de rua. Dançam, gesticulam. | | G | K | H/Cena |
| 8. Têm como adereços uns "mobiles" em cada mão (aponta). Provavelmente estão a divertir pessoas. É só. | Mobiles: mais isso que figuras humanas em miniatura. Mais um adereço à teatralização que estão a fazer.
Eventualmente outra borboleta ou... mas não no contexto. No contexto faz parte da encenação. I---, talvez porque gosto das borboletas.
Quando era criança lembro-me de fazer uns desenhos que dobrávamos para obtermos uma borboleta. | D | F+ | Obj. |
| | | R.A.: | | |
| | | D | F+ | A |

Protocolo 82

Código: FC

Sexo: M
Data: 09.01.96

Idade: 22

I

c

1. Parece-me um escaravelho G F+ A
Também possa dizer um ... (?)
Nada.
Vê-se que foi feito por espelho,
por sobreposição.
Há muitos tipos de escaravelhos.
Este parece um pouco estranho.
U I
Está visto. Só se fôr buscar uma
lupa.

II

Todas feitas por sobreposição, não.
Posso dividir em partes, não?

c

2. Isto parece-me duas moscas, D F+ A
vistas de lado, em corte. Dcast. As duas de frente uma
para a outra.
3. Aqui parece os olhos de uma D F+ Hd
pessoa também vistos de lado. Coração pela cor e um bocado
4. Isto parece um coração, pela cor. D CF Anat.
pelo formato. Não muito.

III

c

E este?

Esta é um bocado mais estranho.

5. Isto parece uma aranha, com G F- A
falta de corpo, talvez. Cara: Esta e esta (D do corpo H,
sem pernas).
Ou então caranguejo, tirando
estes dois bocadinhos de lado.
É só.
Também dá ideia, não.
6. Parece mais uma pintura abstra- D F- Obj.
ta. Assim a querer imitar uma
cara, uma cara vista de lado.

? Não. Esta cores mais mortas (I), esta cores mais vivas (II).

Protocolo 83

Código: PP

Sexo: F
Data: 25.09.95

Idade: 27

.....
I

cc

- | | | | | |
|---|--|---------|----|-------|
| 1. Uma mosca. Um insecto. Um besouro. | | G | F+ | A |
| 2. Uma mancha de tinta. Mais nada. Uma joaninha. Mais nada. | | G
F± | EF | Frgm. |
-

II

c

- | | | | | |
|--|--|------|----|-----|
| 3. Camarões. | | D | FC | A |
| 4. Mais...algas. | Camarões: D.cast.inf. | D | FC | Pl. |
| 5. Um insecto também aqui em cima. Esta não me sugere mais nada. | Algas: D verdes
Insecto: D.verm, branco incluído. | DDbl | F- | A |
-

III

cc

- | | | | | |
|--|----------------------|---|----|-----|
| 6. Duas pessoas. Duas manchas de tinta também. | | G | K | H |
| 8. Parecem dois diabinhos. | Diabinhos: Dlaterais | D | F+ | (H) |

? Gostei menos desta (I) e mais desta(II), por causa da cor.

Protocolo 84

Código: CE

Sexo: F

Idade: 27

Data: 18.11.95

.....

I

c

- | | | | | |
|---|---|---|----|---|
| 1. Não sei, talvez um caranguejo.
Pode ser só uma? | G | G | F+ | A |
|---|---|---|----|---|
-

II

x

- | | | | | |
|--|---|---|----|------|
| 2. À primeira vista parece uma paisagem, qualquer coisa tirado do campo. | G | G | CF | Nat. |
| 3. Este castanho faz lembrar mais ou menos um gafanhoto. | | D | F+ | A |
-

III

Esta faz lembrar um dos cartões do Rorschach.

x

- | | | | | |
|---|--------|---|----|-----|
| 4. De resto, talvez isto faça lembrar uns bonequinhos, uns duendes ou coisa assim. Acho que não faz lembrar nada de especial. | D lats | D | F+ | (H) |
| 5. Duas figuras a segurar em qualquer coisa, e depois era conforme, ou duas bruxas. | | G | K | H |

? Não.

Protocolo 85

Código: SD

Sexo: F
Data: 29.08.95

Idade: 30

.....
I

c

1. Sugere-me um escaravelho.
Faz-me lembrar figurinhas agrupadas, escaravelhos.

G F+ A

.....
II

x

Um misto de coisas.
2. Pôr-do-sol.
3. Terra, raízes.
4. Também faz lembrar uns olhos.
Não sou muito boa para isto.

DDbl CF Nat.
D CF Elem.
/PI.

D F+ Hd

.....
III

c

5. União. Duas pessoas unidas no centro.
Parece o simbolismo da união.
Próximos e unidos no centro.

G K H/Abstr.

Protocolo 86

Código: TC

Sexo: F
Data: 21.09.95

Idade: 32

I

c

- | | | | | |
|--|-------|---|----|-------|
| 1. Faz-me lembrar um morcego, aquela ave de rapina que não sei bem o nome.
Uma borboleta. | G | G | F+ | A |
| 2. Os nossos ossos ílfacos.
(pausa prolongada). | D inf | D | F- | Anat. |
| 3. Esta parte parece a cara de um macaco, o esqueleto de um macaco.
Com mais alguma coisa acho que... | Dsup. | D | F+ | Ad |
-

II

c

- | | | | | |
|--|---|---|-----------|-------|
| 4. Esta parte parece os nossos pulmões. | D.verm.int. | D | FC | Anat. |
| 5. Dois animais não muito definidos, tipo luta.
Esta é um bocado...
Tem muitas formas mas penso que não se parece com mais nada. Não identificadas. Pelo menos com aquilo que seja real. | D.inf.cast.: Esta parece tipo fêmea ou em termos de território, ou alimento. Uma luta, uma causa. | D | kan
F+ | A |
-

III

c

- | | | | | |
|---|----------------------|---|-----------|------|
| 6. Parece dois macacos, | D (sem "pernas") | D | F+ | A |
| 7. sendo dois bonequitos parece dançantes, vermelhos. | | D | kob
F+ | Obj. |
| 8. Aqui parecem duas velas. | (pernas H): o pavio. | D | F+ | Obj. |

? A primeira gostei, na terceira é a mais engraçada de todas. Se bem que a segunda é mais colorida. A terceira consegue unir as duas coisas.

Protocolo 87

Código: SD

Sexo: F
Data: 28.08.95

Idade: 28

I

c

1. À primeira vista faz-me lembrar uma borboleta...
(pausa)
(?) Uma violeta, uma borboleta.
2. Um borrão de caneta, também é o que é.
3. Uma folha de uma árvore.
(?) Penso que chega.
- | | | | |
|------------------------------------|---|----------|-------|
| Borboleta: Vista por baixo talvez. | G | F+ | A |
| | G | EF
F± | Frgm. |
| Folha: D central. | D | F+ | Pl. |

II

x

4. Faz-me lembrar o corpo humano logo quando olhei ...
(pausa)
5. A natureza...
(pausa)
6. Duas abelhas.
- | | | | |
|--|------|-----|-------|
| Corpo humano: Mais esta (D sup). Talvez o esqueleto. | DDbl | FC' | Anat. |
| | G | CF | Nat. |
| | D | FC | A |

III

C

7. Dois bailarinos ...
(pausa).
8. Duas chamas de fogo talvez não sei.
Com tanto borrão acho que fico por aqui.
- | | | | |
|---|---|---|-------|
| | G | K | H |
| Chamas: D central. Se olharmos bem estas também aparecem, é discutível (Ds laterais). | D | C | Elem. |

Escolhas:

- + : II, Engraçada, tem mais cor;
- : III.

Protocolo 88

Código: PP

Sexo: F
Data: 03.10.95

Idade: 38

I

l

(riso)

Uma imagem muito tétrica, uma imagem negativa, nem sequer tenho definição para isto.

1. Faz-me lembrar talvez uma mancha de sangue, é tudo uma coisa horrível negativa.

G ClobF Sg.
 F±

II

cx

Esta é um pouco melhor, mais positiva.

2. Talvez terra, vida a brotar da terra talvez.
Vermelho poderá ser...

Terra: D inf. cast.
Vida: D verde.

D CF Nat.

(pausa)

3. Parecem uns pulmões (arruma a prancha em cima da primeira).

D. verm.

D FC Anat.

Parte do meio parecem borboletas (D verm. int.)

R.A.:
D F- A

III

x

4. Parecem dois seres humanos
5. em volta de um volume encarnado, a tentar transportá-lo.

G K H
D F+ Obj.

Mas também posso estar condicionada com as imagens de trânsito (risos).

- ? A mais negativa de todas foi a primeira, a mais repugnante. (pausa). Nuca gostei de pintura abstracta. (Fala depois de empatia e de estar com pessoas).

Protocolo 89

Código: EM

Sexo: F
Data: 01.02.96

Idade: 24

Antes de começar posso perguntar para que é que serve ?

.....

I

x

- | | | | | |
|--|--|---|----|-----|
| 1. Assim à primeira vista parece um insecto.
Analisando por partes tiro várias coisas. | Insecto:G. Tipo escaravelho. | G | F+ | A |
| 2. Por dentro parece uma folha. | | D | F+ | Pl. |
| 3. Por fora tem aspecto de figura de demónio, demoníaca. Com olhos, boca, braços e pernas um tanto ao quanto estranhas.
É só visto assim? (pode ver como quiser).
☹ Não... ☹ Daqui não tiro mais nada. | Demónio: com estes braços, olhos, boca. Figura disforme. | G | F+ | (H) |
-

II

cx (sorri, observa)

- | | | | | |
|---|---|------------|----------------|----------|
| 4. Parece uma cara triste! Esta parte aqui parece uma cara triste (Dsup). | Cara triste:(Dbl). A boca por baixo, uns olhos meio mortos, isto o nariz. | Dbl | kp
F- | Hd |
| 5. Parece uns olhos. | | D
D | F+
EF
F± | Hd
Ad |
| 6. Se não tivesse isto aqui pareceria um gato, nariz de gato, pelo de gato, isto aqui está esborratado. Parece mesmo. | D cast. | DDbl | F- | A |
| 7. E ao mesmo tempo, onde aqui parecia uma cara triste, parece um insecto, uma mosca.
Daqui não tiro mais nada. | Esta zona na sua totalidade, as imagens que temos de uma mosca (Dbl + Verm.int).

Na totalidade, na globalidade, vejo um gato. Olhos, nariz e toda esta tinta esborratada, pelo felpudo (Dcast.) Nariz: pontos mais escuros (Dcast.) do castanho. | R.A.:
G | FE
F- | A |



.....

III

c

8. Borboleta.		D	F+	A
9. Tipo caranguejo. As tenazes de caranguejo.	Caranguejo: zona de carapaça e depois as tenazes.			
10. Podia parecer dois ratos...		D	F+	A
11. Fez-me lembrar aquelas imagens quando o filme dos inocentes, imagem de uma cara tapada na boca.	Olhos, continuam tristes, um rosto onde esta zona podia ser a boca, onde a boca está tapada (boca: DCvern).	D Gbl	F+ F-	A Hd
12. Parece um felino, no seu todo, não gato, não se sabe bem, mas parece um felino. Não, não tenho mais nada.		Gbl	F-	A
	Parece sangue que cai destas partes (Dlatsverms). Na sua totalidade aspecto de um felino. Orelhas, queixo. (branco central faz parte do rosto e do felino?) O rosto não se encontra definido (branco central). A parte central. Ainda referi que estas partes podiam ser dois ratos (corpo H), mas não está definido.	R.A.: D	C	Sg

? O que têm em comum? (...) Não.

Protocolo 90

Código: FC

Sexo: M
Data: 09.01.96

Idade: 30

I

cc

- | | | | |
|---|---|----|-----|
| 1. Posso ver uma aranha. | G | F+ | A |
| 2. Uma folha aqui no meio.
Um insecto qualquer de uma
maneira geral, escaravelho ou
qualquer coisa assim.
Rápido? | D | F+ | Pl. |

II

c

- | | | | |
|--|-----|----|-------|
| 3. Vejo aqui uma lagarta. | D | F+ | A |
| 4. Pode ser uma imagem de uma
paisagem. | G | CF | Nat. |
| 5. Um as árvores, uma paisagem sur-
realista. | D | FC | Pl. |
| 6. Um totem aqui no meio, totem
índio. | Dbl | F+ | Simb. |
| 7. Formigas, duas formigas, estou
inspirado para os bichos. | D | F+ | A |
| 8. Uma entrada de uma gruta, talvez.
Pode ser uma ideia. | Dbl | F± | Nat. |
| 9. Aqui dois pulmões. Tem o formato
assim. | D | FC | Anat. |

III

c

- | | | | | |
|--|-----------------------------|----|----|----------------|
| 10. Um pássaro, um pica pau, uma
borboleta.
E lá estou eu virado para isto, real-
mente. | D laterais. | D | F+ | A |
| 11. Um caranguejo aqui a forma.
Terrível. (?) Só animais, só bichos
(riso). | D negro. | D | F+ | A |
| 12. Uns ratos (riso). | D inf (pernas) | D | F+ | A |
| 13. Posso imaginar uma imagem de
uma montanha com umas
árvores.
Paisagem, pintura surrealista. | G | G | FC | Nat. |
| 14. Cabeça de um cão aqui a negro,
pintado por dentro.
Tanto o geral como os particu-
lares, não é? Essencialmente... | D sup (cabeça se H) | Dd | F- | Ad |
| 15. Dragão | (Dd centrais do corpo se H) | Dd | F- | A |
| 16. a cuspir fogo. | | D | C | Elem./
Fogo |

? Para realçar talvez a segunda. Imagem mais colorida, mais simples de ver as coisas, mais definido o desen-
ho, mais objectivo. Mais terra a terra. Pelas cores talvez resulte mais.

Protocolo 91

Código: RP

Sexo: M
Data: 12.09.95

Idade: 23

I

c

- | | | | |
|--|---|----------|---|
| 1. Um insecto desbotado.
Tipo um ... escaravelho.
Não tem aspecto de borboleta,
mais escaravelho. | G | FE
F+ | A |
|--|---|----------|---|
- ☞ ☞

II

c

- | | | | |
|--|-----|----|-------|
| 2. Parece-me uma pintura chinesa, | G | FC | Arte |
| 3. As duas imagens de baixo parecem duas cigarras. | D | F+ | A |
| 4. As duas verdes, talvez parte da natureza. | D | C | Nat. |
| 5. A encarnada talvez esta parte do peito do ser humano.
Tem uma configuração parecida. | D | FC | Anat. |
| 6. Parte do meio parte da coluna.
Em baixo sobretudo parecem-me duas cigarras. | Dbl | FC | Anat. |

III

x

- | | | | |
|---|-----|----|----|
| 7. Também me faz lembrar a cabeça de algum insecto, estas partes as patas.
Encarnado ao meio a boca.
Também assim a configuração de um focinho de um cão. | Gbl | F- | Ad |
|---|-----|----|----|

?

Protocolo 92

Código: EM

Sexo: M
Data: 25.09.95

Idade: 28

I

c

Posso dizer?

- | | | | | |
|--|---|---|----|-------|
| 1. À primeira vista parece um morcego. | | G | F+ | A |
| 2. Entrando na figura, dá ideia de que é um esqueleto. | Esqueleto: parte do olho, e parece um craneo (parte int.) | D | F- | Anat. |
| 3. A mancha mais preta parece uma borboleta. | | D | F+ | A |

II

cx

- | | | | | |
|--|-----------------------|-----|----------|-------|
| 4. A parte mais vermelha uns pulmões. | Pulmões: (Dverm.int.) | D | FC | Anat. |
| 5. As partes em cima brancas dá ideia que é a parte da coluna. | | Dbl | FC' | Anat. |
| 6. Esta parte a castanho parecem relevos de montanhas. | | D | EF
F± | Geog. |
| 7. E as verdes parece as folhas de cactos. | | D | CF | Pl. |

III

x

- | | | | | |
|--|-------------------------|---|-----------|-----|
| 8. Esta aqui parecem dois animais que estão a lutar um contra o outro. | | G | kan
F- | A |
| 9. Em baixo esta vermelha pode representar o sangue deles. | Sangue: D central verm. | D | C | Sg. |

? Gosto mais da segunda. Tem muito a ver com o Homem. Estão as plantas, está a Terra, as partes do corpo.

Protocolo 93

Código: SD

Sexo: F
Data: .95

Idade: 26


.....
I

c





- | | | | |
|--|---|----------|-----|
| 1. À primeira vista faz lembrar um bichinho, escaravelho. | G | F+ | A |
| 2. Parte do meio, se tirar esta parte, folha no Outono, folha de carvalho. | D | FE
F+ | Pl. |
-

II

x

- | | | | |
|---|---|----|-----|
| 3. Esta parte castanha faz lembrar uma abelha, | D | FC | A |
| 4. parte verde umas flores. | D | CF | Pl. |
| 5. Esta parte do meio... se eu inventar isto  até faz lembrar uma tulipa, uma flor.
E é tudo. | D | F+ | Pl. |
-

III

x

- | | | | |
|---|---|----|----|
| 6. Esta parte aqui também faz lembrar uma borboleta.
 | D | F+ | A |
| 7. Isto faz lembrar a parte das pinças dos lagostins.
 
Não consigo ler mais nada desta figura. | D | F+ | Ad |

Escolha:

- III. Sabia bem à hora do jantar.

Protocolo 94

Código: CE

Sexo: F
Data: 17.10.95

Idade: 31

I

Acho que já fiz este teste...

xl

1. Parece-me uma formiga em tamanho grande. Está a caminhar, na direcção que acha mais correcta. Ainda mais alguma coisa? (Sim, se quiser). Não.

G kan A
 F-

II

l

2. São duas pessoas que têm esperança de fazerem algo juntas, algo de importante. Estão a caminhar uma delas na direcção da outra com essa esperança
3. E ao caminharem trazem entusiasmo, simbolizado pelo encarnado, paixão para se conhecerem, para se darem, e para concretizarem algo juntas
4. A esperança é simbolizado pelo verde.

Pessoas: (Dcast.) Estão é um bocado -----, podem estar em qualquer sitio, não quer dizer nada. Cada uma delas tem esperança em poder vir a dar-se bem.

D K H

D C Abstr.

D C Abstr.

III

x

5. São também duas pessoas que estão a comunicar uma com a outra, cada uma diz aquilo que tem a dizer, há uma troca de impressões, tentando chegar-se a consenso.
Que quer dizer, o que cada uma das partes quer dizer?
6. O encarnado a sua comunicação, aquilo que pretende dizer
7. e esta mancha encarnada à frente é o consenso.

Comunicação, o que trazem: Diat.verm.
Consenso: DCverm. Ponto em que se une.

G K H

D F± Abstr.

D F± Abstr.

? Que tenha a ver com a minha pessoa ? (...) (Pausa longa) Talvez esta (II).

Protocolo 95

Código: SD

Sexo: F
Data: 29.08.95

Idade: 43

I

c

- | | | | |
|--|---|---------|------|
| 1. Esta primeira fotografia um monstro tipo aranha.
No entanto com certa simetria, equilibrio. | G | F+ | A |
| Sensação de ser pintado, só metade e a outra ser uma cópia. | G | E
F± | Obj. |
| 2. Há aqui uns tons que posso relacionar com veludos. Se fosse a cores talvez verdes mais claros e mais escuros. A parte mais escura talvez em vermelho. | | | |
| 3. Na parte superior um acéfalo.
Nesta parte qualquer coisa que está morta, não tem vida. | D | F+ | A |

II

cx

- | | | | |
|--|---|----|-----------------|
| 4. A parte inferior acastanhada sensação de serem dois bichos subterrâneos . | D | FC | A |
| 5. Terra. | D | C | Elem. |
| 6. Sensação de haver uma certa fertilidade, porque aparece um verde por cima. | D | C | Abstr. |
| 7. Depois, a vermelho superior, dá-me a sensação de ser um sol, o centro da vida, o criador para todo este conjunto. Aqui também que desenho é simétrico. Fogo, a parte superior, sol, fogo. | D | CF | Nat./
Abstr. |

III

x

(?) 

- | | | | | |
|---|--|---------------|-----------|--------------|
| 8. Dá-me a sensação de ser várias pequenas crateras em erupção, saindo alguma lava. | Crateras: os vermelhos | D | kob
F± | Nat. |
| 9. Depois subida no espaço de cinzas. Uma certa simetria também, folha dobrada, geométrico. Isto é uma forma de interpretar, poderá haver outras.
(? porque diz isso?) | Cinza: Todas as zonas cinzentas. | D | E
F± | Frgm. |
| 10. Dois seres de aspecto indefinido que lutam um pelo Bem e outro pelo Mal. Esta parte central está na vertical o que quer dizer que é em equilibrio. Bem não vence o Mal e Mal não vence o Bem. | Libertação.
Ligada a qualquer coisa central, cada um quer obter essa mesma coisa. | G
RA:
G | K
F± | (H)
Abst. |

Escolha: II, embora não tenha gostado de nenhuma.

Protocolo 96

Código: EM

Sexo: M
Data: 15.01.96

Idade: 28

I

c

- | | | | |
|--|---|----------|--------|
| 1. Parece-me um escaravelho. | G | F+ | A |
| 2 E também daquelas pinturas que fazia quando era pequenino. Dobrava, e saía simétrico do outro lado. Se não me engano é o que isto é. | G | FE
F± | (Arte) |

II

c

- | | | | |
|--|--------------|-----------|-------|
| 3. Estas duas figuras aqui de baixo parecem dois rinocerontes a investir um contra o outro, as castanhas. | D | kan
F- | A |
| 4. As verdes parecem-me aqueles peixes marinhos. Piranhas, acho eu. | D | F+ | A |
| 5. O outro de cima, mais vermelho, aqueles bichos meios transparentes, marinhos, com consistência um bocado, não sei dizer o nome. | D | EF
F± | A |
| | R.A.:
Dbl | F+ | Simb. |

III

c

- | | | | |
|---|---|----------|------|
| 6. Aqui parecem-me dois indivíduos de raça negra a dançar. Ou talvez índios pintados, a dançar também. | G | K | H |
| 7. O vermelho do meio parece uma fogueira entre eles. | D | CF | Fogo |
| 8. E as outras partes vermelhas laterais, parecem também índios mas um tudo nada mais longe. Parecem que trazem um chifre, ou uma pena. | D | FE
F+ | H |

? Talvez esta aqui, porque faz lembrar uma passagem de um livro que li, o Papillion. A certa altura havia dois búfalos e uma búfala. Os dois machos entraram em conflito entre si para disputarem a fêmea.

Protocolo 97

Código: EC

Sexo: M
Data: 12.02.97

Idade: 40

I

c

- | | | | | |
|--|----|---|----------|----|
| 1. Á primeira vista um rato espalmado.
É inestético.
Barata por ter uns chifres à frente | G. | G | FE
F+ | A |
| 2. Um tapete, um animal.
É simétrico. Inestético já disse.
Nada de mais positivo que possa extrair. Espontaneamente é o que me ocorre. | G. | G | FE
F+ | Ad |

II

c

- | | | | | |
|--|---|---|----------|-------|
| O que há a notar é a cor. Para diferenciar da outra. Também existe o mesmo aspecto de simetria. Mais estético, mais harmonioso, e é complementar porque as coisas se encaixam. | | D | EF
F- | A |
| 3. Embora a imagem ao centro seja a mais inestética porque me lembra um animal espalmado ou um tapete. | | | | |
| ... | | | | |
| 4. As partes aqui de baixo parecem raízes por serem castanhas, e terem ramificações. | | D | CF | Pl. |
| 5. As partes de cima talvez alfaces | | D | CF | Alim. |
| 6. As partes castanhas parecem ter um núcleo, ou um cérebro, parecem ser comandadas. Um animal que está a ser comandado. Uma toupeira. | (Comandadas?) Comandadas por terem cérebro. (?) Que reage a estímulos e se movimenta. | D | F+ | A |

.....

III

xl

Situa-se no meio termo, semi colorida. Em termos dimensionais é a oposição da anterior. Uma parte central pequena e duas periféricas grandes. As partes periféricas grandes, agrupadas, assemelham-se à primeira figura.

Existe uma harmonia espacial. Os objectos não estão encaixados muito uns nos outros, o que torna a imagem mais ... agradável.

7. Poderia imaginar que esta parte aqui é uma ilha, e enseadas e mares.	(Corpo H, sem pernas e branco interior)	DDbl	F±	Nat.
8. A parte de baixo pequena seria um avião, ou um pássaro.	D central Ds lats.	D	F+	Obj.
9. As partes de lado poderiam ser um pássaro - bico, pernas, rabo - visto de lado, transversalmente.		D	F+	A
10. E isto aqui poderia ser um animal que tem um rabo e uma boca.	(pernas H) D sup (corpo H - vê de lado sem voltar o cartão).	D	F+	A
11. Também poderia imaginar um homem, um ser, montado em cima de outro ser, um bicho.		D	K	H
	(Tapo metade da figura) (?) Chegará às mesmas conclusões. Muda só a simetria.			

? (...) Tipificava os desenhos dentro do mesmo grupo que são simetria, espalmados e coloridos. Tem figuras bizarras e muito susceptíveis de provocar processos imaginativos.

(?) O aspecto da cor, para tipificar, não tem relevância. (...) Esta (I) é mais desagradável, porque tem um bicho. Mas todos sabemos que na infância aprendemos a saber que certos bichos são maus e outros são bons.

Protocolo 98

Código: RP

Sexo: M
Data: 12.09.95

Idade: 21

.....
I

cx

- | | | | | |
|--|---|---|----------|-------|
| 1. Pode ser uma tinta borrada. | G | G | EF
F± | Frgm. |
| 2. Pode ser uma aranha. | G | G | F+ | A |
| 3. Pode ser uma planta. Falta o caule. | G | G | F+ | Pl. |
-

II

c

- | | | | | |
|------------------------------------|--|---|-----------|-----|
| 4. Dois búfalos a marrarem, | | D | kan
F+ | A |
| 5. com as árvores ao fundo. Chega. | | D | FC | Pl. |
-

III

x

- | | | | | |
|--|--|---|----|------|
| 6. Podia ser dois jogadores a chutarem | | G | K | H |
| 7. uma bola. | | D | F- | Obj. |

Protocolo 99

Código: SD

Sexo: F
Data: 31.08.95

Idade: 22

.....
I

c

1. Parece-me um insecto, mas que insecto não sei.
Um escaravelho talvez.

G F+ A

.....
II

cx

2. Faz-me lembrar dois animais com a cabeça ao pé uma da outra.
3. Aqui também me faz lembrar duas cabeças, este verde, de uma ave de rapina.
O vermelho é que ... duas coisas juntas, mas alguma coisa objectiva não me faz lembrar nada.

D F+ A

D F+ Ad

.....
III

c

4. Duas pessoas a transportar qualquer coisa.

G K H

Escolha: III. Olhei e pareceu-me logo duas pessoas.

Protocolo 100

Código: RP

Sexo: F
Data: 14.09.95

Idade: 29

.....
I

l

Já vi.

1. Faz-me sempre lembrar um bicho, e é pela forma. Um escarvalho

G F+ A

.....
II

l

Também já vi.

2. Um borão no meio,
3. dois olhos.
4. e dois gafanhotos

D F± Frgm.
D F+ Hd
D F+ A

.....
III

c

(Encolhe os ombros)

5. Duas pessoas a dançarem agarrados a uma forma
6. que parece uma borboleta
7. e dois gnomos.
É só.
Tudo pela forma.

G K H
D F+ A
D F+ (H)

Protocolo 101

Código: EM

Sexo: M
Data: 20.11.95

Idade: 23

I

x

Quer que comece a dizer?

- | | | | | |
|--|------------------------------------|---|----------|-----|
| 1. Bastantes semelhanças com uma borboleta. | Borboleta: G. | G | F+ | A |
| 2. Se dissecássemos um rato também não ficava muito diferente. | Rato: Aberto (faz gesto com mãos). | G | FE
F+ | A |
| 3. Esta cor central a mais negro (circunda com o dedo) imagem bastante fiel de uma folha de videira, de uma parra. | | D | F+ | Pl. |
| 4. Na parte central (aponta com o dedo) julgo de uma cabeça de um macaco. | (D sup). | D | F+ | Ad |

II

I

- | | | | | |
|---|--|------------|----|------|
| 5. Retirando a cor vermelha (tapa com mão), a verde e a castanho, chegaria quase a parecer dois perfis de rosto, cada um com um charuto, frente a frente. | Perfis faciais, o olho, falta o nariz, e a castanho na ponta o charuto a queimar.
Fetos: verm. mais escuro. | D | F- | Hd |
| 6. Dentro do vermelho, parece-me dois fetos, dois gémeos frente a frente.
Esta não me diz assim mais nada. | | D | F+ | H |
| | Agora assim ➡ reproduz quase um lago. Seria a montanha, as árvores, não, não fica bem. Seriam os simétricos. | R.A.:
G | CF | Nat. |

III

x

- | | | | | |
|---|--|---|----|------|
| 7. Uma borboleta (calca com o dedo). | | D | F+ | A |
| 8. Estes dois assemelham-se a dois coelhos animados, tipo Bugs Bunny. | | D | F+ | Obj. |
| 9. E a negro um par de patinadores no gelo. | | D | K | H |

? A primeira traduz uma impressão um tanto ao quanto negativa, quer pela cor quer pela segunda que dei, a dissecação de um rato. Esta imagem (III) é alegre, os coelhos a dançar, também os patinadores, que envolve música. Não comento aquela (II).

Protocolo 102

Código: EM

Sexo: M

Idade: 27

Data: 31.01.96

I

cc

1. Uma folha.	Folha: D Central	D	F+	Pl.
2. Uma borboleta.	Borboleta: Talvez os contornos (G).	G	F+	A
3. Um símbolo.	Símbolo: O todo, exceptuando esta parte (3 e 9).	G	F+	Simb.
4. Um bicho	(?) Talvez um brasão. Bicho: Talvez devido às bolas brancas serem dois olhos (G).	G	F+	A

II

c

5. Diria que duas larvas.	D cast.	D	F+	A
6. Dois objectos em coral.	Coral: Verde é uma cor fria, liga-se um bocado ao coral	D	CF	Obj.
7. Dois pulmões, a parte vermelha.	Pulmões: Verm. interior	D	FC	Anat.

III

c

8. Dois mosquitos.	Mosquitos: Vermelhos lats.	D	F-	A
9. Uma borboleta ao meio.		D	F+	A
10. Dois borrões de tinta.	Borrões: Todos estes superiores.	D	EF F±	Frgm.
11. Um papel sobre o qual caiu água em cima.	Papel: Talvez mais o vermelho.	Gbl	F±	Frgm.
12. Dois bichos	Bichos: Talvez estes dois (D Inf. preto (pernas)).	D	F+	A

? Acho que está mais...talvez um quadro feito por um pintor (II).

Protocolo 103

Código: SD

Sexo: F
Data: 30.08.95

Idade: 27

.....
I

c

1. Parecem-me umas folhas.

G

F+

Pl.

.....
II

c

2. Dois animais À cabeçaçada.

D

kan

A

3. Sangue.

D

F+

Sg.

Nada mais

Não tenho jeito, não me diz mais nada.

.....
III

(Olha-me)

L

O que é que esta me diz...

(pausa).

4. Talvez duas pessoas.

G

K

H

5. Esta sugere violência também.

Violência por causa destas manchas encarnadas.

D

C

Abstr.

Protocolo 104

Código: EM

Sexo: M
Data: 31.01.96

Idade: 27

I

c

Várias coisas.

1. Uma pele de búfalo.	Pele. O todo. Pendurada numa cabana.	G	FE F+	Ad
2. Um escaravelho.				
3. Um mapa.	Mapa: Todo o recorte exterior.	G	F+	A
4. Uma máscara índia.	Máscara: O todo uma espécie de toucado. Também uma máscara de disfarce toda a figura. Braços no ar, procura assustar alguém.	Dd G	F± F+	Geog. Obj./ Másc.
		R.A.: G	kp F+	Másc. /H

II

c

5. Uma explosão nuclear. O cogumelo atómico.	D verm.	D	kob F±	Frgm.
6. A rosa do PS.		D	FC	Simb.
7. Esta parte central faz-me apelo à silhueta de Fernando Pessoa, embora o resto não corresponde a isso.	D verm. Fernando Pessoa: Só o chapéu (Dbl).	Dbl	F+	H
8. Um bocadinho forçadamente uma nave espacial sofisticada, um bocado o Stealth, o bombardeiro que escapa ao radar.	Nave: G.	G	F-	Obj.
9. Aqui poderia ser também a luta de dois carneiros, dos que vivem nas montanhas e disputam territórios que cobiçam.	Uns pulmões: D verm. interior. D castanhos.	R.A.: D D	FC kan F+	Anat. A
10. Particularmente, dois peixes escalares, plantas do fundo, num aquário.	Peixes: D verdes. O castanho: o fundo do aquário.	D	FC	A
11. Aqui também o córtex cerebral nesta zona, enfim.	Córtex: D verm. exterior.	D	FC	Anat.

.....

III

c

- | | | | |
|---|---|----|----------|
| 12. Dois homens em contenda, dois duelistas que podendo escolher armas ou cruzam espadas neste momento ou apontam mutuamente duas pistolas. | G | K | H/Cena |
| 13. Podia ser também dois homens que se aquecem à fogueira. | D | CF | Elem. |
| 14. Estas figurinhas faz lembrar aqueles demónios do Breughel, dos quadros do Breughel. | D | F+ | (H)/Arte |
| 15. Dois bailarinos, dois dançarinos, que têm a particularidade de terem pés de cabra. Podem ser duas figuras malévolas acompanhadas de dois pequenos demónios. | G | K | (H)/A |
| 16. Figuras de folclore popular, como os célebres cardadores do Minho, que no carnaval vestem umas máscaras que vêm assustar as raparigas solteiras com guizos. | G | K | H |
| 17. Um caranguejo visto de frente com as tenazes. | Caranguejo: G. Abstraindo da parte do meio. | G | F+ A |

Escolha: Não gosto muito da primeira, tem qualquer coisa de tenebroso. Um opaco associado. A terceira é mais lúdica, sugere mais movimento. A segunda o que está mais em causa é a simetria, é estática.

Protocolo 105

Código: EM

Sexo: M
Data: 20.10.95

Idade: 26

I

c

- | | | | | |
|--|---------------------------|--------|----------------|--------------|
| 1. Isto faz-me lembrar, assim à primeira vista, uma aranha, esta primeira zona, cabeça e mandíbulas de aranha. | Aranha: D sup. | D | F+ | A |
| 2. No meio será uma folha. | | | | |
| 3. No fundo, no conjunto, resultaria de um esmagamento de uma pêra. | | D
G | F+
FE
F+ | Pl.
Alim. |
| 4. Talvez alguma parecença com ramos de árvores. | Ramos de árvores: Ds lats | Dd | F+ | Pl. |
| 5. Voltando à aranha, seriam os dois olhos. Basicamente é tudo. | infs/médios. | Ddbl | F+ | Ad |

II

c

- | | | | | |
|--|--|------|----|---------|
| 6. Isto faz lembrar, esta zona castanha, com estas pequenas manchas verdes, talvez uma floresta. | | D | CF | Nat. |
| 7. A zona a vermelho, talvez o pôr-do-sol, no qual estará inserido uma face. Dando uma certa ideia de um Deus. | Face: Verm.int., Dbl incluído (olhos, nariz e boca). | DDbl | CF | Nat./Hd |
| 8. Um amanhecer mítico. Um Deus e talvez estas duas árvores, dois seguidores da natureza, seguidores de um Deus. | Amanhecer mítico: G. | G | CF | Abstr. |

III

cx

- | | | | | |
|---|--|---|----|--------|
| 9. Faz-me lembrar, aqui estas pequenas zonas (tapa meio com as mãos), estas duas manchas, duas pessoas em perfil, a trocaram, um comerciante e um cliente, estas pequenas tensões | (Tensões?) braços a dar e outro a receber. | G | K | H/Cena |
| 10. Este pomenor, talvez uma borboleta, dá ideia de uma coisa pacífica, digamos. Sem ver, seriam dois bandidos, dois gangsters, tipo Capone e polícia.. | Borboleta: DCverm. | D | F+ | A |
| 11. O vermelho dá sentido de paz, de equilíbrio, não é uma coisa violenta. Talvez comerciante e cliente, um merceiro a dar qualquer coisa ao cliente | Colibri: D lat verm. | D | C | Abstr. |
| 12. Talvez um colibri. Ideia geral, a sensatez e a paz que possa haver num negócio, não violenta, e que seja preciso guerrear. Troca simples, pura e pacífica. | | D | F+ | A |

? Esta, em termos de harmonia entre os três elementos (II).

Protocolo 106

Código: EM

Sexo: M
Data: 17.01.96

Idade: 25

I

I

- | | | | | |
|--|--|---|----------|----------------|
| 1. Esta imagem tem uma aparência com uma folha que se vê uma parte central. | Folha: G. A parte central bem definida. | G | F+ | Pl. |
| 2. Também podia ser um esquema de um lago, em que se notava os pontos menos profundos e mais profundos. | Lago: G. | G | EF
F± | Geog. |
| 3. Como também uma distribuição de um gás, de um fumo visível no ar, em que a sua saída seria na parte central. | Fumo: género fogueira que se visse de cima. A parte central. | G | E
F± | Frgm. |
| (?) Onde está mais escuro. | União central: pela simetria (aponta o eixo vertical). | G | EF
F± | Obj./
Frgm. |
| 4. E do mesmo contexto também se pode comparar com uma peça que tenha uma união central e que haja uma fuga de um liquido e que ia saindo. | | | | |
| (?) Podia-se comparar com óleo, da caixa de velocidades ou motor, depende da peça que fosse. | | | | |

II

I

- | | | | | |
|--|---|---|----|------|
| Isto parece um conjunto de que se pode considerar ou três peças ou senão cinco peças.
Mostra mais ou menos a posição de ligação. | Duas perspectivas de desenho. | | | |
| 5. Tem uma zona central principal (aponta DbI). Tem as duas laterais que são idênticas (verdes), que há uma simetria, e as duas inferiores que ao meio parece que pode haver uma ligação qualquer. Ao nível mecânico, um veio.
Só isso basicamente. | Ligação na parte inferior. Além destas aqui, pelo formato também poderia haver (aponta o espaço branco entre verde e vermelho). | D | F- | Obj. |

III

I

- | | | | | |
|--|---|-----|----|---------|
| Neste desenho nota-se novamente a simetria no meio. | | | | |
| 6. As peças. Recorda uma estrutura. Marcações para uma zona de reserva para qualquer material. | A zona de reserva seria o centro (DbI).
Ou de estacionamento. | Gbl | F- | Desenho |
| 7. A parte escura, os dois braços na zona inferior, pode dar também a indicação de um elevador de automóveis. Tem duas ramificações que serão para erguer o automóvel. | Ramificações (aponta braços e pernas se em H) rotativas, segundo o eixo horizontal. | D | F- | Obj. |

? Esta chama mais a atenção (II). Desenho complexo, um conjunto de desenho. A última há estes desenhos a vermelho que não... está no desenho mas não se vê qual a aplicação.

Protocolo 107

Código: EM

Sexo: M
Data: 20.04.95

Idade: 29

.....
I

c

- | | | | |
|---|---|----|-----|
| 1. Parece uma aranha ou uma carocha. Insecto. Dentes, pernas. | G | F+ | A |
| 2. Visto de outro ângulo, duas folhas de uma árvore. | D | F+ | Pl. |
- c o**
Só, basicamente.
-

II

(exclama) Eh pá!

l

Isto é a interpretação que quisermos dar?

- | | | | |
|--|---------|-----|----------|
| 3. Parece dois pulmões, | D | FC | Anat. |
| 4. o esqueleto do corpo humano. | Dbl | FC' | Anat. |
| 5. Isto dois moluscos.
(pausa prolongada). | D | F+ | A |
| Moluscos: Embríões foi o que pensei primeiro. A película envolvente, a cabeça a formar-se. | | | |
| 6. Ou dois embríões também. | (D inf) | D | F- Anat. |
| 7. Os verdes quando muito arbus-tos, silvas. | D | D | FC Pl. |
-

III

l

Isto é o que eu achar?

- | | | | | |
|---|---|---|---|-----|
| 8. Luta entre dois homens, duas pessoas, dois animais. | Pondo descontração, quando muito cada um deles apoia o outro. | G | K | H |
| 9. Isto também parece duas figuras míticas, aos saltos (D lat).
Lutam por qualquer coisa que está aqui e não sei o que é. À primeira vista é isto que me parece. | | D | K | (H) |

Escolha: + II - Pela figura em si e o contexto das cores.

Protocolo 108

Código: EM

Sexo: M
Data: 19.10.95

Idade: 24

I

c

1. Morcego dissecado. (pausa) Toda a preto e branco, ou estão propositadamente...?	Pela tonalidade.	G	EF F+	A
2. Certa lembrança dos ambientes de Outono.	Uma folha de um plátano	G R.A.: D	EF F± F+	Abstr. Pl.

II

c

3. Uma face.	D verm. Dbl. também.	DDbl	F-	Hd
4. Faz lembrar um pouco um pôr- -do-sol ou um nascer, mas mais um pôr.	O conjunto.	G	CF	Nat.
5. Posso ver aqui também uma fotografia de uma explosão nuclear. Uma paisagem.	D verm.	D	kob F±	Fotog.
6. Tristeza.	A expressão da face (Dverm).	D	kp F-	Hd/ Abstr.

III

c

6. Movimento. Alegria. Faz lembrar uma festa.				
7. Imagem demoníaca. Aplica-se bem o puxar a brasa à nossa sardinha. Partilhar de uma coisa única, corpo único.	Imagem demoníaca: O conjunto central. Fisionomias. D global - sup.	G D	K F-	H/Abstr. (H)

? Esta (II) se olharmos como figura humana, triste, mas no meio disto tudo tem cores alegres. Tem dois sentidos completamente diferentes.

Protocolo 109

Código: EM

Sexo: M
Data: 12.10.95

Idade: 29

I

c

- | | | | | |
|--|---|---|----------|-------|
| 1. Isto quanto a mim é uma mosca. | G | G | F+ | A |
| 2. Pode ser tinta espalhada.
Uma aranha e uma simetria
É só. | G | G | EF
F± | Frgm. |

II

cx

Isto também é uma simetria...
(pausa).

- | | | | | |
|-----------------------------------|-----------------------------|------|----|-------|
| 3. Aqui uma máscara, | Máscara: Dsup. verm (todo). | DDbl | F- | Másc. |
| 4. com um lenço à volta.
É só. | Lenço: castanho. | D | F± | Obj. |

III

c

Outra simetria.

- | | | | | |
|--------------------------|--|-----|----|-------|
| 5. E também uma máscara. | G
(e dividido ao meio?) Aqui dá-me
ideia de um olho (Ddint.)
Também faz lembrar as estrelas,
as nebulosas. | Gbl | F- | Másc. |
|--------------------------|--|-----|----|-------|

? Esta tem piada, não sei porquê (II).

Protocolo 110

Código: RP

Sexo: F
Data: 14.09.95

Idade: 24

.....
I

c

- | | | | | |
|--------------------------------|------------|---|----|-------|
| 1. Aqui vejo uma folha. | D central. | D | F+ | Pl. |
| 2. Talvez o Outono.
É isso. | | G | F± | Abst. |
-

II

c

- | | | | | |
|---|----------------------------------|---|----|--------|
| 3. Faz-me lembrar um desenho chinês, não sei bem o quê. | Raízes, aquelas coisas chinesas. | G | CF | (Arte) |
|---|----------------------------------|---|----|--------|
-

III

cx

- | | | | | |
|---------------------------------|--|---|----|---|
| 4. Duas pessoas | | G | K | H |
| 5. a maltratarem uma borboleta. | Porque estão a segurá-la e uma borboleta não é para segurar, é para olhar e admirar. | D | F+ | A |

Protocolo 111

Código: EM

Sexo: M
Data: 15.01.96

Idade: 23

I

00

c

- | | | | | |
|--|--|-------------|----------|-------|
| 1. De inicio fazia-me parecer uma folha de uma árvore, metade de uma folha que está reflectida, não sei como dizer. | Folha: D Central | D | F+ | Pl. |
| 2. E de modo mais abstracto um morcego com as asas abertas.
● Parece-me também um, não é escaravelho, um bicho que tem, como se chama, acho que é escaravelho. Aqui a cabeça (D sup em ●). | | G | F+ | A |
| 3. Isto não tem nada a ver com sujidão, derrame, não sei como explicar (?). Parece uma mancha de, mas é tão simétrico que não tem nada a ver com espalhado. Então isto pode ser um bocado de óleo que se fechou uma folha e abriu e ficou assim. E sobre esta não tenho mais nada a dizer. | | G | EF
F± | Frgm. |
| | Até parecia uma maçã aberta. Aqui esta parte mais (D inf interno pouco definido). Parece-me também aquelas partes superiores que os reis das tribos têm quando andam com aquelas bengalas - não é o cetro. O todo. Um símbolo que impõe respeito, que assusta as pessoas que por ele são mandados.
Bicho: todo, principalmente estas partes (Ds sups).
De relance uma mosca, um besouro. | R.A.:
Dd | F- | Alim. |
| | | R.A.:
G | F+ | Simb. |

II

(Riso). Curioso.







c

- | | | | | |
|--|---------------------|---|----|-------|
| 4. Esta imagem aqui em baixo parece-me uma mosca. | Mosca: D cast. Duas | D | F+ | A |
| 5. A terra castanha. | | D | C | Elem. |
| 6. A verdura.
Esta é mesmo abstracta. Castanho, | | D | C | Pl. |

verde, vermelho. Castanho, verde, vermelho. Isto tem a ver com o Sol, a verdura e o sol, é ? Verde quer simbolizar uma árvore? E o castanho a terra?				
7. E o vermelho com o sol, ou o pôr-do-sol.	Sol - sem branco	D	CF	Nat.
8. Estes dois castanhos parecem dois bichos que andam a rastejar.		D	kan F+	A
9. E aqui parece , eu acredito em Deus, e então parece Deus que me está a vigiar, a orientar, aqui o planeta Terra. (Sim?) Sim...isto tem pouco... E também tem o eixo de simetria. Uma imagem é reflexo da outra.	Deus - Dbl	D	F±	Abstr.
10. Aqui este verde parece um olho. Acho que está.		D	F+	Hd

.....

III

c				
11. À primeira vista parecia-me uma dança que se chama, parecem duas pessoas a dançar. Como se chama aquelas danças de África (?) a dançarem		G	K	H/Cena
12. em volta de uma fogueira.		D	CF	Elem.
13. Tem a ver com uma festa. Inclusive estes dois mais pequenos até pode ser duas crianças.		D	K	H Abstr.
14.  Isto assim parece um templo. (?) Um templo chinês. Aqui uma letra chinesa, aqui outra. E aqui o templo de um Deus qualquer.	Crianças com a perna levantada a dançar, os filhos.	Gbl	F-	Arq.
15.    Isto também parece uma floresta, uma floresta mas à noite. Isto parece as raízes das árvores e a vermelho aquelas aves que atacam a sua presa à noite, pela noite.	Isto aqui parece mais, não tem nada a ver, o vento Templo- Gbl, entrada.	G	FC'	Nat.
  (Pausa). (Vê. Mais ?) Não tem mais esta.	Floresta - tenho medo do escuro. Este escuro faz-me lembrar árvores com raízes. Os ramos, não é que sejam assim, mas é abstracto. Os três vermelhos - animais Três vermelhos - contraste com o escuro. Sangue.			

? Esta aqui pôs-me confuso (II). Já vi um quadro de um pintor amador, a diferença entre a noite e o dia. Aqui fiquei a pensar. Vidro à frente das TVs, para dar a ideia de cor, fez-me pensar isso. Esta aqui foi logo uma dança, de índios talvez. Ou africanos (III).

Protocolo 112

Código: SD

Sexo: F
Data: 29.08.95

Idade: 24

I

c

1. Uma aranha.		G	F+	A
2. Também me parece uma maçã cortada.		G	FE F+	Alim.
3. Aqui talvez uma folha de uma árvore.	Uma hera ☞ ☹	D	F+	Pl.
☹ ☹	Esta parte (Ds laterais) mapa.	R.A.:		
		D	F±	Geog.

II

c

4. Cérebro.	Cérebro: D verm. interior. Também pela cor, mas bastante pela forma.	D	FC	Anat.
5. Dois insectos		D	F+	A
6. Peixes.		D	F+	A
7. As costelas de um homem.		Dbl	F+	Anat.

III

c

8. Uma cara.	Olhos, boca.	Gbl	F-	Hd
9. Um escorpião.	D inf (pernas)	D	F-	A
10. Caranguejo.	Faz-me lembrar tenazes (D.inf (pernas se em H)).	G	F+	A
	Isto também faz lembrar pessoas (Ds laterais verm.)	R.A.:		
		D	F+	H
		R.A.:		
	Uma borboleta.	D	F+	A

Escolha:

+ - II. Talvez pelas cores, mais colorido. Não gosto muito do cinzento e do preto.

Protocolo 113

Código: EM

Sexo: M
Data: 10.11.95

Idade: 23

I

c

- | | | | | |
|--|--|----|----|-------|
| 1. Pela primeira observação um escaravelho pela forma do corpo e das patas. | G. | G | F+ | A |
| 2. Nesta zona pode dar a entender dois olhos, a forma de uma cabeça. | Olhos e cabeça: forma tentacular que alguns assim têm para se alimentarem ou captarem as presas. | D | F+ | Ad |
| 3. A parte central parece uma parra. | Asas: D lat inf. As asas chegadas ao corpo. Várias tonalidades de cor. | D | F+ | Pl. |
| 4. Poderá representar umas asas esta parte aqui, a parte da cauda. Tipo rastejante, escaravelho. | Bota: (Dds lats salientes) E também estes (Ddslatsinfs.), tipo Austrália. | Dd | F+ | Ad |
| (?) | | Dd | F± | Geog. |
| 5. Estou a pensar em país, terra ou ilha. Aqui a forma da bota de Itália. | | | | |

II

x

Continuo na parte de animais.

- | | | | | |
|---|---|---|-----------|-------|
| 6. Formas longilineas como uma lagarta, ou seja duas, uma contra a outra. A zona mais intensa a zona da cabeça. | | D | kan
F+ | A |
| 7. A zona verde interpreto qualquer coisa como arbustos, principalmente pela cor, a forma não muito. | | D | CF | Pl. |
| 8. A zona vermelha não sei, mas talvez um órgão interior do corpo humano ou de animal, por ser em duplicado, simétrico. Pulmões ou zona torácica. | Pulmões: Dintverm
Cara: G. Parte verde um pouco de cabelos, mas um pouco... mas não deixo de ter essa impressão. | D | FC | Anat. |
| 9. Talvez a cara de uma pessoa, numa perspectiva mais global, mas também era um pouco... a zona do bigode esta parte castanha. | | G | F- | Hd |

III

x

- | | | | | |
|--|-------|---|----|---|
| 10. A primeira impressão uma figura humana, ou seja duas figuras humanas, uma de cada lado, com alguma noção de movimento. Cabeça na zona onde está mais escura a tinta. | | G | K | H |
| 11. Parte vermelha central uma borboleta. | | D | F+ | A |
| 12. Esta zona aqui um animal rastejante por ter um rabo, faz-me lembrar. | | D | F+ | A |
| 13. Esta parte aqui também talvez um animal. Não é muito explícita, meia disforme. | D Lat | D | F+ | A |

? A impressão que tenho é como se consegue figuras destas a partir de um borrão e de uma zona branca.

Protocolo 114

Código: PP

Sexo: F
Data: 02.10.95

Idade: 22

.....
I

c

1. Faz-me lembrar um bicho, um
escaravelho. Aqueles bichos pre-
tos, feios. Pernas, pinças.
- | | | | |
|---|---|----|---|
| G | G | F+ | A |
|---|---|----|---|

.....
II

c

2. Esta faz-me lembrar talvez uma
flor,
3. Aqui o chão, as ramagens verdes
da flor e o chão, o chão de terra
a castanho.
- | | | | |
|--|---|----|-------|
| | G | FC | Nat. |
| | D | C | Elem. |

.....
III

x

4. Esta talvez seja uma cara, mas
incompleta, com uma boca e
umas orelhas esquisitas
5. e uns brincos e uns olhos pretos
muito grandes.
Só mesmo um rosto, sem nariz.
Talvez umas maçãs do rosto
muito fortes, muito pronunciadas.
Sem nariz e sem cabelo e sem
sobrancelhas.
- | | | | |
|---|-----|----|------|
| Boca: D verm central.
Orelha: D lateral (braço se em H). | Gbl | F- | Hd |
| Brincos: Ds verms. laterais | D | F- | Obj. |

(? Dividido ao meio) Podia ser um
corpo em desequilíbrio e com qual-
quer coisa nas mãos. Utensílios ou
sacos. Sensação de um braço para
este e outro para aquele, que dá
talvez a sensação de desequilíbrio.

? Não gostei desta (I) por causa de parecer realmente um bicho, por não ter cor, ou por ter várias tonalidades de preto.

Protocolo 115

Código: EN

Sexo: F
Data: 08.11.95

Idade: 24

I

c

Posso dizer por partes ?

- | | | | | |
|---|----------------------|---|----|-----|
| 1. Isto lembra-me uma folha. | Folha: DCentral | D | F+ | Pl. |
| 2. A parte de cima lembra-me um rato. | | D | F+ | A |
| 3. No conjunto faz-me pensar num escaravelho, num bicho estranho. | Dsup. Os olhos aqui. | G | F+ | A |

II

cc

Lembra-me o Oriente. O Japão.

- | | | | | |
|---|--|---|----|------|
| 4. Parecem-me dois insectos | | D | F+ | A |
| 5. Estou a pensar em olhos, aqui. | | D | F+ | Hd |
| 6. E esta imagem vermelha grande recorda-me as casas japonesas, como se chama ? | | D | FC | Arq. |
- Não me faz pensar em mais nada.

III

c

- | | | | | |
|--|--|---|---|--------|
| 7. Parece-me uma dança.
É só o conjunto.
Dois elementos maiores e dois mais pequenos por trás. Uma dança tribal.
(?) Em torno de algo, com algum intuito. | | G | K | H/Cena |
|--|--|---|---|--------|

? Faz-me um pouco de impressão esta parte de baixo, não tem nada a ver (!). A parte de cima sim, com os verdes como um jardim.

Protocolo 116

Código: EM

Sexo: M
Data: 06.11.95

Idade: 24

I

c

- | | | | | |
|--|------------------------|---|----------|--------|
| 1. Visto de um plano tipo planta poderá parecer-se um insecto. | Planta: visto de cima. | G | F+ | A |
| 2. Característica de escorpião na parte superior da imagem.
Há a particularidade na parte inferior de ver duas linhas rectas oblíquas que não sei o que querem dizer. | | D | F+ | A |
| 3. Uma parte escura que parece a folha de uma planta ao centro.
Tem alguns___ nas partes laterais sendo o corpo simétrico.
Tem alguns orifícios na parte que se pode chamar a cabeça. Duas hastes. Dois olhos e mais uma cavidade. | | D | F+ | Pl. |
| 4. Tudo isto também pode ser um desenho efectuado e depois reproduzido a parte simétrica, com algumas falhas e tonalidades | | G | EF
F± | (Arte) |

II

c

Voltamos a ter um eixo de simetria.
Duas figuras.

- | | | | | |
|---|---------------------------|------|----|------|
| 5. A parte de cima a vermelho a primeira impressão é de uma garganta com uns orifícios um pouco... | orifícios: cavidade. Dbl. | DDbl | FC | Anat |
| 6. Duas vistas com dois olhos um de cada lado, voltadas para o centro do desenho, apoiados em cima de, não sei bem, | | D | F+ | Hd |
| 7. o que se pode chamar, pode ser um insecto, um insecto rastejante. Pernas, caudas, uma impressão de um tipo de uma cabeça à frente. De cor castanho claro.
Como nível simétrico está mais correcto que o anterior. | | D | F+ | A |
| 8. Parte de cima mais escura, vermelho mais vivo abrindo para uma rosa.
Com uma distância entre as figuras, com uma margem. | | D | FC | Pl. |

.....

III

c

Voltamos a ter um eixo de simetria de figuras com ligação De uma figura em cor negra ligado por uma pintura vermelha também simétrica que tem uma forma estranha.

9. Para quem vê filmes pode considerar uma nave.

G F- Obj.

10. Pode retratar, tem tipo duas tenazes, uma de cada lado, sapateira.

Sapateira: tenazes em Dinf (pernas de H).

G F- A

11. Dois desenhos de lado, dá a impressão de um animal, bico e que está de certa forma contente. Ao estar a ir em busca de qualquer coisa.

D kan F+ A

12. Uma árvore em que lance algum alimento para qualquer um dos lados. Tem a característica de ter muitos traços a nível de exterior, com os contornos não lineares.

Árvores: (H).

G kob F- Pl.

13. Também radiografia de alguma parte... Característica também de ser mais profunda a parte superior, o negro mais escuro. Um pouco abstracto também.

D EF F± Obj.

Numa perspectiva o desenho ao contrário...

(Ao contrário?) Parecido com outro género de situação.

? A primeira assemelha-se a um insecto mais conhecido. A segunda uma pintura com interesse, depois aprofundada. A terceira é mais estranha, leva mais tempo a pensar e descobrir, a intensidade do que se procura. A segunda, pintura de Miró, pode-se tentar lá chegar.

Protocolo 117

Código: EM

Sexo: M

Idade: 27

Data: 01.02.96

I

(Debruça-se). Posso tirar?

(Pega, observa).

I

- | | | | | |
|---|--------------------------|---|----------|-------|
| 1. Não sei, podia ser um insecto, por exemplo. | Insecto: G | G | F+ | A |
| 2. Esta parte podia ser por exemplo uma mancha de óleo. | Mancha de óleo: DCentral | D | EF
F± | Frgm. |
- (pausa).
(?) Sim, no geral, à primeira vista é as conclusões que tiro.

II

c

- | | | | | |
|--|--|------|-----|-------|
| 3. Esta parte pode ser a parte torácica do corpo humano. | Parte torácica: esta parte a vermelho. Com esta parte aqui no meio a servir de coluna vertebral. | DDbi | FC' | Anat. |
| 4. Um bocado de terra, com umas raízes, | | D | C | Elem |
| 5. uns rebentos, a desenvolver, uma espécie de arbusto. | | D | CF | Pl. |
- A imagem global não me faz lembrar nada. Não tiro uma conclusão da imagem global.

☞ ☞

III

☞ ☞

x

- | | | | | |
|--|--|---|----------|-------|
| 6. Parece um caranguejo. | Caranguejo: Pintura mais para o abstracto, meio desfasado. (?) Vista global. | G | F- | A |
| 7. Esta parte aqui tipo uma chave inglesa. | Chave inglesa: D inf (pernas H). | D | F+ | Obj. |
| 8. Esta coisinha vermelha no meio tipo uma folha seca, tipo Outono, que teria caído de uma árvore. | Folha: D C verm. | D | FE
F+ | Pl. |
| 9. Esta parte talvez desperdício com óleo. Ou tinta que se derramou de uma lata, preta ou cinzenta, e que ficou assim espalhada. | Desperdício com óleo ou tinta: DC (corpo H) | D | EF
F± | Frgm. |

? (pausa) (?) Não sei, acho que não. Talvez esta tenha a ver mais com o meu ramo, a parte mecânica, mais ferrugem, mais escuro (I). A nível de cores.

Protocolo 118

Código: TC

Sexo: M
Data: 20.09.95

Idade: 25

I

cx

- | | | | | |
|---|-----------------------------|----|----------|-------|
| 1. À primeira vista um frango no churrasco, falta-lhe as pernas, mas no geral é o que parece. | G. Aberto já. | G | FE
F- | Alim. |
| 2. Folha de uma parreira. | D Central | D | F+ | Pl. |
| 3. Caranguejo. | G. | G | F+ | A |
| 4. ☹️ Os coisos de uma aranha, só a parte da frente.
☹️ | (Dd sup. em posição normal) | Dd | F+ | Ad |
| 5. ☹️ Parecida com a Itália (Dd lat) | O braço da Itália | D | F± | Geog. |

II

☹️ ☹️

I

- | | | | | |
|--|-----------------|---|----|-------|
| 6. Poderiam ser duas gambas já assadas. | D inf. | D | FC | Alim. |
| 7. ☹️ ☹️ Esta parte poderia ser uma borboleta.
☹️
☹️ | D Verm Central. | D | F- | A |
- Não consigo ver mais nada.

III

c

- | | | | | |
|--|---|----|----|--------|
| 8. Pode ser uma borboleta esta parte vermelha.
☹️ ☹️ ☹️ ☹️ | | D | F+ | A |
| 9. Poderá ser aquela parte de uma aranha, mas só a partir do esqueleto, das coisas, não sei como se chamam, com que apanham os insectos. | Parte de aranha: Ds Infs. | G | F- | Ad |
| 10. ☹️ ☹️ Também poderia ser uma pintura abstracta. | G. | G | F± | (Arte) |
| 11. ☹️ ☹️ Também poderia ser a parte de uma raiz de uma planta qualquer. | Raiz: Ds laterais incompletos sem Dinf. | Dd | F± | Frgm. |

Protocolo 119

Código: EM

Sexo: M
Data: 20.04.95

Idade: 29

I

x

Isto pode fazer lembrar várias coisas.

1. Um animal esquisito, submarino.
(?) Tipo raia: olhos, dentes, cauda, talvez barbatanas de lado. Enfim, nada de perfeito.

G F+ A

II

I

O que será isto?...

Pode ser ...

.. ...

à priori várias interpretações.

2. Podem ser folhas,
3. partes de corpos de animal,
4. duas lagartas talvez,
5. é estranho, uma pétala de alguma flor com algumas falhas.

D verde	D	FC	Pl.
D verm.	D	F-	Anat.
D inf	D	F+	A
D verm.	D	FC	Pl.

Olhos de um animal esquisito. (D verde).	R.A.: D	F+	Ad
--	------------	----	----

III

x

6. Isto que está aqui... pode ser a cintura de um indivíduo, a parte da bacia talvez, ou então o que é mais...

G F- Anat.

7. Folhas esquisitas de duas cores.

Objectos simétricos. Podem ser dois seres, não posso dizer que sejam duas pessoas, dois seres.

G	F±	Pl.
R.A.: G	F+	(H)

+ I

- II

Anexo III

Dados Gerais

Produtividade

R Tot é o total de respostas do protocolo; R1, R2, R3 são o número de respostas a cada cartão

R comp, R cor, R bilat exprimem a percentagem de respostas a cada cartão: compacto, cor, bilateral.

Localizações

G Tot e D Tot são, respectivamente, o número total de respostas Globais e grande Detalhe

G1, G2, G3; D1, D2, D3 representam o número de respostas globais e grande detalhe em cada cartão

Dados Gerais

NUM	CÓD	SEX	IDADE	R1	G1	D1	R2	G2	D2	R3	G3	D3	RTot	GTot	DTot	G%	D%	Rcomp	Rcor	Rbilat
1	RP	F	23	4	1	2	4	0	4	4	1	2	12	2	8	16.67	66.67	33.33	33.33	33.33
2	CE	F	27	2	1	1	6	2	4	2	1	1	10	4	6	40.00	60.00	20.00	60.00	20.00
3	EM	M	25	1	1	0	3	0	3	1	1	0	5	2	3	40.00	60.00	20.00	60.00	20.00
4	EM	F	27	1	1	0	2	0	2	2	0	2	5	1	4	20.00	80.00	20.00	40.00	40.00
5	SD	F	30	1	1	0	1	1	0	1	1	0	3	3	0	100.00	0.00	33.33	33.33	33.33
6	EM	F	22	7	5	1	4	1	3	3	1	2	14	7	6	50.00	42.86	50.00	28.57	21.43
7	EM	F	26	1	1	0	3	0	3	3	1	2	7	2	5	28.57	71.43	14.29	42.86	42.86
8	CE	F	25	1	1	0	4	1	3	1	1	0	6	3	3	50.00	50.00	16.67	66.67	16.67
9	EM	M	27	1	1	0	1	1	0	2	1	1	4	3	1	75.00	25.00	25.00	25.00	50.00
10	EM	M	38	4	1	2	5	1	4	4	1	2	13	3	8	23.08	61.54	30.77	38.46	30.77
11	RP	M	31	1	0	1	2	1	1	2	0	2	5	1	4	20.00	80.00	20.00	40.00	40.00
12	EM	M	24	2	1	1	4	1	3	3	1	2	9	3	6	33.33	66.67	22.22	44.44	33.33
13	PP	M	36	4	3	1	2	2	0	2	1	1	8	6	2	75.00	25.00	50.00	25.00	25.00
14	EM	M	24	2	1	1	3	0	3	2	2	0	7	3	4	42.86	57.14	28.57	42.86	28.57
15	PP	M	29	3	3	0	3	2	1	3	1	2	9	6	3	66.67	33.33	33.33	33.33	33.33
16	EM	M	44	4	1	2	2	0	2	2	0	2	8	1	6	12.50	75.00	50.00	25.00	25.00
17	RP	M	24	2	1	1	3	0	3	2	1	1	7	2	5	28.57	71.43	28.57	42.86	28.57
18	PP	F	22	1	1	0	4	0	4	3	1	2	8	2	6	25.00	75.00	12.50	50.00	37.50
19	RP	F	22	1	1	0	4	1	3	2	1	1	7	3	4	42.86	57.14	14.29	57.14	28.57

49	FC	M	23	3	1	2	3	0	3	7	1	4	13	2	9	15.38	69.23	23.08	23.08	53.85
50	EM	M	28	2	2	0	3	1	2	1	1	0	6	4	2	66.67	33.33	33.33	50.00	16.67
51	EM	M	28	3	1	2	3	0	3	2	0	1	8	1	6	12.50	75.00	37.50	37.50	25.00
52	EM	M	26	2	2	0	2	1	1	2	2	0	6	5	1	83.33	16.67	33.33	33.33	33.33
53	EM	M	28	1	1	0	2	0	2	1	1	0	4	2	2	50.00	50.00	25.00	50.00	25.00
54	EM	M	29	1	1	0	2	0	2	2	1	1	5	2	3	40.00	60.00	20.00	40.00	40.00
55	EM	M	32	2	2	0	3	0	3	2	0	2	7	2	5	28.57	71.43	28.57	42.86	28.57
56	EM	M	28	2	2	0	1	1	0	2	2	0	5	5	0	100.00	0.00	40.00	20.00	40.00
57	EM	M	29	2	1	1	2	0	2	2	0	2	6	1	5	16.67	83.33	33.33	33.33	33.33
58	EM	M	27	6	1	3	6	0	5	5	0	4	17	1	12	5.88	70.59	35.29	35.29	29.41
59	EM	M	27	1	1	0	2	1	1	2	1	1	5	3	2	60.00	40.00	20.00	40.00	40.00
60	EM	M	25	1	1	0	1	1	0	3	2	1	5	4	1	80.00	20.00	20.00	20.00	60.00
61	EM	M	26	2	2	0	3	0	3	2	0	2	7	2	5	28.57	71.43	28.57	42.86	28.57
62	EM	M	23	2	1	1	2	1	1	1	1	0	5	3	2	60.00	40.00	40.00	40.00	20.00
63	EM	M	25	1	1	0	2	1	1	0	0	0	3	2	1	66.67	33.33	33.33	66.67	0.00
64	RP	F	28	1	1	0	1	0	1	1	1	0	3	2	1	66.67	33.33	33.33	33.33	33.33
65	EM	M	27	1	1	0	2	1	1	1	1	0	4	3	1	75.00	25.00	25.00	50.00	25.00
66	CE	F	39	1	1	0	3	1	2	3	1	2	7	3	4	42.86	57.14	14.29	42.86	42.86
67	EM	F	28	1	1	0	0	0	0	1	1	0	2	2	0	100.00	0.00	50.00	0.00	50.00
68	FC	M	27	5	4	1	5	2	3	1	1	0	11	7	4	63.64	36.36	45.45	45.45	9.09
69	SD	F	25	3	2	1	3	0	3	2	1	1	8	3	5	37.50	62.50	37.50	37.50	25.00
70	RP	F	28	1	1	0	1	1	0	0	0	0	2	2	0	100.00	0.00	50.00	50.00	0.00
71	SD	F	43	3	3	0	3	0	3	1	1	0	7	4	3	57.14	42.86	42.86	42.86	14.29
72	CE	F	23	3	1	1	3	0	3	5	1	3	11	2	7	18.18	63.64	27.27	27.27	45.45
73	PP	F	25	1	1	0	1	1	0	1	0	1	3	2	1	66.67	33.33	33.33	33.33	33.33
74	EM	F	30	1	1	0	4	1	3	2	1	1	7	3	4	42.86	57.14	14.29	57.14	28.57
75	RP	F	33	2	2	0	3	0	3	2	1	1	7	3	4	42.86	57.14	28.57	42.86	28.57
76	EM	M	25	2	1	1	4	0	4	2	2	0	8	3	5	37.50	62.50	25.00	50.00	25.00
77	RP	F	23	1	1	0	3	0	3	3	1	2	7	2	5	28.57	71.43	14.29	42.86	42.86

78	SD	F	33	1	1	0	0	0	0	0	0	3	1	2	4	2	2	50.00	50.00	25.00	0.00	75.00
79	EM	M	33	4	2	2	4	1	3	3	0	3	0	3	11	3	8	27.27	72.73	36.36	36.36	27.27
80	CE	F	25	3	2	1	5	1	4	5	2	3	2	3	13	5	8	38.46	61.54	23.08	38.46	38.46
81	RP	F	31	2	2	0	4	1	3	2	1	3	2	1	8	4	4	50.00	50.00	25.00	50.00	25.00
82	FC	M	22	1	1	0	3	0	3	2	1	1	1	1	6	2	4	33.33	66.67	16.67	50.00	33.33
83	PP	F	27	2	2	0	3	0	3	2	1	1	1	1	7	3	4	42.86	57.14	28.57	42.86	28.57
84	CE	F	27	1	1	0	2	1	1	2	1	2	1	1	5	3	2	60.00	40.00	20.00	40.00	40.00
85	SD	F	30	1	1	0	3	0	3	1	1	3	1	0	5	2	3	40.00	60.00	20.00	60.00	20.00
86	TC	F	32	3	1	2	2	0	2	3	0	3	0	3	8	1	7	12.50	87.50	37.50	25.00	37.50
87	SD	F	28	3	2	1	3	1	2	2	1	2	1	1	8	4	4	50.00	50.00	37.50	37.50	25.00
88	PP	F	38	1	1	0	2	0	2	2	1	2	1	1	5	2	3	40.00	60.00	20.00	40.00	40.00
89	EM	F	24	3	2	1	4	0	4	5	2	3	2	3	12	4	8	33.33	66.67	25.00	33.33	41.67
90	FC	M	30	2	1	1	7	1	6	7	1	4	1	4	16	3	11	18.75	68.75	12.50	43.75	43.75
91	RP	M	23	1	1	0	5	1	4	1	1	4	1	0	7	3	4	42.86	57.14	14.29	71.43	14.29
92	EM	M	28	3	1	2	4	0	4	2	1	1	1	1	9	2	7	22.22	77.78	33.33	44.44	22.22
93	SD	F	26	2	1	1	3	0	3	2	0	2	2	2	7	1	6	14.29	85.71	28.57	42.86	28.57
94	CE	F	31	1	1	0	3	0	3	3	1	2	1	2	7	2	5	28.57	71.43	14.29	42.86	42.86
95	SD	F	43	3	2	1	4	0	4	3	1	2	1	2	10	3	7	30.00	70.00	30.00	40.00	30.00
96	EM	M	28	2	2	0	3	0	3	3	1	2	3	2	8	3	5	37.50	62.50	25.00	37.50	37.50
97	EC	M	40	2	2	0	4	0	4	5	0	5	0	5	11	2	9	18.18	81.82	18.18	36.36	45.45
98	RP	M	21	3	3	0	2	0	2	2	1	1	1	1	7	4	3	57.14	42.86	42.86	28.57	28.57
99	SD	F	22	1	1	0	2	0	2	1	1	0	4	2	4	2	2	50.00	50.00	25.00	50.00	25.00
100	RP	F	29	1	1	0	3	0	3	3	1	2	1	2	7	2	5	28.57	71.43	14.29	42.86	42.86
101	EM	M	23	4	2	2	2	0	2	3	0	3	0	3	9	2	7	22.22	77.78	44.44	22.22	33.33
102	EM	M	27	4	3	1	3	0	3	5	1	4	1	4	12	4	8	33.33	66.67	33.33	25.00	41.67
103	SD	F	27	1	1	0	2	0	2	2	1	1	1	1	5	2	3	40.00	60.00	20.00	40.00	40.00
104	PP	M	35	4	3	0	7	1	6	6	4	2	1	2	17	8	8	47.06	47.06	23.53	41.18	35.29
105	EM	M	26	5	1	2	3	1	2	4	1	3	1	3	12	3	7	25.00	58.33	41.67	25.00	33.33
106	EM	M	25	4	4	0	1	0	1	2	1	1	1	1	7	5	2	71.43	28.57	57.14	14.29	28.57

107	EM	M	29	2	1	1	5	0	5	2	1	1	1	9	2	7	22.22	77.78	22.22	55.56	22.22
108	EM	M	24	2	2	0	4	1	3	2	1	1	1	8	4	4	50.00	50.00	25.00	50.00	25.00
109	EM	M	29	2	2	0	2	0	2	1	1	0	5	3	2	2	60.00	40.00	40.00	40.00	20.00
110	RP	F	24	2	1	1	1	1	0	2	1	0	5	3	1	1	60.00	20.00	40.00	20.00	40.00
111	EM	M	23	3	2	1	7	0	7	5	3	2	15	5	10	33.33	66.67	20.00	46.67	33.33	
112	SD	F	24	3	2	1	4	0	4	3	2	1	10	4	6	40.00	60.00	30.00	40.00	30.00	
113	EM	M	23	5	1	2	4	1	3	4	1	3	13	3	8	23.08	61.54	38.46	30.77	30.77	
114	PP	F	22	1	1	0	2	1	1	2	1	1	5	3	2	60.00	40.00	20.00	40.00	40.00	
115	EM	F	24	3	1	2	3	0	3	1	1	0	7	2	5	28.57	71.43	42.86	42.86	14.29	
116	EM	M	24	4	2	2	4	0	4	5	3	2	13	5	8	38.46	61.54	30.77	30.77	38.46	
117	EM	M	27	2	1	1	3	0	3	4	1	3	9	2	7	22.22	77.78	22.22	33.33	44.44	
118	TC	M	25	5	2	2	2	0	2	4	2	1	11	4	5	36.36	45.45	45.45	18.18	36.36	
119	EM	M	29	1	1	0	4	0	4	2	2	0	7	3	4	42.86	57.14	14.29	57.14	28.57	

Anexo IV

Cotações à Grelha de
Representação de Si

Cotações da Grelha de Representação de Si

NumResp

representa a sequência das respostas

R1

o número total de respostas no cartão

Localiz,

a localização

I1, I2, I3, I4

são as cotações propostas a cada uma das colunas da Grelha

Cartão I

NUM	CÓD	SEX	IDADE	Num Resp	R1	Localiz	I1	I2	I3	I4
1	RP	F	23	1	4	Dsup	11	12		
1	RP	F	23	2	4	G	11	12		
1	RP	F	23	3	4	Dlat	11	7		
1	RP	F	23	4	4	Dd	27	13		
2	CE	F	27	1	2	G	11	80		
2	CE	F	27	2	2	DC	17			
3	EM	M	25	1	1	G	11	12		
4	EM	F	27	1	1	G	11	12		
5	SD	F	30	1	1	G	11	12	O	
6	EM	F	22	1	7	G	11	12		
6	EM	F	22	2	7	Dd	11	12		
6	EM	F	22	3	7	G	00	20		
6	EM	F	22	4	7	G	23			D
6	EM	F	22	5	7	G	00	20		
6	EM	F	22	6	7	Dsup	11	12		
6	EM	F	22	7	7	G	26			
7	EM	F	26	1	1	G	11	12		
8	CE	F	25	1	1	G	11	12		
9	EM	M	27	1	1	G	17	15		D
10	EM	M	38	1	4	G	11	12		
10	EM	M	38	2	4	DC	11	12		
10	EM	M	38	3	4	Dsup	26			
10	EM	M	38	4	4	Dd	18			
11	RP	M	31	1	1	DC	23			
12	EM	M	24	1	2	G	11	10		
12	EM	M	24	2	2	DC	23			
13	PP	M	36	1	4	G	11	12		
13	PP	M	36	2	4	G	11	10		
13	PP	M	36	3	4	DC	23			
13	PP	M	36	4	4	G	40			
14	EM	M	24	1	2	Dsup	18	80		
14	EM	M	24	2	2	G	11	12		
15	PP	M	29	1	3	G	11	12		
15	PP	M	29	2	3	G	17			
15	PP	M	29	3	3	G	27	13		
16	EM	M	44	1	4	G	11	12		
16	EM	M	44	2	4	DC	23			
16	EM	M	44	3	4	D	22			
16	EM	M	44	4	4	Dd	23			
17	RP	M	24	1	2	G	11	12		

NUM	CÓD	SEX	IDADE	Num Resp	R1	Localiz	I1	I2	I3	I4
17	RP	M	24	2	2	DC	11	12		
18	PP	F	22	1	1	G	11	12		
19	RP	F	22	1	1	G	23			
20	EM	M	29	1	2	G	00	18		
20	EM	M	29	2	2	DC	23			
21	EM	M	23	1	3	DC	11	12		
21	EM	M	23	2	3	G	11	12		
21	EM	M	23	3	3	Dd	18			
22	EM	M	33	1	1	G	23			
23	PP	F	24	1	1	G	11	80		
24	RP	F	25	1	1	G	11	12		
25	FC	M	34	1	3	G	04	80		
25	FC	M	34	2	3	DC	23			
25	FC	M	34	3	3	G	27	13		
26	CE	F	30	1	4	G	40			
26	CE	F	30	2	4	DC	23			
26	CE	F	30	3	4	Dlat	40			
26	CE	F	30	4	4	G	22			
27	PP	F	22	1	2	G	11	12		
27	PP	F	22	2	2	DC	11	12		
28	PP	F	25	1	2	DC	23			
28	PP	F	25	2	2	G	11	12		
29	SD	F	22	1	4	G	27	13		
29	SD	F	22	2	4	DC	23	11		
29	SD	F	22	3	4	G	11	12		
29	SD	F	22	4	4	Dsup	07	16	NE	
30	TC	F	30	1	1	G	11	10		
31	PP	F	26	1	1	G	11	12		
32	FC	M	26	1	1	G	11	12		
33	PP	F	31	1	4	G	11	12		
33	PP	F	31	2	4	DC	23			
33	PP	F	31	3	4	Ddbl	17			
33	PP	F	31	4	4	Dd	17			
34	EM	M	28	1	3	G	23			
34	EM	M	28	2	3	G	11	12		
34	EM	M	28	3	3	Dsup	17	12		
35	TC	F	25	1	3	DC	23			
35	TC	F	25	2	3	G	11	10		
35	TC	F	25	3	3	G	24			
36	FC	M	28	1	2	G	11	12		
36	FC	M	28	2	2	DC	23			
37	EM	M	35	1	1	G	11	12		
38	EM	M	27	1	1	G	11	12		
39	EM	M	27	1	3	G	11	12		
39	EM	M	27	2	3	DC	23			
39	EM	M	27	3	3	G	24			
40	PP	F	27	1	2	G	11	12		
40	PP	F	27	2	2	DC	23			
41	EM	M	32	1	2	G	27			
41	EM	M	32	2	2	G	30			
42	EM	M	34	1	1	G	11	13		
43	SD	F	31	1	5	G	11	12		
43	SD	F	31	2	5	DC	23			

NUM	CÓD	SEX	IDADE	Num Resp	R1	Localiz	I1	I2	I3	I4
43	SD	F	31	3	5	G	27			
43	SD	F	31	4	5	Ddbl	25			
43	SD	F	31	5	5	Dsup	08	12		
44	EM	M	24	1	2	G	11	12		
44	EM	M	24	2	2	DC	23			
45	EM	M	25	1	2	DC	23			U
45	EM	M	25	2	2	G	11	12		
46	EC	F	28	1	2	G	11	13		
46	EC	F	28	2	2	G	00	18		
47	EM	M	31	1	1	G	11	7	O	
48	FC	M	31	1	1	G	11	80		
49	FC	M	23	1	3	G	11	12		
49	FC	M	23	2	3	DC	23			
49	FC	M	23	3	3	Dsup	17	12		
50	EM	M	28	1	2	G	11	12		
50	EM	M	28	2	2	G	23			
51	EM	M	28	1	3	G	11	12		
51	EM	M	28	2	3	Dsup	17	12		
51	EM	M	28	3	3	DC	23			
52	EM	M	26	1	2	G	11	12		
52	EM	M	26	2	2	G	40	80		
53	EM	M	28	1	1	G/	11	12		
54	EM	M	29	1	1	G	11	12		
55	EM	M	32	1	2	G	24			
55	EM	M	32	2	2	G	11	12		
56	EM	M	28	1	2	G	23			
56	EM	M	28	2	2	G	11	12		
57	EM	M	29	1	2	G	11	12		
57	EM	M	29	2	2	DC	23			
58	EM	M	27	1	6	G	11	12		
58	EM	M	27	2	6	DC	23			
58	EM	M	27	3	6	Dd	17	12		
58	EM	M	27	4	6	Dd	21			
58	EM	M	27	5	6	Dsup	17	12		
58	EM	M	27	6	6	Dlat	22			
59	EM	M	27	1	1	G	03	7	M	
60	EM	M	25	1	2	G	11	10		
61	EM	M	26	1	2	G	27			
61	EM	M	26	2	2	G	11	12		
62	EM	M	23	1	2	DC	23			
62	EM	M	23	2	2	G	23			
63	EM	M	25	1	1	G	11	10		
64	RP	F	28	1	1	G	11	80		
65	EM	M	27	1	1	G	11	12		
66	CE	F	39	1	1	G	11	13		
67	EM	F	28	1	1	G	11	12		
68	FC	M	27	1	5	G	11	12		
68	FC	M	27	2	5	G	24			
68	FC	M	27	3	5	G	00	18		
68	FC	M	27	4	5	Dinf	00	18		
68	FC	M	27	5	5	G	26			
69	SD	F	25	1	3	G	11	12		
69	SD	F	25	2	3	DC	23			
69	SD	F	25	3	3	G	27			

NUM	CÓD	SEX	IDADE	Num Resp	R1	Localiz	I1	I2	I3	I4
70	RP	F	28	1	1	G	11	12		
71	SD	F	43	1	3	G	11	12		
71	SD	F	43	2	3	G	01	7	M	
71	SD	F	43	3	3	G	04	12		
72	CE	F	23	1	3	G	11	12		
72	CE	F	23	2	3	DC	23			
72	CE	F	23	3	3	Dd	11	12		
73	PP	F	25	1	1	G	11	12	O	
74	EM	F	30	1	1	G	11	80		
75	RP	F	33	1	2	G	11	12		
75	RP	F	33	2	2	G	27			
76	EM	M	25	1	2	G	11	12		
76	EM	M	25	2	2	DC	23			
77	RP	F	23	1	1	G	11	10		
78	SD	F	33	1	1	G	11	12		
79	EM	M	33	1	4	G	27			
79	EM	M	33	2	4	G	23			
79	EM	M	33	3	4	Dsup	17	12		
79	EM	M	33	4	4	DC	23			
80	CE	F	25	1	3	G	00	18		
80	CE	F	25	2	3	G	11	12		
80	CE	F	25	3	3	Dsup	17	12	O	
81	RP	F	31	1	2	G	11	10		
81	RP	F	31	2	2	G	11	12		
82	FC	M	22	1	1	G	11	12		
83	PP	F	27	1	2	G	11	12	O	
83	PP	F	27	2	2	G	24			
84	CE	F	27	1	1	G	11	12		
85	SD	F	30	1	1	G	11	12		
86	TC	F	32	1	3	G	11	12		
86	TC	F	32	2	3	Dinf	00	18		
86	TC	F	32	3	3	Dsup	17	12		
87	SD	F	28	1	3	G	11	12		
87	SD	F	28	2	3	G	24			
87	SD	F	28	3	3	DC	23			
88	PP	F	38	1	1	G	00	20		
89	EM	F	24	1	3	G	11	12		
89	EM	F	24	2	3	DC	23			
89	EM	F	24	3	3	G	04	80		
90	FC	M	30	1	2	G	11	12		
90	FC	M	30	2	2	DC	23			
91	RP	M	23	1	1	G	11	13		
92	EM	M	28	1	3	G	11	12		
92	EM	M	28	2	3	Dsup	00	18		
92	EM	M	28	3	3	DC	11	12		
93	SD	F	26	1	2	G	11	12		
93	SD	F	26	2	2	DC	23			
94	CE	F	31	1	1	G	11	7		
95	SD	F	43	1	3	G	14	13		
95	SD	F	43	2	3	G	28			
95	SD	F	43	3	3	Dsup	11	12		
96	EM	M	28	1	2	G	11	12		
96	EM	M	28	2	2	G	27			
97	EC	M	40	1	2	G	11	10		

NUM	CÓD	SEX	IDADE	Num Resp	R1	Localiz	I1	I2	I3	I4
97	EC	M	40	2	2	G	17	12		
98	RP	M	21	1	3	G	24			
98	RP	M	21	2	3	G	11	12		
98	RP	M	21	3	3	G	23	16		
99	SD	F	22	1	1	G	11	12		
100	RP	F	29	1	1	G	11	12		
101	EM	M	23	1	4	G	11	12		
101	EM	M	23	2	4	G	11	10		
101	EM	M	23	3	4	DC	23			
101	EM	M	23	4	4	Dsup	17	12		
102	EM	M	27	1	4	DC	23			
102	EM	M	27	2	4	G	11	12		
102	EM	M	27	3	4	G/	26			
102	EM	M	27	4	4	G	11	12		
103	SD	F	27	1	1	G	23			
104	PP	M	35	1	4	G	17	12		
104	PP	M	35	2	4	G	11	12		
104	PP	M	35	3	4	Dd	27			
104	PP	M	35	4	4	G	26			
105	EM	M	26	1	5	Dsup	11	12		
105	EM	M	26	2	5	DC	23			
105	EM	M	26	3	5	G	30			
105	EM	M	26	4	5	Dd	23			
105	EM	M	26	5	5	Ddbl	17	12		
106	EM	M	25	1	4	G	23			
106	EM	M	25	2	4	G	22	13		
106	EM	M	25	3	4	G	28			
106	EM	M	25	4	4	G	28			
107	EM	M	29	1	2	G	11	12		
107	EM	M	29	2	2	DC	23			
108	EM	M	24	1	2	G	11	10		
108	EM	M	24	2	2	G	40			
109	EM	M	29	1	2	G	11	12		
109	EM	M	29	2	2	G	24			
110	RP	F	24	1	2	DC	23			
110	RP	F	24	2	2	G	40			
111	EM	M	23	1	3	DC	23	11		U
111	EM	M	23	2	3	G	11	12		
111	EM	M	23	3	3	G	28			
112	SD	F	24	1	3	G	11	12		
112	SD	F	24	2	3	G	30			
112	SD	F	24	3	3	DC	23			
113	EM	M	23	1	5	G	11	12		
113	EM	M	23	2	5	Dsup	18	12		
113	EM	M	23	3	5	DC	23			
113	EM	M	23	4	5	Dd	17	12		
113	EM	M	23	5	5	Dd	22			
114	PP	F	22	1	1	G	11	12		
115	EM	F	24	1	3	DC	23			
115	EM	F	24	2	3	Dsup	11	12		
115	EM	F	24	3	3	G	11	12		
116	EM	M	24	1	4	G	11	13		
116	EM	M	24	2	4	Dsup	11	12		
116	EM	M	24	3	4	DC	23			
116	EM	M	24	4	4	G	27			
117	EM	M	27	1	2	G	11	12		
117	EM	M	27	2	2	DC	24			
118	TC	M	25	1	5	G	30			
118	TC	M	25	2	5	DC	23			
118	TC	M	25	3	5	G	11	12		
118	TC	M	25	4	5	Dd	18	12		
118	TC	M	25	5	5	Dlat	22			
119	EM	M	29	1	1	G	11	12		

Cotações da Grelha de Representação de Si

Cartão II

NUM	CÓD	SEX	IDADE	Num Resp	R1	Localiz	I1	I2	I3	I4
1	RP	F	23	1	4	DDbl	08	7	NE	
1	RP	F	23	2	4	Dverd	23			
1	RP	F	23	3	4	Dcast	22			
1	RP	F	23	4	4	Dvext	01	1	NE	
2	CE	F	27	1	6	Dbl	00	18		
2	CE	F	27	2	6	G	22			
2	CE	F	27	3	6	G	11	12		
2	CE	F	27	4	6	DV	11	12		
2	CE	F	27	5	6	Dverd	17	12		
2	CE	F	27	6	6	Dcast	11	12		
3	EM	M	25	1	3	Dverd	08	12		
3	EM	M	25	2	3	Dcast	11	12		
3	EM	M	25	3	3	DV	08	12		
4	EM	F	27	1	2	DV	00	19		
4	EM	F	27	2	2	Dverd	08	12		
5	SD	F	30	1	1	G	23			
6	EM	F	22	1	4	G	23			
6	EM	F	22	2	4	Dcast	12	12		
6	EM	F	22	3	4	Dbl	00	18		
6	EM	F	22	4	4	Dverd	11	12		
7	EM	F	26	1	3	Dcast	11	12		
7	EM	F	26	2	3	DV	00	19		
7	EM	F	26	3	3	Dverd	08	7		
8	CE	F	25	1	4	Dcast	22			
8	CE	F	25	2	4	Dverd	23			
8	CE	F	25	3	4	DDbl	22			
8	CE	F	25	4	4	G	22			
9	EM	M	27	1	1	G	00	19		
10	EM	M	38	1	5	DV	00	19		
10	EM	M	38	2	5	Dbl	00	18		
10	EM	M	38	3	5	Dcast	11	2		
10	EM	M	38	4	5	G	00	18		
10	EM	M	38	5	5	Dverd	11	12	O	
11	RP	M	31	1	2	G	27	13		
11	RP	M	31	2	2	DV	00	19		
12	EM	M	24	1	4	Dverd	08	12		
12	EM	M	24	2	4	Dcast	12	12		
12	EM	M	24	3	4	Dbl	26			
12	EM	M	24	4	4	G	11	12		
13	PP	M	36	1	2	Dverd	23			
13	PP	M	36	2	2	G	40			
14	EM	M	24	1	3	Dcast	11	80		
14	EM	M	24	2	3	Dverd	23			
14	EM	M	24	3	3	DV	00	19		
15	PP	M	29	1	3	G	27	13		
15	PP	M	29	2	3	G	29.07			
15	PP	M	29	3	3	Dcast	11	2		
16	EM	M	44	1	2	Dcast	12	12		

NUM	CÓD	SEX	IDADE	Num Resp	R1	Localiz	I1	I2	I3	I4
16	EM	M	44	2	2	Dbl	21			
17	RP	M	24	1	3	Dcast	12	12		
17	RP	M	24	2	3	DV	12	12		
17	RP	M	24	3	3	Dverd	23			
18	PP	F	22	1	4	Dverd	08	12		
18	PP	F	22	2	4	DV	12	12		
18	PP	F	22	3	4	Dcast	11	12		
18	PP	F	22	4	4	Dbl	00	18		
19	RP	F	22	1	4	Dverd	23			
19	RP	F	22	2	4	Dverd	08	12		
19	RP	F	22	3	4	Dcast	11	12		
19	RP	F	22	4	4	G	22			
20	EM	M	29	1	1	G	40			
21	EM	M	23	1	2	DV	00	19		
21	EM	M	23	2	2	Dcast	11	14		
22	EM	M	33	1	3	DV	00	19		
22	EM	M	33	2	3	Dcast	11	12		
22	EM	M	33	3	3	G	22			
23	PP	F	24	1	2	G	40			
23	PP	F	24	2	2	Dcast	11	2		
24	RP	F	25	1	3	Dbl	23			
24	RP	F	25	2	3	Dverd	08	7		
24	RP	F	25	3	3	DV	02	6		
25	FC	M	34	1	2	Dbl	26			
25	FC	M	34	2	2	DV	00	19		
26	CE	F	30	1	1	G	11	7		
27	PP	F	22	1	3	DV	00	19		
27	PP	F	22	2	3	Dcast	11	12		
27	PP	F	22	3	3	Dverd	08	12		
28	PP	F	25	1	3	DDbl	27	13		
28	PP	F	25	2	3	Dcast	23			
28	PP	F	25	3	3	G	27	13		
29	SD	F	22	1	4	Dverd	23			
29	SD	F	22	2	4	Dcast	11	2		
29	SD	F	22	3	4	DV	00	19		
29	SD	F	22	4	4	Dbl	00	18		
30	TC	F	30	1	3	DDbl	27	13		
30	TC	F	30	2	3	Dverd	08	12		
30	TC	F	30	3	3	Dcast	23			
31	PP	F	26	1	1	DV	00	19		
32	FC	M	26	1	1	DV	11	1		
33	PP	F	31	1	5	Dbl	00	18		
33	PP	F	31	2	5	DV	00	19		
33	PP	F	31	3	5	DDbl	00	19		
33	PP	F	31	4	5	Dverd	23	10		D
33	PP	F	31	5	5	Dcast	11	2		
34	EM	M	28	1	4	G	11	7		
34	EM	M	28	2	4	Dverd	23			
34	EM	M	28	3	4	DDbl	21			
34	EM	M	28	4	4	Dcast	11	1		SX
35	TC	F	25	1	3	Dverd	08	12		
35	TC	F	25	2	3	DV	00	19		
35	TC	F	25	3	3	Dbl	00	18		

NUM	CÓD	SEX	IDADE	Num Resp	R1	Localiz	I1	I2	I3	I4
36	FC	M	28	1	5	DV	00	19		
36	FC	M	28	2	5	Dbl	00	18		
36	FC	M	28	3	5	DDbl	26			
36	FC	M	28	4	5	Dcast	22			
36	FC	M	28	5	5	Dverd	23			
37	EM	M	35	1	3	Dverd	11	12		
37	EM	M	35	2	3	Dcast	11	12		
37	EM	M	35	3	3	DV	02	6		GE
38	EM	M	27	1	4	DV	00	19		
38	EM	M	27	2	4	Dcast	11	12		
38	EM	M	27	3	4	Dbl	00	18		
38	EM	M	27	4	4	Dverd	08	12		
39	EM	M	27	1	3	G	40			
39	EM	M	27	2	3	Dcast	11	12		
39	EM	M	27	3	3	DDbl	21			
40	PP	F	27	1	2	Dcast	11	12		
40	PP	F	27	2	2	DV	00	19		
41	EM	M	32	1	1	G	26			
42	EM	M	34	1	1	G	11	14		
43	SD	F	31	1	4	Dverd	23			
43	SD	F	31	2	4	DV	00	19		
43	SD	F	31	3	4	Dbl	23			
43	SD	F	31	4	4	Ddbl	11	12		
44	EM	M	24	1	2	G	21			
44	EM	M	24	2	2	Dcast	11	2		
45	EM	M	25	1	4	G	22			
45	EM	M	25	2	4	DDbl	22			
45	EM	M	25	3	4	Dcast	22			
45	EM	M	25	4	4	Dverd	08	12		
46	EC	F	28	1	1	DDbl	00	19		
47	EM	M	31	1	2	Dcast	11	12		
47	EM	M	31	2	2	DDbl	27	13		
48	FC	M	31	1	4	Dverd	23			
48	FC	M	31	2	4	Dcast	11	2		
48	FC	M	31	3	4	Dbl	29.12			
48	FC	M	31	4	4	DV	29.12			
49	FC	M	23	1	3	DV	00	19		
49	FC	M	23	2	3	Dcast	22			
49	FC	M	23	3	3	DDbl	05	12		
50	EM	M	28	1	3	G	11	12		
50	EM	M	28	2	3	Dcast	17	15		
50	EM	M	28	3	3	Dverd	23			
51	EM	M	28	1	3	DV	00	19		
51	EM	M	28	2	3	Dverd	23			
51	EM	M	28	3	3	Dcast	12	12		
52	EM	M	26	1	2	G	40			
52	EM	M	26	2	2	Dverd	08	7		
53	EM	M	28	1	2	DV	00	19		
53	EM	M	28	2	2	Dcast	11	12		
54	EM	M	29	1	2	Dcast	11	12		
54	EM	M	29	2	2	DV	00	19		
55	EM	M	32	1	3	Dcast	11	12		
55	EM	M	32	2	3	DV	00	19		

NUM	CÓD	SEX	IDADE	Num Resp	R1	Localiz	I1	I2	I3	I4
55	EM	M	32	3	3	DDbl	07	12		
56	EM	M	28	1	1	G	40			
57	EM	M	29	1	2	DV	23			
57	EM	M	29	2	2	Dcast	24			
58	EM	M	27	1	6	DDbl	11	14		
58	EM	M	27	2	6	Dcast	11	80		
58	EM	M	27	3	6	Dverd	08	12		
58	EM	M	27	4	6	Ddbl	11	12		
58	EM	M	27	5	6	Dcast	12	12		
58	EM	M	27	6	6	DV	21			
59	EM	M	27	1	2	G	21			
59	EM	M	27	2	2	Dbl	01	7	M	
60	EM	M	25	1	1	G	22			
61	EM	M	26	1	3	DV	00	19		
61	EM	M	26	2	3	Dbl	00	18		
61	EM	M	26	3	3	Dverd	00	19		
62	EM	M	23	1	2	G	26			
62	EM	M	23	2	2	Dcast	22			
63	EM	M	25	1	2	DV	26			
63	EM	M	25	2	2	G	01	12	NE	
64	RP	F	28	1	1	Dcast	11	1	MF	
65	EM	M	27	1	2	G	21			
65	EM	M	27	2	2	Dverd	08	7		
66	CE	F	39	1	3	G	11	1		
66	CE	F	39	2	3	DV	29,12			
66	CE	F	39	3	3	Dverd	23	13		
67	EM	F	28	R	R	R	R	R	R	R
68	FC	M	27	1	5	G	26			
68	FC	M	27	2	5	Dcast	11	12		
68	FC	M	27	3	5	Dverd	08	13		
68	FC	M	27	4	5	Dverd	23			
68	FC	M	27	5	5	G	08	12	NE	
69	SD	F	25	1	3	Dcast	11	2	NE	
69	SD	F	25	2	3	Dverd	23			
69	SD	F	25	3	3	DV	04	12		
70	RP	F	28	1	1	G	11	15		
71	SD	F	43	1	3	Dverd	11	12		
71	SD	F	43	2	3	DV	00	19		
71	SD	F	43	3	3	Dcast	11	12		
72	CE	F	23	1	3	Dcast	11	12		
72	CE	F	23	2	3	DV	01	12	NE	
72	CE	F	23	3	3	Dverd	23			
73	PP	F	25	1	1	G	27			
74	EM	F	30	1	4	G	22			
74	EM	F	30	2	4	DDbl	23			
74	EM	F	30	3	4	Dverd	08	7		
74	EM	F	30	4	4	DV	00	19		
75	EM	F	30	1	3	Dbl	26			
75	EM	F	30	2	3	DV	00	19		
75	EM	F	30	3	3	Dverd	08	7		
76	EM	F	32	1	4	DDbl	26			
76	EM	F	32	2	4	Dverd	40			
76	EM	F	32	3	4	Dcast	11	12		

NUM	CÓD	SEX	IDADE	Num Resp	R1	Localiz	I1	I2	I3	I4
76	EM	F	32	4	4	Dcast	07	12	NE	
77	EM	F	33	1	3	Dcast	11	2		
77	EM	F	33	2	3	Dverd	08	12		
77	EM	F	33	3	3	DV	00	19		
78	SD	F	33	R	R	R	R	R	R	R
79	EM	M	33	1	4	G	21			
79	EM	M	33	2	4	Dbl	26			
79	EM	M	33	3	4	Dverd	23			
79	EM	M	33	4	4	Dcast	23			
80	CE	F	25	1	5	Dcast	25			
80	CE	F	25	2	5	Dverd	08	12		
80	CE	F	25	3	5	DV	11	7		
80	CE	F	25	4	5	G	27	13		
80	CE	F	25	5	5	Dcast	00	19		
81	RP	F	31	1	4	Dcast	11	2		
81	RP	F	31	2	4	G	23			
81	RP	F	31	3	4	Dcast	01	1	M	
81	RP	F	31	4	4	DV	01	12	F	
82	FC	M	22	1	3	Dcast	11	13		
82	FC	M	22	2	3	Dverd	08	12		
82	FC	M	22	3	3	DV	00	19		
83	PP	F	27	1	3	Dcast	11	12		
83	PP	F	27	2	3	Dverd	23			
83	PP	F	27	3	3	DDbl	11	12		
84	CE	F	27	1	2	G	22			
84	CE	F	27	2	2	Dcast	11	12		
85	SD	F	30	1	3	DDbl	22			
85	SD	F	30	2	3	Dcast	23			
85	SD	F	30	3	3	Dverd	08	12		
86	TC	F	32	1	2	DV	00	19		
86	TC	F	32	2	2	Dcast	11	2		
87	SD	F	28	1	3	DDbl	00	18		
87	SD	F	28	2	3	G	22			
87	SD	F	28	3	3	Dcast	11	12		
88	PP	F	38	1	2	Dcast	22			
88	PP	F	38	2	2	DV	00	19		
89	EM	F	24	1	4	Dbl	08	7	NE	
89	EM	F	24	2	4	Dverd	08	12		
89	EM	F	24	3	4	Dcast	17	12		
89	EM	F	24	4	4	DDbl	11	12		
90	FC	M	30	1	7	Dcast	11	12		
90	FC	M	30	2	7	G	22			
90	FC	M	30	3	7	Dverd	11	12		
90	FC	M	30	4	7	Dbl	29.12			
90	FC	M	30	5	7	Dcast	11	12		
90	FC	M	30	6	7	Dbl	21			
90	FC	M	30	7	7	DV	00	19		
91	RP	M	23	1	5	G	26	13		
91	RP	M	23	2	5	Dcast	11	12		
91	RP	M	23	3	5	Dverd	23			
91	RP	M	23	4	5	DV	00	19		
91	RP	M	23	5	5	Dbl	00	18		
92	EM	M	28	1	4	DV	00	19		

NUM	CÓD	SEX	IDADE	Num Resp	R1	Localiz	I1	I2	I3	I4
92	EM	M	28	2	4	Dbl	00	18		
92	EM	M	28	3	4	Dcast	22			
92	EM	M	28	4	4	Dverd	23			
93	SD	F	26	1	3	Dcast	11	12		
93	SD	F	26	2	3	Dverd	23			
93	SD	F	26	3	3	DV	23			
94	CE	F	31	1	3	Dcast	01	1	NE	
94	CE	F	31	2	3	DV	40			
94	CE	F	31	3	3	Dverd	40			
95	SD	F	43	1	4	Dcast	11	12		
95	SD	F	43	2	4	Dcast	22			
95	SD	F	43	3	4	Dverd	40			
95	SD	F	43	4	4	DV	22			
96	EM	M	28	1	3	Dcast	11	2		
96	EM	M	28	2	3	Dverd	11	80		
96	EM	M	28	3	3	DV	11	12		
97	EC	M	40	1	4	DV	27			
97	EC	M	40	2	4	Dcast	23			
97	EC	M	40	3	4	Dverd	30			
97	EC	M	40	4	4	Dcast	11	10		
98	RP	M	21	1	2	Dcast	11	2		
98	RP	M	21	2	2	Dverd	23			
99	SD	F	22	1	2	Dcast	11	12		
99	SD	F	22	2	2	Dverd	17	80		
100	RP	F	29	1	3	DV	24			
100	RP	F	29	2	3	Dverd	08	12		
100	RP	F	29	3	3	Dcast	11	12		
101	EM	M	23	1	2	DvDcast	08	7		
101	EM	M	23	2	2	DV	02	12		GE
102	EM	M	27	1	3	Dcast	12	12		
102	EM	M	27	2	3	Dverd	23	14		
102	EM	M	27	3	3	DV	00	19		
103	SD	F	27	1	2	Dcast	11	2		
103	SD	F	27	2	2	DV	00	20		
104	PP	M	35	1	7	DV	29.07			
104	PP	M	35	2	7	DV	26			
104	PP	M	35	3	7	Dbl	01	12	M	
104	PP	M	35	4	7	G	29.12			
104	PP	M	35	5	7	Dcast	11	02	M	
104	PP	M	35	6	7	Dverd	11	12		
104	PP	M	35	7	7	DV	00	19		
105	EM	M	26	1	3	DvDcast	22			
105	EM	M	26	2	3	DDbl	22			
105	EM	M	26	3	3	G	40			
106	EM	M	25	1	1	Dcast	28			
107	EM	M	29	1	5	DV	00	19		
107	EM	M	29	2	5	Dbl	00	18		
107	EM	M	29	3	5	Dcast	12	12		
107	EM	M	29	4	5	Dcast	12	12		
107	EM	M	29	5	5	Dverd	23			
108	EM	M	24	1	4	DDbl	08	12	NE	
108	EM	M	24	2	4	G	22			
108	EM	M	24	3	4	DV	29.07	13		

NUM	CÓD	SEX	IDADE	Num Resp	R1	Localiz	I1	I2	I3	I4
108	EM	M	24	4	4	DV	40			
109	EM	M	29	1	2	DDbl	26			
109	EM	M	29	2	2	Dcast	26			
110	RP	F	24	1	1	G	27	13		
111	EM	M	23	1	7	Dcast	11	12		
111	EM	M	23	2	7	Dcast	22			
111	EM	M	23	3	7	Dverd	23			
111	EM	M	23	4	7	DV	22			
111	EM	M	23	5	7	Dcast	11	7		
111	EM	M	23	6	7	Dbl	40			
111	EM	M	23	7	7	Dverd	08	12		
112	SD	F	24	1	4	DV	00	19		
112	SD	F	24	2	4	Dcast	11	12		
112	SD	F	24	3	4	Dverd	11	12		
112	SD	F	24	4	4	Dbl	00	18		
113	EM	M	23	1	4	Dcast	11	12		
113	EM	M	23	2	4	Dverd	23			
113	EM	M	23	3	4	DV	00	19		
113	EM	M	23	4	4	G	08	12	M	
114	PP	F	22	1	2	G	23			
114	PP	F	22	2	2	Dcast	26			
115	EM	F	24	1	3	Dcast	11	12		
115	EM	F	24	2	3	Dverd	08	12		
115	EM	F	24	3	3	DV	21			
116	EM	M	24	1	4	DDbl	00	19		
116	EM	M	24	2	4	Dverd	08	12		
116	EM	M	24	3	4	Dcast	11	12		
116	EM	M	24	4	4	DV	23			
117	EM	M	27	1	3	DDbl	00	19		
117	EM	M	27	2	3	Dcast	22			
117	EM	M	27	3	3	Dverd	23			
118	TC	M	25	1	2	Dcast	30			
118	TC	M	25	2	2	DV	11	12		
119	EM	M	29	1	4	Dverd	23			
119	EM	M	29	2	4	DV	17	12		
119	EM	M	29	3	4	Dcast	11	12		
119	EM	M	29	4	4	DV	23			

Cotações da Grelha de Representação de Si

Cartão III

NUM	CÓD	SEX	IDADE	Num Resp	R1	Localiz	I1	I2	I3	I4
1	RP	F	23	1	4	G	03	3	NE	
1	RP	F	23	2	4	DC	11	10		
1	RP	F	23	3	4	Dneginf	11	12		
1	RP	F	23	4	4	Dd	26			
2	CE	F	27	1	6	G	01	3	F	CE
2	CE	F	27	2	6	Dlats	20	14		
3	EM	M	25	1	1	G	26			
4	EM	F	27	1	2	Dlats	04	12	NE	
4	EM	F	27	2	2	Dneg	11	8		
5	SD	F	30	1	1	G	01	2	NE	
6	EM	F	22	1	3	Dneg	11	12		
6	EM	F	22	2	3	DC	11	12		
6	EM	F	22	3	3	G	11	2		
7	EM	F	26	1	3	G	01	12	NE	
7	EM	F	26	2	3	DC	29.12			
7	EM	F	26	3	3	Dlats	04	12		
8	CE	F	25	1	1	G	01	3	NE	
9	EM	M	27	1	2	G	01	2	NE	
9	EM	M	27	2	2	Dlats	02	12	NE	
10	EM	M	38	1	4	G	20	7	NE	
10	EM	M	38	2	4	DC	11	12		
10	EM	M	38	3	4	Dlats	04	80		
10	EM	M	38	4	4	Dd	27			
11	RP	M	31	1	2	DC	11	12		
11	RP	M	31	2	2	Dlats	13	12		
12	EM	M	24	1	3	Dlats	20	12		
12	EM	M	24	2	3	Dneginf	11	12		
12	EM	M	24	3	3	Gbl	11	12		
13	PP	M	36	1	2	G	02	2	NE	
13	PP	M	36	2	2	DC	11	12		
14	EM	M	24	1	2	G	27			
14	EM	M	24	2	2	G	01	2	NE	
15	PP	M	29	1	3	G	11	2		
15	PP	M	29	2	3	Dlats	11	7		
15	PP	M	29	3	3	DC	30			
16	EM	M	44	1	2	Dneg	40			
16	EM	M	44	2	2	DCDlats	40			
17	RP	M	24	1	2	G	01	3	M	
17	RP	M	24	2	2	DC	29.12			
18	PP	F	22	1	3	G	20	7		
18	PP	F	22	2	3	DC	11	12		
18	PP	F	22	3	3	Dlats	20	12		
19	RP	F	22	1	2	G	01	12	NE	
19	RP	F	22	2	2	DC	29.12			
20	EM	M	29	1	2	G	01	2	M	
20	EM	M	29	2	2	DC	27			
21	EM	M	23	1	1	G	11	15		
22	EM	M	33	1	1	G	01	3	NE	

NUM	CÓD	SEX	IDADE	Num Resp	R1	Localiz	I1	I2	I3	I4
23	PP	F	24	1	1	G	03	7	NE	
24	RP	F	25	1	1	G	01	3	NE	
25	FC	M	34	1	1	G	01	7	NE	U
26	CE	F	30	1	1	G	01	1	NE	CE
27	PP	F	22	1	2	G	03	11	NE	U
27	PP	F	22	2	2	Dlats	01	3	M	
28	PP	F	25	1	2	G	27	11		
28	PP	F	25	2	2	G	40			
29	SD	F	22	1	3	Dlats	02	12	NE	
29	SD	F	22	2	3	DC	11	12		
29	SD	F	22	3	3	G	01	3	NE	CE
30	TC	F	30	1	4	DC	11	12		
30	TC	F	30	2	4	G	01	12	NE	
30	TC	F	30	3	4	Dlats	11	7		
30	TC	F	30	4	4	Dlats	03	12	NE	
31	PP	F	26	1	1	G	01	7	NE	
32	FC	M	26	1	1	G	01	1	NE	
33	PP	F	31	1	4	DC	11	12		
33	PP	F	31	2	4	Dlats	11	12		
33	PP	F	31	3	4	Dneginf	29.12			
33	PP	F	31	4	4	Dnegsup	01	7	NE	
34	EM	M	28	1	3	Dlats	02	12	NE	
34	EM	M	28	2	3	G	01	3	NE	
34	EM	M	28	3	3	DC	21			
35	TC	F	25	1	1	Dnegsup	20	11		
36	FC	M	28	1	4	G	01	7	NE	
36	FC	M	28	2	4	DC	27			
36	FC	M	28	3	4	Dlats	20	7		
36	FC	M	28	4	4	G	03	7	NE	CE
37	EM	M	35	1	3	Dlats	11	12		
37	EM	M	35	2	3	DC	11	12		
37	EM	M	35	3	3	G	01	1	NE	CE
38	EM	M	27	1	3	DC	11	12		
38	EM	M	27	2	3	Dneg	01	16	NE	
38	EM	M	27	3	3	Dlats	04	7		
39	EM	M	27	1	2	G	01	7	M	
39	EM	M	27	2	2	DC	11	12		
40	PP	F	27	1	3	DC	11	12		
40	PP	F	27	2	3	Dlats	02	12	NE	
40	PP	F	27	3	3	G	03	12	NE	
41	EM	M	32	1	2	G	03	7	NE	
41	EM	M	32	2	2	DC	29.12			
42	EM	M	34	1	1	G	23			
43	SD	F	31	1	5	G	01	12	NE	
43	SD	F	31	2	5	DC	11	12		
43	SD	F	31	3	5	Dlats	11	12		
43	SD	F	31	4	5	Dneginf	11	12		
43	SD	F	31	5	5	Dd	07	12		

NUM	CÓD	SEX	IDADE	Num Resp	R1	Localiz	I1	I2	I3	I4
44	EM	M	24	1	4	DC	11	12		
44	EM	M	24	2	4	Dneg	01	12	NE	
44	EM	M	24	3	4	Dlats	11	12		
44	EM	M	24	4	4	Dneginf	11	12		
45	EM	M	25	1	3	Gbl	26	80		
45	EM	M	25	2	3	Dneginf	11	11		
45	EM	M	25	3	3	Gbl	00	18		
46	EC	F	28	1	1	G	02	1	NE	
47	EM	M	31	1	1	G	01	2	NE	
48	FC	M	31	1	4	G	01	3	M	
48	FC	M	31	2	4	Dlats	02	3	M	
48	FC	M	31	3	4	DC	11	12		
48	FC	M	31	4	4	G	11	12		
49	FC	M	23	1	7	DC	11	12		
49	FC	M	23	2	7	G	01	12	M	
49	FC	M	23	3	7	Dlats	11	12		
49	FC	M	23	4	7	Dneginf	11	12		
49	FC	M	23	5	7	Dneginf	18	80		
49	FC	M	23	6	7	Dd	17	16		
49	FC	M	23	7	7	Dd	11	12		
50	EM	M	28	1	1	G	11	12		
51	EM	M	28	1	2	Dneginf	11	7		
51	EM	M	28	2	2	Dd	14	8		
52	EM	M	26	1	2	G	11	12		
52	EM	M	26	2	2	G	00	19		
53	EM	M	28	1	1	G	20	12		
54	EM	M	29	1	2	G	01	12	NE	
54	EM	M	29	2	2	Dneginf	11	12		
55	EM	M	32	1	2	Dneg	11	12		
55	EM	M	32	2	2	DC	11	12		
56	EM	M	28	1	2	G	40			
56	EM	M	28	2	2	G	40			
57	EM	M	29	1	2	Dneginf	18	80		
57	EM	M	29	2	2	DC	11	12		
58	EM	M	27	1	5	DC	11	12		
58	EM	M	27	2	5	Dneginf	18	80		
58	EM	M	27	3	5	Dneginf	17	12		
58	EM	M	27	4	5	Dlats	05	7	NE	
58	EM	M	27	5	5	Dd	27			
59	EM	M	27	1	2	G	01	1	M	
59	EM	M	27	2	2	DC	21			
60	EM	M	25	1	3	G	100	19		
60	EM	M	25	2	3	Dneginf	18	80		
60	EM	M	25	3	3	G	11	12		
61	EM	M	26	1	2	DC	11	12		
61	EM	M	26	2	2	Dlats	11	12		
62	EM	M	23	1	1	G	02	3	NE	
63	EM	M	25	R	R	R	R	R	R	R
64	RP	F	28	1	1	G	40			
65	EM	M	27	1	1	G	20	7		
66	CE	F	39	1	3	G	01	3	NE	
66	CE	F	39	2	3	DC	29,12			
66	CE	F	39	3	3	DCDlats	26			

NUM	CÓD	SEX	IDADE	Num Resp	R1	Localiz	I1	I2	I3	I4
67	EM	F	28	1	1	Gbl	01	3	NE	
68	FC	M	27	1	1	G	11	12		
69	SD	F	25	1	2	G	01	4	NE	
69	SD	F	25	2	2	Dlats	02	7	NE	
70	RP	F	28	R	R	R	R	R	R	R
71	SD	F	43	1	1	G	20	3		
72	CE	F	23	1	5	G	01	12	NE	
72	CE	F	23	2	5	DC	11	12		
72	CE	F	23	3	5	Dlats	20	12		
72	CE	F	23	4	5	Dneginf	11	12		
72	CE	F	23	5	5	Dd	11	12		
73	PP	F	25	1	1	Dneginf	17	12		
74	EM	F	30	1	2	G	04	7		
74	EM	F	30	2	2	DC	11	12		
75	RP	F	33	1	2	G	11	2		
75	RP	F	33	2	2	Dlats	100	20		
76	EM	M	25	1	2	G	40			
76	EM	M	25	2	2	G	01	12	NE	
77	RP	F	23	1	3	G	01	7	NE	
77	RP	F	23	2	3	DC	11	12		
77	RP	F	23	3	3	DC	29.12			
78	SD	F	33	1	3	G	100	19		
78	SD	F	33	2	3	Dlats	11	7		
78	SD	F	33	3	3	DC	11	12		
79	EM	M	33	1	3	Dneg	01	2	NE	SM
79	EM	M	33	2	3	Dlats	20	14		
79	EM	M	33	3	3	Dneg	11	2		
80	CE	F	25	1	5	G	01	12	NE	
80	CE	F	25	2	5	Dneginf	18	80		
80	CE	F	25	3	5	DC	11	12		
80	CE	F	25	4	5	Dlats	16	7		
80	CE	F	25	5	5	G	00	18		
81	RP	F	31	1	2	G	01	7	M	CE
81	RP	F	31	2	2	Dlats	20			
82	FC	M	22	1	2	G	11	16		
82	FC	M	22	2	2	Dnegsup	08	13		
83	PP	F	27	1	2	G	01	12	NE	
83	PP	F	27	2	2	Dlats	04	12		
84	CE	F	27	1	2	Dlats	04	12		
84	CE	F	27	2	2	G	01	3	F	
85	SD	F	30	1	1	G	01	7	NE	
86	TC	F	32	1	3	Dnegsup	11	12		
86	TC	F	32	2	3	Dlats	20	7		
86	TC	F	32	3	3	Dneginf	29.12			
87	SD	F	28	1	2	G	01	7	M	
87	SD	F	28	2	2	DC	29.12			
88	PP	F	38	1	2	G	01	1	NE	
88	PP	F	38	2	2	DC	21			
89	EM	F	24	1	5	DC	11	12		
89	EM	F	24	2	5	Dneginf	11	80		
89	EM	F	24	3	5	Dneginf	11	12		
89	EM	F	24	4	5	Gbl	08	10	NE	
89	EM	F	24	5	5	Gbl	11	12		

NUM	CÓD	SEX	IDADE	Num Resp	R1	Localiz	I1	I2	I3	I4
90	FC	M	30	1	7	Diats	11	12		
90	FC	M	30	2	7	Dneg	11	12		
90	FC	M	30	3	7	Dneginf	11	12		
90	FC	M	30	4	7	G	22			
90	FC	M	30	5	7	Dd	17	12		
90	FC	M	30	6	7	Dd	14	7		
90	FC	M	30	7	7	DC	29.07			
91	RP	M	23	1	1	Gbl	18	12		
92	EM	M	28	1	2	G	11	2		
92	EM	M	28	2	2	DC	100	20		
93	SD	F	26	1	2	DC	11	12		
93	SD	F	26	2	2	Dneginf	18			
94	CE	F	31	1	3	G	01	1	NE	CE
94	CE	F	31	2	3	Diats	40			
94	CE	F	31	3	3	DC	40			
95	SD	F	43	1	3	DCDiats	29.07			
95	SD	F	43	2	3	Dneg	22			
95	SD	F	43	3	3	G	04	2	NE	
96	EM	M	28	1	3	G	01	3	NE	
96	EM	M	28	2	3	DC	29.12			
96	EM	M	28	3	3	Diats	03	7	M	
97	EC	M	40	1	5	DDbl	22			
97	EC	M	40	2	5	DC	29.12			
97	EC	M	40	3	5	Diats	11	12		
97	EC	M	40	4	5	Dneginf	11	12		
97	EC	M	40	5	5	Dneg	01	4	M	
98	RP	M	21	1	2	G	01	3	M	
98	RP	M	21	2	2	DC	27			
99	SD	F	22	1	1	G	01	3	NE	SM
100	RP	F	29	1	3	G	01	3	NE	
100	RP	F	29	2	3	DC	11	12		
100	RP	F	29	3	3	Diats	04	12		
101	EM	M	23	1	3	DC	11	12		
101	EM	M	23	2	3	Diats	16	12		
101	EM	M	23	3	3	Dneg	01	7	NE	
102	EM	M	27	1	5	Diats	11	12		
102	EM	M	27	2	5	DC	11	12		
102	EM	M	27	3	5	Dneg	24			
102	EM	M	27	4	5	Gbl	27			
102	EM	M	27	5	5	Dneginf	11	12		
103	SD	F	27	1	2	G	01	12	NE	
103	SD	F	27	2	2	DCDiats	40			
104	PP	M	35	1	6	G	01	2	M	
104	PP	M	35	2	6	DC	29.12			
104	PP	M	35	3	6	Diats	04	13		
104	PP	M	35	4	6	G	06	80	M	
104	PP	M	35	5	6	G	03	80	M	CE
104	PP	M	35	6	6	G	11	80		
105	EM	M	26	1	4	G	01	2	NE	CE
105	EM	M	26	2	4	DC	11	12		
105	EM	M	26	3	4	DC	40			
105	EM	M	26	4	4	Diats	11	12		
106	EM	M	25	1	2	Gbl	24	13		

NUM	COD	SEX	IDADE	Num Resp	RI	Localiz	I1	I2	I3	I4
106	EM	M	25	2	2	Dneg	29.12			
107	EM	M	29	1	2	G	05	2	NE	
107	EM	M	29	2	2	Dlats	04	2	NE	
108	EM	M	24	1	2	G	01	3	NE	CE
108	EM	M	24	2	2	DC	04	80		
109	EM	M	29	1	1	Gbl	26			
110	RP	F	24	1	2	G	01	5	NE	
110	RP	F	24	2	2	DC	11	10		
111	EM	M	23	1	5	G	01	3	NE	CE
111	EM	M	23	2	5	DC	29.12			
111	EM	M	23	3	5	Dlats	02	7		
111	EM	M	23	4	5	Gbl	21			
111	EM	M	23	5	5	G	22	80		
112	SD	F	24	1	3	Gbl	08	12		
112	SD	F	24	2	3	Dneginf	11	80		
112	SD	F	24	3	3	Dneginf	11	12		
113	EM	M	23	1	4	G	01	7	NE	
113	EM	M	23	2	4	DC	11	12		
113	EM	M	23	3	4	Dneginf	11	12		
113	EM	M	23	4	4	Dlats	11	12		
114	PP	F	22	1	2	Gbl	08	16		
114	PP	F	22	2	2	Dlats	26			
115	EM	F	24	1	1	G	01	3	NE	CE
116	EM	M	24	1	5	G	29.12			
116	EM	M	24	2	5	G	11	80		
116	EM	M	24	3	5	Dlats	11	7		
116	EM	M	24	4	5	G	23	7		
116	EM	M	24	5	5	Dneg	27	13		
117	EM	M	27	1	4	G	11	12		
117	EM	M	27	2	4	Dneginf	27			
117	EM	M	27	3	4	DC	23			
117	EM	M	27	4	4	Dnegsup	28			
118	TC	M	25	1	4	DC	11	12		
118	TC	M	25	2	4	G	18	80		
118	TC	M	25	3	4	G	27	13		
118	TC	M	25	4	4	Dd	23			
119	EM	M	29	1	2	G	07	16		
119	EM	M	29	2	2	G	23			